

A IMPORTÂNCIA E SIGNIFICADO DOS GRUPOS DE PESQUISA NA QUALIFICAÇÃO DO PROFISSIONAL DE GEOGRAFIA

**da reflexão dos desafios aos
relatos de experiência**

Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior
Martha Priscila Bezerra Pereria
(organizadores)

XISTO SERAFIM DE SANTANA DE SOUZA JÚNIOR

MARTHA PRISCILA BEZERRA PEREIRA

(Organizadores)

À IMPORTÂNCIA E O SIGNIFICADO DOS GRUPOS
DE PESQUISA NA QUALIFICAÇÃO DO PROFISSIONAL
DE GEOGRAFIA: DA REFLEXÃO DOS DESAFIOS
AOS RELATOS DE EXPERIÊNCIA



Campina Grande – PB

2020

Todos os direitos da organização.
As responsabilidades sobre textos e imagens são da respectiva autoria dos trabalhos.

Os direitos desta edição reservados à EDUFCG

FICHA CATALOGráfICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG
EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - EDUFCG

I34 A importância e o significado dos grupos de pesquisa na qualificação do profissional de geografia: da reflexão dos desafios aos relatos de experiência. / Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior; Martha Priscila Bezerra Pereira (organizadores). – Campina Grande: Editora UFCG, 2020.
325 f. : E-book.

Referências.
E-ISBN: 978-85-8001-276-7.

1. Formação profissional - Geografia. 2. Grupos de pesquisa - Geografia. 3. Formação profissional - experiências. I. Souza Júnior, Xisto Serafim de Santana de (org.). II. Pereira, Martha Priscila Bezerra (org.). III. Título.

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - EDUFCG
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
editora@ufcg.edu.br

Prof. Dr. Vicemário Simões
Reitor

Prof. Dr. Camilo Allyson Simões de Farias
Vice-Reitor

Prof. Dr. José Helder Pinheiro Alves
Diretor Administrativo da Editora da UFCG

Simone Cunha
Revisão

Yasmine Lima
Editoração Eletrônica

Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior
Capa

A imagem da capa foi cedida gratuitamente
pelo site <https://br.freepik.com/>

CONSELHO EDITORIAL

Anubes Pereira de Castro (CFP)
Benedito Antônio Luciano (CEEI)
Erivaldo Moreira Barbosa (CCJS)
Janiro da Costa Rego (CTRN)
Marisa de Oliveira Apolinário (CES)
Marcelo Bezerra Grilo (CCT)
Naelza de Araújo Wanderley (CSTR)
Railene Hérica Carlos Rocha (CCTA)
Rogério Humberto Zeferino (CH)
Valéria Andrade (CDSA)

Prof. Dr. Anderson Alves dos Santos (UFPB)
Profa. Dra. Martha Priscila Bezerra Pereira (UFCG)
Prof. Dr. Eduardo Rodrigues Viana de Lima (UFPB)
Prof. Dr. Samuel do Carmo Lima (UFU)
Prof. Dr. Vitor Koiti Miyazaki (UFU)
Prof. Dr. Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior (UFCG)
Prof. Dr. Eliseu Saverio Sposito (UNESP)
Profa. Dra. Rosa Ester Rossini (USP)

Diante da perspectiva de esforço realizado por pesquisadores no sentido de promover a colaboração entre os pares na comunidade científica, os Grupos de Pesquisa (GP) se inserem como instâncias indutoras para a formação de redes, desenvolvimento de linhas de pesquisa e formação de recursos humanos especializados em áreas do saber.

(SANTANA, G. A; SILVA, F. M. Indicadores dos grupos de pesquisa em gestão da informação e do conhecimento: resultados preliminares. *In*: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB, 14, 2013, Florianópolis, 2013, p. 2)

SUMÁRIO

PREFÁCIO 1 Prof. ^a Dr. ^a Rosa Ester Rossini	09
PREFÁCIO 2 Prof. Dr. Eliseu Savério Sposito	15
APRESENTAÇÃO	23
PARTE I O PAPEL DOS GRUPOS DE PESQUISA PARA O DESENVOLVIMENTO DA INICIAÇÃO CIENTÍFICA: TENDÊNCIAS E DESAFIOS	27
CAPÍTULO 1 A IMPORTÂNCIA DOS GRUPOS DE PESQUISA NA INICIAÇÃO CIENTÍFICA Beatriz Ribeiro Soares e Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior	29
CAPÍTULO 2 UM POUCO DA HISTÓRIA DO PRÓ-SAÚDE GEO: INFLUÊNCIAS DOS AUTORES E INSTITUIÇÕES Martha Priscila Bezerra Pereira	47
CAPÍTULO 3 GRUPO DE PESQUISAS INTEGRADAS EM DESENVOLVIMENTO SOCIOTERRITORIAL: DESDE 2010 AJUDANDO A CONSTRUIR NOVOS SABERES PARA A GEOGRAFIA Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior	81
CAPÍTULO 4 NO DESCORTINAR DA TRAMA URBANA, A FORMAÇÃO DO GRUPO DE PESQUISA URBANIZAÇÃO E PRODUÇÃO DE CIDADES NA BAHIA Jânio Santos	115
CAPÍTULO 5 OLHARES GEOGRÁFICOS – GRUPO DE PESQUISA EM GEOGRAFIA CULTURAL E DA PERCEPÇÃO: PRODUÇÕES E REPERCUSSÕES Belarmino Mariano Neto	147
CAPÍTULO 6 TERRA – GRUPO DE PESQUISA URBANA, RURAL E AMBIENTAL/UEPB/CH/CNPQ E SUAS CONTRIBUIÇÕES CIENTÍFICAS (RELATOS DE EXPERIÊNCIAS) Luciene Vieira de Arruda	173

PARTE 2	199
RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DA ATUAÇÃO DOS GRUPOS DE PESQUISA EM GEOGRAFIA	
CAPÍTULO 7	201
O USO DO SIG PARA ESPACIALIZAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS E HABILIDADES RELACIONADAS AO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO DO ACS E ACE EM CAMPINA GRANDE - PB Kleiton Wagner Alves da Silva e Martha Priscila Bezerra Pereira	
CAPÍTULO 8	227
A IMPORTÂNCIA DO GRUPO DE PESQUISA NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE SEUS INTEGRANTES: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A PARTICIPAÇÃO NO GRUPO DE PESQUISA GIDS Alessandro Michell de Araújo Silva e Pedro de Farias Leite e Silva	
CAPÍTULO 9	247
INDICADORES DE SUSTENTABILIDADE PARA AVALIAÇÃO DE AGROECOSSISTEMAS NO BREJO PARAIBANO Ledian Rodrigues Lopes Ramos Reinaldo, Jean Oliveira Campos e Juberlânio Silva Campos	
CAPÍTULO 10	277
O GRUPO DE PESQUISA GEPEECH/UERN/CAMEAM E SEUS RELATÓRIOS Francisco Ringo Star Pinto, Maria Losângela Martins de Sousa e Fábio Rodrigo Fernandes Araújo	
PARTE 3	297
ENTREVISTAS: A IMPORTÂNCIA DOS GRUPOS DE PESQUISA NA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE GEOGRAFIA	
CAPÍTULO 11	299
DIALOGANDO COM O PROFESSOR JOSÉ BORZACCHIELLO DA SILVA: O PAPEL DOS GRUPOS DE PESQUISA NA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE GEOGRAFIA Elivelton de Lima Alves, Yury de Araújo Lima e Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior	
ORGANIZADORES E AUTORES	315

PREFÁCIO 1

A organização da edição desta publicação é perfeita por se iniciar da base da formação científica para a descoberta das ideias, proporcionando, ainda na graduação, o programa de iniciação científica, que se constitui na “mudança de vida” para todas as pessoas que dela participam. O programa propicia o ensino dos primeiros passos para alçar voo na pesquisa, o desabrochar de novas ideias e o sonhar com um futuro que ainda não se fazia presente. Diga-se de passagem que esse programa, além de original, é único no mundo, pois ele não cobra trabalho de quem participa, no período das férias escolares, a exemplo dos Estados Unidos. Cobra, sim, o trabalho, principalmente de campo, no período das férias escolares que, em geral, a pessoa que orienta também tem mais disponibilidade de tempo para realizar suas pesquisas e acompanhar o desenvolvimento dos trabalhos de equipe, em especial, dos/as estudantes de iniciação científica. Ressalta-se que, através da iniciativa do Professor Isaac Roitman, quando coordenador da Comissão de Iniciação Científica do CNPq, instituiu-se o PIBIC que integra crianças desde os dois anos de idade até o término do curso médio. Para não desmerecer a questão da existência de IC em outros países, há que se ressaltar que existe na Inglaterra o programa que premia o total de 300 participantes que são selecionados apenas entre os talentos da universidade.

No Brasil, têm sido selecionados alunos/as de universidades públicas e privadas desde a criação do CNPq, em 1951; e, a partir de 1988, o CNPq aprovou a criação do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC, realizado integralmente em instituições públicas e privadas. Foi o desabrochar das pesquisas nas universidades brasileiras e o incentivo e apoio às pós-graduações, uma vez que as pesquisas realizadas demonstram que 70% dos/das mestrandos/as são originários do PIBIC. Grande incentivo foi proporcionado pelo CNPq na implantação, em 1992, da Diretoria de Grupos de Pesquisa, promovendo o desabrochar da prática em todas as universidades e sobre as mais variadas temáticas, que abarcam o universo não só da geografia, mas de todas as áreas do conhecimento.

Os diferentes olhares dos grupos de pesquisa expostos nesta publicação são a demonstração clara da importância e do significado da organização em equipe desses grupos, promovendo a criação de novas ideias e o desabrochar de todas as pessoas participantes, pois, como dizia Milton Santos, “fazer ciência é gerar novas ideias”.

A importância da participação em grupos de pesquisa é realçada no significado e crescimento de todas as pessoas da equipe, independente da titulação. As frequentes reuniões de grupo, tanto nas discussões de leituras teóricas, nas mais recentes produções, como nos relatos dos trabalhos, em andamento ou realizados, possibilitam sempre novas descobertas e se constituem no desabrochar de cada pessoa participante do grupo, como resultado tanto da condução da liderança como da coordenação do grupo demonstradas nos relatos e resultados de experiências contidas nesta publicação. São a revelação das “Contribuições do Grupo na Formação Profissional” assim como o despertar de cada participante para o direcionamento

para o ensino, a pesquisa, a extensão e o trabalho tanto na academia como no mercado de trabalho em outras paragens: empresa, atividade liberal, etc.

Outro passo para o aprendizado e a difusão do conhecimento é o engajamento em rede. A difusão das ideias, tanto do ponto de vista teórico como do metodológico, propicia a aceleração dos fluxos e o compartilhamento das novas descobertas, intensificando a disseminação do que vem sendo realizado no lugar, na região, no país e no mundo. Há uma analogia entre rede e corpo humano estabelecida inicialmente pelo filósofo Saint Simon, que sintetiza a sua importância partindo da ideia de que o corpo humano se “solidifica e morre” quando a circulação desaparece. Assim sendo as redes sobrevivem graças aos fluxos que se estabelecem entre as pessoas na difusão do conhecimento.

Essa expansão propicia uma verdadeira revolução do conhecimento integrado – rede – promovendo a disseminação do conhecimento, graças ao extraordinário avanço do atual período técnico científico e informacional proporcionado pela velocidade e simultaneidade das informações. Formulações aprofundadas e difundidas por Milton Santos em suas produções científicas demonstram que a aceleração contemporânea engendra a procura de técnicas cada vez mais eficazes, propiciando não só fluidez como também a “somatória” de ideias, e promovendo a constituição de uma eficiente rede que se constitui na “promessa” de difusão do conhecimento de uma forma acelerada para as pessoas, o que amplia a difusão das ideias no mundo contemporâneo.

Os financiamentos são mais volumosos do ponto de vista econômico, tanto dos organismos nacionais como dos internacionais, e se voltam para os trabalhos de grupos de pesquisas integra-

dos em redes e organizados sob a forma de projetos temáticos que envolvem várias instituições e cientistas nacionais e internacionais para a realização de estudos e pesquisas, o acompanhamento e a avaliação dos resultados. Estes demonstram, promovem e propiciam tanto o compromisso intelectual como a emergência de lideranças, além da busca de diálogos que promovam não só a integração e difusão do conhecimento, mas também o aprofundamento das ideias em benefício de uma sociedade cada vez mais justa e igualitária, objetivo cada vez mais difícil de ser alcançado.

A chegada no mundo contemporâneo da chamada “quarta revolução industrial” é caracterizada também pela entrada dos robôs, que desaceleram a participação das pessoas no mundo do trabalho e intensificam a mundialização da economia. As inovações continuam a exemplo da comunicação realizada via videoconferências, com a difusão dos celulares. A sofisticação da formatação dos computadores encolhe, cada vez mais, a força de trabalho de modo que as pessoas estão, em grande escala, trabalhando em casa, sem medir as horas trabalhadas, propiciando na sociedade tanto o aumento do consumo de drogas devido aos desajustes emocionais e familiares, como intensificando o mundo das desigualdades. Por esta e outras razões que a pesquisa e o/a pesquisador/a têm que ter um olhar voltado para este momento crucial.

Pelo exposto, a publicação de *A importância e significado dos Grupos de Pesquisa na Qualificação do Profissional de Geografia: da reflexão dos desafios aos relatos de experiência* é oportuna e reveladora do mundo das ideias e do conhecimento adquirido em benefício da procura de soluções que não só mostrem a realidade contemporânea como também indiquem os caminhos possíveis para a diminuição das desigualdades e a melhoria da qualidade

de vida de todas as pessoas. Valeu a pena o esforço dos grupos de pesquisa e convido à leitura e à divulgação dos textos contidos nesta publicação. Aprendi muito.

ROSA ESTER ROSSINI
Universidade de São Paulo

PREFÁCIO 2

Em maio de 2019, tive a bela oportunidade de participar do Congresso Regional de Grupos de Pesquisas em Geografia (CREPESG), encontro que propiciou a troca de experiências entre grupos de pesquisa de diferentes universidades brasileiras. Estive no evento para apresentar a história e alguns destaques do Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GAsPERR), ligado ao Departamento de Geografia da Universidade Estadual Paulista, câmpus de Presidente Prudente, que já tem 26 anos de existência (desde que foi cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq). Mas não quero me ater à história do grupo. Quero apresentar outras ideias mais amplas que embasam a vida dos pesquisadores nas universidades. São ideias que tenho difundido nas palestras que realizo, principalmente quando o foco é o método ou a pesquisa propriamente dita no mundo contemporâneo.

Nos tempos atuais, as tecnologias da informação e comunicação fazem parte do cotidiano das pessoas. No plano mundial, as relações internacionais, mediadas pela mundialização da economia, acontecem em ritmo rápido e em aceleração de difícil apreensão, a não ser quando paramos para uma reflexão cuidadosa das transformações em curso.

Por outro lado, mesmo que o avanço da ciência tenha melhorado a vida, no momento em que a ética do consumo se so-

brepõe à formação das relações coletivas, vivemos um mundo de desigualdades e de prevalência da razão econômica sobre a emoção, pois a racionalidade da ciência (característica desse tipo de saber), sempre intermediada pelo método científico, influencia a conduta do ser humano.

Por isso, podemos dizer que vivemos em uma sociedade de consumo dirigido, mediada pela aceleração e persistência das desigualdades sociais por causa da noção imposta de progresso como fonte de desenvolvimento mediado pela competição (aqui, não confundir com competitividade, que exige, etimologicamente, uma relação entre a produção e o produto, seja ele material ou intelectual) acirrada. Quando se trata da universidade, a corrida pela quantidade de textos a publicar tornou as pessoas dependentes da necessidade de se escrever mais e mais, não importa a qualidade.

Em outras palavras, vivemos mediados por uma dinâmica que pode ser considerada múltipla, que se movimenta em ritmos acelerados, cuja cadência se configura de maneira múltipla, dependendo do território, da pessoa, da escala de enfoque dos grupos sociais, da incorporação tecnológica do lugar, etc., apresentando-se como extremamente complexa.

Na universidade, fala-se muito em pesquisa (além de ensino e extensão, considerados os pilares que sustentam o cotidiano acadêmico). Mas para que serve a pesquisa? É uma obrigação da universidade ou um direito da sociedade? Ela pode ser considerada uma conquista social ou um produto selecionado pelas mentes mais inteligentes ou grupos economicamente mais poderosos? Ela aponta para a transformação da sociedade, indicando os caminhos da equidade (não necessariamente igualdade, porque esta ocorre entre semelhantes)? Num momento em que se detecta, empírica-

mente, a aceleração do tempo, dando a noção de que o espaço se contrai pela velocidade dos deslocamentos e da disseminação da informação em geral, quais as possibilidades que se abrem para o indivíduo que pesquisa? Além disso, quais pessoas, individualmente, podem ter acesso a tudo o que ocorre, diferentemente, no espaço e na sociedade?

Os geógrafos, considerando essa base complexa e dinâmica, têm que trabalhar com alguns pares contraditórios que, se não forem encarados corretamente, podem se tornar antinomias. Mas aqui quero tratá-los como pares dialéticos. Há interesses individuais que conflitam com interesses coletivos. O que concerne ao indivíduo e o que concerne à coletividade? Para além do discurso, há que se preocupar com essa relação que se rebate, obviamente, nas relações entre o público e o privado. Se esta rua fosse minha, eu mandava ladrilhar. No entanto, a rua é uma base física pública que, na cidade, recebe as pessoas em forma de coletividade, não como elemento individual único; ou seja, ela não é uma propriedade particular nem valor de troca. Além do mais, tudo isso é permeado pela relação entre sociedade e natureza, talvez a contradição mais importante e de mais difícil abordagem por parte da geografia. Geografia, ciência que, aliás, por fazer parte ora das ciências humanas, ora das ciências exatas, fica com sua base de apoio exatamente nessa contradição. Quando considerada dentro das ciências sociais ou humanas, a geografia é vista como menos científica e menos importante, desde os primeiros tempos da aprendizagem escolar, que língua portuguesa, matemática e as ciências físicas e biológicas. Isso ocorre porque a universidade, o ambiente familiar e a mídia reproduzem essa suposta hierarquia e, no limite, quando consideramos o conhecimento como base do ensino, justificam-se até salários mais baixos para o professor do que para profissionais de outras áreas.

Mas não vamos perder nosso horizonte de esperança e objetividade. Vamos ver como deve ser o pesquisador, já que o objeto deste livro é o grupo de pesquisa. Um pesquisador deve ter algumas habilidades sem as quais assim não pode ser chamado. Ele deve ter capacidade de interpretação do fato científico, deve ter domínio das técnicas modernas de produção do conhecimento e de sua interpretação; deve exercitar e dominar com competência sua capacidade de observação, descrição, comparação e análise, sempre buscando a compreensão da base primeira da ciência, que é a relação entre sociedade e natureza; deve saber articular elementos empíricos com referenciais teóricos, sem incorporar a falácia de que a teoria é mais importante que o fato empírico.

O pesquisador consciente tem domínio dos conteúdos básicos da ciência, como concepções, métodos e técnicas da investigação científica, para compreender as transformações no mundo contemporâneo e o papel do indivíduo e da sociedade na dinâmica socioeconômica da realidade. Em outras palavras, o pesquisador tem a necessidade do domínio do método científico, não desconsiderando o que é a relação sujeito-objeto e de como se deve apreender as dimensões da realidade.

E o pesquisador da geografia, como deve trabalhar? Ele deve considerar, sempre, alguns elementos que diferenciam sua pesquisa de outras ciências. Por exemplo, deve ter consciência quando for trabalhar as escalas de abordagem (que significam os níveis de abstração, articulados e diferenciados); deve trabalhar, corretamente, os recortes adotados (definidos pelas dimensões espaciais ou territoriais selecionadas); não pode confundir o que é categoria (qualidade essencial da realidade, que pode ser identificada nas palavras tempo e espaço, quantidade e qualidade, essência e fenômeno, etc.) com

o que é conceito (construções do intelecto humano por meio de conhecimentos específicos que, na geografia, são território, espaço, região, urbano, etc.).

O pesquisador da geografia deve ter as noções mínimas para organizar as investigações. Ele deve saber diferenciar o que são relatórios, monografias, dissertações e teses. Antes, deve saber como elaborar um projeto de pesquisa; ou seja, deve ter noção clara da justificativa, do embasamento teórico, da delimitação dos objetivos, da descrição da metodologia (que deve estar articulada com os objetivos e com o embasamento teórico), do cronograma e da bibliografia que sustenta os primeiros argumentos.

O pesquisador deve procurar estabelecer sua visão daquilo que existe; deve dominar um conjunto de conhecimentos, leis e princípios que permitam uma leitura e uma interpretação da realidade (sem ficar no nível da noção ou do ponto de vista, que pertencem ao nível do conhecimento do senso comum) para visar ao principal problema da ciência: a produção do conhecimento.

Na universidade, os grupos de pesquisa, ao serem formados, não podem negligenciar o fato de que as pessoas devem trabalhar num mundo em que há prevalência das mudanças sobre as permanências; devem romper as barreiras entre pesquisa teórica e pesquisa aplicada, objetivando superar os limites disciplinares; devem lutar contra os corporativismos simplistas para poder lidar com o par quantidade x qualidade de maneira segura. E isso vai ocorrer no ambiente universitário (ambiente do qual estou tratando neste prefácio), que é, como os mosteiros na Idade Média, o guardião do saber, que precisa encarar a complexa tarefa de articular papéis individuais e coletivos para promover o projeto político da construção e transformação social por meio da ciência.

Visando mais diretamente aos grupos de pesquisa, acredito que posso descrevê-los da seguinte maneira: eles são formados por várias pessoas trabalhando sobre o mesmo tema ao mesmo tempo; eles devem se organizar em termos de integração vertical com intermediação horizontal e transversal; devem pensar a partir de um ponto de vista, mas tendo que dialogar com outros pontos de vista; e devem ter, como meta, ampliar a capacidade de produzir conhecimento, integrado à graduação e à pós-graduação. Aqui se trata, portanto, do ambiente universitário em sua essência mais direta. Para se organizar um grupo de pesquisa, deve-se: escolher um modo de se estruturar; ter consciência das dificuldades do trabalho em grupo; aprender a abrir mão das individualidades; estabelecer as metas, avaliar e rever as perspectivas do grupo; e ter, sempre como referência, a busca mais pela qualidade que pela quantidade.

Sempre buscando esse referencial exposto, foi criado o GAsPERR.¹ Coletivamente, trabalhamos, na forma de grandes projetos, temas como a indústria no início do século XXI por meio do enfoque de diferentes paradigmas para a leitura territorial da dinâmica econômica no Estado de São Paulo; as lógicas econômicas e as práticas espaciais contemporâneas na escala das cidades médias e permeadas pelo consumo; e, atualmente, trabalhamos com a fragmentação socioespacial e urbanização brasileira, considerando escalas, vetores, ritmos, formas e conteúdos.

O grupo, que cultiva muitas interlocuções nacionais e internacionais, trabalha com alguns conceitos básicos que definem os projetos de pesquisa: produção do espaço, centralidade urbana, rees-

¹ Para uma leitura mais detalhada da história do GAsPERR, sugiro a leitura deste artigo: SPOSITO, Eliseu S.; WHITACKER, Arthur M. GAsPERR: um grupo de pesquisa em diferentes tempos. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 41, p. 10-29, 2019.

truturação urbana e da cidade, urbanização difusa, espaço público, território, práticas espaciais. Leva em consideração seus principais processos: dinâmicas territoriais, industrialização em São Paulo, eixos de desenvolvimento, segregação e fragmentação socioespaciais, insegurança urbana. Por fim, define, como principais recortes analíticos, as cidades médias por meio da relação espaço-tempo e da relação cidade-campo. Utilizando a linguagem cartográfica como meio de expressão da informação e explicação geográfica, o grupo já produziu centenas de artigos, livros e capítulos de livros, além do Glossário de Geografia Humana e Econômica, que servem como condutores das principais ideias elaboradas.

Quando vem à luz este livro, com o título *A influência dos grupos de pesquisas na qualificação do profissional de geografia: da reflexão dos desafios aos relatos de experiência*, sei que se apresentou a oportunidade de realizar uma breve reflexão sobre o que é a pesquisa e como devem se organizar os grupos de pesquisa. Sua leitura mostrará como as experiências relatadas podem ser exemplos de caminhos a serem seguidos pelos geógrafos, aqueles em formação e aqueles que já produzem conhecimento.

ELISEU SAVÉRIO SPOSITO

Presidente Prudente, maio de 2019.

Os grupos de pesquisas caracterizam-se como um dos principais instrumentos na difusão do conhecimento científico, tendo a criatividade como um dos principais atributos por possibilitar a superação de dois desafios: capacidade organizacional para motivação dos participantes a partir da criação de um vínculo afetivo; e capacidade de interação e troca de experiências. As atividades desenvolvidas pelos grupos ficam restritas às suas cátedras de origem ou a eventos mais abrangentes que enfatizam o trabalho individual, sem possibilitar o devido espaço para a troca de experiências entre os grupos de pesquisas, especialmente no que se refere aos desafios enfrentados.

Foi com essa preocupação que pesquisadores do Grupo de Pesquisas Integradas em Desenvolvimento Socioterritorial (GIDS) e do Grupo de Pesquisas em Geografia para Promoção da Saúde (Pró-Saúde Geo) se reuniram em 2016 com a proposta de promover o I Congresso Regional de Grupos de Pesquisas em Geografia (I CREPESG), tendo como tema principal a troca de experiências na superação de desafios. O evento foi realizado em junho de 2017 na Universidade Federal de Campina Grande (UFCCG). Em maio de 2019, houve a segunda edição do evento (II CREPESG), realizado entre os dias 28 e 31 no câmpus III da Universidade Estadual da Paraíba, tendo como temática principal: perspectivas e atuação dos grupos de pesquisa na formação do profissional de geografia. Os eventos contaram com a colaboração de 23 grupos de pesquisas em geografia, sendo a maioria vinculados a universidades públicas da

região Nordeste, através da participação de líderes, pesquisadores e estudantes (bolsistas e voluntários).

Os debates realizados a partir das conferências, mesas-redondas e palestras apontaram para o entendimento de que as atividades dos grupos são condicionadas pela capacidade criativa e pela estrutura organizacional, as quais não seguem padrões, mas convergem para o papel decisivo exercido pelo líder do grupo. Tal entendimento sustenta o objetivo deste livro: promover uma maior participação dos grupos de pesquisas em geografia a partir das experiências relatadas por diferentes grupos.

Os capítulos aqui apresentados correspondem, portanto, a relatos de experiências das atividades desenvolvidas por pesquisadores de diversos grupos de pesquisa em geografia, assim como relatos de experiências de alunos egressos dos grupos, sendo os textos ao mesmo tempo convergentes e divergentes, pois se aproximam na medida em que enfatizam a personalidade criativa individual que modela o perfil específico do grupo e se distancia na estrutura organizacional, decorrente da natureza e do propósito do grupo, tanto para a academia como para a sociedade na qual realiza suas atividades de pesquisa e extensão.

No que se refere ao perfil específico, os grupos convergem na valorização do espírito de iniciativa e da confiança recíproca entre os integrantes, independentemente da função no grupo; da dedicação, flexibilidade e orientação para o reconhecimento da criatividade; da competitividade entre os grupos concorrentes, mas solidariedade com os membros do grupo; e, por fim, da capacidade organizativa a partir do estímulo à criação de laços afetivos entre os integrantes.

No âmbito da atividade coletiva, destaca-se a capacidade de convivência, em um mesmo ambiente, de pessoas com personalidades distintas; a busca de um ambiente acolhedor e funcional; a flexibilidade na definição das atividades, sem prejuízos para a objetividade e o compromisso com o perfil do grupo, tendo como fator determinante a função exercida pelo líder.

DR. XISTO SERAFIM DE SANTANA DE SOUZA JÚNIOR (UAG/UFCG)

DRA. MARTHA PRISCILA BEZERRA PEREIRA (UAG/UFCG)

Organizadores

PARTE 1

O PAPEL DOS GRUPOS DE PESQUISA PARA O DESENVOLVIMENTO DA INICIAÇÃO CIENTÍFICA: TENDÊNCIAS E DESAFIOS

A IMPORTÂNCIA DOS GRUPOS DE PESQUISA NA INICIAÇÃO CIENTÍFICA

BEATRIZ RIBEIRO SOARES
XISTO SERAFIM DE S. DE SOUZA JÚNIOR

INTRODUÇÃO

O presente texto consiste na transcrição da conferência de abertura do I Congresso Regional de Grupos de Pesquisas em Geografia, ocorrido entre os dias 19 e 22 de junho de 2017, na Universidade Federal de Campina Grande, tendo como tema a influência dos grupos de pesquisa na qualificação do estudante de iniciação científica. Trata-se de um texto diferente daqueles apresentados no meio acadêmico, uma vez que se afasta dos padrões convencionados nas reflexões científicas, através das quais nos acostumamos à redação de reflexões que contextualizam temas específicos.¹

¹ Transcrito pelo professor Xisto Souza Júnior, docente associado 1 da Universidade Federal de Campina Grande, o texto consiste na descrição da palestra proferida pela professora Beatriz Ribeiro Soares, docente titular da Universidade Federal de Uberlândia, na qual são realizadas importantes reflexões sobre o futuro dos grupos de pesquisa e da própria iniciação científica.

Apesar de corresponder a uma transcrição de palestra, optamos por subdividir o texto em itens que permitam ao leitor selecionar os aspectos que mais despertem sua curiosidade ou as reflexões proferidas pela palestrante sem, com isso, inviabilizar a leitura em sua totalidade. Quanto ao conteúdo, a palestrante instiga reflexões sobre o papel da iniciação científica diante da atual conjuntura universitária, observando os aspectos positivos e negativos do programa de iniciação científica no país com ênfase ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e ao próprio desafio dos grupos de pesquisas na atual conjuntura política do país.

A opção por essa “inovação” no uso do procedimento metodológico convencionalmente adotado está amparada no que Victoria *et al.* (2000) irão destacar a respeito do entendimento de que a “metodologia é muito mais do que um conjunto de técnicas” (VICTORA *et al.*, 2000, p. 33). Dessa forma, a coautoria aqui apresentada sustenta-se na colaboração da técnica de transcrição e adequações da fala da conferencista para uma linguagem mais formal, retirando-se do texto alguns elementos característicos de uma narrativa, mas inviáveis na formatação de um texto científico.

A INICIAÇÃO CIENTÍFICA NO BRASIL: CONQUISTAS E DESAFIOS²

Em primeiro momento, o que é a iniciação científica? Que atividade é essa que é tão importante na vida de vocês e na vida

² Em primeiro lugar, quero agradecer à Universidade Federal de Campina Grande pela oportunidade de estar aqui, em especial ao vice-reitor, professor Camilo Farias, pela gentileza de me trazer do interior de Minas Gerais para falar de algumas experiências que vivi. Quero agradecer ao curso de Geografia na pessoa dos professores Xisto e Priscilla pela confiança e pelo carinho, e agradecer a todos vocês. Quero também chamar atenção pela originalidade do Congresso, acho que nós da Geografia temos que começar a fazer

da gente? É uma atividade muito importante para a formação de jovens pesquisadores na graduação. É a oportunidade de ter o primeiro contato com a prática da pesquisa e aplicar os conhecimentos ensinados em sala de aula. Portanto, é muito importante a iniciação científica. É o momento em que vocês começam a perguntar o “por quê?”, o “onde?”, o “como vamos fazer pesquisa?”. Porque não é fácil. Fazer pesquisa é ter encantamento pela temática, é um processo que a gente tem que gostar muito. Primeiro, tem que ter questões a serem respondidas ou refutadas, está aí o sentido de fazer pesquisa. Por esse motivo, os caminhos da iniciação científica, os primeiros passos são importantíssimos. Temos alunos que fizeram iniciação científica há mais de vinte anos, que nunca esqueceram o que aprenderam naquele momento, por ser o primeiro olhar investigativo.

Geralmente, a iniciação científica é orientada por um pesquisador e o aluno vai descobrir técnicas e métodos de pesquisa e, principalmente, desenvolver seu senso crítico. O início desse trabalho é sistematizar ideias e referenciais teóricos, ou seja, a síntese de observações e experiências, seja em trabalho de gabinete, seja em trabalho de campo. Penso que não há nenhum aluno de Geografia que não goste de trabalho de campo. De sair a campo. De conhecer outros lugares. De conhecer outras pessoas. Tudo isso é um aprendizado para a vida toda.

De acordo com o CNPq, “a iniciação científica trata-se de uma das mais ricas experiências que o estudante de graduação pode ter, pois mesmo que não siga a carreira de pesquisador, ele

isso, começar a trabalhar discutindo o futuro e a forma de cooperação entre os grupos, e não só sobre os temas, porque estes vêm se repetindo na discussão da geografia. Parabéns, pela ousadia e criatividade de fazer este trabalho! Eu dividi a minha fala em três partes: iniciação científica, grupos de pesquisas no Brasil e minha experiência no RE-CIME, que é um grupo de pesquisadores que estuda cidades médias há mais dez anos.

terá a oportunidade de complementar a sua formação acadêmica, aprimorar seu conhecimento e preparar-se melhor para sua vida profissional”.³

Fizemos uma pesquisa no Google, com as palavras-chave que identificassem o início da pesquisa na vida acadêmica:⁴

- 1- **O que é iniciação científica** e encontramos 2.760.000 resultados;
- 2- **A importância de se fazer iniciação científica** e foram indicados 580.000 resultados;
- 3- **A importância dos grupos de pesquisas na iniciação científica** e tivemos 1.210.000 resultados;
- 4- **Grupos de pesquisa e iniciação científica**, com 658.000 resultados; e
- 5- **Recime**, grupo de pesquisadores, 26.000 resultados.

A iniciação científica é o primeiro passo na carreira de um cientista, de um professor-pesquisador. Para isso, é preciso que vocês sejam criativos e inovadores e possam sonhar. A primeira coisa que temos que fazer é gostar do que se vai fazer. Não é o professor que tem que gostar. É você que tem que gostar. O professor indica os passos porque viveu mais experiências, conheceu outros lugares, pessoas, enfim, conheceu outros resultados de pesquisas, mas é preciso gostar muito mesmo do que vai fazer porque, se não, a gente não faz bem feito. É necessário que se conheça um pouco daquilo que se vai fazer, porém o mais importante é ter amor e criatividade pelo que vai fazer. No mundo de hoje, ser criativo é muito fácil, mas também é muito difícil devido à diversidade e ao volume de

³ Disponível em: <http://www.cnpq.br> – Por que pesquisar.

⁴ Disponível em: www.google.com.br. Acesso em: maio 2017.

informações com que se tem contato diariamente. É, portanto, um desafio muito grande!

O PIBIC é o mais importante programa institucional de bolsas de iniciação científica que atende as instituições públicas e privadas. É o mais consolidado deles e está presente nas universidades públicas e privadas. Existem várias modalidades de programas, entre eles, o PIBIC-AF – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica nas Ações Afirmativas, que é dirigido, somente nas instituições públicas, aos estudantes que ingressam no ensino superior por ação afirmativa; o PIBIT – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação Científica, que atende a instituições públicas e privadas, sendo dirigido somente às áreas tecnológicas e de inovação; o PICME – Programa de Iniciação Científica e Mestrado, que é dirigido aos premiados das Olimpíadas Brasileiras de Matemática de escolas públicas que desejam aprofundar seus conhecimentos em matemática.

PROGRAMAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – BRASIL - CNPQ

- **PIBIC** - O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica atende a instituições públicas e privadas. É necessário encontrar um(a) professor(a) que possa orientá-lo na área de seu interesse de conhecimento.
- **PIBIC-AF** - O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica nas Ações Afirmativas é dirigido somente às instituições públicas e aos estudantes que ingressaram no ensino superior por ação afirmativa.
- **PIBIT** - O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação Científica

atende a instituições públicas e privadas, no entanto, é dirigido somente às áreas tecnológicas e de inovação.

- **PICME** - O Programa de Iniciação Científica e Mestrado é dirigido aos premiados das Olimpíadas Brasileiras de Matemática de Escolas Públicas que desejem aprofundar seus conhecimentos em Matemática.
- **PIBIC-EM** - Em parceria com as universidades, orienta estudantes do Ensino Médio das escolas públicas.
- **IC-Jr** - Iniciação Científica Júnior é realizada em parceria com as fundações de apoio à pesquisa.

A INFLUÊNCIA DA INICIAÇÃO CIENTÍFICA NA SUPERAÇÃO DOS DESAFIOS

A iniciação científica é um instrumento de apoio teórico e metodológico à realização de projeto de pesquisa e constitui um canal para formação de uma nova mentalidade no aluno e dos recursos humanos qualificados. Tanto os professores como os alunos se qualificam com os trabalhos de iniciação científica. Ao participar de áreas e linhas de pesquisa, o estudante está conhecendo suas vocações, aptidões e preferências, podendo tomar decisões de maneira mais segura e coerente. A iniciação científica, pelos relatos que a gente conhece, nos textos que buscamos e pelos próprios ex-alunos, é o início da formação do pesquisador. Aquilo que ele faz no trabalho com o professor vai identificando as suas aptidões e, portanto, vai ser lembrado para a vida toda. O princípio da pesquisa, do buscar saber, nasce da iniciação científica, e essa trajetória é o mais importante.

Quanto às conquistas da iniciação científica, poderíamos destacar a fuga da rotina da estrutura curricular que, às vezes, é muito cansativa. Além do mais, a pesquisa possibilita ao estudante conhecer outras pessoas, inclusive de outras áreas. A convivência com professores e disciplinas com quem tem mais simpatia ajuda muito o aluno de IC; além de desenvolver capacidades mais diferenciadas nas expressões oral e escrita e nas habilidades manuais. Finalmente, aprendem a buscar e ler bibliografias de forma mais crítica, pois são também fontes de informação para adequações curriculares.

Quanto mudou a universidade em função desses grupos de pesquisas e iniciação científica? Temos as alterações na matriz curricular para incluir as atividades extracurriculares, que contam as IC, pesquisas e publicações das atividades de 240 horas que os alunos precisam ter. Os alunos de IC passam a ser um termômetro da qualidade do curso. São excelentes cooperadores do próprio modelo pedagógico das IES.

Recorrendo a uma citação da Prof.^a Dr.^a Rosa Ester Rossini (USP), que foi uma das idealizadoras desse Programa de Iniciação Científica no Brasil pelo CNPq, ela mostra que os alunos têm um desempenho melhor na pós-graduação, pois inicia a sua formação com uma leitura mais crítica, conhece novas metodologias, etc. No mestrado, ele refina um pouco para depois fazer um doutorado com mais autonomia. Mas é ali que começa a aprender como citar um texto, o que é e como fazer uma metodologia, apresentar um trabalho e todas as outras atividades constantes da iniciação científica.

A iniciação científica possibilita também que o estudante termine mais rápido a graduação, uma vez que a maioria pretende fazer mestrado. Eles têm um espírito de equipe, mesmo trabalhando apenas com o professor; esse professor tem outros contatos e esse

aluno acaba conhecendo outras pesquisas, além de terem maior facilidade de se adaptar às atividades didáticas futuras.

Um aspecto destacado no CNPq é que a IC não forma apenas cientista. Quantas pessoas no seu exercício profissional tiveram aquela formação mais rígida e disciplinada e levam também para o trabalho? Há evidências para se afirmar que foi no trabalho de tese dos estudantes de pós-graduação provenientes da iniciação científica que surgiram belas ideias inovadoras.

Segundo o site do CNPq, nos Estados Unidos, por exemplo, já houve constatação de que trabalhos selecionados como contribuições científicas relevantes estavam vinculados a nomes notórios da ciência norte-americana. Verificou-se que, em quase todos os trabalhos, existia um jovem recém-doutorado sob sua orientação. Os orientadores, quando entrevistados, reconheceram que boa parte do êxito da pesquisa proveio de ideias submetidas pelos estudantes durante o desenvolvimento do projeto. No início, o orientador fornece as bases da pesquisa, mas durante a execução, foram as inovações fornecidas pelos estudantes que garantiram o resultado final criativo e original.

A respeito da importância das atividades em grupo, gostaríamos de citar o livro *A emoção e a regra*, de Domenico de Masi, em que ele mostra vários grupos de pesquisa que existiam na sociedade contemporânea e como eles se organizaram para se transformar e desenvolver pesquisas muito importantes para o desenvolvimento.

Nos grupos de pesquisa, é possível observar a existência de um número expressivo de alunos iniciantes. Nesse processo, o orientador fornece as bases da pesquisa, mas durante a execução, são as inovações fornecidas pelos estudantes que garantem o resultado final

criativo e original. No Brasil, o auxílio financeiro da IC ainda não é ideal, mas é suficiente para comprar livros, fazer documentações, montar seu acervo e também ter uma responsabilidade de natureza social, pois tem muitos alunos que vivem com a bolsa de IC e, sem essa bolsa e sem a ajuda da universidade com transporte e alimentação, ele não poderia fazer uma iniciação científica.

Parafraçando Marafon (2008), o processo de iniciação e amadurecimento como pesquisador tem sido construído através de experiências vividas, entre as quais podemos destacar:

- a) Leituras e debates sobre a temática escolhida através de pesquisas em bibliotecas e sítios de internet;
- b) Levantamentos de dados e informações em fontes secundárias e criação e organização de dados em fontes primárias, considerando os produtos de representação e interpretação;
- c) Organização e realização de trabalhos de campo, que são fundamentais para a obtenção de informações, para permitir a contínua reflexão e produção do conhecimento e para se conhecer e reconhecer as paisagens rurais ou urbanas;
- d) Organização de palestras, seminários, workshops para a divulgação dos resultados;
- e) Participação em eventos científicos
- f) Realização de atividades de extensão, para uma formação complementar e para levar uma contribuição social através do conhecimento produzido.

As etapas do trabalho científico têm contribuído para a formação de profissionais em geografia e na importância dos grupos de pesquisa, pois segundo Marafon (2008), “a prática de pesquisa tem demonstrado não só a importância de se fazer ciência, como igualmente sua face formativa, educativa e emancipatória”.

A IMPORTÂNCIA DOS GRUPOS DE PESQUISA

Para qualificação do estudante de iniciação científica, a existência dos grupos é importantíssima, pois estes atuam fomentando as especialidades do conhecimento e ampliando a produção científica e tecnológica, bem como o diálogo interdisciplinar. Mas, à custa de quê? Quantos deram certo? Quantos estão lá apenas para constar? Quantos efetivamente estão fazendo o trabalho com o nome da educação? Atuando verdadeiramente como grupos de pesquisa. Quantos são alvos de crítica, uma vez que todo mundo critica se alguém faz uma atividade inovadora? Esses grupos avançaram muito na solução de problemas complexos que se apresentam cujas soluções nem sempre dependem de resultados provenientes de uma única especialidade de conhecimento. A criação de grupos de pesquisa tem permitido que os pesquisadores se manifestem em seus grupos, mostrando sua capacidade e apresentando suas concepções na identificação das inúmeras soluções.

A participação em um grupo de pesquisa possibilita a atuação do geógrafo na carreira acadêmica como professor universitário, de ensino fundamental e médio, e atuação técnica e profissional, como consultor em empresas privadas no geoprocessamento, assessorando as administrações públicas e atuando em comissões que tratam do desenvolvimento urbano, rural, ambiental e regional. São muitas possibilidades e, tendo participado em um grupo de pesquisas, quando você vai trabalhar uma atuação técnica, isso é um ponto a mais, também porque há possibilidade de viver coletivamente dirimindo as diferenças, inovando, uma vez que se busca no mundo a inovação.

Os grupos de pesquisa apresentam variação de tamanho e em número de pessoas e ocorrem em sua maioria em universidades públicas, instituições de pesquisa científica e tecnológica e desenvolvimento, empresas estatais e organizações não governamentais.

O CNPq criou, em 1992, o Diretório de Grupos de Pesquisas viabilizando a difusão de grupos de pesquisas com o objetivo de mapear o que se investiga, quem investiga, onde se investiga. Tem informações importantes nesse diretório porque possibilita avaliar instantaneamente essas informações; os recursos humanos que fazem parte desses grupos, pois cada um deles é localizado no tempo e no espaço; possuem linhas de pesquisas distintas, especialidades do conhecimento, setores de atividades envolvidos e produção científica e tecnológica existentes no país, estando essas informações disponíveis no site do diretório de grupos de pesquisas do CNPq, que se configura como um importante instrumento para intercâmbio e troca de informações.

O Diretório de Grupos de Pesquisas se constitui como uma base de dados inesgotável de informação por possibilitar uma base censitária que permite o aprofundamento do conhecimento e a construção de amostras sobre campos não cobertos pelos dados, a exemplo de financiamento ou avaliação qualitativa da produção científica e tecnológica, que você encontra lá porque essa base de dados é reavaliada a cada dois anos.

O Grupo de Pesquisa é composto por um conjunto de indivíduos organizados hierarquicamente, sendo o fundamento da hierarquia a experiência, o destaque e a liderança no terreno científico e tecnológico. Precisa de uma liderança, que é a fonte das informações constantes na base de dados. Caracteriza-se, igualmen-

te, pelo envolvimento profissional e permanente com atividades de pesquisa, sendo estruturado em torno de linhas de pesquisas comuns, podendo compartilhar instalações e equipamentos.

Os Grupos de pesquisa vêm se ampliando quantitativamente desde a criação do referido diretório, o que pode ser observado pela Tabela 1, na qual apresentamos os dados do CNPq entre os anos 2000 e 2016, segundo a região geográfica.

TABELA 1– BRASIL - DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS DE PESQUISA SEGUNDO REGIÕES GEOGRÁFICAS 2000

Região	2000			2016		
	Grupos	%	% acumulado	Grupos	%	% acumulado
Sudeste	6733	57,3	57,3	16009	42,5	42,5
Sul	2317	19,7	77,0	8637	23,0	65,5
Nordeste	1720	14,6	91,6	7713	20,5	86,0
Centro-Oeste	636	5,4	97,0	2899	7,7	93,7
Norte	354	3,0	100,0	2382	6,3	100,0
Total	11760	100	-	37640	100	-

Fonte: CNPq⁵

O quadro geral se altera em 2016 porque há uma interiorização dos programas de pós-graduação, influência do REUNI, criação de novos cursos, que ampliam essa base de dados de pesquisa no Brasil e, conseqüentemente, o número de alunos e professores, especialmente devido à expansão e interiorização da pós-graduação. Há 30 anos, existiam três ou quatro pós-graduações em Geografia no Brasil. Hoje, existe pelo menos um programa de pós-graduação em praticamente todos os estados brasileiros.

Com relação à distribuição dos grupos de pesquisa por área de conhecimento predominante, observamos na Tabela 2 um crescimento exponencial entre os anos 2000 e 2016.

5 Disponível em: www.cnpq.br. Acesso em: maio 2017.

TABELA 2 – BRASIL - DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS DE PESQUISA SEGUNDO A GRANDE ÁREA DO CONHECIMENTO PREDOMINANTE NAS ATIVIDADES DO GRUPO, 2000 E 2016

Grande área do conhecimento	2000			Grande área do conhecimento	2016		
	Grupos	%	Posição		Grupos	%	Posição
Ciências da Saúde	1832	15,6	1º	Ciências Humanas	8091	21,5	1º
Engs. e Computação	1826	15,5	2º	Ciências da Saúde	5877	15,6	2º
C. Exatas e da Terra	1812	15,4	3º	Soc. Aplicadas	5363	14,3	3º
Ciências Biológicas	1720	14,6	4º	Engs. e Computação	4965	13,2	4º
Ciências Humanas	1711	14,6	5º	Ciências Biológicas	3668	9,7	5º
Ciências Agrárias	1352	11,5	6º	C. Exatas e da Terra	3579	9,5	6º
Soc. Aplicadas	930	7,9	7º	Ciências Agrárias	3355	8,9	7º
Ling., Letras e Artes	577	4,9	8º	Ling., Letras e Artes	2655	7,1	8º
Total	11760	100		Total	37640	100	

Fonte: CNPq⁶

De acordo com o CNPq, do total de 11760 grupos em 2000, a área de ciências humanas estava em quinto lugar, com 1711 grupos (14,6%). Em menos de cinco anos, a área de ciências humanas assume o primeiro lugar no ranking do total de grupos de pesquisa no país, passando a ter 21,5%, ou seja, 8.091 do total de 37.640 grupos.

Com relação ao número de pesquisadores por área de pesquisa, entre os anos 2000 e 2016, podemos constatar na Tabela 3 o mesmo processo em relação ao número de grupos de pesquisa.

O crescimento da área de humanas se deve à expansão dos programas de pós-graduação e a criação de cursos novos, com a conseqüente ampliação de pesquisadores. Em 2000, a área de ciências humanas tinha 16% do total de pesquisadores, estando

6 Disponível em: www.cnpq.br. Acesso em: maio 2017.

atrás apenas da área de Ciências Humanas com 16,1% do total de 52.867 pesquisadores. Em 2016, a área de ciências humanas assume a primeira posição no ranking, tendo 21,2% (51.221) do total de pesquisadores existentes no país (23.0324) (CNPQ, 2016). Já na Tabela 4, observa-se o número de alunos formados por área de conhecimento no Brasil entre os anos de 2000-2016, com 60.253 e 341.308 respectivamente. Por ela, podemos conhecer o quadro de formação profissional nos últimos 16 anos no Brasil e como houve uma expansão no número de alunos de graduação ao doutoramento, com destaque para a grande área de ciências humanas.

TABELA 3 – BRASIL - DISTRIBUIÇÃO DOS PESQUISADORES SEGUNDO A GRANDE ÁREA DO CONHECIMENTO PREDOMINANTE NAS ATIVIDADES DO GRUPO POR POSIÇÃO, 2000-2016

2000			2016		
Grande área	Pesquisadores (P)	%(P)/posição	Grande área	Pesquisadores (P)	%(P)/posição
Ciências da Saúde	8534	16,1 1º	Ciências Humanas	51221	22,2 1º
Ciências Humanas	8452	16,0 2º	Ciências da Saúde	36306	15,8 2º
Engs. e Computação	8144	15,4 3º	Soc. Aplicadas	31544	13,7 3º
C. Exatas e da Terra	7258	13,7 4º	Engs. e Computação	29965	13,0 4º
Ciências Biológicas	6948	13,1 5º	Ciências Biológicas	22544	9,8 5º
Ciências Agrárias	6881	13,0 6º	Ciências Agrárias	22035	9,6 6º
Soc. Aplicadas	4408	8,3 7º	C. Exatas e da Terra	21143	9,2 7º
Ling., Letras e Artes	2242	4,2 8º	Ling., Letras e Artes	14890	6,5 8º

Fonte: CNPq⁷

7 Disponível em: www.cnpq.br. Acesso em: maio 2017.

TABELA 4 – BRASIL - ESTUDANTES POR NÍVEL SEGUNDO A GRANDE ÁREA DO CONHECIMENTO - 2000-2016

Grande Área	T	D	M	G	Grande Área	T	D	M	G
C. Exatas e da Terra	8.646	2.620	2.575	3.420	C. Exatas e da Terra	28.978	7.965	6.372	13.743
Ciências Agrárias	6.219	1.453	2.288	2.447	Ciências Agrárias	35.959	8.660	7.548	18.355
Ciências Biológicas	11.056	2.398	3.273	5.350	Ciências Biológicas	35.700	10.755	8.545	15.875
Ciências da Saúde	8.196	1.528	2.638	4.000	Ciências da Saúde	59.725	11.709	12.415	34.555
Ciências Humanas	8.491	1.462	3.085	3.934	Ciências Humanas	72.510	13.520	20.130	36.510
Engs. e Computação	11.649	2.896	4.986	3.732	Engs. e Computação	46.031	9.626	11.936	22.747
Ling., Letras e Artes	2.202	392	794	1.016	Ling., Letras e Artes	21.674	4.309	6.321	10.557
Soc. Aplicadas	3.794	378	1.311	2.095	Soc. Aplicadas	40.162	6.111	11.078	

T = Total/ D = Doutorado/ M= Mestrandos / G= Graduandos

Fonte: CNPq⁸

Os grupos de pesquisa podem contribuir para que outros olhares sejam efetuados, que novas ideias passem a surgir, que sejam criativos e possam contribuir para uma reflexão teórico-metodológica sobre o debate da ciência brasileira.

RECIME: RELATOS DE EXPERIÊNCIA

A rede de pesquisadores sobre cidades médias congrega pesquisadores que estão em diálogo a partir de uma pesquisa realizada coletivamente. Criada em 2007, é resultado da participação de pesquisadores há mais de 10 anos em prol de um trabalho em rede.

8 Disponível em: www.cnpq.br. Acesso em: maio 2017.

A RECIME é um grupo que tem repercussão nacional na área da geografia e é composta por docentes, pesquisadores, alunos de pós-graduação e de iniciação científica. As atividades do grupo ocorrem através do desenvolvimento de projetos, publicação de resultados das pesquisas, no formato de livro e de workshops.

Para o estudo das cidades médias, objeto de investigação dos projetos, obedecem a uma metodologia proposta e debatida pelos componentes da rede. Há um diálogo do ponto de vista das possibilidades de se verificar as identidades e as diferenças que existem entre as cidades médias em diferentes regiões brasileiras e países latino-americanos; e também de pensar um conceito de cidades médias. Finalmente, é importante destacarmos que entre as atividades desenvolvidas pelo grupo, que consiste na organização do trabalho científico em rede de pesquisa, voltada ao estudo das cidades médias e que vem realizando investigações científicas através de diversas experiências, destaca-se a produção bibliográfica realizada por diferentes membros da equipe.

Uma das principais características que destacam o projeto é a construção de uma metodologia desenvolvida no grupo de pesquisa, com a participação de estudantes e professores nessa experiência. Para tal, foram escolhidos quatro temas: a) difusão da agricultura científica e do agronegócio, a qual deu muita briga por conta do debate em torno do rural e do urbano; b) descentralização da produção industrial; c) difusão do comércio e dos serviços especializados; e 4) aprofundamento das desigualdades socioespaciais.

A realização dos workshops permitiu reflexões e produção do conhecimento com apresentação de pesquisas em diferentes níveis de conhecimento, realização de atividades de campo sempre organizadas com o conhecimento prévio da região na qual estas se-

riam realizadas, e elaboração de uma base de dados. Até o momento, desenvolvemos pelo menos sete subprojetos coordenados por professores de diferentes instituições. É um trabalho significativo!

Desde o início das atividades, a rede conseguiu dar conteúdo conceitual às expressões “cidades médias” e “cidades intermediárias”; distinguir as cidades regionais, estritamente, daquelas que se articulam em escalas geográficas mais amplas; avaliar o nível de determinação da situação geográfica; e rediscutir o paradigma da continuidade espacial.

Esse trabalho tem contribuído para a formação de profissionais, bem como para a importância dos grupos de pesquisa na formação acadêmica e nas inúmeras possibilidades que os grupos podem proporcionar à geografia. A prática da pesquisa tem demonstrado não só a importância de se fazer ciência, como igualmente seu trabalho na educação e formação de jovens pesquisadores. A caminhada é longa, mas vale a pena continuar a construção da pesquisa e da formação profissional neste país.

UM POUCO DA HISTÓRIA DO PRÓ-SAÚDE GEO: INFLUÊNCIAS DOS AUTORES E INSTITUIÇÕES

MARTHA PRISCILA BEZERRA PEREIRA

INTRODUÇÃO

As atividades do Grupo de Pesquisa em Geografia para a Promoção da Saúde – PRÓ-SAÚDE GEO, tiveram início em 22 de abril de 2010, na sala 101 do Bloco BH do Centro de Humanidade (sala da Pós-Graduação em História), onde ocorreram várias reuniões. Passou a se reunir na sala 05 do Bloco BH em janeiro de 2012, em conjunto com o Grupo de Pesquisas Integradas em Desenvolvimento Socioterritorial – GIDS – UFCG. Este grupo de pesquisa surgiu vinculado à Unidade Acadêmica de História e Geografia (UAHG), estando atualmente vinculado à Unidade Acadêmica de Geografia (UAG).

O objetivo do grupo é realizar pesquisas relacionando os conceitos e as metodologias próprias da geografia ou apropriadas por esta ciência para entender questões relacionadas à saúde.

As linhas de pesquisa definidas pelos pesquisadores foram: a) Agroecologia e saúde humana; b) Educação em saúde; c) Geografia da atenção à saúde; d) Metodologia da pesquisa; e) Práticas alternativas, complementares e integrativas; f) Território, ambiente e saúde; g) Vigilância à saúde; h) Violência e saúde. À medida que os pesquisadores se aproximaram do grupo, criaram suas linhas de pesquisa, além de se inserirem em alguma outra já existente.

Algumas perguntas iniciais do grupo foram: o que é geografia da saúde? De que ela trata? Como ela teve início? Quem trabalha hoje com essa geografia da saúde? A partir dessa abordagem, deu-se início às reuniões de um grupo de estudo que já estava voltado para a execução de pesquisas.

O texto se propõe a relatar um pouco da história deste grupo de pesquisa a partir das discussões que pautaram as pesquisas realizadas pelo grupo no âmbito do estado da Paraíba nos seus primeiros cinco anos de existência.

ANTES DO INÍCIO: INFLUENCIADORES DA CONCEPÇÃO DO PRÓ-SAÚDE GEO

Considerando que os fatos ocorrem num movimento de apropriação de ideias existentes, formação de redes, normatização do território e experiências exitosas (PEREIRA, 2010), acrescenta-se que relatar a história de um grupo de pesquisa é resgatar um pouco da biografia do pesquisador que deu início ao grupo. Dessa forma, para este texto, entende-se que o Pró-Saúde Geo sofreu várias influências em inúmeras escalas e temporalidades para ter início da forma como surgiu em 2010. Nesta primeira parte, buscaremos

algumas das linhas de ação da Geografia da Saúde e os autores destas linhas que influenciaram o início do grupo de pesquisa.

POPULARIZAÇÃO DO CONHECIMENTO MÉDICO CIENTÍFICO ATRAVÉS DE MANUAIS

Desde o século XVII que os manuais de medicina dirigidos a leigos passaram a circular no Brasil. A primeira obra, *Tratado único das bexigas e sarampo*, do médico Romão Mosia Reinhipo (anagrama de “Simão Pinheiro Morão”), foi publicada em 1683. Já em 1735, foi publicado o *Erário Mineral*, do cirurgião português Luís Gomes Ferreira. Em seu livro, contam-se as principais doenças que ocorriam no interior do Brasil colonial, acompanhado de tratamentos com remédios acessíveis e mais baratos que os das boticas. Era baseado em um modelo colonial português. A partir de 1842, começa-se a publicar a obra do conhecido Dr. Chernoviz (médico polonês Napoleão Czerniewicz), baseada em um modelo francês que auxiliou na popularização da medicina no país (GUIMARÃES, 2005). Entre as obras, estão: *Formulário ou guia médico* e o *Dicionário de medicina popular e das ciências acessórias* (FERREIRA, 2003; GUIMARÃES, 2005).

De forma mais diluída, essas publicações de popularização da medicina com soluções alternativas e mais naturais continuaram a ser divulgadas. Um desses livros, particularmente, foi doado por familiares em meados da década de 1970, sendo possível assim ter acesso a um livro que mostrava figuras com pessoas doentes, doenças infecciosas e parasitárias principalmente, além de possíveis soluções alternativas ou mais baratas para resolver esses problemas e alguns conselhos de como ter uma vida mais saudável. Esse livro foi

consultado inúmeras vezes, aproximadamente entre 1979 e 1982, sendo doado posteriormente a outra família.

Esse olhar para a doença e a posterior necessidade de busca pela cura e por uma vida mais saudável instigaram o olhar para as questões relacionadas ao processo saúde-doença em seus variados territórios, seja a partir do olhar das políticas públicas de saúde para entender as normas e o território, como foi o caso da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (BRASIL, 2006); ou mesmo das práticas de cura específicas, buscando o entendimento das ações particulares e/ou de culturas específicas que se popularizaram como alternativas para outras culturas (CHALOUB; MARQUES; SAMPAIO; GALVÃO SOBRINHO, 2003).

Essa leitura, entre outras, auxiliou no desenvolvimento do projeto *A arte do cuidar da saúde: relação entre o morador e o ACS em Campina Grande – PB* (2012-2013) (PEREIRA, 2012), que teve como objetivo entender como está ocorrendo a relação entre o agente comunitário de saúde – ACS e o morador no que diz respeito à arte de cuidar da saúde. Nessa relação, estariam as práticas dos leigos a partir de seu conhecimento tradicional e das informações científicas a que têm acesso; e a apropriação de práticas de outras culturas para cuidar da saúde, bem como as influenciadas informações repassadas pelos ACS no cuidar da saúde desses indivíduos.

SAÚDE E URBANISMO: DISCUSSÃO SOBRE O HIGIENISMO

Na junção entre o campo da saúde e do urbanismo, a influência histórica mais marcante foi o higienismo, campo em que

se abordam questões como a teoria dos miasmas, a necessidade de entender o meio e sua relação com as doenças; já na concepção mecanicista da análise dessas relações, o desenvolvimento das topografias médicas.

O higienismo passou a ser argumentado a partir do século XVII na Inglaterra, quando o médico Thomas Sydenham (1624-1689) sistematizou os textos hipocráticos e sugeriu haver uma forte relação entre as doenças e o meio natural. Essa ideia higienista foi reforçada com a Revolução Industrial no século XVIII, na Europa, na qual passa a ser discutido que não apenas o meio natural, mas também o ambiente das grandes cidades industriais, precarizam a qualidade de vida, fazendo eclodir várias epidemias, passando assim a evidenciar-se a teoria dos miasmas (ABREU, 1997). As bases científicas para o higienismo foram consolidadas ainda no século XVIII, momento em que passa a ser considerada a concepção mecanicista da análise da relação dos seres vivos com o meio ambiente (EDLER, 2001). Um dos resultados dessa concepção mecanicista foi a estruturação das topografias médicas. O primeiro trabalho nessa tradição foi de autoria de Leonardo Finke, na Alemanha (PESSOA, 1978). De acordo com Abreu (1997, p. 39), “trata-se de trabalhos que pretendiam estudar as interações entre o meio físico e social e o estado de saúde de uma determinada população, procurando identificar, ademais, suas relações de causa e efeito”.

De forma indireta, ao cursar o técnico em Edificações na então Escola Técnica Federal da Paraíba (1990-1993), essas concepções estavam arraigadas de forma incipiente em algumas das discussões no âmbito das disciplinas de Instalações Domiciliares I e II, momento em que havia a necessidade de entender as doenças relacionadas à precariedade do saneamento básico para entender a importância das instalações domiciliares nesse contexto. A partir

dessa concepção, um autor que influenciou a construção desse pensamento foi Saturnino de Brito (BRITO, 1968); e, em relação aos fatos, a epidemia de cólera entre 1990 e 1991 marcou especialmente devido às discussões na mídia, na escola e na sociedade em geral, tendo sido amplamente difundidas a receita do soro caseiro e as publicações do próprio Governo Federal sobre essa morbidade (BRASIL, 1991).

Esse campo passou a ser de interesse novamente a partir de algumas publicações de Léo Heller (1997; 1998) e André Monteiro Costa (1998), influenciadores na elaboração de parte da dissertação de mestrado (1999-2001) intitulada *Comunidades pobres urbanas da cidade do Recife e políticas públicas: como a interação das ações do governo e práticas cotidianas da comunidade está viabilizando uma melhoria das condições de saúde*, em que foi realizado um levantamento das políticas públicas de habitação, saneamento e saúde, em nível federal, para entender as políticas públicas locais e chegar ao objetivo de analisar a territorialização de políticas públicas de saúde, em especial a do Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS) e do Programa Saúde da Família (PSF), enquanto fator de melhoria das condições de vida das comunidades pobres urbanas em Recife – PE. Esse conhecimento está sendo útil para orientar trabalhos de TCC, como foi o caso de Silva (2014).

CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO ENTENDIDO COMO GEOGRAFIA DA SAÚDE

Apesar de tratarmos este tópico como relacionado à geografia da saúde, autores de várias outras áreas contribuíram para seu estudo, como os filósofos Hipócrates e Aristóteles. No caso do

primeiro, houve desdobramentos até o século XIX com autores como Syndehan e Leonard Finke (PESSOA, 1978; ABREU, 1997).

Posteriormente, médicos, engenheiros, arquitetos, geógrafos, entre outros, contribuíram para a geografia da saúde, entre eles está um dos mais famosos: John Snow (1855 – Inglaterra), cujo trabalho de entender a ocorrência da cólera na Inglaterra relacionado à distribuição dos poços foi considerado como um precursor da geografia da saúde, da epidemiologia e do geoprocessamento.

Outros considerados importantes foram Pavlovsky e Maximilen Sorre. O autor Y. N. Pavlovsky, na então União Soviética, entre as décadas de 1940-50, destacou-se com sua obra *Doenças infecciosas e parasitárias da natureza que transmitem doenças: zoonoses e sua paisagem epidemiológica* (tradução livre), em que se preocupou com o ambiente natural modificado pelo homem e sua relação com o aparecimento de vetores, tendo por consequência o aparecimento de endemias, desenvolvendo assim a Teoria dos Focos Naturais (PAVLOVSKY, 196-). Este autor demonstra aspectos de uma geografia determinista. Também se evidenciou Maximilen Sorre na França, em 1947, com sua publicação *Fundamentos biológicos da Geografia Humana: ensaio de uma ecologia do homem*, em que estuda um enfoque geográfico entre o meio ambiente e sua influência na saúde, desenvolvendo a Teoria do Complexo Patogênico (SORRE, 1955; SOUZA & SANT'ANNA NETO, 2008). Este autor estaria mais influenciado pela geografia possibilista, de Vidal de La Blache.

Na graduação, o contato com a geografia da saúde ocorreu através da geografia urbana (1995), em que foi mostrado um vídeo sobre a biografia de Josué de Castro, e a temática da fome e da pobreza foram mostrados de forma que suscitou debate entre a turma sobre o quanto a pobreza impacta na fome e na saúde; e,

mais uma vez, o despertamento para questões relacionadas à geografia e à saúde ficou evidente. Até então, parecia que apenas uma contribuição isolada havia sido realizada para a geografia e a saúde, através da obra *Geografia da fome* (CASTRO, 1992). Contudo, o autor elaborou uma geografia política de denúncia ao se preocupar com a forma como as pessoas comem e suas razões, a partir da escala de grandes regiões do Brasil. Apesar de cronologicamente estar influenciado pela geografia possibilista e pelo método regional, já apresenta aspectos do que seria denominado posteriormente de geografia crítica marxista.

Posteriormente, no período entre 2002 e 2009 (no Encontro Nacional de Geógrafos de 2002, período do doutorado, pesquisa livre em bibliotecas e internet), foi possível conhecer autores que também contribuíram com a geografia da saúde em algum momento no Brasil. São autores como Afrânio Peixoto (1975), Alberto Lopes Najar e Eduardo Cesar Marques (1998), Carlos da Silva Lacaz, Roberto G. Baruzzi e Waldomiro Siqueira Júnior (1972), Christovam Barcellos e Paulo Chagastelles Sabroza (2001), Francisco Mendonça (2001), Fritjof Capra (1982), Hermenegildo Lopes de Campos (1988), Helena Ribeiro (2005), João Evangelista de Souza Lima Neto (2003), Jorge Pickenhayn (200-), Júlio Cesar de Lima Ramires (2009), Luiz Jacinto da Silva (1997), Luisa Basília Iñiguez Rojas (1998), Marcelo Urbano Ferreira (1991), Maria da Conceição Nascimento Costa e Maria da Glória Lima Cruz Teixeira (1999), Oswaldo Paulo Forattini (1992), Paulo Cesar Peiter (2005), Raul Borges Guimarães (2001), Renato Guedes Vieites e Inês Aguiar de Freitas (2007), Samuel do Carmo Lima (2006), Rodolfo U. Carcavallo e Suzana Curto de Casas (1991) e Valêncio Manoel (2007). Aqui foram citadas apenas a publicação em que esses autores se fizeram conhecidos nessa trajetória. Esses trabalhos

são trazidos para o grupo de estudo dentro do grupo de pesquisa desde o início das reuniões (2010-2015).

SAÚDE COLETIVA E SUA CORRELAÇÃO ENTRE DESENVOLVIMENTO, AMBIENTE E SAÚDE

No campo da saúde coletiva, uma das primeiras influências tem sua origem na metade dos anos de 1950 até a década de 1970, quando se instaura um “**projeto preventivista**” a ser discutido em alguns países da América Latina, entre eles o Brasil. Em seguida, surge uma discussão baseada na perspectiva de uma “**medicina social**” (década de 1970) e, finalmente, estrutura-se a “**saúde coletiva**” a partir de 1980 (NUNES, 1994). A saúde coletiva chegou à discussão da relação entre o desenvolvimento, o ambiente e a saúde entre a década de 1980 e 1990, tendo como entendimento de que o campo da saúde ambiental seria “a relação entre o ambiente e o padrão de saúde de uma população” (TAMBELLINI & CÂMARA, 1998, p. 48). Como grandes influenciadores no Brasil, surgiram autores como Pedro Luiz Castellanos (1997), Asa Cristina Laurell (1982), Guy Duval (1998), Rita Barradas Barata (1990), Luiz Humberto Sivieri (1996), Anamaria Tambellini (1996) e Volney de Magalhães Câmara (1998).

Esses autores foram paulatinamente sendo conhecidos a partir do contato com o projeto de iniciação científica *Trajetória histórica do Mercado Joaquim Torres* (1997-1998) (PEREIRA; MOREIRA, 1998), mercado que se localiza no bairro da Torre na cidade de João Pessoa – PB. Nesse projeto, organizaram-se, entre outras coisas, informações sobre as atividades desenvolvidas, o pessoal ocupado por idade e sexo, o processo de trabalho, as condições de

trabalho, o ambiente de trabalho e seus problemas. Essa discussão estava pautada em um projeto maior, que relacionava as condições de saúde da população com a sua forma de inserção no mercado de trabalho, ou seja, evidenciando que o processo saúde-doença é social, e não puramente biológico. Esse trabalho foi aperfeiçoado para ser apresentado como monografia de graduação (PEREIRA, 1999) e publicado posteriormente em capítulo de livro em conjunto com os outros integrantes do projeto de iniciação científica (MOREIRA; PENHA; SOUSA; PEREIRA, 2006).

No período entre 1999-2001, o contato com a Fiocruz em Recife também me fez ter contato com outros autores, como Raquel Maria Rigotto (1998) e Renato Rocha Lieber (1999; 1999).

Essa discussão é retomada a partir da execução do projeto *Modificação da paisagem e qualidade de vida: estudo de caso na Feira da Prata em Campina Grande – PB* (2011-2012), que teve como objetivo analisar a modificação na paisagem da feira da Prata em Campina Grande – PB e suas consequências na qualidade de vida dos que a vivenciam. Além da experiência, essa abordagem foi revisitada no projeto *Lugares turísticos como espaços de promoção da saúde: estudo exploratório na mesorregião do Agreste – PB* (2014-2015), que teve como objetivo analisar os níveis de promoção da saúde existentes nos municípios e locais turísticos incluídos na mesorregião do agreste paraibano.

POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE

As políticas públicas de saúde no Brasil tiveram início com a lei Elói Chaves (1923), no âmbito da Previdência Social,

em que surgem a Previdência Social e as Caixas de Aposentadorias e Pensões (CAPs). Porém, a partir da criação do Ministério da Saúde, na década de 1930, é que as políticas públicas de saúde começam a surgir de fato (PAULUS JÚNIOR & CORDONI JÚNIOR, 2006). Fazendo uma breve análise dessas políticas para o século XX, Pereira (2001) nos afirma que as políticas de saúde passaram por quatro fases, sendo que as duas primeiras ocorreram quase que simultaneamente: o sanitarismo campanhista (início do século até a década de 1950) e as CAPs e IAPs (1923-1966), nas quais os trabalhadores eram beneficiados por categorias. A terceira fase teve como impulsionadora a instituição do INPS, na qual os trabalhadores tiveram o mesmo tipo de benefício; e, a partir da década de 1970, as políticas de saúde passaram por um processo em que uma parte foi privatizada e a outra foi sendo influenciada pelo Movimento de Reforma Sanitária no sentido da descentralização.

Apesar de ser usuária dos dois sistemas (público e privado) em momentos específicos, o despertamento para essa área surgiu apenas durante o período de curso do mestrado em Geografia (1999-2001), quando, por influência do envolvimento do orientador (Jan Bitoun) com as políticas públicas locais e com a Rede Nacional Observatório das Metrôpoles, foi possível executar a pesquisa que tinha por objetivo analisar a territorialização de políticas públicas de saúde, em especial a do Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS) e Programa Saúde da Família (PSF) enquanto fator de melhoria das condições de vida das comunidades pobres urbanas em Recife - PE. A partir desse trabalho, foi possível continuar com essa área de interesse na Secretaria de Saúde de uma prefeitura (Santa Rita – PB – 2002-2004) como geógrafa e ingressar no doutorado para analisar o conhecimento geográfico dos agentes

comunitários de saúde e agentes de saúde ambiental, ligados respectivamente à ESF e PSA, programas implantados na cidade do Recife – PE, a partir das competências e habilidades desenvolvidas no processo de trabalho na política de saúde local (2004-2008). Entre as leituras realizadas, destacou-se o livro *Distrito Sanitário: o processo social de mudança das práticas sanitárias do Sistema Único de Saúde*, de Eugênio Vilaça Mendes (1999).

Um dos desdobramentos nessa área foi o desenvolvimento de pesquisas na iniciação científica (2010-2012) e em projetos de extensão (2013-2014). Dos projetos de iniciação científica, o primeiro “Conhecimento geográfico do agente de saúde no município de Campina Grande – PB” teve como objetivo analisar o conhecimento geográfico dos agentes de saúde inseridos na Estratégia Saúde da Família e Vigilância Ambiental em Saúde no município de Campina Grande – PB; e o segundo, “Conhecimento geográfico do agente de saúde no município de Campina Grande”, teve como objetivo elaborar um diagnóstico do conhecimento geográfico requerido do agente de saúde através do relato de enfermeiros e supervisores sobre os profissionais que se destacam em seus ambientes de trabalho. Esses projetos foram executados de acordo com a base teórica desenvolvida na tese de doutorado supracitada. Já o projeto de extensão *Conhecimento geográfico dos agentes de saúde da ESF e VAS em Campina Grande – PB* teve como objetivo desenvolver competências e habilidades dos agentes de saúde da ESF e VAS em Campina Grande – PB no que diz respeito ao conhecimento geográfico, trazendo um retorno à população através da realização de oficinas para agentes comunitários de saúde e agentes de combate a endemias.

ESTUDAR PARA PESQUISAR: LEITURAS REALIZADAS ENTRE 2010-2015

Este item tem por objetivo apresentar as leituras realizadas entre 2010 e 2015, seja para conhecer mais sobre a geografia da saúde, a geografia e a saúde, ou para subsidiar as pesquisas. Devido à rotatividade dos alunos, muitos destes textos foram lidos mais de uma vez ao longo do período e outros ficaram perdidos devido a não termos mais os arquivos de apresentação.

Dessa forma, entre 2010 e 2015, foram lidos 63 textos, entre livros, capítulos de livros, artigos e projetos de pesquisa a serem executados, sendo uma média de 10,5 textos por ano. Ao longo desse período, as discussões do grupo foram pautadas em: a) a arte de cuidar da saúde; b) saúde, cidade e campo; c) história da geografia da saúde; d) conceitos; e) desenvolvimento, ambiente e saúde; f) políticas públicas; g) promoção da saúde; e h) métodos e técnicas de pesquisa (Quadro 01).

QUADRO 01 - TEXTOS DISCUTIDOS ENTRE 2010 E 2015 NO ÂMBITO DO PRÓ-SAÚDE GEO

ARTE DE CUIDAR DA SAÚDE	
TÍTULO	REFERÊNCIA
Holismo e saúde	(CAPRA, 1982)
A construção da medicina integrativa: um desafio para o campo da saúde	(BARROS, 2008)
Racionalidades médicas e integralidade	(TESSER; LUZ, 2008)
O ensino das práticas integrativas e complementares: experiências e percepções	(BARROS; SIEGEL; OTANI, 2011)
A arte de curar na área de trabalho da Estratégia Saúde da Família em Campina Grande – PB. (2011-2012/ PIVIC)	(PEREIRA, 2011a)
A arte do cuidar da saúde: relação entre o morador e o ACS em Campina Grande – PB. (2012-2013/ PIBIC)	(PEREIRA, 2012a)
Espacialização das práticas alternativas, complementares e integrativas em saúde no município de Campina Grande – PB (2015-2016/ PIVIC)	(PEREIRA, 2015b)

SAÚDE, CIDADE E CAMPO	
TÍTULO	REFERÊNCIA
Saúde e trabalho rural: o caso dos trabalhadores da cultura canavieira na região de Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil	(ALESSI; NAVARRO, 1997)
A qualidade de vida urbana e sua dimensão subjetiva: uma contribuição ao debate sobre políticas públicas e sobre a cidade	(VITTE, 2009)
Urbanização e mudanças na paisagem do bairro da Prata na cidade de Campina Grande – PB: uma análise de sua forma, função e estrutura	(APOLINÁRIO, 2009)
HISTÓRIA DA GEOGRAFIA DA SAÚDE	
TÍTULO	REFERÊNCIA
Geografia médica e Geomedicina/ Histórico da Geografia Médica	(PESSOA, 1978)
Geografía y salud: temas y perspectivas em America Latina	(ROJAS, 1998)
Geografia médica: origem e evolução	(ANDRADE, 2000)
Geografía y salud: entre historias, realidades y utopias	(ROJAS, 2003)
Ares, águas e lugares	(CAIRUS, 2005)
Algumas considerações sobre a geografia médica e da saúde, novas perspectivas para a geografia brasileira	(VAZ, 2008)
Entrevista com Helena Ribeiro: perspectivas dos pesquisadores da geografia médica e da saúde no Brasil	(RIBEIRO, 2009a)
Geografias, técnicas e sua história: entrevista com Christovam Barcellos	(RIBEIRO, 2009b)
Geografia e saúde sem fronteiras	(GUIMARÃES; PICKE-NHAYN; LIMA, 2014)
CONCEITOS	
TÍTULO	REFERÊNCIA
A concepção de “espaço” na investigação epidemiológica	(COSTA; TEIXEIRA, 1999)
Do conceito de risco ao da precaução: entre determinismos e incertezas	(GONDIM, 2007)
Espaço e saúde: uma (inter)ação provável nos processos de adoecimento e morte em populações	(GONDIM, 2008)
O território no Programa Saúde da Família	(PEREIRA; BARCELLOS, 2006)
Regiões de saúde e escalas geográficas	(GUIMARÃES, 2005)
Uma revisão sobre os conceitos de acesso e utilização de serviços de saúde	(TRAVASSOS; MARTINS, 2004)
Conhecimento geográfico para a promoção da saúde	(PEREIRA, 2010)

DESENVOLVIMENTO, AMBIENTE E SAÚDE	
TÍTULO	REFERÊNCIA
Saúde no trabalho e mapeamento dos riscos	(SIVIERI, 1996)
Ambiente, trabalho e saúde	(MOREIRA; WATANABE, 2006)
Desenvolvimento, ambiente e saúde: implicações da (des) localização industrial	(RIGOTTO, 2008)
Modificação na paisagem e qualidade de vida: estudo de caso na feira da Prata em Campina Grande – PB (2011-2012/ PIVIC)	(PEREIRA, 2011c)
A geografia aplicada à observação das paisagens de risco: uma análise da violência no trânsito de Campina Grande – PB (2013-2014/ PIVIC)	(PEREIRA, 2013a)
A geografia aplicada à observação das paisagens de risco: uma análise da violência no trânsito em bairros de Campina Grande – PB (2014-2015/ PIBIC)	(PEREIRA, 2014a)
POLÍTICAS PÚBLICAS	
TÍTULO	REFERÊNCIA
Distrito sanitário: o processo social de mudança das práticas sanitárias do Sistema Único de Saúde	(MENDES, 1999)
O lazer e as políticas públicas de combate à exclusão social em Presidente Prudente – SP: o caso do lazer vivenciado pelo jovem de 14 a 19 anos em áreas de exclusão	(LUCAS, 2003)
Conhecimento geográfico do agente de saúde no município de Campina Grande (2010-2011/ 1 PIBIC e 3 PIVIC)	(PEREIRA, 2010)
Competências e práticas sociais do agente de saúde no município de Campina Grande – PB (2011-2012/ PIBIC)	(PEREIRA, 2011b)
PROMOÇÃO DA SAÚDE	
TÍTULO	REFERÊNCIA
Uma nova perspectiva de saúde para os canadenses: documento de trabalho (1974)	(LALONDE, 1974)
Carta de Otawa (1986)	(BRASIL, 1996)
Declaração de Adelaide (1988)	(BRASIL, 1996)
Declaração de Sundsvall (1991)	(BRASIL, 1996)
Declaração de Bogotá (1992)	(BRASIL, 1996)
Declaração de Jacarta: sobre promoção da saúde no século XXI (1997)	(INDONÉSIA, 1997)
Declaração Ministerial do México para a Promoção da Saúde (2000)	(MÉXICO, 2000)
Carta de Bangkok para Promoção da Saúde em um Mundo Globalizado (2005)	(TAILÂNDIA, 2005)

7ª Conferência Global sobre Promoção da Saúde (2009)	(WHO, 2009)
Conhecimento geográfico para promoção da saúde	(PEREIRA, 2010)
Relações entre turismo e saúde: abordagens metodológicas e propostas de ação	(MATOS; BARCELLOS, 2010)
8ª Conferência Global sobre Promoção da Saúde (2013)	(WHO, 2013)
Lugares turísticos como espaços da promoção da saúde: estudo exploratório na mesorregião do agreste – PB (2014-2015/ PIVIC)	(PEREIRA, 2014c)
Lugares turísticos como espaços da promoção da saúde: avaliação de municípios no estado da Paraíba (2015-2016/ PIBIC)	(PEREIRA, 2015c)

MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA	
TÍTULO	REFERÊNCIA
Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático	(BAUER; GASKELL, 2002)
Mapas da geografia e cartografia temática	(MARTINELLI, 2003)
Análise de conteúdo	(FRANCO, 2005)
Praticando geografia: técnicas de campo e laboratório	(VENTURI, 2005)
Geoprocessamento sem complicações	(FITZ, 2008)
Introdução ao Arcview	(USP, 2010)
Hemeroteca: como fazer	(PEREIRA, 2011)
Geografia: práticas de campo, laboratório e sala de aula	(VENTURI, 2011)
Desafios e potencialidades do trabalho de campo nos cursos de Geografia nas Instituições de Ensino Superior na Paraíba (2012-2013/ PIVIC)	(PEREIRA, 2012b)
Conhecimento geográfico aplicado aos roteiros de campo em geografia da saúde no município de Campina Grande – PB e municípios circunvizinhos (2013-2014/ PIBIC)	(PEREIRA, 2013b)
Desafios e potencialidades do trabalho de campo nos cursos de Geografia em Instituições de Ensino Superior no Brasil	(PEREIRA, 2014b)
Conhecimento geográfico aplicado aos roteiros de campo em geografia da saúde no município de Campina Grande – PB (2015-2016/ PIVIC)	(PEREIRA, 2015a)

FONTE: Acervo do Pró-Saúde Geo, 2017.

ARTE DE CUIDAR DA SAÚDE

Em relação à arte de cuidar da saúde, foram discutidos textos relacionados à abordagem metodológica (CAPRA, 1982), assim

como textos relacionados à visão sociológica das práticas alternativas, complementares e integrativas (BARROS, 2008; TESSER & LUZ, 2008; BARROS; SIEGEL; OTANI, 2011). Esses foram alguns dos textos trabalhados no grupo e que deram suporte aos projetos executados (PEREIRA, 2011a, 2012a, 2015b). O tema estaria mais correlato ao item “Popularização do conhecimento médico-científico através de manuais”, ainda que não sejam a mesma coisa.

SAÚDE, CIDADE E CAMPO

Relacionando a saúde com a cidade e o campo, foram realizadas poucas leituras (ALESSI & NAVARRO, 1997; VITTE, 2009; APOLINÁRIO, 2009), devido principalmente a não ter sido executada nenhuma pesquisa nesta área especificamente e termos o aporte do grupo de Pesquisas em Desenvolvimento Socioterritorial – GIDS no sentido de auxiliar com referências tanto do campo da Geografia Urbana quanto da Geografia Agrária, quando necessário. Havendo pesquisas sobre o tema, estas estariam relacionadas em parte ao item “Saúde e urbanismo: discussão sobre o higienismo”.

HISTÓRIA DA GEOGRAFIA DA SAÚDE

Este foi um dos temas que interessaram ao grupo. Uma vez que havia grande rotatividade, todos os anos, parte dessas leituras era discutida repetidamente. Dessa forma, essa evolução do pensamento da Geografia da Saúde foi entendida a partir de entrevistas (RIBEIRO, 2009a; 2009b), de artigos (ROJAS, 1998; 2003; VAZ, 2008), de capítulo de livros (PESSOA, 1978; ANDRADE, 2000; CAIRUS, 2005) e livro (GUIMARÃES; PICKENHAYN; LIMA, 2014). Este item estaria mais relacionado com o item “Construção

do conhecimento entendido como geografia da saúde”, pois sempre que se busca essa evolução, buscam-se exemplos relacionados à história da medicina, da epidemiologia, das ciências naturais e das ciências humanas.

CONCEITOS

Alguns conceitos trabalhados foram espaços (COSTA & TEIXEIRA, 1999; GONDIM, 2008), risco (GONDIM, 2007), território (PEREIRA; BARCELLOS, 2006), região (GUIMARÃES, 2005), acessibilidade (TRAVASSOS; MARTINS, 2004) e promoção da saúde (PEREIRA, 2010), entre outros que não estavam no referido banco de dados.

DESENVOLVIMENTO, AMBIENTE E SAÚDE

A partir da influência do campo da saúde, foram discutidos alguns textos importantes como os de Sivieri (1996), Moreira e Watanabe (2006) e Rigotto (2008). Principalmente os dois primeiros deram aporte a um dos projetos (PEREIRA, 2011c), enquanto os demais projetos (PEREIRA, 2013a; 2014a) tiveram como base outros textos que não foram apresentados em reuniões. Esta área ficou próxima ao item “Saúde coletiva e sua correlação entre desenvolvimento, ambiente e saúde”.

POLÍTICAS PÚBLICAS/ PROMOÇÃO DA SAÚDE

Os textos relacionados às políticas públicas foram principalmente relacionados às pesquisas desenvolvidas por Pereira (2010; 2011b). Muitas foram apresentadas oralmente não sendo possível fazer o resgate, mas dentre essas leituras foi realizada a de Mendes

(1999), para entender um pouco da história das políticas públicas de saúde; e a de Lucas (2003), em que foi resgatada a necessidade de uma série de políticas passíveis de serem implementadas em áreas de exclusão social.

Em relação à promoção da saúde, esta foi entendida como ideologia, como movimento social, mas também como impulsionadora de políticas públicas, que pelo menos no caso do Brasil, influenciou em várias políticas públicas de saúde (LALONDE, 1974; BRASIL, 1996; INDONÉSIA, 1997; MÉXICO, 2000; TAILÂNDIA, 2005; WHO, 2009; WHO, 2013). Estas foram trabalhadas em projetos a partir da perspectiva trabalhada por Pereira (2010) e Matos & Barcellos (2010) em dois projetos de pesquisa (PEREIRA, 2014c; 2015c). Estas áreas ficaram relacionadas ao item “Políticas públicas”.

MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA

Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático	(BAUER; GASKELL, 2002)
Mapas da geografia e cartografia temática	(MARTINELLI, 2003)
Análise de conteúdo	(FRANCO, 2005)
Praticando geografia: técnicas de campo e laboratório	(VENTURI, 2005)
Geoprocessamento sem complicações	(FITZ, 2008)
Introdução ao Arcview	(USP, 2010)
Hemeroteca: como fazer	(PEREIRA, 2011)
Geografia: práticas de campo, laboratório e sala de aula	(VENTURI, 2011)
Desafios e potencialidades do trabalho de campo nos cursos de Geografia nas Instituições de Ensino Superior na Paraíba (2012-2013/ PIVIC)	(PEREIRA, 2012b)
Conhecimento geográfico aplicado aos roteiros de campo em geografia da saúde no município de Campina Grande – PB e municípios circunvizinhos (2013-2014/ PIBIC)	(PEREIRA, 2013b)
Desafios e potencialidades do trabalho de campo nos cursos de Geografia em Instituições de Ensino Superior no Brasil	(PEREIRA, 2014b)
Conhecimento geográfico aplicado aos roteiros de campo em geografia da saúde no município de Campina Grande – PB (PEREIRA, 2015a) (2015-2016/ PIVIC)	

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessas várias influências, onde estaria o Pró-Saúde Geo na geografia da saúde brasileira e na pesquisa? Ela surge, por um lado, como um projeto de trabalho idealizado desde o período pós-mestrado (2001-2003); e, por outro, como fruto de um trabalho consolidado junto à UNESP em Presidente Prudente – SP no período do doutorado, ligado ao GASPERR inicialmente, e posteriormente ao CEMESPP, sob a orientação do Prof. Dr. Raul Borges Guimarães.

Em relação à pesquisa, é um grupo que busca trazer a relação entre saúde e geografia e assim executar pesquisas que respondam a necessidades regionais, da sociedade local e, até mesmo, a necessidades pessoais dos alunos que participam do grupo de pesquisa.

Vale salientar que as pesquisas tendenciaram para trabalhos relacionados à influência do pensamento geográfico sobre a saúde.

O conceito e o objeto de geografia da saúde ainda estão em construção. A contextualização apresentada no início deste artigo aponta para a importância de mantermos diálogos entre pesquisadores e grupos de pesquisa, entre os quais o Pro-Saúde Geo, que vem somando esforços para incentivar jovens pesquisadores no envolvimento dessa meta.

Os itens apontados na primeira parte deste trabalho estão diretamente relacionados aos itens desta segunda parte, ou seja, as influências durante toda a vida se refletiram nos temas discutidos e nas pesquisas executadas pelo grupo de pesquisa.

O grupo está carente de trabalhos que relacionem cidade, campo e saúde. Os projetos relacionados à violência no trânsito não chegaram a ter seus textos discutidos nas reuniões do grupo.

Na área de políticas públicas, muitos outros textos foram discutidos, porém não chegaram a ser apresentados em PowerPoint ou não foram levados às reuniões coletivas.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de Almeida. Pensando a cidade no Brasil do passado. *In*: SILVA, José Borzacchiello da; COSTA, Maria Clélia Lustosa; DANTAS, Eustógio Wanderley C. (Org.). **A cidade e o urbano**: temas para debates. Fortaleza – CE: Editora da UFC, 1997, 318p. p. 27-52.

ALESSI, Neiry Primo; NAVARRO, Vera Lúcia. Saúde e trabalho rural: o caso dos trabalhadores da cultura canavieira na região de Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 13, suplemento 2, p. 111-121, 1997. Disponível em: www.scielo.br/pdf/csp/v13s2/1368.pdf. Acesso em: 03 mar. 2017.

ANDRADE, M. E. B. Geografia Médica: origem e evolução. *In*: BARATA, Rita Barradas; BRECENO-LÉON (Org.). **Doenças endêmicas**: abordagens sociais, culturais e comportamentais. 1. ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2000, v.1, p. 151-166.

APOLINÁRIO, Otávia Karla dos Santos. **Urbanização e mudanças na paisagem do bairro da Prata na cidade de Campina Grande – PB**: uma análise de sua forma, função e estrutura. Campina Grande – PB: 2009. Monografia de Graduação (Curso de Geografia/ Universidade Estadual da Paraíba), 2009.

BARATA, Rita Barradas. **A historicidade do conceito de causa**. 2. ed. Rio de Janeiro, ENSP/ABRASCO, 1990 (Epidemiologia 1 Textos de apoio).

BARCELLOS, Christovam; SABROZA, Paulo Chagastelles. O lugar do caso: leptospirose e riscos associados a condições

ambientais durante o surto de 1996 na Zona Oeste do Rio de Janeiro. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 17, suplemento, p. 59-67, 2001. Disponível em www.scielo.br/pdf/csp/v17s0/3381.pdf. Acesso em: 19 fev. 2017.

BARROS, Nelson Filice. **A construção da medicina integrativa: um desafio para o campo da saúde**. São Paulo - SP: Hucitec, 2008, 311p.

BARROS, Nelson Filice; SIEGEL, Pamela; OTANI, Márcia Aparecida Padovan. **O ensino das Práticas Integrativas e Complementares: experiências e percepções**. São Paulo – SP: HUCITEC, 2011, 171p.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2002, 516p.

BITOUN, Jan. A política de saúde e as inovações na gestão local. **Cidadania, cidade é notícia**. Recife: ETAPAS, 2000, n. 4. abr./maio 2000.

BRASIL. **Cólera**. 3. ed. Brasília: Ministério da Saúde/ Secretaria de Vigilância Sanitária, 1991, 50p.

BRASIL. **Promoção da Saúde**: Carta de Ottawa, Declaração de Adelaide, Declaração de Sundsvall e Declaração de Bogotá. Brasília: FIOCRUZ/MS, 1996, 47p.

BRITO, Saturnino de. **Saneamento de João Pessoa**: esgotos sanitários. João Pessoa: Companhia de Águas e Esgotos do Nordeste – CAENE, 1968, 50p.

CAIRUS, Henrique Fortuna. Ares, águas e lugares. *In*: CAIRUS, Henrique Fortuna; RIBEIRO JÚNIOR, Wilson A. **Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença**. Rio de Janeiro – RJ: Fiocruz, 2005, p. 91-129.

CAMPOS, Hermenegildo Lopes de. **Climatologia médica do estado do Amazonas**. Manaus – AM: Associação Comercial do Amazonas – Fundo Editorial, 1988, 109p.

CAPRA, Fritjof. Holismo e saúde. *In*: CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. São Paulo: Editora Cultrix, 1982, 445p. p. 299-350.

CARCAVALLO, Rodolfo U.; CASAS, Susana Curto de. Some health impacts of Global Warming in South America: Vector-Borne Diseases. **Journal of Epidemiology**. v. 6, n. 4, p. 153-157, (suplement), dez. 1991.

CASTELLANOS, Pedro Luis. Epidemiologia, Saúde Pública, situação de saúde e condições de vida. Considerações conceituais. *In*: BARATA, Rita Barradas (Org.). **Condições de vida e situação de saúde**. Rio de Janeiro: ABRASCO, 1997.

CHALHOUB, Sidney; MARQUES, Vera Regina Beltrão; SAMPAIO, Gabriela dos Reis; GALVÃO SOBRINHO, Carlos Roberto (Org.). **Artes e ofícios de curar no Brasil**: capítulos de história social. Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 2003, 428p.

COSTA, André Monteiro. Agenda política em saneamento ambiental: desafios para o controle social. *In*: SANTOS JR., Orlando Alves dos; BRITTO, Ana Lúcia; PORTO, Hélio Ricardo Leite (Orgs.) **Políticas de saneamento ambiental**: inovações na perspectiva do controle social. Rio de Janeiro: FASE, 1998, 246p.

COSTA, Maria da Conceição Nascimento; TEIXEIRA, Maria da Glória Lima Cruz. A concepção de “espaço” na investigação epidemiológica. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 271-279, abr./jun., 1999. Disponível em: www.scielo.br/pdf/csp/v15n2/0312.pdf. Acesso em: 19 fev. 2017.

DUVAL, Guy. Salud y ambiente en el proceso de desarrollo. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 3, n. 2, p. 7-32, 1998. Disponível em: www.scielo.br/pdf/csc/v3n2/7147.pdf. Acesso em: 01 mar. 2017.

EDLER, F. C. De olho no Brasil: a geografia médica e a viagem de Alphonse Rendu. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. v. VIII (suplemento), p. 925-943, 2001.

FERREIRA, Luiz Otávio. Medicina impopular: ciência médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos (1830-1840). *In*: CHALHOU, Sidney; MARQUES, Vera Regina Beltrão; SAMPAIO, Gabriela dos Reis; GALVÃO SOBRINHO, Carlos Roberto (Org.) **Artes e ofícios de curar no Brasil**: capítulos de história social. Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 2003, 428p. p. 101-121.

FERREIRA, Marcelo Urbano. Epidemiologia e Geografia: o complexo patogênico de Max. Sorre. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 301-309, jul./set., 1991. Disponível em: www.scielo.br/pdf/csp/v7n3/v7n3a02.pdf. Acesso em: 19 fev. 2017.

FITZ, Paulo Roberto. **Geoprocessamento sem complicações**. São Paulo – SP: Oficina de textos, 2008, 160p.

FORATTINI, Oswaldo Paulo. **Ecologia, epidemiologia e sociedade**. São Paulo – SP: Artes médicas: Editora da Universidade de São Paulo, 1992, 464p.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 2. ed. Brasília – DF: Liber Livro Editora, 2005, 78p (Série Pesquisa).

GONDIM, Gracia Maria de Miranda. Do conceito de risco ao da precaução: entre determinismos e incertezas. *In*: FONSECA, Angélica Ferreira; CORBO, Anamaria D'Andrea (Org). **O território e o processo saúde-doença**. Rio de Janeiro: EPSJV/ Fiocruz, 2007, p. 87-119.

GONDIM, Gracia Maria de Miranda. Espaço e saúde: uma (inter)ação provável nos processos de adoecimento e morte em populações. *In*: MIRANDA, Ary Carvalho de; BARCELLOS, Christovam; MOREIRA, Josino Costa; MONKEN, Maurício (Org). **Território, Ambiente e Saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008, 272p. p. 57-75.

GUIMARÃES, Maria Regina Contrim. Chernoviz e os manuais de medicina popular no império. **História, ciências, saúde**. v. 12, n. 2, p. 501-504, maio-ago. 2005. Disponível em: www.scielo.br/pdf/hcsm/v12n2/16.pdf. Acesso em: 27 fev. 2017.

GUIMARÃES, Raul Borges; PICKENHAYN, Jorge Amancio; LIMA, Samuel do Carmo. **Geografia e saúde sem fronteiras**. Uberlândia, MG: Assis, 2014.

GUIMARÃES, Raul Borges. Regiões de saúde e escalas geográficas. **Caderno de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 21, n. 4, p. 1017-1025, jul./ago. 2005. Disponível em: www.scielo.br/pdf/csp/v21n4.pdf. Acesso em: 03 mar. 2017.

GUIMARÃES, Raul Borges. Saúde urbana: velho tema, novas questões. **Terra Livre**, São Paulo – SP, n. 17, p. 155-170, 2. Semestre de 2001. Disponível em: www.agb.org.br/files/TL_N17.pdf. Acesso em: 19 fev. 2017.

HELLER, Léo. Relação entre saúde e saneamento na perspectiva do desenvolvimento. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 3, n. 2, p. 73-84, 1998. Disponível em: www.scielo.b/pdf/csc/v3n2/7152.pdf. Acesso em: 27 fev. 2017.

HELLER, Léo. **Saneamento e saúde**. Brasília: OPAS/ OMS. 1997, 83p.

HYGEIA. Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde. Uberlândia. 2005. Disponível em: www.hygeia.ig.ufu.br/. Acesso em: 19 fev. 2017.

INDONESIA. **Declaración de Yakarta:** sobre lapromoción de laSalud em siglo XXI. Yakarta: WHO, 1997.

LALONDE, Marc. **A new perspective on the health of Canadians:** a working document. Ottawa: Minister of National Health and Welfare, 1974. Disponível em: www.phac-aspc.gc.ca/publications-eng.php. Acesso em: 27 jul. 2008.

LAURELL, Asa Cristina. La salud-enfermidad como processo social. **Revista Latinoamericana de Salud**, México, 2, 1982, p.7-25.

LIMA NETO, João Evangelista de Souza. Aspectos geográficos do dengue. **I Simpósio Nacional de Geografia da Saúde**, 2003, Presidente Prudente, Caderno de Resumos, Presidente Prudente, UNESP, 2003.

LIEBER, Renato Rocha; ROMANO-LIEBER, Nicolina Silvana. Risco, incerteza e as possibilidades de ação na saúde ambiental. **Revista Brasileira de Epidemiologia**. v. 6, n. 2, p. 121-134, 2003. Disponível em: [www.bvms.saude.gov.br/bvs/is_digital/is_0104\(1\)018.pdf](http://www.bvms.saude.gov.br/bvs/is_digital/is_0104(1)018.pdf). Acesso em: 03 mar. 2017.

LIEBER, Renato Rocha. **Teoria e metateoria da causalidade:** pensando os riscos ambientais no contexto da seca e seus aspectos culturais. Recife – PE: s.m. 1999 (mimeo).

LUCAS, Fabrício da Mata. **O lazer e as políticas públicas de combate à exclusão social em Presidente Prudente – SP:** o caso do lazer vivenciado pelo jovem de 14 a 19 anos em áreas de exclusão. Presidente Prudente – SP: 2003. Monografia (Graduação em Geografia/ Faculdade de Ciências e Tecnologia/ Universidade Estadual de São Paulo), 2003.

MANOEL, Valêncio. **O complexo patogênico da malária nas cidades de Benguela, Lobito e Comuna da Catumbela:** um estudo de geografia médica maxsoreana aplicada em Angola (1615-1940). São Paulo - SP: 2007. Tese (Doutorado) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, 261f., 2007.

Disponível em: www.livros01.livrosgratis.com.br/cp055776.pdf. Acesso em: 19 fev. 2017.

MARTINELLI, Marcello. **Mapas da Geografia e cartografia temática**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2003, 109p.

MATOS, Vanina; BARCELLOS, Christovam. Relações entre turismo e saúde: abordagens metodológicas e propostas de ação. **Revista Panamericana de Saúde Pública**. 2010, v. 28, n. 2, p. 128-134.

MENDES, Eugênio Vilaça (Org.). **Distrito Sanitário:** o processo social de mudança das práticas sanitárias do Sistema Único de Saúde. 4. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: HUCITEC; ABRASCO. 1999, 302p.

MENDONÇA, Francisco. **Clima e criminalidade:** ensaio analítico da correlação entre a temperatura do ar e a incidência de criminalidade urbana. Curitiba – PR: Ed. da UFPR, 2001, 182p.

MÉXICO. **Declaración Ministerial de México para la Promoción de la salud**. Ciudad de México: WHO, 2000, 2p.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Ratzel:** geografia. São Paulo – SP: Ática, 1990, 192p.

MOREIRA, Emília de Rodat Fernandes; PENHA, João Pereira da; SOUSA, Luciana Muniz de; PEREIRA, Martha Priscila Bezerra. Mercado público e risco à saúde. *In:* MOREIRA, Emília de Rodat Fernandes; WATANABE, Takako (Org). **Ambiente, trabalho e saúde**. João Pessoa: Ed. da UFPB, 2006, 231p. p. 201-231.

MOREIRA, Emília de Rodat Fernandes; WATANABE, Takako (Org). **Ambiente, trabalho e saúde**. João Pessoa: Ed. da UFPB, 2006, 231p.

NAJAR, Alberto Lopes; MARQUES, Eduardo Cesar. **Saúde e espaço**: estudos metodológicos e técnicas de análise. Rio de Janeiro – RJ: Editora Fiocruz, 1998, 276p.

PAULUS JÚNIOR, Aylton; CORDONI JÚNIOR, Luiz. Políticas públicas de saúde no Brasil. **Revista Espaço para a Saúde**, Londrina, v. 8, n. 1, p. 13-19, dez. 2006. Disponível em: www.ccs.uel.br/espacoparasaude. Acesso em: 10 fev. 2017.

PAVLOVSKY, Y. N. **Natural nidity of transmissible diseases**. Moscow: Academician Y. N. Pavlovsky, 196-, 229p.

PEITER, Paulo Cesar. **A Geografia da Saúde na faixa de fronteira continental do Brasil na passagem do milênio**. Rio de Janeiro – RJ: 2005. Tese (Instituto de Geociências/ Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro), 334f, 2005. Disponível em: www.retis.igeo.ufrj.br/wp-content/uploads/2011/07/2006-geografia-da-saude-na-faixa-PCP.pdf. Acesso em: 20 fev. 2017.

PEIXOTO, Afrânio. **Clima e saúde**. 2. ed. v. 129. São Paulo – SP: Ed. Nacional de Brasília, 1975, 144p.

PEREIRA, Martha Priscila Bezerra. **A arte do cuidar da saúde**: relação entre o morador e o ACS em Campina Grande – PB. Campina Grande: PIBIC/CNPq/UFCG, 2012, 20p. (Projeto de pesquisa).

PEREIRA, Martha Priscila Bezerra. **A geografia aplicada à observação das paisagens de risco**: uma análise da violência no trânsito em bairros de Campina Grande – PB. Campina Grande: PIBIC/CNPq/UFCG, 2014a, 18p. (Projeto de pesquisa).

PEREIRA, Martha Priscila Bezerra. **A geografia aplicada à observação das paisagens de risco**: uma análise da violência no trânsito de Campina Grande – PB. Campina Grande – PB: PIVIC/ UFCG, 2013a, 18p. (Projeto de pesquisa).

PEREIRA, Martha Priscila Bezerra. **Artes de curar na área de trabalho da Estratégia Saúde da Família em Campina Grande - PB**. Campina Grande: PIVIC/ UFCG, 2011a, 20p. (Projeto de pesquisa).

PEREIRA, Martha Priscila Bezerra; BARCELLOS, Christovam. O território no Programa Saúde da Família. **Hygeia**, v.2, n. 2, p. 47-55, jun. 2006. Disponível em: www.ufu.br/hygeia/index. Acesso em: 03 mar. 2017.

PEREIRA, Martha Priscila Bezerra. **Competências e práticas sociais do agente de saúde no município de Campina Grande – PB**. Campina Grande – PB: PIBIC/CNPq/UFCG, 2011b, 19p. (Projeto de pesquisa).

PEREIRA, Martha Priscila Bezerra. **Conhecimento geográfico aplicado aos roteiros de campo em Geografia da Saúde no município de Campina Grande – PB**. Campina Grande – PB: PIVIC/ UFCG, 2015b, 14p. (Projeto de pesquisa).

PEREIRA, Martha Priscila Bezerra. **Conhecimento geográfico aplicado aos roteiros de campo em Geografia da Saúde no município de Campina Grande – PB e municípios circunvizinhos**. Campina Grande – PB: PIBIC/CNPq/UFCG, 2013b, 19p. (Projeto de pesquisa).

PEREIRA, Martha Priscila Bezerra. **Conhecimento geográfico do agente de saúde no município de Campina Grande – PB**. Campina Grande – PB: PIBIC/CNPq/UFCG, 2010, 20p. (Projeto de pesquisa).

PEREIRA, Martha Priscila Bezerra. Conhecimento geográfico para a promoção da saúde. **Hygeia**, v. 6, n. 10, p. 77-88, jun. 2010. Disponível em: www.ufu.br/hygeia/index. Acesso em: 04 fev. 2017.

PEREIRA, Martha Priscila Bezerra. **Desafios e potencialidades do trabalho de campo nos cursos de Geografia em Institui-**

ções de Ensino Superior no Brasil. Campina Grande – PB: PIVIC/ UFCG, 2014b, 19p. (Projeto de pesquisa).

PEREIRA, Martha Priscila Bezerra. **Desafios e potencialidades do trabalho de campo nos cursos de Geografia das Instituições de Ensino Superior na Paraíba.** Campina Grande – PB: PIVIC/ UFCG, 2012b, 19p. (Projeto de pesquisa).

PEREIRA, Martha Priscila Bezerra. **Espacialização das práticas alternativas, complementares e integrativas em saúde no município de Campina Grande - PB.** Campina Grande – PB: PIVIC/ UFCG, 2015, 14p. (Projeto de pesquisa).

PEREIRA, Martha Priscila Bezerra. **Hemeroteca:** como fazer. Campina Grande: 2011 (Apresentação em ppt).

PEREIRA, Martha Priscila Bezerra. **Lugares turísticos como espaços da promoção da saúde:** estudo exploratório na mesorregião do agreste - PB. Campina Grande – PB: PIVIC/ UFCG, 2014c, 14p. (Projeto de pesquisa).

PEREIRA, Martha Priscila Bezerra. **Modificação na paisagem e qualidade de vida:** estudo de caso na Feira da Prata em Campina Grande – PB. Campina Grande – PB: PIVIC/ UFCG, 2011c, 19p. (Projeto de pesquisa).

PEREIRA, Martha Priscila Bezerra; MOREIRA, Emília de Rodat Fernandes. **Trajatória histórica do Mercado Joaquim Torres.** 58f, 1998. Iniciação Científica (PIBIC/CNPq/ UFPB) Departamento de Geociências, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 1998.

PEREIRA, Martha Priscila Bezerra. **Lugares turísticos como espaços da promoção da saúde:** avaliação de municípios no estado da Paraíba. Campina Grande – PB: PIBIC/CNPq/UFCG, 2015, 14p. (Projeto de pesquisa).

PESSOA, Samuel Barnsley. **Ensaio médico-sociais.** São Paulo: CEBES – HUCITEC, 1978, 380p.

PICKENHAYN, Jorge. **Transición epidemiológica em San Juan.** San Juan – AR: 200- (mimeo).

NUNES, Everardo Duarte. Saúde coletiva: história de uma ideia e de um conceito. Saúde e sociedade. v. 3, n. 2, p. 5-21, 1994. Disponível em: www.scielo.br/pdf/sausoc/v3n2.pdf. Acesso em: 27 fev. 2017.

RAMIRES, Júlio Cesar de Lima (Org.). **Geografia da Atenção à Saúde em Uberlândia.** Uberlândia – MG: Assis, 2009, 182p.

RIBEIRO, Eduardo Augusto Werneck. Entrevista com Helena Ribeiro: perspectivas dos pesquisadores da Geografia Médica e da Saúde no Brasil. **Hygeia**, v. 5, n. 8, p. 125-129. jun 2009a. Disponível em: www.seer.ufu.br/index.php/hygeia/issue/archive. Acesso em: 03 mar. 2017.

RIBEIRO, Eduardo Augusto Werneck. Geografias, técnicas e sua história: entrevista com Christovam Barcellos. **Hygeia**, v. 5, n. 9, p. 165-171. dez. 2009b. Disponível em: www.seer.ufu.br/index.php/hygeia/issue/archive. Acesso em: 03 mar. 2017.

RIBEIRO, Helena (Org.). **Olhares geográficos:** meio ambiente e saúde. São Paulo – SP: Ed. SENAC, 2005, 222p.

RIGOTTO, Raquel Maria; ALMEIDA, Vera Lúcia de. Capacitando profissionais em saúde, trabalho e meio ambiente. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 3, n. 2, p. 163-170, 1998. Disponível em: www.scielo.br/pdf/scc/v3n2/7160.pdf. Acesso em: 01 mar. 2017.

RIGOTTO, Raquel Maria. **Desenvolvimento, ambiente e saúde:** implicações da (des)localização industrial. Rio de Janeiro – RJ: Fiocruz, 2008, 426p.

ROJAS, Luisa Iñiguez. Geografía y salud: entre historias, realidades y utopias. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente – SP, n. 25, p. 9-28, 2003.

ROJAS, Luisa Iñiguez. Geografía y salud: temas y perspectivas em America Latina. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 701-711, out./dez. 1998. Disponível em: www.scielosp.org/pdf/csp/v14n4/0063. Acesso em: 19 fev. 2017.

SAMAJA, Juan. **A reprodução social e a saúde**. Salvador – BA: Casa da Qualidade Editora, 2000, 100p.

SILVA, Luiz Jacinto da. O conceito de espaço na epidemiologia das doenças infecciosas. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 585-593, out./dez. 1997. Disponível em: www.scielo.br/pdf/%0D/csp/v13n4/0143.pdf. Acesso em: 19 fev. 2017.

SILVA, Marcela de Souza. **Saneamento e suas repercussões para a saúde**: estudo de caso nas microáreas 04 e 20 do município de Gado Bravo – PB. 45f. Monografia (Graduação em Geografia) – Unidade Acadêmica de Geografia, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2014. Disponível em: www.prosaudegeo.com.br/tcc. Acesso em: 17 fev. 2017.

SIVIERI, Luiz Humberto. Saúde no trabalho e mapeamento dos riscos. **Saúde, Meio Ambiente e Condições de Trabalho**. São Paulo: CUT, 1996.

STERNBERG, Hilgard O'reilly. **Contribuição ao estudo da geografia**: I – O trabalho de campo na Geografia; II – O laboratório de Geografia e o equipamento didático. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde – Serviço de Documentação, 1946, p. 13-63.

TAILÂNDIA. **The Bangkok Charter for Health Promotion in a Globalized World**. Bangkok: WHO, 2005, 6p.

TAMBELLINI. Anamaria Testa; CÂMARA, Volney de Magalhães. A temática saúde e ambiente no processo de desenvolvimento do campo da saúde coletiva: aspectos históricos, conceituais e metodológicos. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 3, n. 2. p. 47-59, 1998. Disponível em: www.scielo.br/pdf/csc/v3n2/7150.pdf.

TAMBELLINI. Anamaria Testa. Notas provisórias sobre uma tentativa de pensar a saúde em suas relações com o ambiente. **Por uma rede de trabalho, saúde e modos de vida no Brasil**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, v. 2 (1-2), p. 12-16, 1996.

TESSER, Charles Dalcanale; LUZ, Madel Therezinha. Racionalidades médicas e integralidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 13, n. 1.

TRAVASSOS, Cláudia; MARTINS, Mônica. Uma revisão sobre os conceitos de acesso e utilização de serviços de saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, suplemento 2, p. S190-S198, 2004. Disponível em: www.scielo.br/pdf/csp/v20s2/14.pdf. Acesso em: 03 ma. 2017.

VAZ, Dirley dos Santos. Algumas considerações sobre a Geografia Médica e da Saúde, novas perspectivas para a Geografia Brasileira. **Hygeia**, v. 3, n. 6, p. 77-87, jun. 2008. Disponível em: www.ufu.br/hygeia/index. Acesso em: 03 mar. 2017.

VENTURI, Luis Antônio Bittar (Org.). **Geografia**: práticas de campo, laboratório e sala de aula. São Paulo – SP: Editora Sarandi, 2011, 528p.

VENTURI, Luis Antônio Bittar (Org.). **Praticando geografia**: técnicas de campo e de laboratório. São Paulo: Oficina de textos, 2005, 239p.

VIEITES, Renato Guedes; FREITAS, Inês Aguiar de. Pavlovsky e Sorre: duas importantes contribuições à Geografia Médica. **Ateliê geográfico**: revista eletrônica. Goiana – GO, v. 1, n. 2, p. 187-201, dez. 2007. Disponível em: www.revistas.ufg.br/atelie/article/view/3020/3059. Acesso em: 19 fev. 2017.

VITTE, Claudete de Castro Silva. A qualidade de vida urbana e sua dimensão subjetiva: uma contribuição ao debate sobre políticas públicas e sobre a cidade. *In*: VITTE, Claudete de Castro Silva; KEINERT, Tânia Margarete Mezzomo. **Qualidade de**

vida, planejamento e gestão urbana: discussões teórico-metodológicas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009, p. 21-67.

WHO. 7th Global Conference on Health Promotion. Kenia. World Health Organization. 2009. Disponível em: www.who.int/healthpromotion/conferences/7gchp/en/. Acesso em: 25 maio 2015.

WHO. 9th Global Conference on Health Promotion. Helsinki: World Health Organization. 2016. Disponível em: www.who.int/healthpromotion/conferences/9gchp/en/. Acesso em: 25 maio 2015.

CAPÍTULO 3

GRUPO DE PESQUISAS INTEGRADAS EM DESENVOLVIMENTO SOCIOTERRITORIAL: DESDE 2010 AJUDANDO A CONSTRUIR NOVOS SABERES PARA A GEOGRAFIA

XISTO SERAFIM DE SANTANA DE SOUZA JÚNIOR

INTRODUÇÃO

O Grupo de Pesquisas Integradas em Desenvolvimento Socioterritorial (GIDS) surgiu em 2010, sendo o primeiro do curso de Geografia da UFCG, câmpus de Campina Grande. O grupo possui como um dos principais objetivos a promoção de pesquisas integradas, respeitando-se a autonomia de cada membro.

No decorrer desses seis anos de existência, o grupo tem conseguido obter algumas conquistas a exemplo da obtenção do prêmio Jovem Cientista, conquistado por uma das integrantes do grupo, dos prêmios de Iniciação Científica e da aprovação de uma pesquisa financiada pelo CNPq, tendo como tema a produção do espaço turístico no estado da Paraíba.

O texto ora apresentado corresponde a um pequeno *release* sobre a história do grupo e relatos de experiências das principais pesquisas desenvolvidas por seus pesquisadores e estudantes. Antes, no entanto, realizamos um pequeno resgate sobre a situação dos grupos de pesquisas no Brasil e sua relação com a UFCG.

Para o desenvolvimento da análise sobre essa situação, recorreremos à análise do banco de dados do diretório de grupo de pesquisas do CNPq através do qual observamos que os registros dos últimos anos apontam para um aumento progressivo de grupo de pesquisas no Nordeste brasileiro, sendo a área de humanidades a que obteve um dos melhores indicadores desse ritmo de crescimento. Assim como ocorre na escala nacional, os cursos de Educação, Administração, Sociologia e Geografia se destacam como cursos com maior crescimento de grupos de pesquisas.

Em seguida, descrevemos um pouco sobre a trajetória do GIDS, dando ênfase ao pioneirismo que caracterizou o seu surgimento, o qual está respaldado nas diversas atividades desenvolvidas pelos seus membros (pesquisadores e estudantes). Além disso, a redação do item nos possibilitou deixar registrada a origem do perfil do grupo ao evidenciar que este corresponde a uma experiência positiva obtida pelo líder do grupo durante o vínculo no Programa de Educação Tutorial (PET) e no Grupo de Pesquisas Produção do Espaço e Desenvolvimento Regional (GASPERR).

Finalmente, realizamos uma pequena descrição das atividades cotidianas do grupo evidenciando os tipos de atividades e os principais resultados obtidos por pesquisadores e estudantes do grupo.

Ao redigirmos este texto, nos preocupamos em enfatizar a importância estruturante dos grupos de pesquisas na qualificação profissional, evidenciando como exemplo as experiências obtidas

pelos membros do GIDS ao longo desses seis anos de existência. Constitui-se, portanto, em um texto descritivo e analítico pautado na ênfase à contextualização dos eventos que compreenderam as três abordagens citadas anteriormente.

A IMPORTÂNCIA DE GRUPOS DE PESQUISA NA QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL

A formação de grupos de pesquisas consiste em uma das principais estratégias adotadas historicamente pelos professores, especialmente os vinculados a universidades públicas federais e estaduais, com o objetivo de propor uma qualificação diferenciada ao corpo discente ao mesmo tempo em que proporciona a otimização de investigações científicas e técnicas.

De acordo com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), um grupo de pesquisas é definido como “um conjunto de indivíduos organizados hierarquicamente em torno de uma ou, eventualmente, duas lideranças” (CNPQ, 2016). Aprofundando essa definição, a classificação de um grupo relaciona-se ao entendimento sobre a sua estrutura (participação de pesquisadores, estudantes e funcionários) organizada em torno da execução de linhas de pesquisa fundamentadas na experiência e na competência técnico-científica.

Fazendo-se uma análise dessa definição, pode-se relacionar a eficiência de um grupo relacionada ao desenvolvimento de quatro características:

- a) **Fundamento organizador de hierarquia** – corresponde à principal característica da estrutura funcional do grupo por ter como princípio o respeito hierárquico tanto no viés

horizontal (entendimento de que todos os membros são iguais no grupo) quanto no vertical (relação entre diferenças de experiências, especialmente no que se refere ao perfil do líder no campo científico e tecnológico);

- b) **Envolvimento profissional** – corresponde ao engajamento dos membros na atividade do grupo, respeitando-se, neste contexto, o perfil e a função de cada segmento que compõe o grupo: os pesquisadores, os técnicos e os estudantes.
- c) **Trabalho integrado** – consiste no entendimento de que a atuação no grupo consolida-se a partir do envolvimento mútuo dos seus integrantes; e
- d) **Sociabilidade** – o envolvimento dos membros pauta-se no compartilhamento dos equipamentos e das instalações.

No caso do Brasil, ao longo destas últimas décadas (2000-2014), têm-se evidenciado um crescimento de grupos de pesquisas em diferentes áreas do conhecimento, assim como uma intensificação da sua constituição em regiões nas quais o desenvolvimento científico ainda se encontra em condições de amadurecimento (CNPQ, 2016).

TABELA 1 – DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS DE PESQUISAS POR REGIÃO (2000-2010)

	2000		2010		2014	
	N. GRUPOS	%	N. GRUPOS	%	N. GRUPOS	%
Sudeste	6733	57,3	12877	46,9	15549	43,9
Sul	2317	19,7	6204	22,5	7938	22,4
Nordeste	1720	14,6	5044	18,3	7215	20,4
Centro-Oeste	636	5,4	1965	7,1	2654	7,5
Norte	354	3,0	1433	5,2	2068	5,8
Total	11760	100	27523	100	35424	100

Fonte: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp/por-regiao2>

GRÁFICO 1 - PERCENTUAL DE DISTRIBUIÇÃO DE GRUPOS DE PESQUISAS POR UNIDADES FEDERATIVAS

SP	6359	BA	1330	DF	614	MT	417	PI	247	AC	56
RJ	3313	SC	1263	PA	582	RN	416	MA	232	AP	43
MG	2848	PE	936	MS	485	ES	357	TO	171		
RS	2677	PB	662	GO	449	AL	303	RO	80		
PR	2264	CE	656	AM	428	SE	262	RR	73		

Fonte: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp>

O aumento de grupos está relacionado às políticas de expansão do ensino superior, especialmente no que se refere à interiorização ocorrida no início do século XXI. Contudo, ao acessar o banco de dados do CNPq, chama a atenção o crescimento (76,90%) da área de humanas ao longo do período 2010-2014, passando de 1711 para 7408 grupos (Tabela 2), perdendo apenas para a área de sociais aplicadas em termos de índice de crescimento.

O crescimento da quantidade de grupos na área de ciências humanas se deve ao aumento de grupos nas áreas de geografia (64,86%), direito (55,03%) e administração (53,37%), que, ao longo dos últimos anos (2010-2014), superaram os 50% de crescimento de grupos (Tabela 3).

TABELA 2 – CRESCIMENTO DOS GRUPOS DE PESQUISAS POR ÁREA DE CONHECIMENTO – 2000 A 2014

ÁREA	2010	ÁREA	2014	% CRESC.
1 Ciências da Saúde	1832	Ciências Humanas	7408	76,90
2 Engs. e Computação	1826	Ciências da Saúde	5609	67,33
3 C. Exatas e da Terra	1812	Soc. Aplicadas	4841	80,78
4 C. Biológicas	1720	Engs. e Computação	4676	60,90
5 Ciências Humanas	1711	Ciências Biológicas	3650	52,87
6 Ciências Agrárias	1352	C. Exatas e da Terra	3494	48,10
7 Soc. Aplicadas	930	Ciências Agrárias	3292	58,93
8 Ling., Letras e Artes	577	Ling., Letras e Artes	2454	76,48

Fonte: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp>

TABELA 3 – CRESCIMENTO DOS GRUPOS DE PESQUISAS NA ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANAS – CURSOS MAIS BEM POSICIONADOS

CURSOS	2010	CURSOS	2014	CRESCIMENTO PERCENTUAL 2010-2014
1 Educação	2236	Educação	3219	Geografia 64,86
2 Direito	776	Direito	1203	Direito 55,03
3 Administ.	757	Administ.	1161	Administ. 53,37
4 História	690	História	838	Educação 43,96
5 Sociologia	470	Sociologia	621	Filosofia 37,27
6 Economia	421	Filosofia	523	Sociologia 32,13
7 Filosofia	381	Geografia	516	Antrop. 26,99
8 Geografia	313	Economia	510	Serv. Social 25,88
9 Antrop.	289	Antrop.	367	História 21,45
10 Serv. Social	228	Serv. Social	287	Economia 21,14

Fonte: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp>

O GIDS nasce justamente em meio a esse contexto de expansão dos grupos de pesquisas tanto no que se refere à área de humanidades como no que diz respeito ao curso de Geografia, sendo o primeiro grupo de pesquisas a ser criado no âmbito da Unidade Acadêmica de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande. Nasce constituído por uma equipe de docentes vinculados ao curso de Geografia da UFCG, tendo como principal meta o desenvolvimento de pesquisas sobre a produção do espaço urbano de Campina Grande e o desenvolvimento regional.

O entendimento da estruturação do grupo tem seus argumentos pautados no fato de este proporcionar melhorias na qualificação do corpo discente e dos próprios professores na medida em que serve como elemento impulsionador para o desenvolvimento de pesquisas.

Apesar de estar em 39º lugar no ranking de grupos de pesquisas no Brasil e no 9º lugar no ranking das dez melhores ins-

tituições nordestinas classificadas neste ranking, a UFCG teve o segundo maior crescimento (44,04%) de grupos de pesquisas entre 2010-2014, passando de 168 grupos em 2010 para 242 grupos de pesquisas em 2014 (CNPQ, 2016).

A área de humanas possui 28,09% (68) grupos de pesquisas distribuídos em 14 cursos, entre os quais os cursos de Educação (16), Administração (11) e Sociologia (08) correspondem, juntos, a 51,47% do total de grupos de pesquisas da UFCG na área de ciências humanas. Tais dados correspondem à tendência nacional se considerarmos que, do total de grupos de pesquisas destacados no ranking nacional, esses três cursos possuem juntos um total de 59,09%, conforme já observado na Tabela 3.

Merece igualmente destaque o número de grupos de pesquisas na área de geografia (8,82%), tendo em vista o fato de que se trata de um curso novo de licenciatura, mas que busca enfatizar o desenvolvimento de pesquisas.

Atualmente, fazendo-se um levantamento do quantitativo de grupos de pesquisa do Nordeste brasileiro na área de geografia, tem-se um registro de 160 grupos de pesquisas devidamente cadastrados e certificados pelo Diretório de Grupos de Pesquisa em Geografia, tendo como líderes professores-doutores. Destes, 28 estão localizados em Universidades ou Institutos Federais do estado da Bahia, 25 na Paraíba e 23 em Alagoas. Destaca-se a posição do estado da Paraíba no ranking de grupos de pesquisa na região e, dentro do contexto estadual, a posição da UFCG que, ao longo dos últimos anos, tem aumentado expressivamente, chegando a superar o quantitativo do curso de Geografia da UFPB, no que se refere aos critérios adotados: o líder ter doutorado e estar devidamente certificado.

UM BREVE HISTÓRICO DA FORMAÇÃO DO GIDS E SUAS PRINCIPAIS ATIVIDADES

A ideia de se criar um grupo de pesquisa no curso de Geografia emerge em consonância com os objetivos propostos no Projeto Pedagógico do Curso de Geografia da Unidade Acadêmica de Geografia (UAG/CH/UFCG) e as finalidades apresentadas pelo Estatuto da Universidade Federal de Campina Grande e pela própria legislação federal que rege as diretrizes básicas do ensino superior, a exemplo da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, associada aos interesses dos docentes do curso em investir no processo de formação ampla e qualificada dos graduandos a partir do desenvolvimento de pesquisas acadêmico-científicas (UAHG, 2010).

Apesar de jovem,⁹ o curso de licenciatura plena em Geografia surge de um esforço mútuo entre os dirigentes da UFCG e um grupo de docentes que corroboram os objetivos do Ministério da Educação em reconhecer o papel das Universidades Federais na promoção do desenvolvimento econômico e social do Brasil (UAHG, 2010), sendo vinculado ao Centro de Humanidades através da Unidade Acadêmica de História e Geografia.

O curso conta, na atualidade (julho de 2016), com um quadro de docentes composto principalmente por recém-doutores (12 doutores e 02 mestres) com experiência em diversos campos da pesquisa acadêmico-científica, dispostos a contribuir com a formação de profissionais aptos tanto para o exercício do magistério, prioridade do curso, como para o desenvolvimento de pesquisas científicas.

⁹ O curso de Geografia foi criado pela Resolução nº 01/2009, da UFCG, em adesão ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI).

Foi diante desse quadro de referências que os professores do curso de Geografia resolveram se reunir e propor, a partir de um parecer favorável dos colegas membros do Conselho da então Unidade Acadêmica de História e Geografia (UAHG), a formação de um grupo de pesquisa que tivesse mobilidade suficiente para desenvolver estudos científicos em diferentes setores do conhecimento geográfico e das ciências afins, a partir de uma futura adesão de colegas de outros campos de formação acadêmica.

A formação desse grupo emerge em um momento importante para o curso, para a Unidade Acadêmica de Geografia, ainda em processo de consolidação, e para os docentes e discentes do grupo.

A importância da consolidação do grupo para o curso de Geografia justifica-se pelo fato de possibilitar a adesão progressiva de alunos, tanto da Geografia como de outros campos do conhecimento científico, interessados em ingressar na vida científica a partir da possibilidade de participação em pesquisas de iniciação científica no sentido de obter, assim, uma formação ampla para ingresso na vida profissional.

Para a então UAHG, a instituição do primeiro grupo de pesquisas no curso de Geografia caracteriza-se como importante na medida em que poderá contar com pesquisas desenvolvidas por profissionais experientes em suas linhas de pesquisa e com intenção de desenvolver atividades relacionadas aos fenômenos a elas inerentes.

Para os docentes que se propuseram a contribuir com a consolidação do grupo, a sua aprovação foi fundamental uma vez que a maior parte dos membros era de recém-doutores, motivados a desenvolver pesquisas científicas.

Dos quatorze professores que compõem o quadro atual de docentes do curso, seis aceitaram participar da criação do grupo,

dos quais quatro permanecem ainda vinculados a ele: Prof. Dr. Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior (líder), Prof.^a Dr.^a Martha Priscila Bezerra Pereira, Prof.^a Dr.^a Débora Coelho Moura, Prof.^a Ma. Aline Barboza de Lima.

Desde 2013, o grupo passou a ter professores externos como colaboradores: Prof. Dr. Oscar Gabriel Benitz Gonzales (México), Ana Cecília Feitosa de Vasconcelos (UAAD/UFCG) e Ricardo Schmidt Filho (UAECON/UFCG).

A opção pelo nome do grupo – Grupo de Pesquisas Integradas em Desenvolvimento Socioterritorial – está fundamentada no fato de os pesquisadores envolvidos desenvolverem pesquisas em áreas específicas. Tal fato influenciou a definição das linhas de pesquisas voltadas para o desenvolvimento de estudos em setores específicos do conhecimento geográfico (Tabela 4), mas com objetivos voltados para a realização de análises integradas.

TABELA 04 – LINHAS DE PESQUISAS DO GIDS

LINHAS DE PESQUISA	DE DOCENTES
Produção do espaço e desenvolvimento regional	7
Geografia da saúde e questões metodológicas	2
Agroecologia, campesinato e desenvolvimento sustentável	1
Monitoramento e sustentabilidade ambiental	1
Estudos ambientais e conservação da caatinga	1

Fonte: www.gidsufcg.com.br

O grupo surge com o objetivo de promover ações integradas voltadas para o desenvolvimento socioterritorial em escalas local, regional e nacional.

A metodologia de trabalho consiste na autonomia dos membros no desenvolvimento das atividades de suas respectivas linhas

de pesquisas. Tal opção remete ao desafio de se desenvolver uma estratégia de promoção de integração entre os objetos pesquisados, uma vez que as pesquisas ainda se materializam de forma fragmentada. Para superar esses desafios, os pesquisadores do grupo iniciaram reuniões voltadas para definir uma pesquisa a ser desenvolvida pelos membros do grupo, tendo por ênfase a reestruturação do espaço urbano de Campina Grande.

UM POUCO SOBRE A HISTÓRIA DO GIDS

O Grupo de Pesquisas Integradas em Desenvolvimento Socioterritorial foi formado no ano de 2010, sendo o primeiro grupo de pesquisas do curso de Geografia da então Unidade Acadêmica de História e Geografia (UAHG). Em 2011, com o desmembramento dos cursos de História e Geografia (criação da UAHIS e da UAG), o GIDS passou a fazer parte da UAG, sendo o grupo com maior número de professores participantes, apesar das dificuldades relacionadas ao local de realização das reuniões, que ocorriam em uma sala de aproximadamente 3 metros quadrados, sem as devidas condições de realização.

FIGURAS 1 E 2: PRIMEIRA SALA DE FUNCIONAMENTO DO GIDS - SALA DOS PROFESSORES DA UAG.



MOURA, 2010.

Ainda em 2011, o GIDS teve o seu primeiro grande resultado: a obtenção do terceiro lugar no prêmio Jovem Cientista, obtido pela estudante Sâmara Santos, sob orientação do Prof. Dr. Xisto Souza Júnior a partir da análise da dinâmica urbana a partir da perspectiva da espacialização da violência urbana (SANTOS, 2012). Com a premiação, o grupo conseguiu a aquisição de um computador e de uma impressora que passaram a ser utilizados pelos estudantes de iniciação científica vinculados ao grupo. Ao término do ano, em parceria com o Grupo de Pesquisas em Geografia para Promoção da Saúde (PROSAÚDE-GEO), o GIDS conseguiu uma nova sala com três ambientes. O novo espaço possibilitou um melhor envolvimento dos estudantes e pesquisadores, fornecendo o ambiente adequado para as reuniões e o desenvolvimento das pesquisas (Figuras 3 a 8).

FIGURAS 3 A 8: NOVO AMBIENTE DE PESQUISA DO GIDS EM PARCERIA COM O PROSAÚDE-GEO



(PEREIRA, 2012-2013)

Em 2012, houve uma reestruturação do grupo com a saída de alguns pesquisadores e a chegada de novos membros. As pesquisas, no período (2011-2012), continuaram a enfatizar a questão da insegurança urbana, cujo resultado conferiu o primeiro lugar no Congresso de Iniciação Científica da UFCG.

Entre 2011 e 2013, foram adquiridos novos equipamentos para auxiliar no desenvolvimento das atividades do grupo, entre os quais se destaca a aquisição de computadores, mesas e tela de projeção, conquistas importantes se considerarmos a inexistência de um programa de pós-graduação *stricto sensu*.

Entre 2012 e 2014, foram desenvolvidas pesquisas voltadas para a análise da reestruturação urbana a partir dos processos de concentração e desconcentração socioespacial. Em 2013, o grupo conseguiu uma nova conquista: aprovação de uma pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), abordando o tema produção do espaço pela atividade do turismo. A aprovação desse projeto direcionou o grupo para o desenvolvimento de pesquisas relacionadas à produção do espaço turístico em diferentes escalas.

A partir de 2015, o GIDS passou a contar com a colaboração de mais três pesquisadores, dos quais dois são economistas e um pesquisador na área de administração. Com a inclusão desses colegas, existe a perspectiva do desenvolvimento de pesquisas verdadeiramente integradas, abordando tanto a escala local como a dinâmica regional.

MAIS DO QUE UM GRUPO CIENTÍFICO

Uma das principais características do GIDS é promover um ambiente saudável, no qual os seus membros possam compartilhar momentos de interação e desconcentração. O funcionamento do GIDS é uma mescla entre o perfil de um Programa de Educação Tutorial (PET) e do Grupo de Pesquisas Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GASPERR) da UNESP de Presidente Prudente-SP.

O PET e o GASPERR fizeram parte da formação profissional do líder do GIDS, que buscou incorporar neste grupo as principais características desenvolvidas em um ambiente PET com o rigor acadêmico valorizado no ambiente do GASPERR. Assim sendo, além de buscar meios para que os alunos desenvolvam laços afetivos com o ambiente físico do GIDS, desenvolvendo importantes interações sociais no dia a dia, os pesquisadores do grupo buscam criar laços externos aos muros da universidade desenvolvendo interações como as confraternizações de final de ano e a comemoração que marca o reinício das atividades do grupo no começo de cada período.

Ao longo do ano, os estudantes vinculados ao GIDS participam de diversas atividades permanentes e atividades temporárias

(Quadro 1). Entre as atividades permanentes, destacam-se as reuniões da linha de estudo sobre o espaço urbano (GEBURB), através da qual debatemos semanalmente sobre a cidade e o urbano a partir da leitura de alguns clássicos da literatura sobre o urbanismo, a geografia e a sociologia, a partir do aprofundamento da análise das obras dos autores que se apresentam como referência nessas áreas, a exemplo de Le Courbosier, Manuel Castells, Henri Lefebvre, David Harvey, Mark Gottdiener, Milton Santos, entre outros. Entre as atividades temporárias, merece destaque a oferta de minicursos de qualificação profissional, palestras, debates, documentários ou reuniões de planejamento e de avaliação das atividades do grupo para o período em curso. As reuniões (permanentes ou temporárias) são presididas pelo coordenador da linha de pesquisa, podendo o mesmo delegar para outro pesquisador ou estudante vinculado ao grupo com o envio prévio da pauta por e-mail.

QUADRO 1: ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELO GIDS ENTRE 2010 E 2019

Continua...

MINICURSOS	
2010	
Elaboração de hemeroteca	15 horas
Pesquisa qualitativa aplicada à Geografia	15 horas
Elaboração de maquete com o uso de Idofluan	20 horas
2011	
Análise do discurso	15 horas
Entrevista com grupo focal	20 horas
Técnicas de pesquisa na internet	08 horas
2012-2013	
Elaboração de hemeroteca	20 horas
Pesquisa qualitativa aplicada à Geografia	15 horas
Elaboração de maquete com o uso de Idofluan	20 horas

Continuação

2014-2015	
Pesquisa no banco de dados do IBGE	20 horas
Estatística aplicada aos estudos geográficos	15 horas
2016 - 2019	
Introdução ao uso do CorelDraw	20 horas
Elaboração de sites com o uso da plataforma WIX	10 horas
Pesquisa qualitativa em Geografia	30 horas
REUNIÕES DE DEBATES	
2012	
Análise da obra <i>Direito à cidade</i> (Henri Lefebvre)	60 horas
2013	
Análise da obra <i>Teoria das cidades</i> (Bárbara Freytag)	20 horas
2014-2015	
Teorias do turismo	30 horas
A imagem da cidade	20 horas
2015-2016	
A questão urbana: debate do texto de Manuel Castells	30 horas
Análise da obra <i>Direito à cidade</i>	20 horas
2017-2019	
Cidades do Amanhã	20 horas
Pesquisa qualitativa em Geografia	30 horas
Pesquisas desenvolvidas com financiamento	
2013-2016	
O conhecimento geográfico na promoção do turismo como alternativa de desenvolvimento para o estado da Paraíba	
2019- : Uma contribuição geográfica para consolidação do turismo como alternativa de desenvolvimento da região geográfica de Campina Grande	

Fonte: Elaborado por Souza Júnior (2019)

Atividades desenvolvidas no Grupo: o caso do GEDURB

Conforme já mencionado anteriormente, os coordenadores das linhas de pesquisas têm autonomia para o desenvolvimento

de suas atividades. No caso do GEDURB, linha de pesquisa que coordenamos, as atividades são variadas sendo algumas exclusivas para os membros do GIDS e do PROSAÚDE-GEO (grupos que compartilham o mesmo ambiente físico); e outras para outros segmentos da universidade e da sociedade. Entre as diversas atividades, podemos destacar:

i) Elaboração de atividades para divulgação do grupo

A continuidade do grupo depende sempre do engajamento de seus membros, especialmente dos estudantes. Pensando nisso, a cada início de semestre, um grupo de estudantes fica na responsabilidade de desenvolver atividades voltadas para a divulgação do grupo aos ingressantes no curso, a exemplo do **InfoGIDS** (jornalzinho do grupo publicado trimestralmente) e do **fôlder**.

ii) Reuniões de estudos e de capacitação

Um dos principais desafios para o funcionamento do grupo está relacionado à continuidade das atividades de capacitação do corpo docente. No caso específico dos membros vinculados à linha de pesquisa GEDURB, as atividades são tanto de estudo como de pesquisas alternadas semanalmente. Para as atividades de estudos, os discentes definem as principais demandas relacionadas ao objeto de atuação do GIDS, sendo formulados debates específicos de acordo com a demanda. Já no que se refere à pesquisa, existe sempre uma orientação para que os debates girem em torno das pesquisas desenvolvidas no âmbito da IC (Iniciação Científica), coordenada pelos pesquisadores do GIDS e das pesquisas realizadas com financiamento e apoio de outras instâncias do Governo Federal.

iii) Organização de eventos científicos

Além das atividades de estudo e pesquisa, os membros do GEDURB/GIDS já participaram da organização de cinco eventos científicos: a) Segundo Encontro Paraibano de Geógrafos; b) I e II Encontro de Grupos de Pesquisas; e c) I e II Mostra de Geografia da Saúde. A participação na comissão organizadora de tais eventos possibilitou um melhor amadurecimento dos estudantes, especialmente no que se refere ao estabelecimento de contatos prévios com os membros da banca associada e à realização de atividades necessárias à consolidação de um profissional com perfil ético. Para 2017, o grupo retomou a proposta do encontro de grupos, reconfigurando-o como congresso – Congresso Regional de Grupos de Pesquisas em Geografia (CREPESG).

iv) Site do grupo

Desde 2012, o grupo possui uma página exclusiva na web (<http://www.gidsufcg.com.br>). Este espaço é importante por proporcionar uma melhor divulgação das atividades do grupo, especialmente no que se refere a uma aproximação com estudantes e pesquisadores de outros grupos de pesquisa.

PESQUISAS DESENVOLVIDAS PELO GIDS

INICIAÇÃO CIENTÍFICA ENTRE 2010 E 2019

Conforme já mencionado, o GIDS iniciou suas atividades se deparando com um grande desafio: conseguir um espaço físico

que pudesse servir de referência para a realização de reuniões e pesquisas, uma vez que o ambiente inicial era um espaço impróprio para as atividades de pesquisa, extensão e estudos. Com a aquisição do novo ambiente, as pesquisas começaram a fluir de forma mais tranquila entre os coordenadores das linhas de pesquisa do grupo. As pesquisas desenvolvidas pelo GIDS são estruturadas em cinco linhas: a) Produção do espaço e desenvolvimento regional; b) Metodologia da pesquisa em Geografia; c) Agroecologia, campesinato e desenvolvimento socioterritorial; d) Ensino de Geografia, cidadania e desenvolvimento sustentável; e) Estudos ambientais e conservação da caatinga; e f) monitoramento e sustentabilidade ambiental, agroecologia, campesinato e desenvolvimento socioterritorial.

Em consideração à autonomia garantida aos docentes do grupo, consideraremos a seguir apenas uma síntese das pesquisas desenvolvidas no âmbito da linha de pesquisa Produção do Espaço e Desenvolvimento Regional (GEDURB), na qual atuamos como líder (Tabela 05).

Ao longo dos nove anos iniciais, os estudantes e pesquisadores do GIDS desenvolveram pesquisas sobre a produção do espaço urbano e regional, abordando tanto questões na escala intraurbana, a exemplo da análise da violência no câmpus da UFCG, como questões na escala regional, a exemplo da produção do espaço turístico no estado da Paraíba e em regiões de influência.

Nas primeiras pesquisas desenvolvidas entre 2010-2011, foi realizado um mapeamento da violência no espaço urbano de Campina Grande, através do qual se constatou a superposição de casos de violência em alguns bairros da cidade, entre os quais se destacaram o centro e Bodocongó, tendo sido observado o reflexo dos eventos de violência em espaços públicos.

Entre 2012-2013, as pesquisas desenvolvidas pelos estudantes e o próprio debate do grupo foram direcionados para análise da produção do espaço urbano, tendo como ênfase o papel do centro na reestruturação do espaço urbano da cidade, assim como a influência do turismo neste processo e a influência do bairro de José Pinheiro na dinâmica urbana da cidade (Tabela 5). Esse tema, aliás, foi selecionado como eixo central para as pesquisas desenvolvidas nos anos seguintes, com destaque para o turismo, conforme observado nas pesquisas desenvolvidas entre os anos de 2013-2014 na abordagem do turismo cultural na região do Seridó; entre 2014-2015, na análise da produção do espaço turístico do estado da Paraíba, com ênfase na participação de João Pessoa e Campina Grande nesse processo. A opção do turismo se deu em decorrência da aprovação de um projeto junto ao CNPq através do qual se analisou a produção do espaço turístico no estado da Paraíba (Tabela 6).

Entre os anos de 2015-2016, o turismo foi selecionado como um dos principais temas analisados pelo grupo, a partir da pesquisa sobre a implantação do sistema Jardineiras como alternativa para a produção do espaço turístico da cidade. Esse período, no entanto, marca o retorno da análise da questão urbana, sendo trabalhados temas relacionados à moradia e à produção da imagem da cidade. No período 2016-2017, foram desenvolvidas pesquisas analisando a influência dos movimentos e ativismos de bairros na produção do espaço urbano de Campina Grande, sendo este o eixo central pensado para as futuras pesquisas a serem desenvolvidas no próximo triênio (Tabela 7).

Nos anos de 2017-2018, as pesquisas enfatizaram as apropriações de espaços públicos tendo como recorte territorial a Praça

da Bandeira e o Parque da Criança. Atualmente (2018-2019), as pesquisas convergem para a retomada de temas anteriormente desenvolvidos de forma a atualizar o banco de dados, a exemplo da sensação de insegurança na cidade de Campina Grande e no âmbito do Câmpus I da UFCG e a influência da feira-livre na identidade do campinense (Tabela 8).

TABELA 5 - PESQUISAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA (2010-2019)

Continua...

LINHA DE PESQUISA PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL	
2010-2011	
TÍTULO	Mapeamento da violência urbana em Campina Grande-PB: tendências e desafios
TIPO DE IC	PIBIC
ESTUDANTE	Sâmara Iris de Lima Santos
LOCAL	Campina Grande
OBJETIVO	Elaborar um mapa da distribuição espacial da violência urbana em Campina Grande identificando as áreas de risco acentuado, intermediário e fraco.
RESULTADOS	Ao término, pode-se perceber que existe uma superposição de casos de violência em alguns bairros da cidade, entre os quais se destacaram o Centro e Bodocongó. À guisa de conclusão, percebeu-se a existência de uma relação direta entre o uso dos espaços e as práticas de violência, dos quais se destacam os espaços de uso público.
TÍTULO	Entre o público e o privado: uma análise sobre as privações do uso de espaços públicos a partir das práticas de violência na Cidade de Campina Grande-PB
TIPO DE IC	PIVIC
ESTUDANTE	Dennis Claudio Ferreira
LOCAL	Campina Grande
OBJETIVO	Identificar as privações no uso de espaços públicos em Campina Grande decorrentes das práticas de violência.
RESULTADOS	Pode-se perceber, através da pesquisa, uma superposição de casos de violência nos espaços públicos centrais da cidade e a redução do uso desses espaços públicos decorrente da sensação de insegurança produzida pelas práticas de violência.

2011-12	
TÍTULO	A influência da violência urbana nas redefinições do uso dos espaços públicos de Campina Grande – PB
TIPO DE IC	PIBIC
ESTUDANTE	Sâmara Iris de Lima Santos
LOCAL	Praças centrais de Campina Grande
OBJETIVO	Analisar os efeitos da violência urbana na redução do uso dos espaços públicos de Campina Grande-PB.
RESULTADOS	Percebeu-se a interferência da violência e o medo no uso, principalmente, da Praça da Bandeira localizada no centro da cidade.
2012-13	
TÍTULO	O processo de desconcentração urbana em Campina Grande e sua influência na reestruturação espacial
TIPO DE IC	PIBIC
ESTUDANTE	Laís Rodrigues de Brito
LOCAL	Campina Grande
OBJETIVO	Classificar e analisar os tipos de centralidade e suas influências na estruturação do espaço urbano de Campina Grande.
RESULTADOS	Constataram-se múltiplas centralidades em Campina Grande em setores como comércio, educação, saúde, moradia e lazer, principalmente as três primeiras, cujo processo tem sido responsável pelo surgimento de áreas especializadas em tais serviços no espaço urbano de Campina Grande, fato este que vem redefinindo a configuração espacial da cidade.
TÍTULO	Uma análise sobre obstáculos e potencialidades no uso do turismo como alternativa econômica para Campina Grande
TIPO DE IC	PIVIC
ESTUDANTE	Jordânia Alyne Santos Marques
LOCAL	Campina Grande
OBJETIVO	Analisar os obstáculos e as potencialidades da criação de espaços turísticos em Campina Grande.
RESULTADOS	A cidade de Campina Grande, embora disponha de um grande potencial turístico, ainda carece de ações mais efetivas no que se refere à estruturação do seu espaço turístico, de tal forma a contribuir com a redução do estigma de que o turismo no Nordeste está restrito à tríade “sol, praia e mar”.

Fonte: GIDS, mar. 2019. Elaborado por Souza Júnior, 2019.

TABELA 6 - PESQUISAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA (2010-2019)

Continua...

LINHA DE PESQUISAS PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL	
2013-2014	
TÍTULO	Análise geográfica da influência do bairro José Pinheiro na descentralização socioespacial de Campina Grande
TIPO DE IC	PIBIC
ESTUDANTE	Joalysson Oriente da Silva
LOCAL	José Pinheiro
OBJETIVO	Analisar a influência do bairro no contexto socioespacial da cidade de acordo com os acontecimentos aos quais está ligado o desenvolvimento habitacional e comercial do bairro.
RESULTADOS	Constatou-se que o bairro, segundo análise dos questionários aplicados junto aos moradores, exerce uma centralidade voltada para o comércio e outra voltada para a violência, decorrente da relação entre a história de formação do bairro e a ausência de políticas de redução da violência, pois apresenta diversidade tanto em camadas populares como em comércio, tendo em vista que essa centralidade aborda a temática violenta, um grande causador dessa visão estigmatizada que é associada ao bairro.
TÍTULO	A inclusão do turismo cultural no Seridó paraibano: das heranças rupestres às novas expressões sociais
TIPO DE IC	PIVIC
ESTUDANTE	Jordânia Alyne Santos Marques
LOCAL	Seridó Setentrional
OBJETIVO	Identificar elementos da paisagem dessa microrregião do Seridó paraibano que proporcionem a inclusão da atividade de turismo como alternativa de desenvolvimento.
RESULTADOS	identificamos que esta microrregião, embora disponha de um grande potencial turístico, ainda carece de ações mais efetivas no que se refere à estruturação do seu espaço turístico. de tal forma a contribuir com o desenvolvimento do Seridó.
TÍTULO	A violência no Câmpus I da UFCG: identificação dos ambientes de risco no câmpus e arredores
TIPO DE IC	PIVIC
ESTUDANTE	Marcicleide da Silva Milanez
LOCAL	Câmpus I da UFCG
OBJETIVO	Identificar os espaços de risco à violência no Câmpus I da UFCG e arredores.

Continuação

RESULTADOS Podemos inferir que a comunidade acadêmica aponta como ambientes de risco à violência as entradas/saídas laterais do câmpus, próximo ao Banco do Brasil e os ambientes próximos a biblioteca.

2014-15

TÍTULO O conhecimento geográfico na promoção do turismo como alternativa de desenvolvimento para o estado da Paraíba

TIPO DE IC PIBIC

ESTUDANTE Jordânia Alyne Santos Marques

LOCAL Cidades de João Pessoa, Campina Grande, Patos e Cajazeiras

OBJETIVO Realizar um diagnóstico do potencial geográfico dos municípios selecionados como aporte ao desenvolvimento do turismo geocientífico.

RESULTADOS Os municípios referidos adquirem um grande potencial na dinamização do desenvolvimento do turismo no Paraíba e em suas respectivas mesorregiões.

TÍTULO A expansão dos condomínios habitacionais em Campina Grande e sua influência no processo de reestruturação urbana: a descentralização em debate

TIPO DE IC PIVIC

ESTUDANTE Douglas Cavalcante de Araújo

LOCAL Campina Grande

OBJETIVO Elaborar um diagnóstico dos condomínios fechados (horizontais e verticais) na cidade de Campina Grande e suas influências na reestruturação urbana da cidade.

RESULTADOS Constatou-se um processo de segregação voluntário nos condomínios de alto padrão e involuntário nos condomínios ocupados por uma população mais carente.

TÍTULO Uma análise geográfica da produção do espaço turístico de Campina Grande e região de influência

TIPO DE IC PIVIC

ESTUDANTE Marcicleide da Silva Milanez

LOCAL Região Metropolitana de Campina Grande

OBJETIVO Analisar os obstáculos e as potencialidades da criação de espaços turísticos na região de Campina Grande.

RESULTADOS A falta de infraestrutura consiste no principal obstáculo e a existência de vários atrativos em municípios vizinhos corresponde às principais potencialidades.

Fonte: GIDS, mar. 2019, elaborado por Souza Júnior, 2019.

TABELA 7 - PESQUISAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA (2010-2019)

Continua...

LINHA DE PESQUISAS PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

2015-2016

TÍTULO A adoção do “sistema jardineiras” como alternativa à consolidação do espaço turístico de Campina Grande – PB

TIPO DE IC PIBIC

ESTUDANTE Yury Araújo de Lima

LOCAL Campina Grande

OBJETIVO Identificar um roteiro que possa viabilizar a consolidação do espaço turístico de Campina Grande a partir da inclusão do “sistema jardineiras” de transporte coletivo.

RESULTADOS Foi elaborado um roteiro no qual o circuito apreende 18 pontos compreendidos como estratégicos no planejamento do espaço turístico de Campina Grande. Conclui-se que, no âmbito da promoção do espaço turístico de Campina Grande, o bairro do Centro caracteriza-se como espaço estratégico..

TÍTULO A espacialização da violência urbana em Campina Grande – PB: o discurso do medo e sua influência na organização socioespacial

TIPO DE IC PIVIC

ESTUDANTE Faryd Maracajá Napy Charara

LOCAL Campina Grande

OBJETIVO Elaborar um mapa da distribuição espacial da violência urbana em Campina Grande.

RESULTADOS A cidade de Campina Grande vem se destacando, ao longo das três últimas décadas, como uma das áreas urbanas do estado da Paraíba que mais obteve ações de reestruturação do seu espaço. Isso tem influenciado o crescimento e a difusão de práticas socioterritoriais que colocam em xeque a constituição da ambiência urbana, a exemplo da violência.

TÍTULO Campina Grande Vista em entrevistas: a elaboração da imagem urbana a partir da análise do discurso

TIPO DE IC PIVIC

ESTUDANTE Christiane Jessika Vidal dos Santos

LOCAL Campina Grande

OBJETIVO Analisar o desenvolvimento socioespacial da cidade de Campina Grande a partir da análise do discurso.

RESULTADOS O trabalho pauta-se no uso da memória urbana como referência para as redefinições do seu espaço e da consequente valorização do imaginário urbano no confronto entre a cidade que se tem e a cidade que se imagina e quer.

2016-2017		
	OBJETIVO	RESULTADOS
TÍTULO	A participação dos movimentos sociais urbanos na reestruturação espacial das Zonas Especiais de Interesse Social de Campina Grande: o caso das ZEIS dos Distritos Sanitários IV e V	Como resultados obtidos com esta pesquisa: a) a identificação, apenas, de ativismos de bairros presentes em algumas dessas áreas. Identificamos a presença das chamadas SABs enquanto representação comunitária, que luta e reivindica melhorias para essas localidades; b) as SABs são compostas por moradores da própria comunidade, que se organizam a partir de eleições para a escolha do representante ou presidente; c) em alguns dos bairros que possuem ZEIS, nos Distritos I e II, não existe a representação nem mesmo da SAB; d) algumas delas estão sem mandatos, ou seja, não foram realizadas novas eleições para a escolha de um novo representante para a localidade. Percebemos também que não existe uma articulação entre os representantes de bairros que possuem ZEIS na sua área, acarretando assim um menor poderio de reivindicação para a melhoria dessas comunidades. Outro ponto identificado foi a falta de informação da existência e da finalidade da lei ZEIS entre os representantes e as pessoas residentes nessas áreas.
TIPO DE IC	PIBIC	As pesquisas buscam identificar a existência de Movimentos Sociais Urbanos ou ativismo de bairros nas ZEIS existentes nos Distritos Sanitários de Campina Grande e suas estratégias para promoção da qualidade de vida e justiça social. Espera-se, como resultados, identificar como os movimentos sociais atuam em Campina Grande tendo como recorte territorial as ZEIS. A pesquisa está na fase final com previsão para ser finalizada em julho de 2017.
ESTUDANTE	Davidson Matheus Felix Pereira	
LOCAL	Campina Grande	
TÍTULO	A Reestruturação Urbana Em Zeis Dos Distritos Sanitários I E II Da Cidade De Campina Grande-Pb: Uma Análise Da Participação Dos Movimentos Urbanos	
TIPO DE IC	PIVIC	
ESTUDANTE	Alessandro Michell de Araujo Silva	
LOCAL	Campina Grande	
TÍTULO	Uma Análise Geográfica Das Práticas Dos Movimentos Sociais Urbanos Em Zeis Dos Distritos Sanitários III E VI Da Cidade De Campina Grande	
TIPO DE IC	PIVIC	
ESTUDANTE	Robéria Souto de Souza	
LOCAL	Campina Grande	

Fonte: GIDS, mar. 2019, elaborado por Souza Júnior, 2019.

TABELA 8 - PESQUISAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA (2010-2019)

LINHA DE PESQUISAS PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL	
2017-2018	
TÍTULO	As multiterritorialidades na Praça da Bandeira e seus efeitos na redefinição de espaço público
TIPO DE IC	PIBIC
ESTUDANTE	Letícia Barbosa Bomfim
LOCAL	Campina Grande
OBJETIVO	Identificar as multiterritorialidades evidenciadas na Praça da Bandeira e seus rebatimentos na redefinição da praça como espaço público.
RESULTADOS	A partir das análises até aqui realizadas, foi diagnosticado que a Praça da Bandeira ainda é utilizada como um dos principais espaços públicos da cidade. No entanto, atividades de permanência são raras e a maior movimentação está nos comércios em sua volta.
TÍTULO	Territórios do medo: uma análise sobre a sensação de insegurança no uso de espaços públicos de Campina Grande
TIPO DE IC	PIVIC
ESTUDANTE	Pedro de Farias Leite e Silva
LOCAL	Campina Grande
OBJETIVO	Analisar a sensação de insegurança no uso dos espaços públicos de Campina Grande
RESULTADOS	Observou-se que, na Praça da Bandeira, predomina a sensação de insegurança. Já no Parque da Criança, todos os sujeitos pesquisados se consideravam seguros. Em contraponto, durante a visita à SEPLAN, conversando com Fernanda Jinkings, arquiteta responsável pelo planejamento das obras de revitalização de ambos os espaços, tomei conhecimento de algumas informações interessantes.
TÍTULO	A elaboração do imaginário social urbano da cidade de Campina Grande a partir da análise do discurso
TIPO DE IC	PIVIC
ESTUDANTE	Maria Clara Alves Rodrigues
LOCAL	Campina Grande
OBJETIVO	Analisar o desenvolvimento socioespacial da cidade Campina Grande a partir da análise do discurso.
RESULTADOS	A expansão capitalista que ocorreu na cidade mudou a forma de uso do espaço urbano que antes era usado para a promoção da cultura regional, através das feiras realizadas no centro da cidade.

2018-2019	
TÍTULO	Feira Central: um remanescente cultural da identidade campinense em risco.
TIPO DE IC	PIBIC
ESTUDANTE	Pedro de Farias Leite e Silva
LOCAL	Campina Grande
OBJETIVO	Identificar se as representações sociais dos sujeitos que realizam as práticas espaciais na feira livre possibilitam a sua manutenção como objeto que expressa a identidade do campinense.
RESULTADOS	A feira está em risco. Na contemporaneidade, os feirantes se veem forçados a se adaptar ou competir com o moderno modelo de relações capitalista, em que não existe sequer uma relação interpessoal entre consumidor e vendedor. Em oposição a esse modelo, a feira ainda se conserva como um local de afetividade, um espaço familiar e nostálgico: uma relíquia do passado e um lugar de resistência.
TÍTULO	A espacialização dos eventos de violência em Campina Grande: tendências e desafios
TIPO DE IC	PIVIC
ESTUDANTE	Maria Larissa Alves da Silva Santos
LOCAL	Campina Grande
OBJETIVO	Identificar os bairros de Campina Grande que expressaram, entre os anos de 2016-2018, os maiores indicadores de insegurança.
RESULTADOS	A partir das análises até aqui realizadas, é inevitável dizer que vivemos em constante envolvimento de violência ocorrida nas ruas, fazendo milhares de vítimas. Pela falta de segurança nas ruas, a população está sempre com a sensação de medo, sempre andando rapidamente, com cuidado nos itens pessoais e observando todos os lados.
TÍTULO	A insegurança em espaços públicos: Uma análise do Câmpus I da UFCG a partir do discurso da comunidade acadêmica
TIPO DE IC	PIVIC
ESTUDANTE	Gustavo Cavalcante Bezerra
LOCAL	Campina Grande
OBJETIVO	Identificar os espaços de risco à violência no Câmpus I da UFCG e arredores.
RESULTADOS	Referente aos resultados obtidos até agora, a comunidade acadêmica deixa claro nos questionários que o portão principal, as quadras de esporte e a praça de alimentação são os locais em que ela se sente mais insegura e com medo de algum tipo de violação de seus bens e até mesmo de sua integridade física.

Fonte: GIDS, mar. 2019. Elaborado por Souza Júnior, 2019.

PESQUISAS FINANCIADAS PELO CNPQ

Ao longo de praticamente uma década de existência, o GIDS aprovou dois projetos no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), tendo como tema principal a produção do espaço turístico inicialmente na escala do estado da Paraíba e atualmente na região geográfica de Campina Grande.

A primeira pesquisa foi desenvolvida entre os anos de 2013-2016 (SOUZA JÚNIOR, 2017), através da qual identificamos quatro áreas turísticas no estado da Paraíba, sendo uma consolidada-real (João Pessoa), uma em consolidação potencial (Campina Grande) e duas ainda em processo de estruturação (Patos e Cajazeiras). Para classificação desses espaços, foram realizadas, no período de 2014 a 2016, oito atividades de campo em municípios selecionados a partir de indicadores de órgãos do governo responsáveis pela classificação dos tipos de atividades turísticas no estado: a Empresa Paraibana de Turismo (PBTUR) e a Secretaria de Turismo. A escolha dos municípios esteve pautada nas visitas às localidades classificadas pelas instituições visitadas como potenciais turísticos. Além de questionários (300) e entrevistas (15), adotados como procedimentos, o mapeamento foi realizado a partir de um inventário turístico elaborado pela geógrafa Martha Pereira, através do qual foi possível definirmos critérios mais precisos para a identificação dos elementos de classificação dos espaços turísticos, sendo possível relacionar os elementos que constituem a infraestrutura e a superestrutura dos espaços visitados.

Ao término da pesquisa, observou-se que a área geográfica polarizada por Campina Grande necessitaria de um estudo mais

consolidado, voltado para a identificação das potencialidades dos municípios que a compõem, para que fosse possível a definição da primeira Zona Turística do Estado da Paraíba. Segundo o mapeamento realizado na pesquisa anterior, foram identificados como integrantes da área turística de Campina Grande os municípios de **Araruna, Guarabira, Bananeiras, Areia, Alagoa Grande, Campina Grande, Fagundes, Ingá, Cabaceiras, Boqueirão e Pedra Lavrada**. Para a presente pesquisa, excluimos os municípios de Araruna, Guarabira e Bananeiras - por terem sido reclassificados pelo IBGE como componentes da região geográfica intermediária de João Pessoa -, além do município de Pedra Lavrada, por não ter sido incluído no mapa do turismo brasileiro como pertencente a uma região turística; e da inclusão do município de Monteiro, que, além de ter sido inserido pelo IBGE como pertencente a uma região turística, vem sendo beneficiado com as obras da transposição do Rio São Francisco.

A partir dos resultados dessa pesquisa, foi submetida uma segunda proposta iniciada em março de 2019 cujo objetivo era fornecer alternativas para melhoria do rendimento e baixo dinamismo da sociedade residente nos municípios da região geográfica de Campina Grande, especialmente no que se refere aos indicadores de pobreza, debilidade econômica, urbanização, educação e renda familiar que, historicamente, têm influenciado de forma negativa na classificação dos municípios da região dentro dos parâmetros apresentados pela Política Nacional de Desenvolvimento Regional (PNDR).

Tem-se, portanto, uma proposta que sustenta a tese de que o turismo pode se concretizar como alternativa ao desenvolvimento regional por proporcionar o fortalecimento e a diversificação da base produtiva, aumentar a competitividade e integrar os territórios,

proporcionando tanto a participação do poder público das três instâncias federativas (municipais, estadual e federal) na parceria, como do setor privado, considerado como estratégico na viabilização das políticas de desenvolvimento territoriais.

O procedimento metodológico a ser adotado pauta-se no uso de três técnicas da pesquisa qualitativa: a observação participante, estruturada como preenchimento de um inventário analítico por parte dos pesquisadores; a técnica do *snow ball* (bola de neve), que consiste na identificação do potencial turístico a partir de consultas e indicações progressivas; e a entrevista com grupo focal, através da qual realizamos a análise de discurso dos sujeitos sociais envolvidos direta e indiretamente como tema. Com o seu desenvolvimento, estima-se, portanto, uma melhoria no orçamento individual das municipalidades envolvidas, sendo o retorno estimado pelo aumento da visitação, dinamizando a economia e promovendo o desenvolvimento social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto ora apresentado foi estruturado com o objetivo de convidar o leitor a debater os desafios e as estratégias da atuação dos grupos de pesquisas, utilizando como referência o relato de experiência das atividades desenvolvidas por pesquisadores e discentes do Grupo de Pesquisas Integradas em Desenvolvimento Socioterritorial (GIDS) no período de 2010 a 2019.

No que se refere à situação dos grupos de pesquisas, observou-se a existência de um crescimento do quantitativo desses grupos, especialmente em regiões cuja produção do conhecimen-

to científico está em processo inicial de constituição. O aumento da quantidade de grupos de pesquisa ocorreu como consequência das políticas de expansão universitária entre os anos 2000 e 2014. Destacou-se, nesse contexto, o crescimento de grupos de pesquisas na área de ciências humanas, especialmente nos cursos de Geografia. Tais levantamentos apontam para o desdobramento de alguns questionamentos a serem respondidos em pesquisas posteriores, entre os quais a necessidade de identificar se o crescimento ocorre de forma qualitativa e qual o impacto desse crescimento para a área de humanas e para o curso de Geografia, em particular.

Já no que se refere ao relato de experiência do GIDS, o texto possibilita compreender a importância do desenvolvimento de pesquisas interdisciplinares, especialmente quando se trata de abordar uma questão tão complexa como é a Geografia da Saúde. As atividades desenvolvidas em parceria com o PROSAÚDE-GEO, assim como as próprias pesquisas específicas dos estudantes e pesquisadores dos GIDS, apontam para a importância dessas parcerias.

Diante do exposto, resta-nos provocar o leitor no sentido de incorporar o entendimento acerca da importância da participação nos grupos de pesquisas, assim como desenvolver ações para que se encontrem respostas aos desafios desses grupos na atualidade, entre as quais consideramos como relevante a criação de um evento específico que aborde o tema.

REFERÊNCIAS

CNPQ. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **Diretório de Grupos de Pesquisa**: Súmula Estatís-

tica. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp>. Acesso em: 15 jul. 2016.

UAHG. Unidade Acadêmica de Geografia. **Projeto Pedagógico**. Campina Grande: UFCG, 2010.

SANTOS. Sâmara Iris de Lima. Mapeamento da violência urbana em Campina Grande: Tendências e desafios em busca da cidade sustentável. *In*: PRÊMIO JOVEM CIENTISTA (25: 2011: Brasília) **Cidades sustentáveis**: livros das pesquisas premiadas / Prêmio Jovem Cientista . Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2012. p.186-213.

NO DESCORTINAR DA TRAMA URBANA, A FORMAÇÃO DO GRUPO DE PESQUISA URBANIZAÇÃO E PRODUÇÃO DE CIDADES NA BAHIA

JANIO SANTOS

INTRODUÇÃO

Ao pensar a realidade atual da formação do pesquisador no Brasil, em especial, na área de geografia, toma-se a iniciativa de levantar um debate sobre o tema que, de certa forma, passou a ser fórum de discussões no ambiente acadêmico, com posições e olhares assaz diferentes sobre o mesmo objeto. Aliás, é fundamental ressaltar que tais aspectos fazem parte de nossa convivência há alguns anos e tal inquietação não se materializa apenas nas palavras que momentaneamente são discorridas nestas reflexões, é algo que acompanha este pesquisador em sua trajetória, partilhado em diálogos com estudiosos de outras áreas, nos encontros cotidianos com discentes dos cursos de graduação em Geografia e da pós-graduação em Geografia e Planejamento Territorial, com ativistas de órgãos de classe e, também, em oportunos tempos-espacos cotidianos onde sempre são feitas trocas profícuas.

No âmbito da investigação e da produção do conhecimento geográfico no Brasil, a formação de grupos e núcleos de pesquisa é algo que, de certa forma, não é novo, todavia ganhou vigor, sobretudo, a partir do século XXI. Para se ter uma ideia dessa mudança, dados do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, organizados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), apontam que, em 1993, na área da geografia, haviam apenas 16 grupos cadastrados, que correspondiam a 0,2% do total do país; em 2006, esse número cresceu para 185 e correspondia a 0,9%; e em 2016, já eram 572, que representavam 1,5% (CNPQ, 2018).

Por um lado, uma nova compreensão sobre a formação no âmbito dos cursos de Geografia, a necessidade de maior integração e articulação intra e interinstitucional entre discentes e docentes e os posicionamentos inovadores sobre o *fazer ciência* geográfica no Brasil foram essenciais. Por outro, o desenvolvimento e a disseminação de tecnologias de comunicação e informação permitiram, gradativamente, a socialização na rede mundial de experiências exitosas realizadas em várias partes do país, sobretudo, na região Sudeste, o que consentiu a um público cada vez mais amplo o contato maior com o que se fazia no âmbito da produção do conhecimento no Brasil e no mundo. Óbvio que, inicialmente, o deslocamento de docentes e discentes para cursos de mestrado, doutorado e pós-doutorado fora de suas regiões de origem e, conseqüentemente, a implantação de novos cursos de pós-graduação em Geografia e áreas afins também foram propulsores de maiores intercâmbios, por parte de tais pesquisadores, nessa lógica de trabalhar em grupo.

Parece claro, entretanto, que nesse crescimento exponencial do número de grupos de pesquisa nem tudo ocorreu sem prejuízos.

Talvez, o maior deles seja a relativa perda de referência sobre o que é produzir conhecimento no Brasil, face à proliferação massiva de “artigos”, “resumos expandidos”, etc., muitos sem qualquer qualidade, inclusive decorrentes das próprias exigências que órgãos de avaliação, como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), passaram a estabelecer. Como a velocidade da produção de um conhecimento de qualidade não é diretamente proporcional ao ritmo exigido pelos órgãos de fomento e controle, em quantidade significativa de casos no Brasil os estratégias são a produção repetitiva de ideias e resultados, a superficialidade analítica, isso sem deixar de destacar o *copismo* - ou seja, reprodução *ipsis litteris* de ideias, em determinadas situações, sem sequer a menção a(o) autor(a) original -, que muitas vezes redundam em denúncias generalizadas de plágio.

Tais prejuízos sobreditos se desdobram, mormente, nos cursos de graduação com discentes que, sem ainda saber o que é um “artigo” ou *produzir conhecimento*, passam a publicar de forma massificada “resultados”, em geral, sob a forma de pseudotextos oriundos de meras leituras feitas em sala de aula, sem qualquer contribuição adicional ao tema proposto – e não teríamos isso na pós-graduação? Ou seja, o que durante décadas na academia era entendido como simples “trabalho de disciplina” passou a ser reproduzido como “artigo”, pela simples troca do nome, e redundou em perdas de referências importantes.

Portanto, é exatamente nesse emaranhado de controvérsias que vários grupos de pesquisa surgiram no Brasil e, entre estes, dá-se destaque ao Urbanização e Produção de Cidades na Bahia, que possui, como todos os demais, trajetória peculiar no âmbito das Instituições de Ensino Superior (IES) do estado da Bahia. As espe-

cificidades relativas à origem, aos pressupostos, à cosmovisão e às metas são tributárias dos próprios princípios que norteiam as suas experiências de vida e de mundo do coordenador; também dos saberes construídos por um contínuo e recíproco processo de aprendizado, em função dos contatos com outros pesquisadores; e, sobretudo, das contribuições e ideias partilhadas com discentes da graduação e da pós-graduação que, de algum modo, dele fizeram parte.

A título de esclarecimento, este texto é fundamentado por registros existentes sobre o grupo de pesquisa Urbanização e Produção de Cidades na Bahia que, todavia, ainda não foram publicados sob o modo que vos é apresentado, e está sintetizado em três partes: a primeira faz um relato da gênese e das mudanças ocorridas ao longo do processo de consolidação do grupo; a segunda, as metas e os objetivos, com destaque para a(s) metodologia(s) adotadas; e, por final, uma reflexão sobre em que medida as experiências até o momento empreendidas contribuíram para o conhecimento sobre o tema e para a formação do pesquisador em geografia.

UM GRUPO DE PESQUISA QUE NÃO SURGE AO ACASO

O que a afirmação deste subtítulo tem a ensinar? Primeiro, que a formação de um grupo de pesquisa, em qualquer área do conhecimento, não ocorre sem que algum tipo de experiência ou contato anterior tenha ocorrido e que, de algum modo, fomenta e/ou estimule um pesquisador ou um conjunto deles a elaborar uma proposta ou um projeto concreto para trabalhar coletivamente. Segundo, que tal experiência influencia, de alguma forma, o modo como o grupo se estrutura e conduz suas ações, ainda que não seja

refutável o fato de que, a longo prazo, possa haver certo distanciamento das ideias iniciais.

No caso específico do grupo de pesquisa Urbanização e Produção de Cidades na Bahia, suas influências iniciais são decorrentes das experiências vividas pelo coordenador nos períodos da graduação e do mestrado em Geografia, respectivamente entre 1995 e 1999; e 2001 e 2003, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), em particular no Instituto de Geociências da UFBA (IGEO). Tais interregnos de tempo possibilitaram aguçar melhor o olhar sobre a cidade enquanto objeto de estudo, momentos em que foi adquirida certa paixão pelo *fazer ciência*, particularmente, vinculado à geografia urbana.

O “ponto de mutação” durante essa trajetória foi a participação como bolsista de iniciação científica, entre 1997 e 1999, e de apoio técnico, no ano de 2000, no projeto *Espaço Livre de Pesquisa-Ação*¹, que proporcionou tanto o contato com debates sobre a produção do espaço em algumas áreas pobres da periferia de Salvador, quanto a compreensão sobre o que é ser pesquisador, em especial, fazer parte de um grupo, algo recente nas universidades baianas até então. Além dos relatórios de conclusão de bolsas, dois trabalhos elaborados foram seminais no sentido de, *a posteriori*, serem “espelhos” para a autorreflexão sobre o grau de maturidade desse *fazer ciência* (SANTOS, 1999; 2003).

O ingresso como docente do ensino superior no Departamento de Geografia (DG) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), em 2004, foi, de fato, o momento fundante para

¹ Coordenado pelo Prof. Dr. Angelo Serpa, visa compreender as formas de organização espacial do subúrbio de Salvador e a produção do espaço resultante desta (GRUPO ESPAÇO LIVRE, 2018).

o que, no futuro, se estruturou como um grupo de pesquisa. Nesse período, dada a experiência vivida na graduação da UFBA e as próprias demandas existentes no DG, foi elaborada, em 2005, uma proposta de financiamento, submetida a edital interno da UESB, e que se desdobrou na constituição do projeto *O espaço urbano em metamorfose*. A ideia tinha como foco de investigação a cidade de Vitória da Conquista, especificamente, as mudanças ocorridas nas décadas de 1980, 1990 e 2000 na lógica de centralidade e das novas periferias, bem como as alterações do seu papel na rede urbana. Todavia, face às próprias características do(a)s discentes do curso de graduação em Geografia que passaram a participar das atividades do referido projeto, seja como orientandos de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), bolsistas de iniciação científica ou voluntários, em função de alguns serem oriundos de pequenos municípios e de haver a preocupação com os seus estudos, as metas também passaram a ser associadas às alterações na estruturação de pequenas cidades, em geral, compreendidas no que hoje é denominado Território de Identidade da Vitória da Conquista.²

Seria desonesto não mencionar que parte da construção dessas sobreditas ideias também é tributária do ingresso na Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista (UNESP), no câmpus de Presidente Prudente, em 2004, para fins de doutoramento. Além do aprendizado com as experiências junto à orientadora, a professora Maria Encarnação Beltrão Sposito, foram fundamentais o convívio e os diálogos com os demais membros do grupo de pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GAsPERR),³ do qual este pesquisador fez parte, no sentido de

²Esta regionalização passou a ser adotada pelos órgãos de planejamento do estado da Bahia a partir de 2007. Os recortes territoriais, todavia, foram alterados (SEPLAN, 2016).

³A partir de 2005, trabalha com cidades médias e, do ponto da dinâmica, além dessa

aprender sobre sua dinâmica, organização e concepções teórico-metodológicas. Contudo, há que ressaltar as trocas realizadas com alguns membros do Centro de Estudos do Trabalho, Ambiente e Saúde (CEGeT)⁴, seja pela identidade na compreensão sobre o relacionamento dentro de um grupo na “dimensão do humano”, seja pela coerência que possuíam em relação aos pressupostos do materialismo histórico e dialético, no que concerne à adoção enquanto método de análise.

Entre 2005 e 2007, o desenvolvimento do projeto de pesquisa *O espaço urbano em metamorfose* teve poucos avanços. Por um lado, em função das dificuldades encontradas nos dois primeiros anos do curso de doutorado na UNESP, dados os limites impostos pela legislação do estado da Bahia para os professores recém-ingressos em instituições superiores de ensino, que não têm direito à liberação, o que redundou em inúmeras viagens feitas pelo pesquisador, que tinha a vida intercruzada pelo trânsito entre Vitória da Conquista, local de trabalho; Salvador, local de residência familiar; e Presidente Prudente, local de estudos e pesquisas. Por outro, o próprio acontecer da pesquisa no âmbito do projeto era assaz afetado pelas limitações em levantar e sistematizar dados e pela compreensível imaturidade dos envolvidos, ainda que resultados iniciais e preliminares tenham sido produzidos.

Contudo, a necessidade de reflexões mais atuais e de um modo diferente de articulação fez com que, em 2007, uma con-

temática mais ampla, as suas linhas de trabalho são definidas pelos projetos de pesquisa (GASPERR, 2018).

⁴Desenvolve pesquisas sobre trabalho e contempla, por um lado, reestruturação produtiva, experiências de sobrevivências, resistência à proletarização, assalariamento, precarização, mercado informal, etc.; por outro, ações organizativas dos trabalhadores em luta (CEGET, 2018).

cepção nova fosse proposta, no sentido de corresponder às expectativas teóricas e metodológicas que foram suscitadas nos últimos dois anos, face aos debates engendrados pelos membros do projeto inicial proposto. E assim, nesse mesmo ano, foi criado o grupo de pesquisa Urbanização e Produção de Cidades na Bahia. A meta era audaciosa: investigar as transformações que ocorrem nos espaços urbanos da Bahia⁵, especificamente, nas cidades médias, pequenas e nas vilas, para com isso entender os elementos que influenciam os conteúdos da urbanização baiana na atualidade.

Essa nova proposta estava mais madura e atendia melhor as expectativas coletivas, seja porque resultou da convivência com alunos do curso de graduação em Geografia, especialmente, do acompanhamento nos trabalhos de finais de curso e nos diálogos em sala de aula, quando os relatavam as dificuldades em encontrar referências teóricas e dados sobre a realidade em que estavam inseridos; seja pelo próprio crescimento intelectual derivado da vivência do coordenador no curso de doutoramento.

Nesse momento, estava claramente articulado como um grupo, o que demonstrava certo avanço em relação ao modo como se fazia pesquisa na UESB e mesmo em outras instituições estaduais baianas onde funcionavam cursos de graduação em Geografia. A partir de 2008, todavia, as atividades também ganharam outros rumos, sobretudo, porque foi o momento em que novos integrantes passaram a participar com maior maturidade; e, coletivamente, o grupo constituiu certa identidade, isso dentro da própria diversidade que o compunha.

Outro passo essencial se deu ainda no final de 2008 quando um coletivo de pesquisadores, oriundos de diferentes universidades

5(URBANIZAÇÃO ..., 2018).

e de uma autarquia associada ao planejamento estatal se reuniu e decidiu estabelecer um espaço-tempo de diálogos sobre o tema das cidades médias e pequenas da Bahia. Essa ideia desdobrou-se na formação da Rede de Pesquisas Cidades Médias e Pequenas da Bahia (Rede CMP)⁶, da qual o grupo Urbanização e Produção de Cidades na Bahia passou a fazer parte. Além dos seminários bienais em que passaram a ser apresentados resultados das pesquisas, as publicações deles derivadas, dentre as quais destacam-se alguns escritos desenvolvidos por membros do grupo, tornaram-se tanto referenciais para quem pesquisava o tema, quanto objeto de autor-reflexão para quem dele participava.⁷

Foi inclusive nesse contexto que outras oportunidades de fomento foram conseguidas, por meio de órgãos como a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) e o Ministério da Educação e Cultura (MEC), face à concorrência e aprovação em editais. E tal apoio financeiro foi essencial para a estruturação do espaço físico na UESB para reunião e realização das atividades: o chamado Laboratório de Estudos Agrários e Urbanos (LEAU); bem como para a coleta de dados nas cidades envolvidas nos projetos. Isso é mencionado ainda que entraves ligados à burocracia institucional tenham limitado bastante a capacidade de cumprir algumas das metas propostas. Importa referir ainda que, conforme apontou a professora Maria Encarnação Beltrão Sposito durante o diálogo de abertura do XIV Simpósio Nacional de Geografia Urbana (SIMPURB), em Fortaleza, em 2015, quando estava a tratar das

6Composta por pesquisadores da UFBA, UEFS, UNEB, UESC, UESB e UFOB, bem como da SEL. Visa reunir pesquisadores em torno de um objeto comum e viabilizar o diálogo com as demais redes nacionais e internacionais de estudos e pesquisas sobre o tema (DIAS; SANTOS, 2012).

7Santos (2009; 2010; 2012; 2016; 2017), Mares (2014), Moreira e Santos (2015), Marques e Santos (2015), entre outros.

suas experiências na Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe),⁸ a aprovação de um projeto é um passo crucial para, efetivamente, um grupo aprender a trabalhar de modo coletivo e se solidificar.

Desse momento em diante, o grupo de pesquisa Urbanização e Produção de Cidades na Bahia entrou numa fase de consolidação e reconhecimento, tanto no âmbito da UESB como das instituições superiores de ensino e pesquisa na Bahia e, de algum modo, na Região Nordeste. Ainda que relativamente recente, se comparado com outros grupos existentes no país, o aprendizado acumulado no trato com pesquisas sobre algumas cidades médias e pequenas passou a ser compartilhado com outros pesquisadores e, cada vez mais, corroborava a importância de as IES baianas se estruturarem por meio de atividades de pesquisa, sobretudo, em grupos.

Em 2014, com a transferência do coordenador, o grupo de pesquisa Urbanização e Produção de Cidades na Bahia passou a ser instituído na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), onde figura até o presente momento⁹. Essa mudança trouxe novos desafios que se relacionam ao debate sobre processos e dinâmicas que ocorrem na escala intraurbana por meio de um trabalho mais interdisciplinar, porque passou a envolver, além daquele corpo de discentes e docentes associados à Geografia, com profissionais ligados ao Direito, ao Planejamento Urbano, à Engenharia e ao Serviço Social. Ademais, o convívio com o curso de bacharelado em

⁸Busca oferecer condições para grupos estabelecerem diálogo mais amplo para verificar identidades e diferenças entre cidades médias nas diferentes regiões brasileiras e entre elas e dois outros países (Argentina e Chile), que permita aprofundamento teórico-conceitual que superar fragilidade da noção de cidades médias (RECIME ...2018).

⁹O Grupo hoje é integrante do Núcleo de Pesquisa e Análise sobre o Território (NUPAT), na UEFS, junto com o Grupo Espaço, Turismo e Ambiente (GETAM) e o Grupo de Estudos Agrários (GEA).

Geografia e as discussões sobre planejamento urbano e regional integraram propósitos que passaram não apenas a fortalecer o maior entendimento sobre a dinâmica das cidades médias e pequenas, isso no âmbito das mudanças que ocorrem na urbanização, como também acercar-se de reflexões que tratam de propostas mais efetivas de planejamento, o que aproximou o grupo de diálogos com órgãos estaduais e municipais vinculados a tal tema.

Nesses mais de dez anos de experiência, é preciso ressaltar que, apesar dos fecundos laços estabelecidos com docentes e técnicos da UESB e da UEFS, geralmente em caráter pontual, em que alguns estreitaram relações com os membros, o alicerce principal, desde a constituição como grupo, a partir de 2007, sempre foi dado pelas relações entre coordenador e corpo de discentes, os quais, por diversas situações, dele participavam, seja de modo breve, por ocasião de elaboração de TCC, monitoria ou reuniões para discussão de texto, ou em caráter mais duradouro, como bolsistas de iniciação científica, discentes de mestrado ou pesquisadores voluntários associados.

No contexto atual, em primeiro lugar, o intento do grupo é manter o estímulo às investigações sobre cidades médias e pequenas do estado da Bahia e criar novos canais de discussões com membros de outras redes nacionais e internacionais. Isso permite o amadurecimento teórico sobre o tema e o despertar de discentes e docentes da UESB e da UEFS para se envolverem com pesquisas e intercâmbios; em segundo lugar, acompanhar as transformações latentes que ocorreram nos espaços urbanos baianos e aproximar a universidade dos problemas reais existentes nas cidades. Isso, com aliança às instâncias governamentais, sobretudo municipais e estaduais, com vistas a contribuir com ideias efetivas que ajudem a

sociedade a promover propostas de planejamento e gestão urbanas que concretizem um real desenvolvimento socioespacial, que, como destaca Souza (2001), prime pela melhoria da qualidade de vida, pelo aumento da justiça social e pelo fortalecimento da autonomia individual e coletiva.

PROPÓSITOS E CONCEPÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS: O QUE NUTRE O GRUPO DE PESQUISA

As discussões e investigações desenvolvidas no âmbito do grupo de pesquisa Urbanização e Produção de Cidades na Bahia centram-se em duas frentes: avançar na construção de formulações teóricas que expliquem o sentido da urbanização contemporânea e, *pari passu*, pensar as alterações decorrentes do desenvolvimento das forças produtivas na lógica do/no capitalismo e suas implicações nas áreas urbanas da Bahia. Isso proporciona à análise geográfica enraizar os alicerces que sustentam o pensamento sobre a cidade, em especial, as pequenas e médias, com base na investigação sobre a realidade do processo no território baiano; e também subsidia estudos futuros sobre tais cidades, que, em alguns casos, não possuem nenhum tipo de referência mais bem elaborada no que tange à análise espacial.

A depender do projeto desenvolvido, duas escalas de análise estruturam a proposta: a primeira diz respeito à escala interurbana, ou seja, estudos que se dedicam a compreender as relações que determinadas cidades estabelecem face seus papéis na rede urbana; e a segunda trata do espaço intraurbano, ao enlaçar trabalhos que explicam dinâmicas que ocorrem nas áreas internas das cidades e vilas.

A sistematização dessas duas escalas, todavia, não implica pensar que as metas propostas se desenvolvem de modo estanque, com níveis de análise que não se inter cruzam. Ao contrário, ao considerar as ideias de Corrêa (1997) e Sposito (2012), o foco é que as faces da urbanização contemporânea sejam desvendadas por estudos feitos na perspectiva das *interações espaciais e escalares*, ou seja, ao sopesar que o espaço intraurbano é também explicado pelo papel da cidade na rede urbana, a rede de cidades se estrutura face à apreensão da constituição de suas áreas internas. Isso com o destaque de que tais interações possuem como nexos transversais leituras das relações tecidas entre o campo e a cidade, bem como o desvendar dos processos globais.

Assim, os temas principais do grupo envolvem um conjunto de eixos: 1) produção e estruturação das cidades médias; 2) processos e dinâmicas que se desdobram em pequenas cidades; 3) formas de organização espacial das *vilas*¹⁰; 4) relações entre rural e urbano, nos planos de mobilidade, precarização e ontologia do trabalho; e 5) propostas alternativas de planejamento e gestão urbanos. Até o momento, os recortes espaciais centraram-se, sobretudo, no Território de Identidade de Vitória da Conquista e no Portal do Sertão, ainda que os horizontes de análises não tenham se restringido exclusivamente a essas áreas, porque, de forma pontual, alguns pesquisadores permitiram ao grupo o envolvimento com estudos sobre cidades que fazem parte de outros “territórios de identidade” da Bahia.

10 O Decreto-Lei nº 311, de 02 de março de 1938, no art. 4º, sinaliza: “O distrito se designará pelo nome da respectiva sede, a qual, enquanto não for erigida em cidade, terá, a categoria de vila. [...] No mesmo distrito não haverá mais de uma vila” (BRASIL, 1938, grifos nossos).

Se tal sistemática tem o propósito de fortalecer o entendimento sobre as áreas urbanas baianas, não perde de vista ponderações teóricas complementares a respeito: das mudanças no processo de urbanização; dos conceitos de cidade média, cidade pequena e vila; da dinâmica da reestruturação das cidades médias, sobretudo articulada à lógica da centralidade e das novas e velhas periferias urbanas; da produção do espaço urbano e do direito à cidade; e, mais recentemente, do planejamento urbano e regional.

Vale salientar que, se a maioria das pesquisas se relaciona aos estudos de áreas urbanas específicas, conforme mencionado alhures, o horizonte posto, sobremodo para o coordenador, é, além de contribuir para tais estudos mais peculiares, discutir a urbanização baiana como algo que envolve uma dimensão maior. O argumento para essa necessidade parte da visível lacuna de propostas que se dediquem a explicar a totalidade do movimento de urbanização e seus desdobramentos no âmbito do estado, e a tentar sistematizar leituras mais amplas sobre o fenômeno, até porque não são muitos os estudos que fizeram essa tentativa.

A metodologia empregada pelo grupo centra-se em quatro pressupostos iniciais que, de certa maneira, articulam discussões e ideias produzidas. Afirma-se isso ainda que nem todos os pesquisadores a esses pressupostos tenham ficado obrigatoriamente atados. São eles: a distinção entre métodos da/na geografia, o uso dos levantamentos empírico nos estudos, a organização e a sistemática de funcionamento e a orientação procedimental.

Sobre o primeiro, a metodologia é geralmente compartimentada em duas partes e tem como base a compreensão de métodos diferentes, por sinal, que são utilizados em qualquer empreitada acadêmica: a *interpretação* e a *investigação*. Enquanto o

método de interpretação diz respeito à “[...] concepção de mundo do pesquisador, sua visão da realidade, da ciência, do movimento [...], a posturas filosóficas, ao posicionamento quanto às questões da lógica e, por que não dizer, à ideologia e à posição política do cientista”, o método de investigação trata exatamente dos “problemas operacionais”, ou seja, do “conjunto de técnicas utilizadas” (MORAES; COSTA, 1993, p. 27) e será brevemente tratado ao final deste tópico.

Em deferência do método de interpretação, o grupo tem como base o materialismo histórico dialético, todavia, centrado no fato de que este é o condutor da análise, não uma “camisa de força”. Portanto, à luz das reflexões dos autores que sustentam tal linha de raciocínio, como Lefebvre (1974; 1991) e Harvey (2004), são desvendadas as tramas e os dramas contidos no processo de urbanização, bem como os limites impostos pela sociedade capitalista para a superação de problemas vinculados à produção das cidades.

Ainda que nem todos tenham essa clareza, abordar o materialismo histórico e dialético é refletir sobre as contradições existentes no seio da sociedade, cuja análise é permeada pela leitura das contradições, entendida como seminal para desvendar a urbanização contemporânea. O exercício de transitar entre teorias de referências e verificação da realidade anunciada é fundamental para atingir o âmago da análise sobre a urbanização e aponta para a relevância de não perder de vista a contribuição do posicionamento crítico sobre a realidade, que, como reverbera Carlos (2003), avançou bastante na geografia mundial e brasileira a partir do final da década de 1970.

Defende-se essa ideia, todavia, sem descartar o que foi aludido alhures, em parceria com Dias, ao afirmar que a construção

do conhecimento perpassa, em primeiro lugar, pelo respeito às opções teórico-metodológicas de cada cientista e, em segundo, pelo entendimento de que o recurso da crítica é um dos pilares que edificam o saber acadêmico. No entanto, avalia-se que esse recurso heurístico, em hipótese alguma, se realiza num sentido único, pois afirmar isso seria negar o próprio movimento de construção da ciência e, conseqüentemente, a relevância histórica dos diálogos e dos debates para reelaboração do próprio conhecimento (DIAS; SANTOS, 2012).

Sobre o segundo pressuposto, ressalta-se que, nas últimas décadas, ascendeu um movimento (pontual) de crítica ao “empirismo”, todavia, sem que seja feito um debate mais amplo sobre o tema, o que incorre num problema sério que é generalizar a ideia de que as pesquisas fundamentadas em pressupostos empíricos teriam importância ou lugar de menor relevo no âmbito da academia. Por um lado, parte dessas críticas é assaz pertinente, na medida em que se debruça no fato de que inúmeros trabalhos realizados, nos últimos anos, perderam completamente de vista o papel da teoria na construção do conhecimento e tornaram-se, de forma bastante superficial, um repositório de dados e informações fundamentadas no real (quase sempre com metodologia pouco adequada) e sem enlances com pressupostos teóricos e epistemológicos substanciados e válidos.

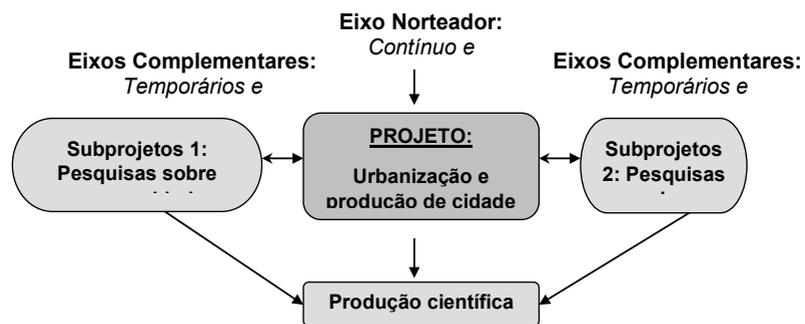
Todavia, há que ressaltar a relevância de conhecer e investigar a realidade na qual os processos espaciais ocorrem, e as pesquisas empíricas têm essa importância, que não são mais ou menos valorativas que as demais, apenas um modo diferente de organizar e sistematizar o mundo em que se vive e disso produzir

conhecimento, seja ele teórico e/ou empírico. Aliás, uma crítica ao empírico, de modo vazio, perde de vista, inclusive, os desígnios troncais de determinadas correntes do pensamento, a exemplo do próprio marxismo, que historicamente foram assentados em desvendando processos que se desdobram no real concreto e nele constroem teorias. Ora, o próprio Engels (2010), ao ir à Inglaterra, na metade do século XIX, estava em busca exatamente de conhecer as condições materiais sobre as quais se desenvolvia o capitalismo e foi com base nessa leitura que Marx e Engels (2006) escreveram uma de suas obras mais influentes no mundo, o *Manifesto do Partido Comunista*.

Então, no grupo, o pressuposto sempre foi partir das teorias de referências para, com base em levantamentos empíricos, compreender processos, dinâmicas e fenômenos em suas manifestações no real. Todavia, o fito é que o movimento não seja encerrado nessa segunda etapa, já que, a depender do grau de maturidade do pesquisador, são empreendidas formulações teóricas complementares face o observado no real, o que permite avançar, ampliar ou reformular teorias adotadas de modo precipuo. A busca por explicar o real, com suas especificidades, permite, portanto, a reformulação de teorias que partem do empírico e, continuamente, ao empírico voltam, a fim de novas formulações.

Sobre o terceiro item, o grupo é estruturado por projetos e subprojetos que têm como orientador a meta de desvendar, como supracitado, aspectos que retratem a relação entre mudanças no processo de urbanização e suas decorrências na materialização de áreas urbanas na Bahia (Fluxograma 1).

FLUXOGRAMA 1: SISTEMÁTICA DO GRUPO DE PESQUISA URBANIZAÇÃO E PRODUÇÃO DE CIDADES NA BAHIA, 2018



Durante o período em que esteve institucionalizado na UESB, o principal alicerce, no âmbito dos recursos humanos, era composto por docentes, bolsistas de iniciação científica, discentes da graduação e da pós-graduação (*lato sensu*) e voluntários. Ao transferir a institucionalidade para a UEFS, foi acrescida a presença de discentes de mestrado. Todavia, como mencionado, esporadicamente, pesquisadores de outras instituições e com afinidade teórico-metodológica também deram relevantes contribuições.

Os princípios norteadores dessa sistemática entendem que, por um lado, todos os membros contribuem, de algum modo, com informações e dados que permitem desvendar o objetivo central do grupo, que é entender a relação entre urbanização e materialização de áreas urbanas; por outro, cada membro possui seu objeto específico de investigação e, assim, envolve-se com uma temática peculiar. Tal lógica visa respectivamente a dois propósitos: no primeiro caso, alimentar um banco de dados sobre as cidades da Bahia e permitir que outros investigadores, interessados em realizar pesquisas sobre o tema, tenham mais facilidade no acesso às informações e possam fortalecer e avançar no debate. No segundo item, possibilitar que

cada membro do grupo, independentemente do seu nível de formação e tempo de permanência, possa amadurecer na sua condição de pesquisador.

Por final, sobre a parte operacional, que Moraes e Costa (1993) denominam *método de investigação*, é desnecessário descrever todas as experiências e procedimentos até o momento adotados pelo grupo, porque cada projeto ou subprojeto apresenta especificidades as quais exigem o olhar atento e aguçado do investigador. Todavia, certos avanços, apreendidos no próprio ato de *fazer ciência*, fizeram com que, hoje, se tenha mais clareza sobre aspectos essenciais que nem sempre são considerados ao apresentar a *metodologia*, sobretudo porque a geografia pouco se debruça para compreender o sentido real que significa essa palavra:

1. Menção clara do pesquisador sobre seu envolvimento com o objeto e com a área de estudo, com justificativa de tais escolhas;
2. Considerações teóricas sobre o *tipo de pesquisa* realizada, que evita confusões comuns na geografia, a exemplo de engessar leituras entre *dedução* e *indução*, sem que nem se saiba o sentido dos termos; ou reduzir tudo o que se faz a *estudos de caso*, como se o recorte de uma área, *per si*, significasse um caso a ser investigado, o que configura dois erros crassos recorrentes;
3. Ainda que breve, explicar o sentido de cada procedimento adotado, porque parte-se do princípio de que expressões como *pesquisa documental*, *pesquisa bibliográfica*, *questionários semiestruturados*, *pesquisa qualiquanti* e *observação sistemática*, apenas para citar alguns comuns, não possuem noções *a priori*;

4. Elaboração de mapas originais, mormente com base em *mapeamentos em campo*¹¹, tidos como técnica de intermediação relevante, mas nunca exclusiva ou obrigatória para explicar processos, dinâmicas ou fenômenos. Todavia, como todo procedimento, não é visto como neutro, muito menos vazio de intencionalidade, pois se associa à cosmovisão do pesquisador e ao princípio de que um mapa pode obscurecer tanto quanto pode revelar algo.¹² (SANTOS, 2017, p. 100).

TEORIA-REAL-TEORIA: EM CADA CHEGADA UMA NOVA PARTIDA

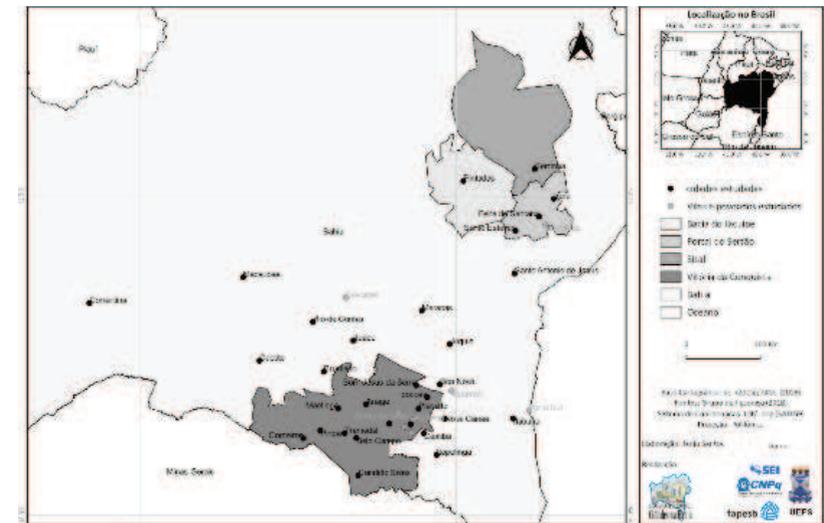
Desde que foi formalizado como uma proposta de trabalho coletivo, em 2005, sob o título de *Espaço urbano em metamorfose*, e que deu base para a instituição do grupo de pesquisa, em 2007 até o contexto atual, várias áreas urbanas foram investigadas pelos membros e os resultados estão apresentados em livros e capítulos de livros, periódicos, anais de eventos e em trabalhos de conclusão de cursos de graduação e mestrado. No total, foram 30 cidades examinadas, entre as quais 5 são consideradas médias: Feira de Santana, Itabuna, Jequié, Santo Antônio de Jesus e Vitória da Conquista; 6 são entendidas pelo grupo como *sub-regionais*: Brumado, Caetité,

11 Realizar registros espaciais, in loco, analógicos ou digitais de informações sobre áreas urbanas.

12 Para Carlos (2007, p. 7), “[...] o mapa, como síntese em si, obscurece os processos que explicam e superam a representação cartográfica em direção à compreensão dos fenômenos analisados ou que se pretende analisar”. Apesar de correta a advertência sobre o canto da sereia que se generaliza na geografia, a autora perde de vista que o mapa, como outros recursos similares, não contém em si respostas para a análise, é apenas um mediador. É o pesquisador quem coloca intencionalidade no ato da representação (SANTOS, 2017, p. 100).

Itapetinga, Macaúbas, Poções e Serrinha; e as demais 19 são pequenas. Além disso, também foram feitos estudos em seis vilas e mais cinco povoados ou aglomerados rurais (Mapa 1).

MAPA 01: CIDADES, VILAS E POVOADOS ESTUDADOS, BAHIA, 2005-2018



Portanto, há um conjunto de dados e informações importantes acumuladas sobre tais cidades, vilas e povoados, os quais se configuram como registros de uma diversidade de processos e dinâmicas, alguns mais gerais e outros mais específicos sobre os desdobramentos da urbanização nas áreas urbanas da Bahia. Apesar de não necessitar trazer muitos detalhes sobre tais resultados, porque podem ser consultados em bibliografia mais específica, talvez seja relevante destacar alguns itens:

- *Registro sobre a memória urbana*: estudos que abordaram fatores históricos que materializaram cidades ou partes delas,

bem como de equipamentos importantes como shopping centers, megaestabelecimentos comerciais, universidades, etc.;

- *Dados dos equipamentos e infraestrutura*: conjunto de informações quantitativas e qualitativas das áreas urbanas até então não existentes, que ajudou a compreender melhor suas estruturas, conteúdos, formas e morfologias;
- *Informações do uso do solo urbano*: dados das características da estrutura das cidades, tipos e formas de ocupação, como condomínios, loteamentos, atividades terciárias e industriais, áreas de interesses de grupos dominantes, etc.;
- *Registros sobre problemas e reivindicações*: por meio do contato com moradores, conhecimento das suas relações com as áreas urbanas: problemas, desejos, interesses, conflitos, condições de vida, etc.;
- *Registros de propostas e políticas urbanas*: por meio do contato com envolvidos nas gestões, conhecimento dos projetos de intervenções, concepções de planejamento, noções sobre prioridades nas necessidades dos moradores, etc.;
- *Informações sobre condições de trabalho*: diálogos sobre a relação entre as atividades laborais realizadas e seus traços dentro da lógica da reprodução do sistema capitalista;
- *Câmbios entre campo e cidade*: informações sobre deslocamentos e condições de reprodução da vida que marcam a relação entre o rural e o urbano.

Os anos dedicados às pesquisas realizadas pelo grupo trouxeram aprendizados que foram acumulados no próprio ato de es-

tudar os espaços urbanos da Bahia. Alguns são de caráter empírico e dizem respeito às cidades, vilas e povoados investigados; outros, voltados às interpretações teóricas dos temas; e outros, mais associados à própria formação profissional, intelectual e pessoal.

Os levantamentos, leituras e interpretações feitas, que visam explicar a realidade das cidades, óbvio, sob o olhar do grupo, permitiram aos membros contribuir para entender a história de cada cidade, as suas lógicas internas e externas, e as contradições e condições de desigualdade. São inclusos neste item: 1) dados sobre saneamento básico, habitação, equipamentos, renda, mobilidade etc., associados aos aspectos mais quantitativos; 2) informações mais qualitativas, como lazer, mobilidade urbana, áreas verdes, entre outras; e 3) escopos das esferas do planejamento e da gestão urbanos.

No âmbito teórico, há, por um lado, o reconhecimento de que a urbanização contemporânea denota um período de maior complexidade e, no plano epistemológico, sua natureza engendra-se como desdobramento do amálgama entre *trabalho*, enquanto mediador crucial da relação sociedade-natureza, e *capital*, marcado no capitalismo pela desumanização do homem. Nesses termos, considera-se a hipótese de que, na atualidade, experimenta-se um período em que a urbanização está associada à barbárie social. Assim, o grupo sempre pensa na capacidade que certas “teses”, muitas vezes produzidas em contextos socioespaciais distintos dos baianos, possuem em explicar a realidade posta. Por esse motivo, sem recair em leituras idiográficas, frequentemente preocupa-se em formular respostas que sejam mais condizentes às realidades estudadas e em reconstruir teorias que alicercem novas leituras da diversidade dos fenômenos.

Percebe-se que as mudanças na urbanização baiana tiveram como consequência dois aspectos distintos e relacionáveis:

reestruturação das cidades médias e modificações na estruturação das cidades sub-regionais, pequenas e nas vilas. O primeiro altera a lógica que perdurou nas cidades médias durante décadas, a relação centro-periferia, e sobrepõe novas dinâmicas territoriais urbanas; as segundas constituem novos conteúdos ao “urbano” verificado nessas tipologias de cidades. Assim, ao mesmo tempo em que fortalecem os papéis na reprodução das relações capitalistas, mediadas pelo avanço da privatização do solo urbano e da separação entre quem controla a produção e quem vende a força de trabalho, tornam mais evidentes a concentração da riqueza, que exacerba precárias condições de vida dos trabalhadores, plasticidade do trabalho, segregação urbana, expansão do tecido urbano e terciarização.

Sobre o campo e a cidade na Bahia, verifica-se que a mobilidade do trabalho foi notória, nas últimas três décadas, e não restrita aos deslocamentos para grandes centros urbanos, como em tempos de outrora, sendo a região Sudeste a principal rota, mas não a única. Tal dinâmica pode ser explicada por três processos: (1) ausência de políticas que garantissem a permanência do homem no campo; (2) mecanização/modernização da agricultura; e (3) crise na atividade agrícola. Por meio de subsídios do estado e também recursos ilegais, como grilagem e trabalhos escravos, grandes empresas/complexos agrícolas, segundo Oliveira (1991), territorializam-se nos municípios baianos ou os monopolizam. Na esteira, camponeses foram e são expropriados, ainda que a ideologia conservadora mantenha a ideia de que eles saíram do campo em busca de condições melhores de vida na cidade o que desconsidera o modo recrudescente como isso ocorreu e ocorre, bem como as condições de sua territorialização nas áreas urbanas. Três nexos teóricos orientam que: (1) a dinâmica urbana é “alimentada”, dialeticamente, pela rural; (2) é inoperante insistir na definição de urbano e rural como realidades

distintas; (3) na lógica capitalista, por mais que haja convergência para homogeneização das relações de produção e de trabalho, isso nunca se materializa plenamente.

No âmbito da rede urbana, o debate sobre os papéis das cidades no estado da Bahia permite reflexões peculiares em relação àquelas que convencionalmente são desenvolvidas sobre o tema. Além da metrópole nacional, Salvador, onde se percebe o que Santos (1993) tratou na década de 1990 como *mudança de qualidade*, são fortalecidos os papéis das cidades médias, em que a maior dificuldade é estabelecer quais, de fato, se enquadram nessa tipologia. Verifica-se ainda uma diversidade de pequenas cidades e vilas com estruturas internas relativamente parecidas, à exceção daquelas enredadas por dinâmicas econômicas específicas, como atividades turísticas, de agricultura modernas, etc. Na cruzada entre médias e pequenas, uma gama de cidades sub-regionais, nesse caso, é marcada por estruturas internas e relações na rede diversificadas, o que dificulta teorizar sobre o tema, além de constatar formas diversas de interações espaciais e escalares, as quais inter cruzam lógicas hierárquicas que se complementam, conforme Catelan (2012), às *heterárquicas*.

A presença dos debates sobre planejamento e gestão urbanas, após a remoção para a UEFS, permitiu a alguns membros o convívio com discussões que desdobraram em propostas reais e alternativas para as políticas urbanas. Destas, destacam-se o levantamento dos vazios urbanos para fins de políticas de interesses sociais; ideias para fortalecer a participação popular em instâncias deliberativas governamentais e para reivindicação; e alterações nas políticas de mobilidade urbana em relação à lógica do transporte coletivo e do uso de veículos não motorizados, como a bicicleta. Isso conduziu o grupo a participar mais ativamente em fóruns

governamentais, como na elaboração do Plano de Desenvolvimento Integrado (PDI) Bahia 2035 do governo do Estado, do Plano Diretor e de mobilidade urbana de Vitória da Conquista e Feira de Santana, de conferências de cidades, sem falar em consultas em propostas de planejamento para pequenas cidades.

PERSPECTIVAS QUE SE ABREM AO GRUPO

O que ainda pode ser dito sobre o grupo são as perspectivas futuras. A primeira delas é encontrar tempo e sistemática para publicar, de algum modo, os resultados das pesquisas até então desenvolvidas, isso para além dos formatos de teses, dissertações, relatórios técnicos, artigos e monografias. Na direção de trabalhos mais acadêmicos, uma das metas para os próximos anos é publicar uma série de livros sobre as cidades sobre as quais um conjunto mais amplo de informações já foi levantado e concluído, tais como Itapetinga, Poções, Belo Campo, Barra do Choça, Vitória da Conquista, Feira de Santana, Nova Canaã, Irará e Santo Estevão.

Um desafio nosso é conseguir criar mecanismos que façam com que a população, que gentilmente contribuiu para os trabalhos feitos até então, ao ceder parte do seu tempo para que fosse possível ter acesso a informações preciosas, conheça o que foi produzido e, caso entenda pertinente, lhe dê utilidade mais prática. Por isso, o grupo também tenta produzir textos com caráter menos acadêmico, a fim de disponibilizá-los em escolas sob a forma de paradidáticos, os quais permitam sínteses dos traços mais relevantes de cada área urbana, além de sites para disponibilizar algumas informações na rede mundial.

No grupo de pesquisa Urbanização e Produção de Cidades na Bahia, um aspecto foi bastante valorizado nesses mais de dez anos de consolidação no que tange aos membros recém-ingressos: priorizar a formação do pesquisador. Num contexto de profundo apelo ao *produtivismo*, significa não pôr em detrimento a *importância do processo* em relação ao produto final, ou seja, creditar que estudantes apreciem e apreendam mais aspectos cognitivos correspondentes às etapas de elaboração de uma dada proposta de pesquisa.

Todavia, os atuais ataques feitos pelo *staff* do Governo Federal e de alguns governos estaduais às universidades, sobretudo públicas, sustentados pelo avanço das ideologias *pseudoliberais*, particularmente face à redução de verbas para pesquisa, ciência e tecnologia no Brasil, põem em cheque a capacidade que os centros de investigação no país terão em se manter, bem como estimular a formação e capacitação de pesquisadores. Tal ameaça materializa-se pelo declínio na oferta de bolsas de estudos para todos os níveis, na exiguidade de editais de financiamento, no corte de verbas para infraestrutura e na ausência de apoio para publicação. Ainda assim, espera-se que o *fazer ciência* com qualidade consiga superar este momento por algo maior e mais relevante para a construção de um outro projeto de nação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto-Lei n. 311, de 2 de março de 1938.** Dispõe sobre a divisão territorial do país, e dá outras. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto->

-lei-311-2-marco-1938-351501-publicacaooriginal-1-pe.html. Acesso em: 1 abr. 2018.

CARLOS, A. F. A. Seria o Brasil “menos urbano do que se calcula?”. **Revista Geosp**, 13, São Paulo: Edusp, 2003. Disponível em: http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/Geosp/Geosp13/Geosp13_Resenha_Fani.htm. Acesso em: 1 abr. 2018.

_____. A “Geografia Crítica” e a crítica da Geografia. **Scripta Nova**. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona. v. XI, n. 245 (3), 1 ago. 2007. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-24503.htm>. Acesso em: 1 abr. 2018.

CATELAN, Márcio José. **Heterarquia urbana**: interações espaciais interescolares e cidades médias. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

CENTRO DE ESTUDOS DE GEOGRAFIA DO TRABALHO (CEGET). **Descrição**. Disponível em: <http://ceget.fct.unesp.br/>. Acesso em: 1 abr. 2018.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPQ). **Diretório de Grupos de Pesquisa**. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp/por-area>. Acesso em: 1 abr. 2018.

CORRÊA, Roberto. Interações espaciais. *In*: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Explorações geográficas**: percursos no fim do século. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 279-318.

DIAS, Patrícia Chame; SANTOS, Janio (Org.). **Cidades médias e pequenas**: contradições, mudanças e permanências. Salvador: UFBA 2012.

ENGELS, F. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2010.

GRUPO DE PESQUISA PRODUÇÃO DO ESPAÇO E REDEFINIÇÕES REGIONAIS (GAsPERR). **Apresentação**. Disponível em: <http://fct.unesp.br/#!/pesquisa/gasperr/>. Acesso em: 1 abr. 2018.

GRUPO ESPAÇO LIVRE DE PESQUISA-AÇÃO. **O projeto**. Disponível em: <http://www.esplivre.ufba.br/index.asp>. Acesso em: 1 abr. 2018.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural, São Paulo: Loyola, 2004.

LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace**. Paris: Éditions Anthropos, 1974.

_____. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.

MARES, R. M. Cidades médias e a produção do espaço urbano: reflexões sobre a produção dos espaços de lazer em Vitória da Conquista (BA). *In*: DIAS, Patrícia Chame; LOPES, Diva Maria Ferlin (Org.). **Cidades médias e pequenas**: desafios e possibilidades do planejamento e gestão Salvador: SEI, 2014, p. 201-221.

MARQUES, Gildo R.; SANTOS, Janio. Proposta de criação da Região Metropolitana do Sudoeste da Bahia (RSMB): dos discursos à irrealidade de uma metrópole. **Bahia Análise & Dados**, v. 1, 2015, p. 371-390.

MARX, K.; ENGELS, F. **O manifesto do Partido Comunista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

MORAES, A. C. R.; COSTA, W. M. da. **Geografia crítica**: a valorização do espaço. São Paulo: Hucitec, 1993.

OLIVEIRA, A. U. de. **A agricultura camponesa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1991.

REDE DE PESQUISADORES SOBRE CIDADES MÉDIAS (ReCiMe). Disponível em: <http://www.redbcm.com.br/Default.aspx>. Acesso em: 1 abr. 2018.

SANTOS, Janio. **A produção espacial do comércio e dos serviços na periferia de Salvador**. 1999. 140f. Monografia (Bacharelado em Geografia) - Instituto de Geociências. UFBA, Salvador, 1999.

_____. **A periferia enquanto espaço de reprodução da vida**. 2003. 206f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, UFBA, Salvador, 2003.

_____. Urbanização e produção de cidades na Bahia: reflexões sobre os processos de estruturação e reestruturação urbana. **Bahia: Análise & Dados**, v. 19, p. 499-509, 2009.

_____. A natureza contraditória da urbanização em um contexto de maior complexidade na produção das cidades baianas. *In*: LOPES, D. M. F.; HENRIQUE, W. (Org.). **Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso**. v. 1, Salvador: SEI, 2010, p. 59-76.

_____. Ações do Estado e o papel das cidades médias nos planos da urbanização capitalista. *In*: DIAS, P. C.; SANTOS, J. (Org.). **Cidades médias e pequenas: contradições, mudanças e permanências nos espaços urbanos**. v.1, Salvador: SEI, 2012, p. 129-156.

_____. (Org.). **Vitória da Conquista no século XXI: reestruturação urbana e mudanças e seu papel como cidade média**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2016.

_____. Contribuição teórico-metodológica ao estudo das pequenas cidades, com base em pesquisas sobre a Bahia. *In*: BRANDÃO, P. R. B. (Org.). **Cidades médias e pequenas: reflexões sobre dinâmicas espaciais contemporâneas**. Curitiba: Prismas, 2017, p. 52-84.

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO DA BAHIA (SEPLAN). **Territórios de Identidade**. Salvador: SEPLAN, 2016. Disponível em: <http://www.seplan.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=17>. Acesso em: 1 abr. 2018.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Mudar a cidade**. Uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2001.

SPOSITO, M. E. B. A produção do espaço urbano: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais. *In*: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L de; SPOSITO, M. E. B. (Org.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 123-145.

URBANIZAÇÃO E PRODUÇÃO DE CIDADES NA BAHIA. Disponível em: <http://www.uesb.br/urbanizacao/index.php>. Acesso em: 1 abr. 2018.

OLHARES GEOGRÁFICOS - GRUPO DE PESQUISA EM GEOGRAFIA CULTURAL E DA PERCEPÇÃO: PRODUÇÕES E REPERCUSSÕES

BELARMINO MARIANO NETO

INTRODUÇÃO

Olhares geográficos – grupo de pesquisa em geografia cultural e da percepção nasceu da busca pela essência dos fenômenos a partir do paradigma indiciário. Aqui apontamos para a construção de um “observatório de geografia cultural” em que os olhares geográficos possam fortalecer o curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), no Centro de Humanidades (CH), pois há décadas já se trabalha na área da geografia cultural e da percepção.

A partir do ano de 2002, fomentamos o Terra – grupo de pesquisas Urbana Rural e Ambiental, com linhas de pesquisas mais amplas, em que os trabalhos estiveram voltados para os temas da geografia, território e planejamento urbano rural e ambiental. Mas, na medida em que realizávamos os estudos, percebemos um crescente interesse dos pesquisadores e estudantes por abordagens

geográficas voltadas para temas como: cultura, religião, espaço, memória, camponeses, paisagens e ambientalismo.

A partir do ano de 2014, com o amadurecimento das pesquisas na área de geografia cultural e com a reformulação do Projeto Pedagógico do Curso de Geografia, do Câmpus III, incluindo-se oficialmente a disciplina de Geografia Cultural, fizemos o registro oficial do grupo junto à UEPB e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ, 2018).

Os resultados desses trabalhos estão em projetos de iniciação científica e de conclusão de curso, além de muitas publicações em anais de congressos e em livros. A intenção é aprofundarmos sobre temas culturais, permitindo uma maior interdisciplinaridade entre geógrafos, antropólogos, sociólogos, pedagogos, psicólogos, historiadores e linguistas. A ideia é focarmos na rica experiência cultural dos territórios interioranos do semiárido brasileiro, a partir do esquema teórico-metodológico amparado pelo espaço-tempo e sociedade-natureza; além de categorias como território, região, lugar, paisagem, ambiente, cultura e identidades.

Para Rapini (2007), os grupos de pesquisa devem fomentar o conhecimento científico no âmbito das universidades, aproximando docentes e discentes. Nestes termos, foram traçados objetivos para tal fim, de acordo com as exigências do CNPq, como principal órgão de fomento à pesquisa no Brasil, além da UEPB, através dos seus programas de iniciação à pesquisa e à extensão universitária, com editais (PIBIC, PROBEX, PROPESQ, FAPESQ), editais universais do CNPq e instituições particulares (CNPQ, 2018).

Ao longo deste artigo, exporemos o processo de criação do grupo Olhares Geográficos, bem como os trabalhos de destaque que foram desenvolvidos na área de geografia cultural nas últimas

décadas, sem perder de vista o trabalho coletivo e as trocas de experiências com pesquisadores de outros grupos, considerando nossa contribuição em temas de interesse geográfico com o viés para a geografia cultural e da percepção.

Como estamos tratando sobre campos de pesquisa, nosso grupo veio no sentido de relativizar os elementos teóricos e metodológicos, em especial quando tratamos da escola fenomenológica (RICOEUR, 2009), laço de aproximação entre os geógrafos e os pensadores clássicos como Husserl (1859-1938), Kant (1724-1804), Hume (1685-1753) e Heidegger (1889-1976), mas considerando também a fenomenologia dentro das variáveis experiências humanas em seus diferentes níveis (ético, político, religioso, estético e cotidiano) de compreensões.

DESENVOLVIMENTO E PRODUÇÕES CIENTÍFICAS DO OLHARES GEOGRÁFICOS - GRUPO DE PESQUISA EM GEOGRAFIA CULTURAL E DA PERCEPÇÃO

O grupo Olhares Geográficos, apesar de relativamente novo, já conta com dezenas de trabalhos, pesquisas e publicações voltadas para as seguintes linhas: 1) Educação, Patrimônio Cultural e Ambiental; 2) Geografia Cultural e da Percepção; 3) Geografia das Religiões; 4) Geografia e Fenomenologia; 5) Geografia, Território e Paisagens; 6) Territórios Agrários, Identidades e Representações. Essas linhas estão diretamente relacionadas com os interesses de cada pesquisador em montar suas pesquisas e orientações científicas.

O grupo conta com 17 professores pesquisadores, sendo 05 doutores, 11 mestres e 02 especialistas. Esses professores são tanto do quadro efetivo da UEPB quanto professores substitutos, além

de professor do IFPB e de escolas estaduais. Existem, no atual momento, 13 estudantes cadastrados, sendo alguns bolsistas e outros voluntários em projetos de pesquisas e/ou apenas desenvolvendo seus trabalhos de conclusão de curso a partir dos temas e da linha de pesquisa desenvolvidos pelo grupo (Tabela 01):

TABELA 01 – PROFESSORES VINCULADOS AO GRUPO OLHARES GEOGRÁFICOS – 2014-2018

NOME DO PROFESSOR	TITULAÇÃO	INSTITUIÇÃO
Ana Carla dos Santos Marques	Mestre	UEPB/CH/DG
André da Silva Santos	Mestre	IFPB
Belarmino Mariano Neto (líder)	Doutor	UEPB/CH/DG
Carlos Antonio Belarmino Alves	Doutor	UEPB/CH/DG
Diego Pessoa Irineu de França	Mestre	SEC/PB
Elton Oliveira da Silva	Mestre	UEPB/CH/DG
João Maria Cardoso e Andrade	Especialista	UEPB/CH/DG
José Mácio Ramalho Teóduo	Doutor	UEPB/CH/DG
Leandro Paiva do Monte Rodrigues (líder)	Doutor	UEPB/CH/DG
Luciene Veira de Arruda	Doutor	UEPB/CH/DG
Márcio Balbino Cavalcante	Mestre	SEC/PB
Maria Aletheia Stedile Belizário	Mestre	UEPB/CH/DG
Michele Kely Moraes Santos	Mestre	UEPB/CH/DG
Mônica de Fátima Guedes de Oliveira	Mestre	UEPB/CH/DE
Sâmia Érika Alves de Caldas Bandeira	Mestre	SEC/PB
Sharlene da Silva Bernardino	Mestre	UEPB/CH/DG
Vanusa Valério dos Santos	Especialista	UEPB/CH/DG

Fonte: Olhares Geográficos – Grupo de Pesquisa em Geografia Cultural e da Percepção/CNPq, 2018.

O grupo funciona em sala própria, no Centro de Humanidades, em parceria com outros grupos da Geografia. Essa sala foi um projeto apresentado pelo atual líder e criador do grupo Olhares Geográficos, a partir de um projeto de Laboratório de Energia e Meio Ambiente (parceria com a Eletrobras). O ambiente foi estru-

turado tanto com recursos do projeto quanto por investimentos da própria UEPB, contando com mesas, armários, computadores, datashow entre outros materiais de pesquisa fomentados pelos grupos que utilizam o mesmo espaço físico e materiais.

As pesquisas em geografia cultural e da percepção encontram-se na vida acadêmica de alguns dos pesquisadores desde o período de suas formações e foram dando continuidade aos estudos e pesquisas no grupo Terra (MARIANO NETO, 2001; BELIZÁRIO, 2002). Um dos melhores exemplos foi o projeto de pesquisa intitulado *Geografia Cultural e Ecologia Comunitária* (2002-2004) com o propósito de analisar a constituição do imaginário e da natureza como elementos norteados pela herança cultural para compreender como as comunidades tradicionais se percebem e percebem a natureza que os envolve, e quais as implicações na produção de uma ecologia comunitária na microrregião de Guarabira, Agreste da Paraíba. Um dos resultados dessa pesquisa foi o projeto de mestrado em Geografia da UFPB intitulado *Diagnóstico socioambiental e identificação dos impactos ambientais ao longo do rio Araçagi – PB* (SANTOS, 2009).

Outra importante pesquisa com viés culturalista foi o projeto *Geografia cultural, paisagem e turismo: as trilhas do Padre Ibiapina no Brejo Paraibano*. O objetivo foi analisar, pela via da geografia cultural, a constituição de um novo desenho paisagístico a partir do turismo rural, religioso e ecológico nas microrregiões de Guarabira, Brejo e Curimataú. Pesquisas como essas geraram vários trabalhos científicos (RODRIGUES; MARIANO NETO, 2007; 2009; 2010). Nos estudos publicados, foram ressaltados aspectos culturais da geografia local e regional, a exemplo da cultura canavieira e da civilização do açúcar, da produção de rapadura e dos recursos ambientais e territoriais.

Como podemos observar, ao longo dos anos, por dentro do grupo Terra, foram aprovados projetos com enfoques na geografia cultural, o que justificou a criação do grupo Olhares Geográficos. Outro exemplo foi a pesquisa *Retalhos territoriais e sobreposição de áreas no tecido municipal de Rio Tinto - PB* (PIBIC 2006-2007). Um projeto com um viés teórico diferenciado e com base na ideia de sobreposição territorial, pois o ambiente contava com diferentes interesses territoriais em uma mesma área. Este projeto gerou um importante artigo no XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária, em 2009, ocorrido em São Paulo (MARIANO; MARIANO NETO, 2009). Também permitiu cinco trabalhos de conclusão de curso sobre área de pesquisa abordando outros temas.

Com esses estudos e o amadurecimento da equipe, foi possível cadastrar o grupo na plataforma do CNPq a partir da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (PRPGP/UEPB). Entre os anos de 2013 e 2014, o grupo apresentou o projeto intitulado *Geografia cultural: o sagrado e o profano das tradicionais festas de padroeiros/as no território da Arquidiocese de Guarabira - PB*. A pesquisa teve como objeto de estudo as manifestações culturais entre o sagrado e o profano a partir do catolicismo, incrustadas em território paraibano, exclusivamente nas microrregiões de Guarabira, do Brejo e do Curimataú paraibano. O objetivo foi analisar a dimensão do sagrado e do profano a partir dos rituais e das festas de padroeiros/as dos principais municípios que estão hierarquicamente localizados na Arquidiocese de Guarabira (MARIANO NETO, 2013).

Entre os anos de 2008 e 2009, o grupo Terra lançou o projeto de Especialização em Geografia e Território – Planejamento urbano, rural e ambiental, que foi submetido ao Departamento de Geografia do CH/UEPB. O curso formou três turmas (2008/2009

– 2010/2011 – 2012/2013), sendo cada uma composta de 30 alunos. Desse curso, foram orientadas 05 pesquisas em geografia cultural na primeira turma, 06 na segunda turma e 08 trabalhos na terceira turma (MARIANO NETO; ARRUDA, 2010; ARRUDA; MARIANO NETO, 2013; ARRUDA; MARIANO NETO, 2015).

No ano de 2018, foi aprovada a quarta turma de especialização, fomentada pelos grupos Terra, Olhares Geográficos, Centro de Estudos Agrários do Trabalho e Grupo de Estudos Geográficos – ensino e formação de professores. Desse nova turma, espera-se que alguns estudos sejam voltados para as temáticas da geografia cultural e da percepção, algo notado nos projetos apresentados por, pelo menos, cinco candidatos.

Entre as pesquisas com viés da geografia cultural e também territorial agrária, nos anos de 2009 a 2011, através do edital Programa de Fomento à Pesquisa (PROPESQ), aprovamos o projeto *Territórios de resistência do campesinato a partir de movimentos sociais no campo em ambientes do litoral sul e agreste da Paraíba*. A pesquisa buscou resgatar as histórias de luta pela terra e pela sobrevivência na terra no Agreste da Paraíba entre 1996 e 2009, na busca da construção de “território(s) de esperança”. A repercussão da pesquisa apareceu em artigos e capítulos de livros (FRANÇA; MARIANO NETO; FREIRE, 2011; FRANÇA; MARIANO NETO; MOREIRA, 2009; LIMA; MARIANO NETO, 2010).

Entre os anos de 2013 e 2016, o grupo Olhares Geográficos – grupo de pesquisa em Geografia Cultural e da Percepção (CNPQ) e o Centro de Estudos Agrários e do Trabalho – CEAT (CNPQ) passaram a atuar com o grupo Terra em uma única frente de pesquisa na microrregião do Brejo paraibano, com projetos como *Nas trilhas da Serra do Espinho, Pilões/PB - potencial geoambiental*

como vetor de desenvolvimento sustentável. Também se integrou aos trabalhos a Equipe Teju-Açú, formada por um grupo de técnicos e professores lotados no Centro de Humanidades (Câmpus III) da UEPB (SILVA *et al.*, 2016; PESSOA *et al.*, 2016; GUILHERME *et al.*, 2017; ALMEIDA; ARRUDA *et al.*, 2015).

Alguns resultados dos estudos foram publicados em capítulos de livros, revistas e anais de congressos das linhas desenvolvidas pelo grupo Olhares Geográficos. Foram destaque os projetos: *Questão agrária e propriedade da terra na Serra do Espinho, Pilões/PB, entre os anos de 1995 a 2015*, cota 2016/2017 (BARROS; MARQUES; MARIANO NETO, 2017) e *Questão agrária e propriedade da terra nos municípios de Pilões e Areia/PB, entre os anos de 1995 a 2015 (parte II)*, na cota 2017/2018. Esses projetos buscaram analisar o processo de formação dos assentamentos de reforma agrária na área de Pilões, compreendendo a história da formação territorial do lugar e a importância da Usina Santa Maria para a configuração do espaço.

Em 2017, o grupo iniciou uma pesquisa intitulada *Levantamento das potencialidades turísticas e culturais das comunidades inseridas nas trilhas da serra do espinho: parte I -Assentamento Veneza*, objetivando realizar um estudo exploratório da comunidade, catalogar o patrimônio material e imaterial presente na comunidade, bem como o potencial turístico da área.

Outros estudos foram realizados na perspectiva da geografia cultural, entre eles as pesquisas *A festa de São Sebastião como potencial turístico, cultural e religioso no município de Lagoa de Dentro/PB* (ADELAIDE; MARIANO NETO, 2015); *Turismo ecológico: perspectiva econômica e cultural no município de Belém/PB* (ROSA; LIMA, 2015); *Geografia cultural: um olhar sobre as toponímias de*

Serra de São Bento/RN (CAVALCANTE; ALVES, 2015); *Geografia cultural: turismo religioso na festa de Nossa Senhora Imaculada Conceição, Nova Cruz/RN* (COSTA; MARIANO NETO, 2015); *Imagens geofotográficas antigas e atuais como instrumento para o planejamento urbano para o município de João Pessoa-PB* (ALVES; MARIANO NETO, 2010); e *A violência no campo e as disputas territoriais: algumas considerações sobre a concentração de terras e assentamentos rurais* (MARIANO NETO, 2010).

À medida que o grupo foi se consolidando, mesmo ainda não sendo cadastrado, as pesquisas com teor culturalista se intensificaram, a exemplo de: *A geografia do cangaço: território de Lampião expresso pela geografia cultural* (BARROS; BELIZÁRIO, 2013); *Cultura, paisagem e território da Feira Camponesa: uma análise no município de Jacaraú/PB* (BERNARDINO; MARIANO NETO, 2013); *Práticas culturais como resgate da identidade social no Projeto de Assentamento (PA) Veneza, Pilões/PB* (TAVEROS; NASCIMENTO; BELIZÁRIO, 2016). Muitos outros trabalhos demonstram que o grupo Olhares Geográficos – Geografia Cultural e da Percepção possui uma dinâmica coerente de produção, dentro das diferentes linhas de pesquisas propostas do grupo.

PESQUISA DE RELEVÂNCIA ATUAL PARA O GRUPO

Entre as dezenas de pesquisas que deram continuidade ao tema da geografia cultural, escolhemos dar destaque a uma mais recente. Nos anos de 2016 e 2017, foi aprovado o projeto *Análise do fenômeno religioso das igrejas católica e evangélica como resgate das práticas simbólicas no espaço urbano de Guarabira/PB*. Pesqui-

sa coordenada por Belizário (2017) e que envolveu diretamente um bolsista e dois estudantes pesquisadores voluntários, objetivou realizar um estudo acerca das práticas religiosas decorrentes das características culturais presentes na região, analisando a simbologia com que a sociedade demonstra as práticas relacionadas à paisagem.

A área de estudo foi o espaço de Guarabira, que pertence à microrregião de Guarabira, composta pelos municípios de Alagoí-
nha, Araçagi, Belém, Caiçara, Cuitegi, Duas Estradas, Guarabira, Lagoa de Dentro, Logradouro Mulungu, Pilõezinhos, Pirpirituba, Serra da Raiz e Sertãozinho; e que teve como uma de suas características culturais as festas religiosas (BELIZÁRIO *et al.*, 2017).

Para a autora, as festas de padroado nos mostram a presença de um vasto campo de análise para a geografia cultural, que se preocupa em estudar as paisagens humanas, os lugares simbólicos e sua interação com a natureza. O projeto contemplou um estudo sobre o simbolismo religioso na cidade de Guarabira, levando em consideração a festa da padroeira, o memorial de Frei Damião, bem como outros tempos sagrados da religião evangélica que se desenvolvem durante o ano na cidade, estabelecendo a forma com que a religiosidade imprime marcas no espaço urbano, gerando, além de alterações na paisagem, uma melhoria na economia (BELIZÁRIO, 2017).

A autora considera que, em todas as religiões, os espaços sagrados representam o “ponto fixo” (hierofania), em torno do qual circulam todas as outras atividades, convergindo sempre para as práticas simbólicas que alteram a paisagem. Cada religião possui seus próprios espaços sagrados, determinando assim como cada grupo (re)produzirá a paisagem. A emergência do sagrado nessa hierópolis possui uma forte influência na configuração da paisagem,

(re)organizando o espaço urbano e fazendo com que este ganhe um caráter simbólico. Esse estudo havia sido iniciado em 2016 e foi retomado com uma ampliação da área de pesquisa e a participação de bolsistas e voluntários (BELIZÁRIO *et al.*, 2017).

Aqui, a pesquisadora apresentou alguns resultados do estudo, a partir da sua base teórica pautada pelos autores da geografia cultural que estudam as paisagens humanas, buscando, a partir dos fenômenos geográficos, o conhecimento do ser humano e sua condição através de suas ideias e sentimentos, de acordo com o espaço e o lugar em que atuam. A cada período em que ocorre a manifestação do sagrado, as hierópolis são dimensionadas de formas diferentes, sempre de acordo com o grupo que frequenta e atua nessa paisagem, com todas as atividades convergindo para o simbolismo mágico-religioso (ELIADE, 1991).

Segundo Claval (1999), a geografia remete sua origem aos saberes desenvolvidos pelos gregos a fim de compreender a diversidade das atuações humanas e dos ambientes no mundo conhecido. Com sua reestruturação nos anos 1980, os estudos de religião em geografia tornaram-se mais evidentes, procurando com isso “revelar os significados na paisagem cultural (...) e, então, rerepresentar essa paisagem num nível no qual, seus significados possam ser expostos e refletidos” (COSGROVE, 1998, p. 102).

Assim, a geografia da religião surgiu como o estudo da parte desempenhada pelo motivo religioso na transformação humana da paisagem, ela pressupõe a existência de um impulso religioso no homem, que o conduz a atuar sobre o seu ambiente. Esse impulso é determinado pelo simbolismo existente nas paisagens (BELIZÁRIO, 2017).

Nas cidades santuário, durante determinados períodos, é o sagrado que determina a configuração espacial, portanto, Guarabira configura uma hierópolis que possui uma função devocional, estando presentes nela determinados símbolos que são utilizados pelos atores sociais, caracterizando assim uma paisagem religiosa. Além das práticas católicas, estão presentes nesse espaço práticas de diferentes religiões, mas que não foram focadas neste estudo (BELIZÁRIO, 2017).

Como um dos resultados da pesquisa, Belizário (2017) destacou a Festa da Luz de Guarabira/PB. As festas de padroado nos mostram a presença de um vasto campo de análise para a geografia cultural, que se preocupa em estudar as paisagens humanas, os lugares simbólicos e sua interação com a natureza. A Festa da Luz, por sua vez, é marcada por conter um significado forte, de grande valor para os habitantes da cidade de Guarabira e região, que aguardam anualmente a chegada do período festivo. Tal cultura deixa marcas que possibilitam à comunidade um olhar sobre a releitura desse acontecimento em nosso meio/espaço.

Manifestação de caráter católico, a Festa de Nossa Senhora da Luz é conhecida como uma devoção que surgiu na cidade de Guarabira em 1990 e é uma tradição manifestada até os dias atuais. Evento de caráter sagrado e profano, acontece sempre no final do mês de janeiro, tendo seu final no dia 02 de fevereiro (dia dedicado à padroeira) com a procissão, que atrai fiéis de todos os lugares do Estado, sendo assim uma das festas de padroado mais conhecidas e populosas do Agreste paraibano.

Segundo Belizário (2002), a chegada ao espaço sagrado é denotada pela afetividade. O fiel descobre o sagrado como um ato de amor entre o crente e o santo de sua devoção. Desse modo, o

conjunto de símbolos que se fazem presentes nos tempos sagrados coloca os participantes em contato direto com o simbolismo sagrado, embora para tanto o profano se faça presente. A versão religiosa da tradicional Festa de Nossa Senhora da Luz reúne anualmente um grande número de fiéis. Os novenários, que antes só aconteciam à noite, hoje também ocorrem durante a tarde, uma mudança que aconteceu pelo grande número de fiéis que vêm de outras cidades.

Por ser um acontecimento muito esperado pelos habitantes, a população enfeita suas casas para a passagem da santa nas ruas – uma forma de demonstrar o carinho e a devoção pela Virgem Nossa Senhora da Luz. A religião é determinada por um forte traço humano e impulsionada pelo imaginário que está presente na vida das pessoas, em que elas buscam significados em objetos, lugares ou até mesmo pessoas. Essa manifestação determinada pela religião recebe o nome de hierofania e é através dela que os espaços se tornam demarcados e diferenciados, revelando o nível de conscientização humana (BELIZÁRIO, 2017).

Eliade (2001) diz que a pedra sagrada ou a árvore sagrada não são adoradas porque pedra ou árvore, mas justamente porque são hierofanias, porque “revelam” algo que já não é pedra nem árvore, mas o sagrado. Com isso, podemos notar que a manifestação do sagrado na vida do homem pode tornar um objeto considerado qualquer como sagrado. O que dá sentido de sagrado para determinados lugares são os rituais que se repetem ali e o fato de guardarem uma memória coletiva.

Segundo Belizário (2002) “a chegada ao espaço sagrado é denotada pela afetividade. O fiel descobre o sagrado como um ato de amor entre o crente e o santo de sua devoção”. A emergência do sagrado com ocorrência de peregrinações não é somente caracterís-

tica cultural da cidade de Guarabira, mas também o lado profano da tradicional Festa de Nossa Senhora da Luz.

Outra manifestação religiosa em Guarabira é a Romaria de Frei Damião de Bozzano, que carrega todo um simbolismo, mistificação, hierofania no Nordeste brasileiro. O povo que o idealizou e o considera santo, em todos os anos, rende homenagem àquele que acreditam fazer milagres (BELIZÁRIO, 2017). A religiosidade é uma das práticas mais antigas existentes. A experiência religiosa pressupõe uma vivência no templo sagrado (ROSEDAHL, 2014). As práticas religiosas desenvolvem-se a partir do sagrado. O sagrado é algo de grande importância para um grupo de pessoas através da fé.

A análise do espaço sagrado nos remete a um lugar repleto de símbolos e significados. Belizário (2002, p. 58), em seus estudos afirma, que “o que dá sentido de sagrado para determinados lugares são os rituais que se repetem ali e o fato de guardarem uma memória coletiva”. Espaço sagrado é um ponto fixo em que se desenvolvem atividades religiosas. Costa (1998, p. 32) diz que “o sagrado introduz uma ruptura entre natural e sobrenatural”.

De acordo com pesquisa de Belizário (2017), o nome de batismo de Frei Damião era Pio Giannotti. Nasceu em 5 de novembro de 1898 em Bozzano, norte da Itália, filho dos camponeses Félix e Maria Giannotti. Aos 12 anos, começou a estudar religião na escola saráfica de Camigliano, mas, aos 19 anos, foi convocado a servir ao exército italiano, onde atuou por três anos. Ao sair, retornou aos estudos de religião. Em 5 de agosto de 1923, ordenou-se sacerdote, com apenas 25 anos. Aos 33 anos de idade, ele deixou a Itália com destino a Pernambuco.

Enviado ao Brasil como missionário, foi vinculado ao convento da Penha no Recife - PE. A partir de então, suas funções se apresentavam com um caráter de missionário pregador móvel em todos os estados do Nordeste. Assim, em cada cidade que chegava era muito bem recebido, ele começou a ter influências políticas e se tornou uma das personalidades religiosas mais influentes da região (CRUZ, 2010).

Frei Damião dedicou-se extremamente à vida religiosa. Assim foi reconhecido por operar milagres. Ele começou a reunir multidões que vinham de todos os lugares. Segundo Braga, “os milagres operados pelo Frei foram cinco de doenças, dois de salvação, três de sucesso econômico, cinco de conversão dos pecadores e até milagre de domínio da natureza fazendo chover em determinadas regiões da Paraíba” (BRAGA, 2002, p. 54).

Portanto o sacerdote foi de fundamental importância no despertar na hierofonia no estado da Paraíba, culminando com a construção de um memorial em sua homenagem na cidade de Guarabira. O Memorial Frei Damião foi idealizado por Monsenhor Nicodemos, que afirma que a multidão que o Frei arrastava lhe chamou a atenção. Disse ainda em uma entrevista dada a José Honório em 2011 que foi totalmente apoiado pela Prefeitura Municipal de Guarabira - PB e que tomou por arquiteto para essa grande obra Alexandre Azevedo Lacerda (BELIZÁRIO, 2017).

A construção do memorial teve início em 27 de março de 2000, e o projeto contava com um museu, lojas de conveniência, amplo estacionamento, via-sacra em todo o percurso e uma capela, além da estátua, que possui 34 metros de altura, sendo 21 metros a sua altura real e 13 metros o seu pedestal. Foi inaugurado em

dezembro de 2004 pela prefeitura, que entregou a administração à diocese de Guarabira - PB.

A construção do memorial em homenagem a Frei Damião aumentou o simbolismo presente na paisagem, já que “todas as paisagens possuem significados simbólicos porque são produto da apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem” (COSGROVE, 1998, p. 108). O homem é o maior conservador da paisagem e da cultura, só ele pode desenvolvê-la e transmiti-la.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em apenas cinco anos de existência oficial, mas com quase um década de estudos sobre os temas da geografia cultural, os integrantes do grupo Olhares Geográficos já demarcaram um importante território de pesquisas para a região do Agreste brasileiro.

Como se percebe, o grupo atua no curso de Geografia do Câmpus III da UEPB, e a maior produção de seus pesquisadores é na orientação de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) dos graduandos. No entanto, alguns transcendem os processos das licenciaturas e avançam no campo da pesquisa acadêmica, além das práticas de ensino.

Outras ações do grupo se encontram em oferecer projetos de extensão, minicursos e palestras relativas aos temas da geografia cultural. Entre os projetos de extensão, destaca-se o *Projeto X – O Xadrez e a Arte da Guerra*, tanto para os estudantes de Geografia quanto para a comunidade acadêmica do Centro de Humanidades. Sendo aprovado no PROBEX - UEPB 2017/2018, o mote para o

Projeto X é metodologicamente incentivar a leitura de obras clássicas, correlacionada com uma atividade lúdica e também clássica representada pelo jogo de xadrez. Nesse sentido, são desenvolvidas atividades práticas e teóricas envolvendo os estudantes e professores interessados em ler coletivamente autores como Maquiavel, Aristóteles e Sun Tzu, bem como regras, manuais e análises do jogo de xadrez.

Um dos projetos mais relevantes apresentados por membros do grupo Terra foi o projeto de Especialização em Geografia, Território e Planejamento: urbano, rural e ambiental, que já formou quase 90 especialistas, em três turmas, e se encontra com a quarta turma aprovada para 2018/2019. Com esse curso de especialização, o grupo já organizou três livros, que somados expõem quase 100 capítulos, como resultados das pesquisas acadêmicas. Dos especialistas vinculados ao grupo de pesquisa, dezenas deles já fizeram mestrado e vários dos mestres deram continuidade aos estudos em nível de doutoramento.

O grupo ainda desenvolve atividades de caráter técnico, como o curso de extensão *Da bússola ao mapa digital: uso de recursos materiais didáticos para o ensino e pesquisa de geografia*, aprovado pelo PROBEX 2018/2019. Esse projeto tem por objetivo socializar entre os participantes técnicas de ensino e pesquisa a partir do uso de recursos materiais/didáticos envolvendo os conteúdos de geografia que possam possibilitar um ensino mais dinâmico dos conhecimentos escolares e fortalecer a pesquisa, aplicadas tanto no curso de graduação (momento da formação), como na própria atuação do docente de Geografia no ensino básico.

REFERÊNCIAS

ADELAIDE, E. V.; MARIANO NETO, Belarmino. A Festa de São Sebastião como potencial turístico, cultural e religioso no município de Lagoa de Dentro/PB. *In*: ARRUDA, Luciene Vieira de; MARIANO NETO, Belarmino (Org.). **Geografia e Território - Planejamento Urbano, Rural e Ambiental**. v. III, 1. ed. João Pessoa: Ideia, 2015, p. 293-308.

ALMEIDA, E. B.; SILVA, A. B.; CARDOSO, J. S.; ARRUDA, Luciene Vieira de. Uso e ocupação do solo na Serra do Espinho, Pilões/PB. **Terra - Saúde ambiental e soberania alimentar**. v. III, 1. ed. Ituiutaba, MG: Barlavento, 2015, p. 317-327.

ANSELMO, M. G. V.; ARRUDA, Luciene Vieira de; SANTOS, A. A.; DANTAS, W. M.; SOUZA, R. S.; SILVA, S.; ROSA, J. H.; ALVES, C. A. B. Classificação e avaliação de solos nas reservas legais: Riacho Pacaré e Riacho das Pratas, Rio Tinto, Paraíba, Nordeste do Brasil. **Gaia Scientia** (UFPB). v. 8, p. 351-364, 2014.

ARRUDA, Luciene Vieira de; OLIVEIRA, F. H. T.; SILVEIRA, J. P. A.; PEDROSA, E. C. T. Identificação de vulnerabilidade ambientais na microbacia do Rio Guarabira/PB. **Caminhos de Geografia** (UFU), v. 11, p. 50-61, 2010.

ARRUDA, L.V.; MARIANO NETO, B. (Orgs.). **Geografia e território: planejamento urbano, rural e ambiental**. v. II, João Pessoa: Ideia, 2013, 365p.

_____. **Geografia e território: planejamento urbano, rural e ambiental**. v. III, João Pessoa: Ideia, 2015, 386p.

_____. **Geografia e território: planejamento urbano, rural e ambiental**. v. I, João Pessoa: Ideia, 2010, 326p.

BANDEIRA, Sâmia Erika Alves de Caldas; MARIANO NETO, Belarmino. Imagens Geofotográficas Antigas e Atuais como Instrumento de Planejamento Urbano para o Município de João

Pessoa - PB. *In*: MARIANO NETO, Belarmino; ARRUDA, Luciene Vieira de (Org.). **Geografia e Território: Planejamento Urbano, Rural e Ambiental**. v. 01, 342 ed. João Pessoa: Editora Ideia, 2010, p. 67-85.

BARROS, J. S.; BELIZÁRIO, M. A. S. A. Geografia do Cangaço: O Território de Lampião expresso pela Geografia Cultural. *In*: ARRUDA, Luciene Vieira de; MARIANO NETO, Belarmino (Org.). **Geografia e Território: Planejamento Urbano, Rural e Ambiental**. v. II, 1. ed. João Pessoa, PB: Ideia, 2013, p. 305-320.

BARROS, Renata Costa de; MARQUES, Ana Carla dos Santos; MARIANO NETO; Belarmino. A importância da atuação dos movimentos sociais de luta pela terra no estado da Paraíba. *In*: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, XVI, 2017, La Paz – Bolívia. **Anais**. La Paz: [s.n.], 2017. p.1-15.

BELIZÁRIO, Maria Aletheia Estedile. **Análise do fenômeno religioso das igrejas católica e evangélica como resgate das práticas simbólicas no espaço urbano de Guarabira/PB**. (Relatório Final). Campina Grande: UEPB/PIBIC/PRPGP, 2017, 23p.

_____. Um olhar geográfico acerca do fenômeno religioso em Juazeiro do Norte - Ceará. *In*: SEEMANN, Jörn; RIBEIRO, Simone Cardoso; SOARES, Rafael Celestino (Org.). **Geografias do Cariri Cearense**. v. 1, 1. ed. Fortaleza: Expressão Geográfica, 2015, p. 67-76.

_____. Interações culturais, simbolismo e transformações urbanas decorrentes do fenômeno religioso em Juazeiro do Norte/Ceará. *In*: XVIII ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 2016, São Luís. **A construção do Brasil: Geografia, ação política e democracia**, 2016.

_____. TAVEROS, T. S.; NASCIMENTO, P. R. S.; SANTOS, R. F. P.; SOUZA, G. F. Análise do fenômeno religioso em Guarabira/PB: um estudo sobre a festa de Nossa Senhora da Luz em

2017. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE PRÁTICAS EDUCATIVAS, 2017, Campina Grande. **Anais COPRECIS**, 2017. v. 1.

BEZERRA, M. A.; MARIANO NETO, Belarmino. **Geografia e Território** - Planejamento urbano, rural e ambiental. v. II. As ocupações desordenadas e a transformação territorial do bairro do Nordeste I - Guarabira/PB. 1. ed. João Pessoa/PB: Ideia, 2013, v. 500, p. 205-218.

BERNADINO, Sharlene da Silva; MARIANO NETO, Belarmino. A função da paisagem na identidade social dos indivíduos. *In*: IV SEMANA DE HUMANIDADES, 2007, **Guarabira**. Mundialização, alteridade e inclusão. v. 1. Mossoró/RN: Queima-Bucha, 2007. p. 99-103.

CLAVAL, Paul. A geografia cultural: o estado da arte. *In*: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 59-98.

CARDOSO, J. S.; SOUZA, M. C.; SANTOS, F. F.; ARRUDA, Luciene Vieira de. Nas trilhas da Serra do Espinho, Pilões/PB - turismo rural a partir do potencial natural. *In*: SEABRA, Giovanni (Org.). **Terra** - Saúde ambiental e soberania alimentar. v. II, 1. ed. Ituiutaba/MG: Barlavento, 2015, p. 685-697.

CAVALCANTE, T. M. S.; ARRUDA, Luciene Vieira de; MARIANO NETO, B.; SILVA, A. B. Políticas públicas para a promoção da sustentabilidade ambiental no Assentamento Venéza, Pilões/PB. *In*: ARRUDA, Luciene Vieira de; MARIANO NETO, Belarmino (Org.). **Geografia e Território**: planejamento urbano, rural e ambiental. v. III, 1. ed. João Pessoa/PB: Ideia, 2015, p. 359-372.

CNPQ. CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. **Diretório de Grupos de Pesquisa**. Disponível em: <http://www.cnpq.br>. Acesso em: 10 maio 2018.

CORDEIRO, R. S.; SILVA, R. F.; ARRUDA, Luciene Vieira de. Reflexões sobre a construção do urbano em áreas de encostas na cidade de Bananeiras/PB. *In*: ARRUDA, Luciene Vieira de; MARIANO NETO, Belarmino (Org.). **Geografia e Território**: planejamento urbano, rural e ambiental. v. III, 1. ed. João Pessoa/PB: Ideia, 2015, p. 115-128.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 92-123.

COSTA, Otávio José Lemos. A festa do Senhor do Bonfim em Icó – Ce. **Uma abordagem da Geografia da Religião**. Fortaleza: Dissertação (Mestrado em Geografia) - UECE, 1998. 123p.

COSTA, Simara Nelwma Caetano; MARIANO NETO, Belarmino. Geografia cultural: turismo religioso nas festas de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, Nova Cruz/RN. *In*: ARRUDA, Luciene Vieira de; MARIANO NETO, Belarmino (Org.). **Geografia e Território** - Planejamento Urbano, Rural e Ambiental. v. III. 1. ed. João Pessoa: Ideia, 2015, p. 373-386.

CRUZ, João Everton da. **Frei Damião**: a figura do conselheiro no catolicismo popular do Nordeste brasileiro. Belo Horizonte, 2010. 115f.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos** – ensaio sobre o simbolismo mágico – religioso. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1991.

_____. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Trad. Rogério Fernandes. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 191p.

FERREIRA, A. C.; BELIZÁRIO, M. A. S. Um estudo sobre as transformações na paisagem urbana na comunidade de Quixaba na cidade de Riachão-PB. *In*: ARRUDA, Luciene Vieira de; MARIANO NETO, Belarmino (Org.). **Geografia e Território**:

Planejamento Urbano, Rural e Ambiental. 1. ed. João Pessoa, PB: Ideia, 2013, p. 31-45.

FRANÇA, Diego Pessoa Irineu de; MARIANO NETO Belarmino; MOREIRA, Emília de Rodat Fernandes. **Conflitos rurais no agreste da Paraíba e a construção de territórios de esperança: luta e vida na terra.** *In:* III SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE AS GEOGRAFIAS DA VIOLÊNCIA E DO MEDO: O RENASCIMENTO DOS ESPAÇOS DA CIDADANIA E CIVILIDADE. Recife-PE: Editora da UFPE, 2009. v. 01. p. 202-292.

_____; MARIANO NETO, Belarmino; FREIRE, Cleyciane Silva. Do território de exploração ao território de esperança: experiências de conquista da terra no assentamento Santa Lúcia em Araçagi-PB e as novas relações de trabalho. *In:* XII JORNADA DO TRABALHO, 2011, Curitiba - PR. **A dimensão espacial da expropriação capitalista sobre os mundos do trabalho:** cartografando os conflitos, as resistências e as alternativas à sociedade do capital. v. 01. Curitiba: CEGET, 2011. p. 01-09.

_____; MARIANO NETO, Belarmino. Planejamento do Espaço Urbano: uma análise sobre a poluição do córrego urbano do rio Guarabira. *In:* XIV SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 2011, Dourados - MS. **Dinâmicas socioambientais, das inter-relações às interdependências.** Dourados: UFDG, 2011.

LIMA, Silvânia Ferreira de; MARIANO NETO, Belarmino. Análise comparativa de territórios camponeses em assentamentos rurais do litoral sul e agreste potiguar/RN. *In:* MARIANO NETO, Belarmino ; ARRUDA, Luciene Vieira de (Org.). **Geografia e território:** Planejamento Urbano, Rural e Ambiental. v. 1, 342. ed. João Pessoa: Editora Idéia, 2010, p. 125-139.

LUCENA, Claudete Perreira Nascimento de; MARIANO NETO, Belarmino. A formação de Guarabira/PB e seus recortes territoriais. *In:* MARIANO NETO, Belarmino; ARRUDA, Luciene Vieira de (Org.). **Geografia e território:** planejamento ur-

bano, rural e ambiental. v. 1, 342. ed. João Pessoa: Editora Idéia, 2010, p. 111-123.

MARIANO NETO, Belarmino. **Ecologia e Imaginário:** memória cultural e natureza no cerimonial da vida. João Pessoa/PB: Editora da UFPB, 2001.

_____. A violência no campo e as disputas territoriais: algumas considerações sobre a concentração de terras e assentamentos rurais. *In:* IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE AS GEOGRAFIAS DA VIOLÊNCIA E DO MEDO. **Dos espaços de medo à psicosfera da civilidade, a premência de uma nova economia política/territorial.** v. 1, 1. ed. Recife - PE: UFPE, 2010, p. 272-292.

_____. Geografia e território rural em dinâmicas socioambientais. *In:* ARRUDA, Luciene Vieira de; BEZERRA, Rosilda Alves; CHAGAS, Waldeci Ferreira (Org.). **Interface dos saberes, formação docente e diversidade cultural.** v. 1, 1. ed. João Pessoa: Ideia, 2014, p. 43-56.

_____; RODRIGUES, L. P. M.; FREIRE, C. S. Roteiros integrados Civilização do Açúcar: os caminhos dos engenhos na Paraíba. *In:* 6º CONGRESSO BRASILEIRO DE TURISMO RURAL, 2007, Piracicaba-SP. **Cultura no Espaço Rural Brasileiro.** Piracicaba-SP: Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz - FEALQ, 2007. v. 1. p. 171-176.

MARIANO, Erica Gomes da Costa; MARIANO NETO, Belarmino. Território em retalhos e sobreposição de áreas no tecido rural e urbano de Rio Tinto/PB. *In:* XIX ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 2009, São Paulo. São Paulo: FFLCH/USP, 2009. v. 01. p. 01-20.

RODRIGUES, Leandro Paiva do Monte; MARIANO NETO, Belarmino; FREIRE, C. S. Do doce da rapadura aos desenhos do Brejo Paraibano. *In:* XIX ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA - **Formação e contempora-**

neidade na diversidade socioespacial no campo. São Paulo: FFLCH/USP, 2009. v. 1. p. 1-20.

_____; FREIRE, C. S.; MARIANO NETO, B. Uma análise do uso dos recursos naturais na microbacia do rio Bananeiras/PB. *In: II SEMILUSO - Seminário Luso-Brasileiro*, 2008, João Pessoa. **Agricultura familiar e desertificação.** João Pessoa: Universitária/UFPB, 2008. v. 01. p. 1-16.

_____; MARIANO NETO, B. Globalização, paisagem e turismo: os caminhos do padre Ibiapina no Brejo paraibano. *In: XI ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA*, 2007, Bogotá/Colômbia. **Geopolítica, Globalización y cambio ambiental: retos en el desarrollo latinoamericano.** Bogotá: Universidade Nacional de Colombia, 2007. v. 1. p. 1-12.

_____; MARIANO NETO, Belarmino. Desenvolvimento e planejamento do território: uma aproximação sobre o Brejo paraibano. *In: ARRUDA, Luciene Vieira de; BEZERRA, Rosilda Alves; CHAGAS, Waldeci Ferreira. (Org.). Interfaces dos saberes, formação docente e diversidade cultural.* v. 1, 1. ed. João Pessoa: Ideia, 2014, p. 27-42.

_____; MARIANO NETO, Belarmino; MOREIRA, Emília de Rodat Fernandes. Novos desenhos do Brejo paraibano: notas iniciais para a pesquisa. *In: V SEMANA DE HUMANIDADES - Interfaces dos saberes, formação docente e diversidade cultural*, 2010 2010. v. 01. p. 100-108.

RAPINI, Márcia Siqueira. O Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq e a interação universidade-empresa no Brasil: uma proposta metodológica de investigação. **R. Econ. contemp.**, Rio de Janeiro, 11(1); jan./abr. 2007. p. 99-117.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e religião.** Uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: UERJ/NEPEC, 1996. 92p.

_____. **O espaço, o sagrado e o profano.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

SANTOS, André da Silva. **Diagnóstico socioambiental e identificação dos impactos ambientais ao longo do rio Araçagi – PB.** João Pessoa: UFPB/PPGE, 2009. Disponível em: http://www.geociencias.ufpb.br/posgrad/dissertacoes/andre_silva.pdf. Acesso em:

TAVEROS, T. S.; NASCIMENTO, P. R. S.; BELIZÁRIO, M. A. S. Práticas culturais como resgate da identidade social no Projeto de Assentamento (PA) Veneza, Pilões/PB. *In: XVIII ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS*, 2016, São Luís. **A construção do Brasil: Geografia, Ação política e democracia**, 2016.

TERRA – GRUPO DE PESQUISA URBANA, RURAL E AMBIENTAL/UEPB/CH/CNPQ E SUAS CONTRIBUIÇÕES CIENTÍFICAS (RELATO DE EXPERIÊNCIAS)

LUCIENE VIEIRA DE ARRUDA

INTRODUÇÃO

Os estudos em forma de grupos de pesquisa encontraram nas universidades, que são reconhecidas como produtoras do conhecimento e formadoras de todos os profissionais de nível superior, o espaço ideal para se desenvolverem. Os grupos de pesquisa científica foram criados para facilitar a produção de conhecimentos, reunindo pesquisadores com interesses comuns (CNPQ, 2018) e são apontados como relevantes e necessários, no âmbito universitário, porque contribuem na discussão, no aprofundamento e no compartilhamento de ideias, que facilitam a colaboração entre docentes e discentes no processo de formação do conhecimento científico (RAPINI, 2007; PRADO *et al.*, 2012). Basta apenas que um pesquisador ou um grupo de pesquisadores, junto com seus alunos, queiram se organizar e formalizar um grupo de pesquisa.

Assim, quando docentes e discentes se envolvem em grupos de pesquisa, a tendência é haver um fortalecimento e maior reconhecimento de suas pesquisas; o uso dos recursos recebidos via órgãos de fomento; a qualidade e a quantidade dos artigos publicados; a melhor formação profissional dos discentes que, geralmente, dão continuidade aos seus estudos, em nível de pós-graduação, e seguem a carreira docente ou científica. Dessa forma, os resultados das descobertas científicas retornam à sociedade no sentido de compreensão e resolução de problemas econômicos, sociais e ambientais, além de inovações tecnológicas que poderão promover uma melhor qualidade de vida a todos.

No Brasil, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) é quem disponibiliza informações sobre grupos de pesquisa e os organiza em um diretório acessível a toda a sociedade, para facilitar o intercâmbio e a troca de informações na comunidade acadêmica e científica (ODELIUS *et al.*, 2011).

Nesse contexto, foi criado o Terra - grupo de pesquisa Urbana, Rural e Ambiental, cadastrado no portal do CNPq (<http://dgp.cnpq.br/dgp/>), em 2002, pelos professores Belarmino Mariano e Luciene Vieira de Arruda, juntamente a outros docentes e discentes do curso de licenciatura plena em Geografia do Centro de Humanidades (CH) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), para desenvolver atividades de pesquisa na área de geografia e território, com enfoque no planejamento urbano, rural e ambiental.

Assim, o objetivo deste capítulo é relatar as experiências do Terra, enquanto grupo de pesquisa científica que considera a região do agreste nordestino e paraibano como a sua principal base de pesquisa, atuando na graduação em Geografia, do Centro de

Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba (CH/UEPB); que, em 16 anos, desenvolve projetos de pesquisa de iniciação científica (PIBIC, PROBEX, PROPESQ, FAPESQ), editais universais do CNPq e de instituições particulares.

EXPERIÊNCIAS DO GRUPO TERRA E SUAS CONTRIBUIÇÕES CIENTÍFICAS

Os primeiros projetos de pesquisa do grupo Terra datam de 2002, quando passamos a trabalhar em áreas de relevante importância ambiental para a mesorregião do Agreste paraibano e microrregiões do Brejo paraibano, Guarabira e Curimataú, procurando envolver os alunos da graduação nos grupos de estudo e nas práticas de extensão universitária.

Em princípio, as dificuldades foram grandes, pois o curso de Geografia do Câmpus III, por ser apenas de licenciatura, não tinha histórico de pesquisa científica junto aos docentes, nem mesmo na área de ensino. Além disso, a maioria dos discentes reside em municípios vizinhos e depende de ônibus escolares que os transportam com hora marcada em seus turnos de aula, o que dificulta a frequência no câmpus nos outros turnos. Portanto, esses alunos não possuíam o hábito de vivenciar a universidade para além das salas de aulas, de formar grupos de estudos, de frequentar a biblioteca ou o laboratório de informática, considerados os únicos espaços de leitura e pesquisa no CH até o ano de 2008.

Embora a realidade do transporte dos discentes do CH ainda seja a descrita acima, pois é de responsabilidade das prefeituras municipais, desde 2010 a UEPB, através de suas sucessivas gestões, vem dotando o CH com melhor infraestrutura. Desse modo, atual-

mente, cada curso possui a sua sala de pesquisa, um laboratório de Cartografia, um laboratório de Energia e Meio Ambiente (parceria com a Eletrobras), um laboratório de Geologia, uma biblioteca e um laboratório de Informática.

Todos estes ambientes de estudo e pesquisa foram ampliados substancialmente, com computadores de última geração; os ambientes de sala de aula, laboratórios e auditórios estão com ar refrigerado e os jardins foram revitalizados; os docentes ganharam mais incentivo às pesquisas científicas, de extensão e de ensino, a partir da liberação de recursos financeiros e bolsas de estudos e de manutenção aos discentes.

O grupo Terra é o pioneiro no curso de Geografia do CH e seus projetos de pesquisa, em geral, possuem quatro subprojetos, que são submetidos à seleção do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC) e do Programa de Bolsa de Extensão (PROBEX) anualmente. A sua aprovação permite uma bolsa de pesquisa, ficando o restante dos subprojetos a cargo dos alunos voluntários no Programa Institucional de Voluntários de Iniciação Científica (PIVIC).

Entre os anos de 2002 e 2004, apresentamos um projeto de pesquisa intitulado *Geografia Cultural e Ecologia Comunitária* com o propósito de analisar a constituição do imaginário e da natureza como elementos norteados pela herança cultural para compreender como as comunidades tradicionais se percebem e percebem a natureza que os envolve, além de quais implicações na produção de uma ecologia comunitária na microrregião de Guarabira, agreste da Paraíba.

Nos anos de 2006 a 2007, lançamos o projeto do Programa Institucional de Iniciação Científica (PROINCI) *Geografia cultural,*

paisagem e turismo: as trilhas do Padre Ibiapina no Brejo Paraibano. O objetivo foi analisar, pela via da geografia cultural, a constituição de um novo desenho paisagístico a partir do turismo rural, religioso e ecológico nas microrregiões de Guarabira, Brejo e Curimataú. A metodologia baseou-se na pesquisa empírica pautada em três etapas: 1) reconhecimento das quatro principais trilhas turísticas; 2) Percurso das trilhas em motocicleta e bicicleta; 3) Organização das quatro expedições caminhando pelas trilhas identificadas. Cabe ressaltar que esse projeto foi premiado como melhor projeto de Ciências Humanas no PROINCI 2006/2007 no XIV Encontro de Iniciação Científica da UEPB no ano de 2007.

Já em 2007 e 2008, foi aprovado o projeto do PIBIC: *Retalhos territoriais e sobreposição de áreas no tecido municipal de Rio Tinto/PB.* O objetivo foi analisar as diversas sobreposições territoriais existentes na estrutura municipal, considerando o município de Rio Tinto enquanto estudo de caso, para servir de modelo a novas abordagens metodológicas em relação aos diferentes arranjos territoriais existentes no estado da Paraíba. A teoria de sobreposição territorial veio metodologicamente da observação direta e de uma prévia sondagem. Esse projeto gerou um importante artigo no XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária, em 2009, ocorrido em São Paulo (MARIANO; MARIANO NETO, 2009).

Nesse mesmo período, também foi aprovado o projeto do PROINCI: *Diagnóstico socioambiental da microbacia do Rio Bananeiras: da Reserva do Goiamunduba à APA do Roncador,* para analisar os impactos socioambientais da microbacia do rio Bananeiras, que compõe um dos subafluentes da bacia hidrográfica do Mamanguape/PB. A área de pesquisa abrange os municípios de Bananeiras, Borborema e Píripituba no Brejo paraibano. Como base estrutural

da pesquisa, elegeram-se duas (02) unidades ambientais de conservação demarcadas como a Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE) do Goiamunduba e a Área de Proteção Ambiental (APA) do Roncador (RODRIGUES; MARIANO NETO, 2010).

A escolha dessas áreas para a pesquisa se deu a partir dos trabalhos desenvolvidos no projeto *Geografia cultural, paisagem e turismo: as trilhas do Padre Ibiapina no Brejo paraibano*. O desenvolvimento desse projeto ocorreu, especificamente, por meio dos trabalhos empíricos e análises dos chamados caminhos do Brejo, Caminho Via de Roma e Caminho Via Túnel Samambaia das Trilhas do Padre Ibiapina. Observou-se a necessidade de um estudo que diagnosticasse os impactos socioambientais presentes no interior dessas unidades ambientais.

Entre os anos de 2008 e 2009, iniciamos os projetos *Expedições geográficas. Análise socioambiental da bacia hidrográfica do Médio rio Mamanguape/PB e Análise socioambiental das reservas ambientais do litoral norte da Paraíba com enfoque para Rio Tinto/PB*. Esses projetos foram continuidade do projeto sobre as sobreposições territoriais em Rio Tinto e microrregião do Litoral Norte.

Em 2008, o grupo Terra lançou o projeto de Especialização em Geografia e Território – Planejamento urbano, rural e ambiental, que foi submetido ao Departamento de Geografia do CH/UEPB. O curso formou três turmas (2008/2009; 2010/2011; 2012/2013), sendo cada uma composta de 30 alunos. E agora, em 2018, foi aprovada a quarta turma com o mesmo propósito.

A produção científica do grupo Terra se fortaleceu sobremaneira e também gerou novos grupos de pesquisa, repercutindo encontros científicos, simpósios e congressos de cunho local, regio-

nal, nacional e internacional. Dos trabalhos monográficos desenvolvidos pelas três primeiras turmas de especialização, foi elaborada uma coleção para publicação desses trabalhos em forma de artigos científicos, sendo que, para cada turma, foi publicado um volume (MARIANO NETO; ARRUDA, 2010; ARRUDA; MARIANO NETO, 2013; ARRUDA; MARIANO NETO, 2015).

Em 2009, através do edital Programa de Fomento a Pesquisa (PROPESQ), aprovamos o projeto *Territórios de resistência do campesinato a partir de movimentos sociais no campo em ambientes do litoral sul e agreste da Paraíba*. A pesquisa buscou resgatar as histórias de luta pela terra e pela sobrevivência na terra no Agreste da Paraíba entre 1996 e 2009, na busca da construção de “território(s) de esperança”, visando contribuir com a produção de um conhecimento voltado tanto para subsidiar estudos e pesquisas como para fortalecer a luta de homens e mulheres, jovens e crianças camponesas paraibanos, através da recuperação dos seus próprios retratos, do retrato de suas lutas, de seus sofrimentos, de suas vitórias e de suas esperanças/desesperanças (FRANÇA; MARIANO NETO; FREIRE, 2011).

Esse projeto fez parte de um estudo mais amplo que envolve a temática “território(s) da esperança” em parceria com a professora Emilia Moreira de Rodat (UEPB) para todo o estado da Paraíba. O interesse surgiu a partir da demanda dos movimentos sociais e das organizações não governamentais que lidam com a questão da terra na Paraíba, para que retomássemos e atualizássemos o estudo por nós realizado, com o apoio do CNPq no ano de 1995-1996, sobre a luta pela terra e pela sobrevivência na terra no estado da Paraíba entre 1970 e 1995 (FRANÇA, MARIANO NETO; MOREIRA, 2009. LIMA; MARIANO NETO, 2010).

Ainda em 2009, na oportunidade do edital PROPESQ/UEPB, também aprovamos o projeto *Composição florística e fitossociológica da cobertura vegetal da Serra da Jurema, Guarabira-PB e os efeitos da ação antrópica*, para realizar um levantamento florístico e fitossociológico da cobertura vegetal da Serra da Jurema, Guarabira/PB, comparando-se áreas degradadas com áreas conservadas para identificar as modificações ocorridas em sua composição florística a partir da intensificação da ação antrópica sobre essa vegetação. O prazo de execução foi de dois anos e complementamos com mais duas bolsas de PIBIC nos anos posteriores (FIRMINO; ARRUDA, 2015).

Entre os anos de 2010/2011, foi desenvolvido o projeto *Terra urbana* e plano diretor *Uma análise do direito à terra urbanizada em Guarabira/PB*, cujo objetivo foi analisar o direito à terra urbanizada a partir do Plano Diretor de Guarabira/PB, com vistas à constituição de instrumentos metodológicos para gestão territorial urbana. O projeto pretendia contribuir com a formação de gestores públicos e lideranças comunitárias em relação ao direito à terra urbanizada, tendo como base o Centro de Humanidades da UEPB. O interesse pela temática e pela pesquisa científica em área urbana de Guarabira nasceu a partir de três trabalhos de conclusão de curso.

O espaço urbano de Guarabira também foi tema de uma pesquisa no curso de especialização em Geografia e Território – Planejamento urbano, rural e ambiental, focada na fragmentação territorial municipal de Guarabira, que gerou seis novas áreas territoriais municipais e, conseqüentemente, a formação de seis novas cidades que se tornaram sede dos municípios formados dessa divisão (BEZERRA; MARIANO NETO, 2013; LUCENA; MARIANO NETO, 2010; FRANÇA; MARIANO NETO, 2011).

Já em 2010, foi aprovado o projeto *Classificação, avaliação da fertilidade natural e aptidão agrícola de solos da Serra da Jurema, Guarabira/PB*, para conhecer as características morfológicas, físicas e químicas de solos da Serra da Jurema e classificá-los de acordo com o Sistema Brasileiro de Classificação de Solos (SIBCS, 2006). Assim, foi possível avaliar a fertilidade natural e a aptidão agrícola dos solos da Serra da Jurema, de acordo com o Sistema FAO/Brasileiro de avaliação da aptidão agrícola das terras (RAMALHO FILHO; BEEK, 1994) e indicar práticas de manejo e conservação do solo mais adequadas às características naturais e possibilitar o seu melhor aproveitamento no sentido de reverter o atual processo de degradação, melhorar sua produtividade e contribuir para o crescimento econômico e social do município de Guarabira (ARRUDA *et al.*, 2009; ARRUDA *et al.*, 2017).

Entre 2010 e 2011, lançamos uma proposta de auxílio financeiro à pesquisa em uma empresa particular para levantar e analisar a composição florística de suas próprias áreas de reserva legal de matas. Foram elaborados dois projetos: *Composição florística e fitossociológica da cobertura vegetal de Mata Atlântica da Destilaria Miriri/PB* e *Composição arbórea e fitossociológica da Mata Atlântica, da Reserva Legal Riacho Pacaré, Rio Tinto /PB*. O grupo Terra recebeu o auxílio da Destilaria Miriri por dois anos, liberando três bolsas de estudos, e complementou com duas bolsas de PIBIC. Nesse contexto, a equipe realizou um levantamento florístico e fitossociológico da cobertura vegetal de Mata Atlântica da Destilaria Miriri-PB em suas características físicas, distribuição biogeográfica e os processos ecológicos atuantes.

Ainda em 2010, subgrupos do Terra submeteram e aprovaram o projeto *Aplicação do geoprocessamento para análise de riscos*

ambientais no semiárido: estudo de caso na Bacia de Sousa/PB para identificar, analisar e dimensionar os riscos ambientais, na Bacia de Souza, das alterações do meio físico, decorrentes de intervenções antrópicas associadas à instalação de obras civis por intermédio da aplicação da geotecnologia da informação. A equipe criou uma base de dados georreferenciados a partir de cartas topográficas e produtos de sensores remotos (fotografias aéreas, imagens de radar e de satélite), voltada para gerenciamento, análise e monitoramento do meio ambiente; e caracterizou e classificou os maciços rochosos e solos quanto à vulnerabilidade ao processo de erosão e riscos a desastres relacionados com a estrutura exploratória de petróleo.

Entre os anos de 2011 e 2012, dentro da temática ambientalista e territorial, foi desenvolvido o projeto *Território das águas - análise geográfica da bacia hidrográfica do alto rio Mamanguape/PB*. O objetivo foi analisar geograficamente a bacia hidrográfica do rio Mamanguape/PB por meio de expedições geográficas para sistematizar eixos de estudo na bacia desse rio a partir do Alto Mamanguape/nascentes, para diagnosticar as reais condições ambientais da área em questão, considerando a sua morfometria e dinâmica fluvial.

Assim, construiu-se um Diagnóstico Socioambiental (DSA) do vale do rio Mamanguape e um modelo teórico-metodológico sobre a formação territorial da bacia do Mamanguape para subsidiar estudos em outras áreas. A pesquisa ocorreu em duas etapas de estudo. O método baseou-se na análise geográfica das dimensões do espaço/tempo e sociedade/natureza (MARIANO NETO, 2014).

Entre 2011 e 2012, as pesquisas se voltaram novamente ao município de Guarabira, com dois projetos aprovados pela PRO-PESQ, com duração de dois anos: *Otimização do uso de adubos na*

agricultura familiar em Guarabira/PB e Avaliação da aptidão agrícola de solos da microrregião de Guarabira/PB (ARRUDA *et al.*, 2009; 2010; REINALDO *et al.*, 2009).

O primeiro projeto analisou a variabilidade horizontal de características químicas do solo em sistema de cultivo convencional, em função do instrumento de coleta das amostras e da oscilação no número de amostras de solos, da avaliação das práticas anteriormente realizadas neles. Investigamos ainda o conhecimento dos agricultores locais acerca da otimização do uso de adubos em suas culturas (REINALDO *et al.*, 2013).

O segundo projeto avaliou a aptidão agrícola dos solos dos 14 municípios que compõem a microrregião de Guarabira/PB, visando ao uso e manejo adequado, de modo a possibilitar o melhor aproveitamento no sentido de reverter o atual processo de degradação das terras, melhorar sua produtividade e contribuir para o crescimento econômico e social dos municípios que compõem a microrregião. Em 2012, iniciamos a segunda parte desse projeto (ANSELMO *et al.*, 2012; DANTAS *et al.*, 2013; ANSELMO *et al.*, 2013).

A partir de 2013, as pesquisas do grupo Terra foram direcionadas para a microrregião do Brejo paraibano, tendo os municípios de Pilões, Alagoa Grande e Areia como as áreas prioritárias. Assim, foi elaborado o projeto: *Nas trilhas da Serra do Espinho, Pilões/PB - potencial geoambiental como vetor de desenvolvimento sustentável*. A Serra do Espinho é o nome dado às elevações situadas na vertente oriental do Planalto da Borborema, na área ocupada pelo município de Pilões/PB, em direção ao município de Cuitégi/PB.

O estudo se prolongou por três anos, com dois bolsistas a cada ano e dezenas de voluntários. As pesquisas se desenvolveram com o intuito de elaborar um diagnóstico contendo interpretações e comentários sobre as trilhas da Serra do Espinho, que dão acesso às comunidades locais; de levantar suas potencialidades naturais, econômicas e sociais, tendo o geoturismo como vetor de desenvolvimento sustentável; de compartilhar os conhecimentos adquiridos para as comunidades locais e visitantes no sentido da valorização ambiental, econômica e social desses espaços; de elaborar croquis educativos e informativos das trilhas georeferenciadas; de envolver as pessoas em atividades que pudessem contribuir para o reconhecimento do potencial natural da área de estudo; e de promover o interesse das pessoas em preservar seus ambientes.

Os três anos dessa pesquisa na Serra do Espinho uniram o grupo Terra aos recém-criados grupos: Olhares geográficos – grupo de pesquisa em Geografia Cultural e da Percepção (CNPq) e CEAT – Centro de Estudos Agrários e do Trabalho (CNPq), ambos oriundos de membros do grupo Terra. Além do fortalecimento da pesquisa em forma de grupos de estudo, as equipes ainda criaram dois subgrupos de trabalho ainda não cadastrados no CNPq, mas ligados aos grupos supracitados: Nas trilhas da Serra do Espinho, Pilões/PB, formado por alunos, professores, membros das comunidades locais, alunos do ensino médio de escolas públicas e particulares e alunos de faculdades particulares; e a equipe Teju-açú, formada por um grupo de técnicos lotados no Centro de Humanidades (Câmpus III) da UEPB (SILVA *et al.*, 2016; PESSOA *et al.*, 2016; GUILHERME *et al.*, 2017).

Os grupos citados se reuniram para atuar em práticas de educação ambiental para promover a sensibilização e a conscien-

tização de moradores e visitantes em áreas de relevante interesse turístico rural, cultural e de aventura, junto a quatro comunidades da Serra do Espinho – Ouricuri, Titara, Poço Escuro e Veneza.

O objetivo dessa pesquisa foi identificar e analisar os atrativos naturais e culturais existentes nas comunidades rurais da Serra do Espinho, para desencadear um processo de conscientização e sensibilização ambiental, com o uso de diversas práticas educativas que pudessem contribuir para o reconhecimento do potencial natural, social e cultural da área de estudo e promover o interesse das pessoas em preservar esses ambientes.

As visitas de campo ocorreram mensalmente durante os anos de 2014 a 2016, preferencialmente, aos finais de semana, devido à maior probabilidade de encontrar moradores em casa e também pela maior frequência de moradores e visitantes nas áreas de lazer das comunidades locais.

Em virtude da empolgação e continuidade dos trabalhos na Serra do Espinho, em 2016 lançamos mais uma proposta de pesquisa: *Avaliação da qualidade do solo sob diferentes culturas nos ambientes agrícolas da Serra do Espinho, Pilões/PB*, com o propósito de realizar um estudo da qualidade morfológica, física e química dos solos envolvendo os diversos ambientes agrícolas da Serra do Espinho, com as formas de uso e ocupação desses solos pelas comunidades locais, para orientá-las quanto às potencialidades e vulnerabilidades desse recurso natural, no sentido de melhorar sua capacidade nutricional, concomitante à sua preservação, e contribuir para o crescimento econômico e social local.

Entre os anos de 2016 e 2018, foram também aprovados dois projetos de iniciação científica nos estudos da geografia agrá-

ria da Serra do Espinho, compondo um subgrupo de pesquisa do Terra. Foram os projetos: *Questão agrária e propriedade da terra na Serra do Espinho, Pilões/PB, entre os anos de 1995 e 2015* – cota 2016/2017 (BARROS; MARQUES; MARIANO NETO, 2017) e *Questão agrária e propriedade da terra nos municípios de Pilões e Areia /PB, entre os anos de 1995 e 2015 (parte II)* – na cota 2017/2018. Esses projetos buscaram analisar o processo de formação dos assentamentos de reforma agrária na área de Pilões, compreendendo a história da formação territorial do lugar e a importância da Usina Santa Maria para a configuração do espaço.

Entre 2016 e 2017, também lançamos as propostas *Levantamento fitossociológico e etnobotânico em remanescentes florestais da Serra do Espinho, Pilões/PB* e *Inventários fitossociológicos e etnobotânicos em comunidades rurais no município de Pilões/PB*, para caracterizar a disponibilidade de plantas arbóreo-arbustivas e registrar o conhecimento etnobotânico referente às espécies nas comunidades rurais locais, partindo-se do princípio de que conhecer a biodiversidade da Serra do Espinho é de fundamental importância para compreender a sua contribuição para o equilíbrio natural (SILVA *et al.*, 2015; DIAS *et al.*, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesses 16 anos de pesquisas na mesorregião do Agreste e microrregiões de Guarabira, Brejo e Curimataú paraibano e norte-rio-grandense, os grupos de pesquisa em Geografia do Câmpus III já desenvolveram dezenas de pesquisas em geografia, território e planejamento, com enfoque para as questões urbanas, rurais e

ambientais. Nesse sentido, notou-se que houve um significativo crescimento de publicações na forma de livros, capítulos de livros, artigos científicos em revistas especializadas, artigos científicos em congressos, encontros e simpósios das áreas de geografia, além de dezenas de relatórios, artigos e monografias para defesas de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) dos estudantes pesquisadores, voluntários e bolsistas que se envolveram, em especial, com o grupo Terra.

O grupo Terra também passou a fomentar a organização de projetos de extensão, em especial, nas áreas de educação ambiental, espaço e sociedade. A organização de eventos locais e o estímulo para que os pesquisadores participassem de eventos regionais, nacionais e até internacionais também registram um importante escoamento da produção científica dos membros do grupo.

Um dos projetos mais relevantes apresentados por membros do grupo Terra foi o projeto de especialização em Geografia e Território - Planejamento urbano, rural e ambiental, que já formou quase 90 especialistas, em três turmas e se encontra com a quarta turma aprovada para 2018/2019. Com esse curso, o grupo já organizou três livros que, somados, expõem quase 100 capítulos como resultados das pesquisas acadêmicas. Dos especialistas vinculados ao grupo de pesquisa, dezenas deles já fizeram mestrado e vários dos mestres deram continuidade aos estudos em nível de doutoramento.

Dezenas de estudantes pesquisadores que estão no grupo Terra, desde sua formação, já são doutores concursados e atuam em universidades federais, institutos federais e na própria UEPB. Centenas de estudantes também se formaram e fizeram concursos públicos para a educação, atuando em redes municipais e estaduais

de ensino da região e de estados circunvizinhos, como Rio Grande do Norte e Pernambuco.

De acordo com as dezenas de projetos de pesquisas desenvolvidos, percebe-se que existem preocupações dos membros do grupo em direcionar suas pesquisas para as três linhas principais, tendo realizado estudos nas áreas de geografia urbana, agrária e ambiental, aos quais alguns professores se dedicaram. As pesquisas consideram a importância da geografia no contexto do território e do planejamento, sem perder de vista, as abordagens relativas a espaço, paisagem e região.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, E. B.; SILVA, A. B.; CARDOSO, J. S.; ARRUDA, Luciene Vieira de. Uso e ocupação do solo na Serra do Espinho, Pilões/PB. **Terra - Saúde ambiental e soberania alimentar**. v. III, 1. ed. Ituiutaba, MG: Barlavento, 2015, p. 317-327.

ALVES, C. A. B.; ARRUDA, Luciene Vieira de; GONCALVES, E. O.; SANTOS, C. A. Incidência de *Eschweleira ovata (cambess) mart.*, *Protium heptaphyllum* *Acca sellowiana (o. berg)* na Reserva Legal de Mata Atlântica Riacho Pau Brasil - Destilaria Miririr/PB. *In*: ARRUDA, Luciene Vieira de; BEZERRA, Rosilda Alves; CHAGAS, Waldeci Ferreira. (Org.). **Interface dos saberes, formação docente e diversidade cultural**. v. 1, 1. ed. João Pessoa, PB: Ideia, 2014, p. 81-95.

ANSELMO, M. G. V.; ARRUDA, Luciene Vieira de; SANTOS, A. A.; Dantas, W. M.; SOUZA, R. S.; SILVA, S.; ROSA, J. H.; Alves, C. A. B. Classificação e avaliação de solos nas reservas legais: Riacho Pacaré e Riacho das Pratas, Rio Tinto, Paraíba, Nordeste do Brasil. **Gaia Scientia** (UFPB), v. 8, p. 351-364, 2014.

ANSELMO, M. G. V.; Dantas, W. M.; ARRUDA, Luciene Vieira de; ALVES, C. A. B. Caracterização morfológica e análise química de ambientes agrícolas do município de Alagoinha, microrregião de Guarabira/PB. *In*: SEABRA, Giovanni (Org.). **Terra, qualidade de vida, mobilidade e segurança nas cidades**. v. I, 1. ed. João Pessoa, PB: UFPB, 2012, p. 826-837.

ANSELMO, M. G. V.; DANTAS, W. M.; ARRUDA, L. V. Aspectos macromorfológicos e químicos encontrados nos ambientes agrícolas do município de Pirpirituba, microrregião de Guarabira/PB. *In*: SEABRA, Giovanni (Org.). **Educação e cooperação pela água para a conservação da biodiversidade**. v. 1, 1. ed. João Pessoa: UFPB, 2013, p. 940-949.

ANSELMO, M. G. V.; DANTAS, W. M.; ARRUDA, Luciene Vieira de; ALVES, C. A. B. Caracterização morfológica e análise química de ambientes agrícolas do município de Alagoinha, microrregião de Guarabira/PB. *In*: SEABRA, Giovanni (Org.). **Terra - Qualidade de vida, mobilidade e segurança nas cidades**. v. 2, 1. ed. João Pessoa: UFPB, 2013, p. 826-837.

ARRUDA, Luciene Vieira de; ALVES, C. A. B.; DAMASCENO, J. Avaliação da distribuição de macronutrientes em folhas de acerola (*Malpighia glabra linn*). *In*: ARRUDA, Luciene Vieira de; BEZERRA, Rosilda Alves; CHAGAS, Waldeci Ferreira (Org.). **Interface dos saberes, formação docente e diversidade cultural**. v. 1, 1. ed. João Pessoa, PB: Ideia, 2014, p. 71-80.

ARRUDA, Luciene Vieira de; SILVEIRA, J. P. A.; Reinaldo, L. R. L. R.; TUMA, L. S. R.; ALVES, C. A. B. Caracterização, classificação e potencial agrícola de neossolos do município de Guarabira/PB. **Ecoss** (Campina Grande), v. 1, p. 15-19, 2009.

ARRUDA, Luciene Vieira de; OLIVEIRA, F. H. T.; MENINO, I. B.; REINALDO, L. R. L. R. Atributos morfológicos, físicos e químicos como subsídio para a classificação dos principais tipos de solos do município de Guarabira/PB. *In*: XAVIER, Rafael Albuquerque; REINALDO, Lediam Rodrigues Lopes Ramos; DAMASCENO, João (Org.). **Práticas geográficas: experiências**

de pesquisa e ensino de Geografia no estado da Paraíba (livro eletrônico). v. 1, 1. ed. Campina Grande, PB: EDUEPB, 2017, p. 113-166.

ARRUDA, Luciene Vieira de; OLIVEIRA, F. H. T.; SILVEIRA, J. P. A.; PEDROSA, E. C. T. Identificação de vulnerabilidades ambientais na microbacia do Rio Guarabira/PB. **Caminhos de Geografia** (UFU), v. 11, p. 50-61, 2010.

BEZERRA, M. A.; MARIANO NETO, Belarmino. As ocupações desordenadas e a transformação territorial do bairro do Nordeste I. **Geografia e Território** - planejamento urbano, rural e ambiental, v. II. - Guarabira/PB. 1. ed. João Pessoa, PB: Ideia, 2013, v. 500, p. 205-218.

BARROS, Renata Costa de; MARQUES, Ana Carla dos Santos; MARIANO NETO; Belarmino. A importância da atuação dos movimentos sociais de luta pela terra no estado da Paraíba. *In*: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, XVI, 2017, La Paz – Bolívia. **Anais...** La Paz: [s.n.], 2017. p. 1-15.

CARDOSO, J. S.; SOUZA, M. C.; SANTOS, F. F.; ARRUDA, Luciene Vieira de. Nas trilhas da Serra do Espinho, Pilões/PB - turismo rural a partir do potencial natural. *In*: SEABRA, Giovanni. (Org.). **Terra - Saúde ambiental e soberania alimentar**. v. II, 1. ed. Ituiutaba, MG: Barlavento, 2015, p. 685-697.

CAVALCANTE, M. B.; ARRUDA, Luciene Vieira de. O planejamento dos recursos hídricos na caatinga: um olhar sobre as condições ambientais da microbacia do rio Calabouço - PB/RN. **Caminhos da Geografia** (UFU. On-line), v. 9, p. 221-231, 2008.

CAVALCANTE, T. M. S.; ARRUDA, Luciene Vieira de; MARIANO NETO, B.; SILVA, A. B. Políticas públicas para a promoção da sustentabilidade ambiental no Assentamento Veneza, Pilões/PB. *In*: ARRUDA, Luciene Vieira de; MARIANO NETO, Belarmino (Org.). **Geografia e Território**: planejamen-

to urbano, rural e ambiental. v. III, 1. ed. João Pessoa, PB: Ideia, 2015, p. 359-372.

CNPQ. CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. Diretório de Grupos de Pesquisa. Disponível em: <http://www.cnpq.br>. Acesso em: 10 maio 2018.

CORDEIRO, R. S.; SILVA, R. F.; ARRUDA, Luciene Vieira de. Reflexões sobre a construção do urbano em áreas de encostas na cidade de Bananeiras/PB. *In*: Arruda, Luciene Vieira de; MARIANO NETO, Belarmino (Org.). **Geografia e Território**: planejamento urbano, rural e ambiental. v. III, 1. ed. João Pessoa, PB: Ideia, 2015, p. 115-128.

COSTA, M. O.; ARRUDA, Luciene Vieira de. Impactos ambientais agrícolas em áreas instáveis da Serra da Jurema/PB. *In*: ARRUDA, Luciene Vieira de; MARIANO NETO, Belarmino (Org.). **Geografia e Território**: planejamento urbano, rural e ambiental. v. III, 1. ed. João Pessoa, PB: Ideia, 2015, p. 141-156.

DANTAS, W. M.; SILVA, S.; ARRUDA, Luciene Vieira de; ALVES, C. A. B. Avaliação macromorfológica e química dos solos da microrregião de Guarabira - Paraíba. *In*: SEABRA, Giovanni. (Org.). **Conferência da Terra** - Fórum Internacional do Meio Ambiente. v. 2, 1. ed. João Pessoa: UFPB, 2013, p. 1243-1256.

DIAS, J. F.; SOUZA, R. S.; PEREIRA, J. M.; ARRUDA, Luciene Vieira de. Fitossociologia em fragmentos de mata de brejo de altitude, Serra do Espinho, Pilões - PB. *In*: SEABRA, Giovanni (Org.). **Educação ambiental**: biomas, paisagens e o saber ambiental. v. 1, 1. ed. Ituiutaba: Barlavento, 2017, p. 136-143.

FARIAS, R. S.; ARRUDA, Luciene Vieira de. O processo de urbanização no município de Jacaraú/PB. *In*: MARIANO NETO, Belarmino; ARRUDA, Luciene Vieira de (Org.). **Geografia e Território** - planejamento urbano, rural e ambiental. v. 1, 1. ed. João Pessoa, PB: Ideia Editora LTDA, 2010, p. 29-42.

FRANÇA, Diego Pessoa Irineu de; MARIANO NETO, Belarmino; FREIRE, Cleityane Silva. Do território de exploração ao território de esperança: experiências de conquista da terra no assentamento Santa Lúcia em Araçagi-PB e as novas relações de trabalho. *In*: XII JORNADA DO TRABALHO, 2011, Curitiba - PR. **A dimensão espacial da expropriação capitalista sobre os mundos do trabalho**: cartografando os conflitos, as resistências e as alternativas à sociedade do capital. v. 01. Curitiba: CEGET, 2011. p. 01-09.

FRANÇA, Diego Pessoa Irineu de; MARIANO NETO Belarmino; MOREIRA, Emília de Rodat Fernandes. Conflitos rurais no agreste da Paraíba e a construção de territórios de esperança: luta e vida na terra. *In*: III SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE AS GEOGRAFIAS DA VIOLÊNCIA E DO MEDO: O RENASCIMENTO DOS ESPAÇOS DA CIDADANIA E CIVILIDADE, **Anais...** 2009, Recife-PE. III Simpósio Internacional Sobre as Geografias da Violência e do Medo. v. 01. Recife, PE: Editora da UFPE, 2009. p. 202-292.

FRANÇA, Diego Pessoa Irineu de; MARIANO NETO, Belarmino. Planejamento do Espaço Urbano: uma análise sobre a poluição do córrego urbano do rio Guarabira. *In*: XIV SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 2011, Dourados, MS. **Dinâmicas socioambientais, das inter-relações às interdependências**. Dourados: UFDG, 2011.

FIRMINO, A. M. S.; ARRUDA, Luciene Vieira de. Estudo teórico-metodológico dos indicadores de sustentabilidade para o planejamento geoambiental. *In*: ARRUDA, Luciene Vieira de; MARIANO NETO, Belarmino (Org.). **Geografia e Território**: planejamento urbano, rural e ambiental. v. III, 1. ed. João Pessoa, PB: Ideia, 2015, p. 157-171.

FREITAS, Carlos Machado de; TAMBELLINI, Ana Maria Testa; SCHULTZ, Gabriel Eduardo; BERTOLINI, Valéria Andrade; NETTO, Francisco de Abreu Franco. Quem é quem na saúde ambiental brasileira? Identificação e caracterização de grupos

de pesquisas e organizações da sociedade civil. **Ciência & Saúde Coletiva**, 14(6): 2009. p. 2071-2082.

GEOGRAFIA E TERRITÓRIO: PLANEJAMENTO URBANO, RURAL E AMBIENTAL. ARRUDA, L. V.; MARIANO NETO, B. (Orgs.). v. II, João Pessoa: Ideia, 2013, 365p.

GEOGRAFIA E TERRITÓRIO: PLANEJAMENTO URBANO, RURAL E AMBIENTAL. ARRUDA, L. V.; MARIANO NETO, B. (Orgs.). v. III, João Pessoa: Ideia, 2015, 386p.

GEOGRAFIA E TERRITÓRIO: PLANEJAMENTO URBANO, RURAL E AMBIENTAL. MARIANO NETO, B.; ARRUDA, L. V.; (Orgs.). v. I, João Pessoa: Ideia, 2010, 326p.

GOMES, M. F. L.; SILVEIRA, J. P. A.; ARRUDA, Luciene Vieira de. Abordagem sobre o lixo produzido na cidade de Araruna-PB, com vista à reciclagem. *In*: MARIANO NETO, Belarmino; ARRUDA, Luciene Vieira de (Org.). **Geografia e Território** - planejamento urbano, rural e ambiental. v. 1, 1. ed. João Pessoa, PB: Ideia Editora LTDA, 2010, p. 203-216.

GUILHERME, D. F.; SILVA, A. B.; SILVA, J. C.; ARRUDA, Luciene Vieira de; ALVES, C. A. B. Políticas públicas para a sustentabilidade ambiental na Serra do Espinho/PB. *In*: MOREIRA, Francisca Mayara Pereira; MEIRA, Suedio Alves; MEIRELES, Antonio Jeovah de Andrade; SILVA, Edson Vicente da. (Org.). Educação ambiental em unidades de conservação e políticas públicas. v. 2, 1. ed. Natal, RN: EDUERN, 2017, p. 82-92.

GUILHERME, D. F.; SOUSA, J. L. F.; ALVES, C. A. B.; ARRUDA, Luciene Vieira de. Análise macromorfológica, física e química dos solos da comunidade Veneza na Serra do Espinho, Pilões/PB. *In*: SEABRA, Giovanni (Org.). **Educação ambiental**: biomas, paisagens e o saber ambiental. v. 1, 1. ed. Ituiutaba: Barlavento, 2017, p. 227-236.

HENRIQUES, C. M. T.; ARRUDA, Luciene Vieira de; SOUZA, W. A. S. Educação e conscientização ambiental na Escola Municipal Severino Flaviano Cavalcante (EMSFC), Alagoinha/PBB. *In*: ARRUDA, Luciene Vieira de; BEZERRA, Rosilda Alves; CHAGAS, Waldeci Ferreira (Org.). **Interface dos saberes, formação docente e diversidade cultural**. v. 1, 1. ed. João Pessoa, PB: Ideia, 2014, p. 197-209.

KRUG, Suzane Beatriz Frantz; ASSUNÇÃO, Ari Nunes; WEIGELT, Leni Dias; SEHNEM, Luciele; ALVES, Luciane Maria Schmidt; FALLER, Lívia de Almeida. Construindo caminhos, relatando vivências: a trajetória do grupo de estudos e pesquisa em saúde. **Texto Contexto Enferm**. Florianópolis, 20(4): out./dez. 2011, p. 818-24.

LIMA, Silvânia Ferreira de; MARIANO NETO, Belarmino. Análise comparativa de territórios camponeses em assentamentos rurais do litoral sul e agreste potiguar/RN. *In*: MARIANO NETO, Belarmino; ARRUDA, Luciene Vieira de (Org.). **Geografia e território** - Planejamento Urbano, Rural e Ambiental. v. 01, 342. ed. João Pessoa: Editora Ideia, 2010, p. 125-139.

LUCENA, Claudete Pereira Nascimento de; MARIANO NETO, Belarmino. A formação de Guarabira/PB e seus recortes territoriais. *In*: MARIANO NETO, Belarmino; ARRUDA, Luciene Vieira de (Org.). **Geografia e território** - planejamento urbano, rural e ambiental. v. 01, 342. ed. João Pessoa: Editora Ideia, 2010, p. 111-123.

MARIANO NETO, Belarmino. Geografia e território rural em dinâmicas socioambientais. *In*: ARRUDA, Luciene Vieira de; BEZERRA, Rosilda Alves; CHAGAS, Waldeci Ferreira. (Org.). **Interface dos saberes, formação docente e diversidade cultural**. v. 1, 1. ed. João Pessoa: Ideia, 2014, p. 43-56.

MARIANO, Erica Gomes da Costa; MARIANO NETO, Belarmino. Território em retalhos e sobreposição de áreas no tecido rural e urbano de Rio Tinto/PB. *In*: XIX ENCONTRO

NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 2009, São Paulo. **Anais...** São Paulo: FFLCH/USP, 2009. v. 01. p. 01-20.

MAXIMINO, J. E. B. ; ARRUDA, Luciene Vieira de. Dinâmica da produção agropecuária no Sítio Canoas, Araçagi/PB. *In*: ARRUDA, Luciene Vieira de; MARIANO NETO, Belarmino. (Org.). **Geografia e território** - planejamento urbano, rural e ambiental. v. II, 1. ed. João Pessoa, PB: Ideia, 2013, p. 69-84.

ODELIUS, Catarina Cecília; ABBAD, Gardênia da Silva; RESENDE JUNIOR, Pedro Carlos; SENA, André de Castro; VIANA, Caroline Rodrigues; FREITAS, Tatiana Leão; SANTOS, Tamisia Cristofane Novaes dos. Processos de aprendizagem, competências aprendidas, funcionamento, compartilhamento e armazenagem de conhecimentos em grupos de pesquisa. **CADERNOS EBAPE**. BR, v. 9, n. 1, artigo 11, Rio de Janeiro, mar. 2011, p.199-220.

OLIVEIRA, F. L. B.; ARRUDA, Luciene Vieira de. Manejo de solo, água e cultivo das barragens subterrâneas no Assentamento Pedro Henrique, Solânea/PB. *In*: Arruda, Luciene Vieira de; MARIANO NETO, Belarmino (Org.). **Geografia e Território**: planejamento urbano, rural e ambiental. v. III, 1. ed. João Pessoa, PB: Ideia, 2015, p. 129-140.

PESSOA, M. D. V.; SILVA, M. L. G.; SANTOS, C. M.; MARIANO NETO, B.; ARRUDA, Luciene Vieira de. Ações socioeducativas do grupo Nas trilhas da Serra do Espinho Pilões/PB. **Revista Brasileira de Educação Ambiental** (On-line), v. 11, p. 142-152, 2016.

PRADO, Cláudia; CASTELI, Christiane Pereira Martins; LOPES, Tania Oliveira; KOBAYASHI, Rika M.; PERES, Heloísa Helena Ciqueto; LEITE, Maria Madalena Januário. Espaço virtual de um grupo de pesquisa: o olhar dos tutores. **Rev. Esc. Enferm.** USP. 46(1): 2012. p. 246-51.

RAPINI, Márcia Siqueira. O Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq e a interação universidade-empresa no Brasil: uma

proposta metodológica de investigação. **R. Econ. contemp.**, Rio de Janeiro, 11(1):, jan./abr. 2007. p. 99-117.

REINALDO, L. R. L. R.; LOPES, L. R.; SILVA FILHO, A. M.; XAVIER, R. A.; ARRUDA, Luciene Vieira de. Qualidade do solo em sistemas de cultivos no brejo paraibano. **Qualit@** (UEPB), v. 14, p. 1-7, 2013.

REINALDO, L. R. L. R.; ARRUDA, Luciene Vieira de; FIGUEIREDO, V. S. ; SANTOS, L. P. Culturas agrícolas e características químicas dos solos de alguns municípios da mesorregião do agreste paraibano. **Caminhos de Geografia** (UFU), v. 10, p. 211-220, 2009.

RODRIGUES, Leandro Paiva do Monte; MARIANO NETO, Belarmino. Desenvolvimento e planejamento do território: uma aproximação sobre o Brejo paraibano. *In*: ARRUDA, Luciene Vieira de; BEZERRA, Rosilda Alves; CHAGAS, Waldeci Ferreira (Org.). **Interfaces dos saberes, formação docente e diversidade cultural**. v. 1, 1. ed. João Pessoa: Ideia, 2014, p. 27-42.

RODRIGUES, Leandro Paiva do Monte; MARIANO NETO, Belarmino; MOREIRA, Emília de Rodat Fernandes. Novos desenhos do brejo paraibano: Notas iniciais para a pesquisa. *In*: V SEMANA DE HUMANIDADES - interfaces dos saberes, formação docente e diversidade cultural, 2010, Guarabira. V Semana de Humanidades - interfaces dos Saberes, formação docente e diversidade cultural. Mossoró - RN: Queima Bucha, 2010. v. 01. p. 100-108.

SANTOS, C. A.; GONÇALVES, E. O.; ARRUDA, Luciene Vieira de. Estudo comparativo de levantamentos fitossociológicos na Reserva Legal Riacho Pau-Brasil, Destilaria Miriri/PB. *In*: ARRUDA, Luciene Vieira de; MARIANO NETO, Belarmino (Org.). **Geografia e território** - Planejamento urbano, rural e ambiental. v. II, 1. ed. João Pessoa, PB: Ideia, 2013, p. 149-162.

SILVA, A. B.; GUILHERME, D. F.; SILVA, M. L. G.; ARRUDA, Luciene Vieira de; ALVES, C. A. B. Processo de regeneração

da cobertura vegetal da Serra do Espinho, Pilões/PB: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Educação Ambiental** (On-line), v. 11, p. 215-227, 2016.

SILVA, A. B.; ALMEIDA, E. B.; FELIX, J. M. S.; ARRUDA, Luciene Vieira de. Análise da cobertura vegetal e de solos da comunidade Veneza - Serra do Espinho, Pilões/PB. *In*: SEABRA, Giovanni (Org.). **Terra - Saúde ambiental e e soberania alimentar**. v. II, 1. ed. Ituiutaba, MG: Barlavento, 2015, p. 275-287.

SILVA, Ana Claudia Ribeiro da; ARRUDA, Luciene Vieira de; BASTOS, A. P. P. Educação e valorização do trabalho no campo: uma pesquisa-ação na EEEFM José Rocha Sobrinho em Bananeiras/Paraíba/Brasil. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, v. 17, p. 96-111, 2015.

SILVA, J. B.; ABRANCHES JUNIOR, N.; ARRUDA, Luciene Vieira de. Desenvolvimento sustentável nos assentamentos rurais de Araruna/PB. *In*: MARIANO NETO, Belarmino; ARRUDA, Luciene Vieira de (Org.). **Geografia e Território** - planejamento urbano, rural e ambiental. v. 1, 1. ed. João Pessoa, PB: Ideia Editora LTDA, 2010, p. 17-28.

SILVA, J. C.; ARRUDA, Luciene Vieira de. Plano estratégico para o desenvolvimento local da cidade de Itapororoca/PB. *In*: ARRUDA, Luciene Vieira de; MARIANO NETO, Belarmino (Org.). **Geografia e território**: planejamento urbano, rural e ambiental. v. III, 1. ed. João Pessoa, PB: Ideia, 2015, p. 47-59.

SILVA, J. O.; ARRUDA, Luciene Vieira de. Uma abordagem jurídica sobre o meio ambiente no contexto da ciência geográfica. *In*: MARIANO NETO, Belarmino; ARRUDA, Luciene Vieira de (Org.). **Geografia e território** - planejamento urbano, rural e ambiental. v. 1, 1. ed. João Pessoa, PB: Ideia Editora LTDA, 2010, p. 193-202.

SILVA, M. L. G.; SILVA, A. B.; PESSOA, M. D. V.; ARRUDA, Luciene Vieira de; ALVES, C. A. B. Uso de agrotóxicos na co-

comunidade Veneza, Pilões (PB) nordeste do Brasil: uma questão ambiental. **Revista Brasileira de Educação Ambiental** (Online), v. 11, p. 240-257, 2016.

SOUSA, J. L. F.; GUILHERME, D. F.; ALVES, C. A. B.; ARRUDA, Luciene Vieira de. Diagnóstico macromorfológico, físico e químico das terras da comunidade Poço Escuro na Serra do Espinho, Pilões/PB. *In*: SEABRA, Giovanni (Org.). **Educação ambiental: biomas, paisagens e o saber ambiental**. v. 1, 1. ed. Ituiutaba: Barlavento, 2017, p. 1310-1321.

PARTE 2

RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DA ATUAÇÃO DOS GRUPOS DE PESQUISA EM GEOGRAFIA

O USO DO SIG PARA ESPACIALIZAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS E HABILIDADES RELACIONADAS AO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO DOS ACS E ACE EM CAMPINA GRANDE – PB

KLEITON WAGNER ALVES DA SILVA NOGUEIRA

MARTHA PRISCILA BEZERRA PEREIRA

INTRODUÇÃO

O município de Campina Grande, no estado da Paraíba, é palco de políticas públicas voltadas para a promoção e prevenção da saúde, nas quais é possível identificar, nos programas de Estratégia de Saúde da Família (ESF) e de Vigilância Ambiental em Saúde (VAS), a materialização de procedimentos e técnicas necessárias para uma melhor condição da saúde da população. A ESF é tida como um conjunto de reorientação do modelo assistencial, operacionalizada mediante a implantação de equipes multiprofissionais em unidades básicas de saúde. Essas equipes são responsáveis pelo acompanhamento de um número definido de famílias, localizadas em uma área geográfica delimitada, e atuam com ações de promoção da saúde, prevenção,

recuperação, reabilitação de doenças e agravos mais frequentes, bem como da manutenção da saúde dessa comunidade (BRASIL, 2011).

O programa de VAS representa um conjunto de ações que proporcionam o conhecimento e a detecção de qualquer mudança nos fatores determinantes e condicionantes do meio ambiente que interfiram na saúde humana, com a finalidade de identificar as medidas de prevenção e controle dos fatores de risco ambientais relacionados a doenças ou outros agravos à saúde (BRASIL, 2002). Dessa forma, percebemos a relevância de estudar esses dois programas de saúde, pois estes são importantes agentes de transformação espacial, possuindo e desenvolvendo conhecimentos geográficos; além disso, trabalham diretamente com a população, estando inseridos no espaço geográfico, um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações não considerados isoladamente (SANTOS, 1997).

Porém, que conhecimentos geográficos são esses? E, por sua vez, como eles estão distribuídos no município de Campina Grande - PB? Diante do exposto, o presente capítulo apresenta como objetivo geral relatar a experiência de pesquisa relacionada à elaboração de um diagnóstico do conhecimento geográfico requerido do agente de saúde através do relato de enfermeiros e supervisores sobre os profissionais que se destacam em seus ambientes de trabalho. A pesquisa que originou este texto foi desenvolvida entre agosto de 2010 e julho de 2011, no âmbito do curso de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), câmpus Campina Grande, através de ações do Programa Institucional de Voluntários de Iniciação Científica – PIVIC, sob orientação da Dr. Martha Priscila Bezerra Pereira, professora do Departamento de Geografia da UFCG.

HABILIDADES E COMPETÊNCIAS: CATEGORIAS INERENTES AO PROCESSO DE ANÁLISE

A pesquisa enquadra-se no eixo da geografia da saúde. Para tanto, foi imprescindível a consulta de autores que tratam sobre o tema. Ribeiro (2009), Rojas (1998) e Vaz (2008) auxiliaram a entender o histórico da geografia da saúde; Costa & Teixeira (1999), Pereira & Barcellos (2006), sobre a aplicação de conceitos da geografia a estudos sobre a geografia da saúde, inclusive sobre estudos relacionados às políticas públicas de saúde; Pereira (2008a) possibilitou a escolha da aplicação de inquéritos durante o trabalho de campo e a indicação de autores para alguns dos conceitos que foram trabalhados como Fleury e Fleury (2001), no que diz respeito ao conceito de competências enquanto suporte metodológico para estudar conceitos da geografia aplicados a determinada realidade de trabalho nas políticas públicas.

De acordo com Fleury e Fleury (2001), o termo competência é uma palavra do senso comum, serve para designar um sujeito qualificado para a realização de alguma atividade. Ainda de acordo com os autores, competência não abarca apenas a escala do indivíduo, ela também faz parte do nível das organizações (*core competences*) e dos países (sistemas educacionais e formação de competências). Zarifian (1999) afirma que a competência também está relacionada à questão da autonomia, pois, segundo esse autor, as possíveis eventualidades que surgem perturbando o cotidiano é que fazem emergir as competências, ultrapassando a monotonia do dia a dia de trabalho.

Dessa forma, Fleury e Fleury (2001) definem competência como um saber agir responsável e reconhecido que implica mobilizar, integrar, transferir conhecimentos, recursos e habilidades que agreguem valor econômico à organização e valor social ao indivíduo. Diante disso, as competências consideradas para o estudo foram: autonomia, características pessoais, domínio da linguagem cartográfica, domínio conceitual e motivação. Assim, esses conceitos foram discutidos e os autores escolhidos nas reuniões do grupo de pesquisa.¹ Com relação ao conceito de autonomia, entendeu-se que este estaria diretamente relacionado a imposições verticais e a poderes horizontais. Essas imposições verticais fazem parte do cotidiano, sendo mais fácil a decisão por determinada ação relacionada a esse tipo de poder (MORIN, 2005).

As características pessoais influenciam diretamente o desempenho das competências e habilidades, bem como têm relação com situações vivenciadas pelo indivíduo (SPENCER; SPENCER, 1993 *apud* ALLES, 2006). Além disso, essas características podem interferir positivamente ou negativamente na ação do ACS ou ACE (PEREIRA, 2008b).

O domínio da linguagem cartográfica concebe que a cognição sobre determinado espaço e sua representação espacial expressa uma visão e um raciocínio sobre ele (SANTOS, 2002). Quanto à aplicação, pode-se considerar duas dimensões desta competência: a subjetiva e a técnica. A subjetiva está relacionada aos elementos representados e a técnica, à forma de representação (PEREIRA, 2008a).

O domínio conceitual está diretamente relacionado ao conhecimento. Este, por sua vez, possui algumas características prin-

cipais: a) apresenta bases flexíveis (estão em permanente construção, em movimento); b) não pode ser completamente conhecido; c) estabelece diálogo entre a reflexão subjetiva e o conhecimento objetivo; d) para se estudar o conhecimento (objeto) é necessário conhecer um pouco a pessoa possuidora desse conhecimento (sujeito); e) o conhecimento se expressa através da linguagem (MORIN, 1999).

No que diz respeito à motivação, para atender a necessidade da pesquisa, buscou-se a forma de pensar de Angelini (1973), na qual se observou que, antes de ser executada determinada ação, existe um motivo que orienta a pessoa a certos objetivos, e estes se revelam em graus diferenciados. Essa concepção correspondeu efetivamente ao que foi observado nos depoimentos dos enfermeiros e supervisores.

Aplicando essa realidade para os agentes de saúde, percebemos que é possível distinguir e comparar as competências desenvolvidas por esses sujeitos a partir do destaque de habilidades realizado pelos enfermeiros da ESF e pelos supervisores da VAS nos inquéritos aplicados. A partir de leituras com o grupo de pesquisa, observou-se que as principais competências são: autonomia, características pessoais, domínio conceitual, domínio da linguagem cartográfica e motivação (PEREIRA, 2008b).

O ESPAÇO GEOGRÁFICO; PAISAGEM E TERRITÓRIO NO COTIDIANO DOS ACS E ACE

Um dos conceitos ligados à ciência geográfica é o de espaço geográfico. Segundo Correia (2008), quando o conceito de espaço é aplicado à geografia, este perpassa várias correntes do pensamento

¹ Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia para a Promoção da Saúde – Pró-Saúde Geo, coordenado pela Prof.^a Dra. Martha Priscila Bezerra Pereira - www.prosaudegeo.com.br.

geográfico. Esta pesquisa baseou-se nos conceitos de espaço crítico marxista e do espaço vivido, abordados por Correa (2008), no sentido de aplicá-los ao contexto de trabalho do agente de saúde.

Dessa forma, o espaço geográfico é acima de tudo complexo e fruto de uma luta de classes no qual o agente de saúde faria parte do proletariado; porém, a partir de uma perspectiva cultural, seria um espaço que possui identidade e costumes que podem interferir na vida e na saúde do indivíduo que reside na área adscrita pelo agente de saúde. Nesse contexto, o agente de saúde é visto como alguém que está inserido no espaço vivido, possuindo parte das características do lugar.

A paisagem é outro conceito de grande relevância defendido no capítulo, pois ele é fruto de aspectos rugosos que ainda persistem na atualidade (SANTOS, 1996) e pode ser percebido de um modo subjetivo (BLASCHKE; LANG, 2009).

Aplicando à pesquisa, observou-se que os profissionais da saúde ligados aos programas de ESF e VAS fazem parte e trabalham na paisagem do seu ambiente de trabalho, pois trabalham em campo diretamente com o usuário desses serviços, o que proporciona uma percepção maior dos aspectos constituintes dessa paisagem.

O território, por sua vez, também deve ser lembrado, de acordo com Souza (2008), como um espaço definido por relações de poder. Nesse sentido, observamos que o poder está intrinsecamente ligado ao território, no qual a habilidade humana não apenas age, mas age em uníssono, em comum acordo. O poder jamais é propriedade de um indivíduo; pertence a um grupo e existe apenas enquanto o grupo se mantiver unido (ARENDRT *apud* SOUZA, 2008). Podemos observar na visão de Arendt que o poder está ligado a uma esfera grupal, na qual poderíamos usar como exemplo

o próprio Estado; no entanto, devemos perceber também que o poder se faz presente em escalas menores, como na relação entre famílias, pessoas, casais de namorados, ou seja, o poder está presente em todo lugar. Dessa forma, os agentes de saúde lidam diariamente no seu trabalho com as relações de poder, seja na esfera do Estado, a partir das hierarquias dos programas, seja através dos usuários atendidos em âmbito residencial.

Os procedimentos previstos para a pesquisa foram: a) trabalho de campo exploratório; b) treinamento em ambiente SIG – Sistema de Informação Geográfica; c) levantamento de informações sobre as características de cada área adscrita; d) organização das informações em um banco de dados e elaboração de mapas de Campina Grande; e e) elaboração dos resultados e interpretação dos mapas gerados.

TRABALHO DE CAMPO EXPLORATÓRIO

O trabalho de campo exploratório consistiu na visita à Secretaria Municipal de Saúde (Gerência de Atenção Básica, Vigilância Ambiental em Saúde e Vigilância Epidemiológica) e à Secretaria de Planejamento Urbano para a obtenção de mapas da cidade de Campina Grande, listas dos agentes, localidades das Unidades Básicas de Saúde da ESF e dos pontos de apoio da VAS.

TREINAMENTO EM AMBIENTE SIG

Esta foi a parte mais complexa da pesquisa, uma vez que o trabalho com o SIG demandou um processo de aprofundamento em uma técnica desconhecida e de complexa aplicação, uma vez

que se tratava de materializar, em um sistema, informações coletadas em campo de forma a contemplar todo o município por área de atuação dos agentes.

O treinamento em ambiente SIG ocorreu através de minicursos realizados pelo Grupo de Pesquisas Integradas em Desenvolvimento Socioterritorial – GIDS,² nas linhas de pesquisa de Monitoramento e Sustentabilidade Ambiental e Agroecologia, Campesinato e Desenvolvimento Socioterritorial; assim como por meio de leituras e apresentação de textos, e dos avanços no treinamento prático no Grupo de Pesquisas em Geografia para a Promoção da Saúde – Pró-Saúde Geo. Tanto o treinamento teórico quanto o prático serviram para a elaboração e execução do estudo. Depois de vários estudos e debates no grupo de pesquisa a respeito de programas de Sistemas de Informações Geográficas, o ArcGis foi o programa escolhido, devido ao fato de ser bastante funcional e completo no que diz respeito às suas ferramentas.

Levantamento de informações sobre as características de cada área adscrita

Esta parte correspondeu ao trabalho de campo e consistiu na aplicação de inquéritos aos superiores hierárquicos dos agentes de saúde (ACS e ACE), aos enfermeiros (ESF) e aos supervisores (VAS) no município de Campina Grande – PB, conforme modelo abaixo (Quadro 1, 2 e 3).

QUADRO 1: DESTAQUE DO AGENTE DE SAÚDE

Quem destacou	Distrito/ equipe	Agente destacado e descrição do destaque

² Coordenado pelo Prof. Dr. Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior.

QUADRO 2: CARACTERIZAÇÃO AMBIENTAL

Distrito/área	Enfermeiro/supervisor	Características ambientais

QUADRO 3: LISTA DOS AGENTES DE SAÚDE

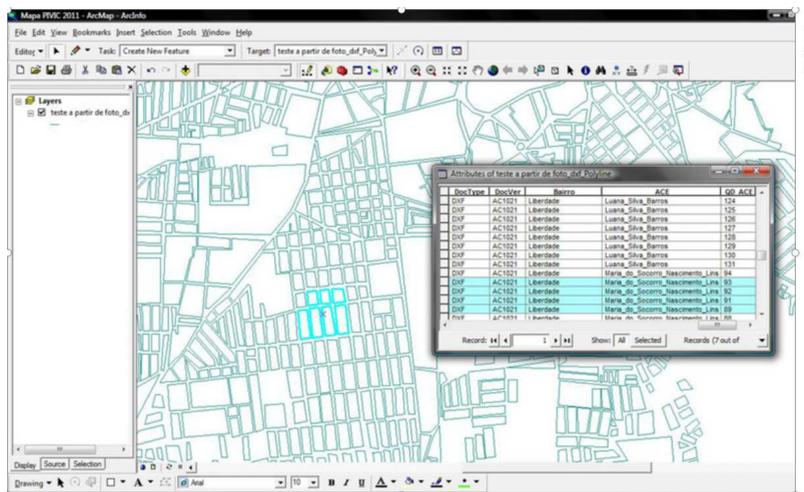
Unidade/área	Enfermeiro/supervisor	Endereço/telefone	Nome dos agentes/área trabalho	Ano de início do trabalho	Agentes de outra política pública que trabalham na área

ORGANIZAÇÃO DAS INFORMAÇÕES EM UM BANCO DE DADOS E ELABORAÇÃO DE MAPAS TEMÁTICOS DO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE - PB

Após a sistematização dos inquéritos, as informações deveriam ser organizadas diretamente em um banco de dados no programa ArcGis para a elaboração dos mapas temáticos. Como não foi possível conseguir o mapa em formato *shapefile* junto à Secretaria de Planejamento da Prefeitura de Campina Grande, foi necessário, inicialmente, elaborá-lo no programa AutoCAD 2008, no qual a vetorização foi realizada a partir de uma imagem em formato JPG impressa no formato PDF do mapa do município. A vetorização foi executada obedecendo a todo o município de Campina Grande, sendo realizado um exaustivo e detalhado trabalho de vetorização que durou, em média, três meses.

O procedimento de vetorização foi necessário para que o mapa fosse gerado no formato DXF e o arquivo fosse transferido para o ArcGis, a fim de que, finalmente, fosse transformado em *shapefile*, estando, dessa forma, pronto para a inserção de dados, através da associação de tabelas (Figura 01). A partir desse banco de dados, foi possível gerar mapas temáticos.

FIGURA 1: ASSOCIAÇÃO DE DADOS AO MAPA DO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE EM AMBIENTE SIG



Fonte: NOGUEIRA (2011)

A partir dos mapas gerados, procedeu-se a sua interpretação, sendo possível entender ou inferir algumas relações entre o ambiente de trabalho e o conhecimento geográfico desenvolvido pelos ACS, pertencentes à ESF; e aos ACE, relacionados à VAS.

Os resultados apresentados são correspondentes ao trabalho de campo e à elaboração das informações especializadas. Apesar de se trabalhar o município de Campina Grande para a pesquisa, os destaques para as áreas de trabalho e para os agentes (ACS e ACE) foram concentrados, principalmente, na zona urbana. Dessa forma, os resultados referem-se ao município, com foco na cidade de Campina Grande – PB.

Aos profissionais da ESF (enfermeiros), foram aplicados inquéritos em 86 das 91 Unidades Básicas de Saúde da Família - UBSF (94,51%). As razões para a não totalidade foram a dificuldade de localização e/ou a falta de transporte para se dirigir ao

local, além da recusa de alguns enfermeiros. Já com os profissionais da VAS (supervisores), os inquéritos foram aplicados a todos os 23 supervisores de área (100%).

Em campo, os procedimentos foram os seguintes: a) apresentação da pesquisa, dos inquéritos e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; b) aplicação dos inquéritos; c) marcação do ponto (localização exata da unidade/ ponto de apoio) através de GPS; d) anotação dos nomes de ruas/bairros que compõem as áreas de trabalho dos ACS e ACE (quando fornecido); e e) solicitação do e-mail ou telefone do profissional para o envio dos resultados da pesquisa em tempo posterior.

Dos 650 agentes comunitários de saúde da ESF (LIRA, 2010) e 252 agentes de combate a endemias da VAS que trabalham no município, foram destacados 160 ACS e 52 ACE. A partir disso, foram categorizadas 70 características agrupadas por competências sociais, considerando a forma como foram relatadas e as leituras realizadas sobre o conceito e seus principais desdobramentos (autonomia, características pessoais, domínio conceitual, domínio da linguagem cartográfica e motivação). Comparou-se o sentido em que eram ditas algumas das características com as leituras realizadas e seu significado no dicionário (Quadro 4).

QUADRO 4: CARACTERÍSTICAS DOS ACS AGRUPADAS POR COMPETÊNCIAS SOCIAIS NO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE – PB

Continua...

AUTONOMIA
1. Iniciativa/ antecipação; 2. Concretiza o elo entre a comunidade e a política; 3. Bom colega de trabalho; 4. Boa relação com a comunidade; 5. Engajada/ atuante; 6. Firmeza nas atitudes; 7. Conhece toda a comunidade e as famílias; 8. Acessibilidade na comunidade; 9. Liderança/ É um referencial para a comunidade; 10. Dinâmico; 11. Envolve-se com os problemas para ajudar a comunidade/ Facilidade na resolução dos problemas; 12. Credibilidade com a comunidade; 13. Estabelece relações de amizade com a população; 14. Divulga as informações; 15. Possui grande chance de promoção; 16. Auxilia psicologicamente; 17. Espírito de equipe; 18. Flexível; 19. Persuasão.

CARACTERÍSTICAS PESSOAIS
20. Simpático/ alegre; 21. Responsável; 22. Assíduo; 23. Comprometido; 24. Competente; 25. Pontual; 26. Cumpre as obrigações em dia; 27. Produtivo; 28. Compreensivo; 29. Prestativo; 30. Carismático; 31. Disposto; 32. Organizado; 33. Atencioso; 34. Criativo; 35. Paciente; 36. Exemplar; 37. Exerce funções diferenciadas (pula muros, trabalha em áreas de risco); 38. Informa tudo o que faz; 39. Perfeccionista; 40. Dedicado; 41. Sincero; 42. Não é mal-falado; 43. Atuante; 44. Espontâneo; 45. Respeitado; 46. Inovador.
DOMÍNIO DA LINGUAGEM CARTOGRÁFICA
47. Tem conhecimento da área.
DOMÍNIO CONCEITUAL
48. Experiente; 49. Comunicativo; 50. Tecnicamente preparado; 51. Raciocínio rápido; 52. É bom na prática do trabalho; 53. Formação; 54. Orienta bem a comunidade; 55. Conhece o trabalho; 56. Facilidade de identificar o risco; 57. Boa educadora.
MOTIVAÇÃO
58. Profissionalismo; 59. Faz tudo o que é pedido; 60. Faz mais do que a obrigação; 61. Integrado; 62. Preocupado com a comunidade e o andamento das atividades; 63. Preocupado em realizar o trabalho; 64. Esforçado; 65. Dedicado/ perseverante; 66. Participativo; 67. Usa EPI; 68. Cooperativo; 69. Apoiador da comunidade; 70. Ético.

Fonte: Trabalho de campo realizado entre novembro de 2010 e janeiro de 2011/ Organizado por PEREIRA; NOGUEIRA (2011).

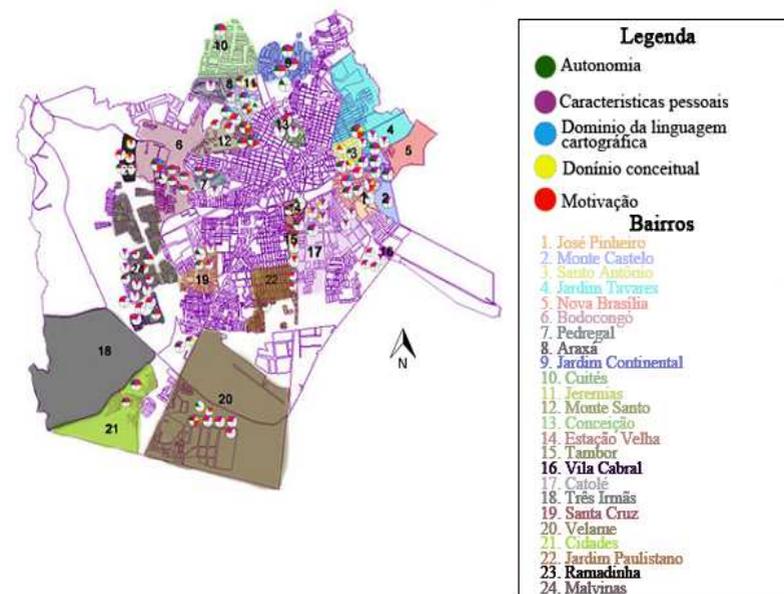
Através da organização das informações no banco de dados, foi possível espacializar essas informações a partir da criação de mapas relacionados às competências sociais tanto para ESF quanto para a VAS.

A espacialização das competências para a ESF foi organizada por pontos na cidade correspondentes às UBSF. Houve predominância das competências características pessoais e autonomia. Estas foram destacadas na periferia da cidade. Essa situação nos faz inferir a possível necessidade de esses agentes possuírem características pessoais marcantes e desenvolverem habilidades relacionadas à autonomia para conseguir realizar seu trabalho cotidiano (Figura 2).

A espacialização dessas competências em relação à VAS foi possível a partir do trabalho dos agentes por quadras. Assim, foi

possível gerar mapas para cada competência. A autonomia foi destacada na porção norte da cidade em bairros como: Jardim Continental, Cuités e Universitário (Figura 3). As características pessoais predominam também na área norte, principalmente nos bairros de Cuités e Jardim Continental (Figura 4). O domínio da linguagem cartográfica predominou na porção norte, especificamente no bairro Jardim Continental (Figura 5). O domínio conceitual foi destacado em ACEs de locais variados, predominando em bairros como Presidente Médici, Malvinas e Cruzeiro (Figura 6). A motivação destacou-se também na porção norte da cidade em bairros como Cuités e Jardim Continental (Figura 7).

FIGURA 2: COMPETÊNCIAS SOCIAIS DESENVOLVIDAS PELOS AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE EM CAMPINA GRANDE - PB



Fonte: NOGUEIRA (2011).

FIGURA 3: ESPACIALIZAÇÃO DA AUTONOMIA DOS ACE NO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE - PB

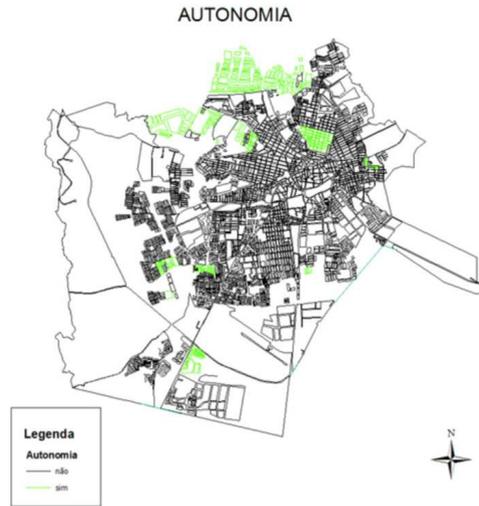


FIGURA 4: ESPACIALIZAÇÃO DA CARACTERÍSTICA PESSOAL DOS ACE NO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE - PB

CARACTERÍSTICAS PESSOAIS

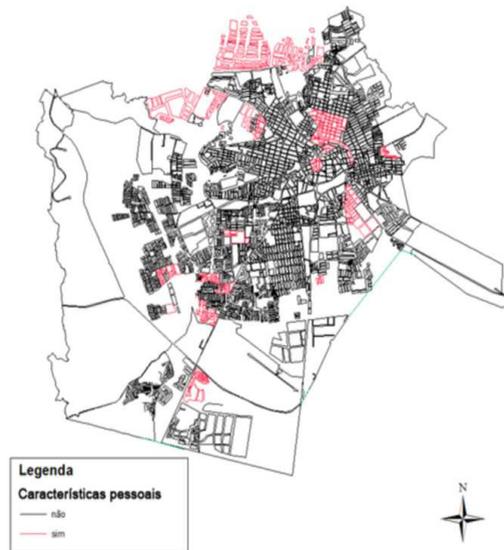


FIGURA 5: ESPACIALIZAÇÃO DO DOMÍNIO DA LINGUAGEM CARTOGRÁFICA DOS ACE NO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE – PB

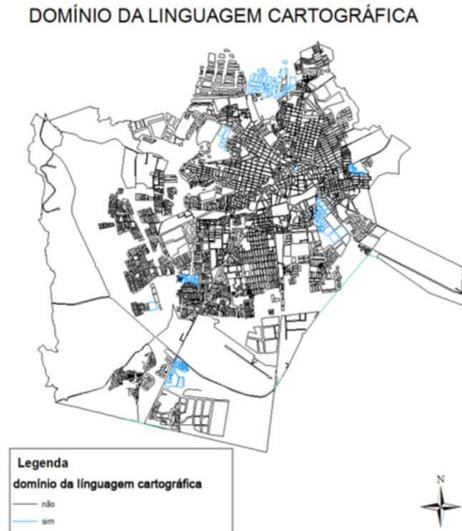
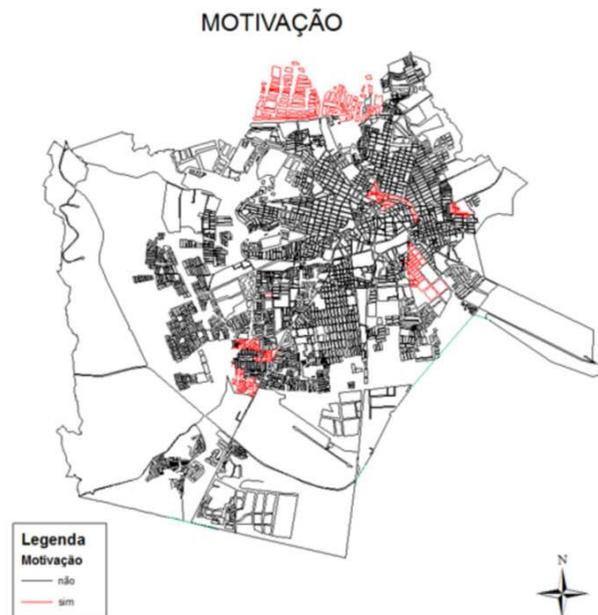


FIGURA 6: ESPACIALIZAÇÃO DO DOMÍNIO CONCEITUAL DOS ACE NO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE – PB



FIGURA 7: ESPACIALIZAÇÃO DA MOTIVAÇÃO DOS ACE NO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE – PB



A caracterização ambiental permitiu uma visão mais geral das principais características do município, que podem contribuir positiva e negativamente no desempenho das atividades dos ACS ou ACE. No total, foram detectados 19 tipos de caracterização do ambiente em que trabalham: a) Acessibilidade; b) Saneamento; c) Condição socioeconômica; d) Receptividade; e) Ações articuladas entre a equipe e a localidade; f) Serviço de saúde; g) Infraestrutura; h) Características gerais; i) Condições de trabalho; j) Localização; k) Situação de saúde; l) Segurança; m) Aglomeração de famílias; n) Projeto de extensão; o) Presença de projeto de extensão; p) Auxílio de assistência social; q) Ações no ambiente; r) Educação formal; s) Automedicação.

Vale salientar que a forma de trabalho dos ACS e ACE é diferente no que diz respeito à organização. Os ACS trabalham por microáreas delimitadas por ruas, enquanto os ACE trabalham por

áreas que contêm quadras. Dessa maneira, as informações da caracterização ambiental foram organizadas espacialmente de maneiras diferenciadas, ainda que tenham sido aglomeradas e apresentadas por bairros.

Sobre as características positivas da área de trabalho dos agentes comunitários de saúde da ESF, é possível observar que um dos pontos mais citados pelos superiores hierárquicos desses agentes foi a questão da acessibilidade, principalmente em localidades de condição socioeconômica não tão abastecida, como a indicada na legenda do mapa (Figura 8).

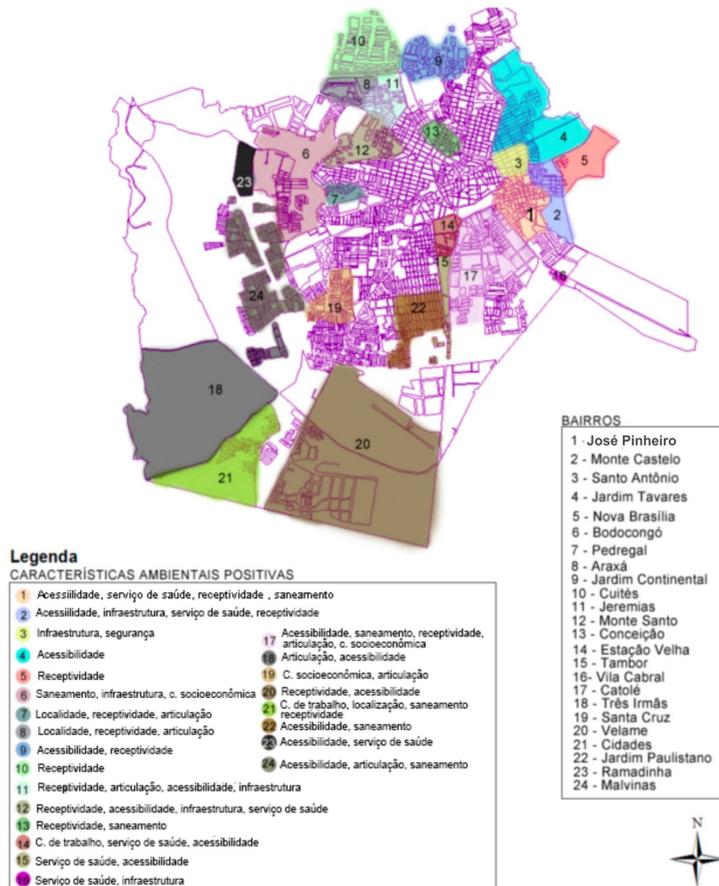
Com relação às características negativas do ambiente de trabalho dos agentes, foi possível identificar uma maior ênfase na questão da acessibilidade, principalmente nas áreas periféricas do município de Campina Grande – PB. Outro ponto destacado como negativo foi a sensação de insegurança desses profissionais, também em áreas periféricas da cidade (Figura 9).

Como os agentes de combate a endemias possuem uma visão mais sistêmica e holística do ambiente de trabalho onde atuam, as principais características positivas apontadas foram acessibilidade nos bairros do Araxá, Jardim Continental e Cuités. Educação formal, receptividade e características gerais foram mais encontradas em bairros como Santa Cruz, Jardim Paulistano e Centro. As características serviço de saúde, segurança e localização foram citadas em bairros como José Pinheiro, Monte Castelo e Catolé. Podemos visualizar melhor essa distribuição na Figura 10.

Em relação às características ambientais negativas da área de trabalhos do ACE, temos a acessibilidade com maior concentração no bairro da Ramadinha. A caracterização ambiental relacionada a insegurança, condições de trabalho e infraestrutura estão mais concentradas nos bairros Conceição, Jeremias, Monte Santo,

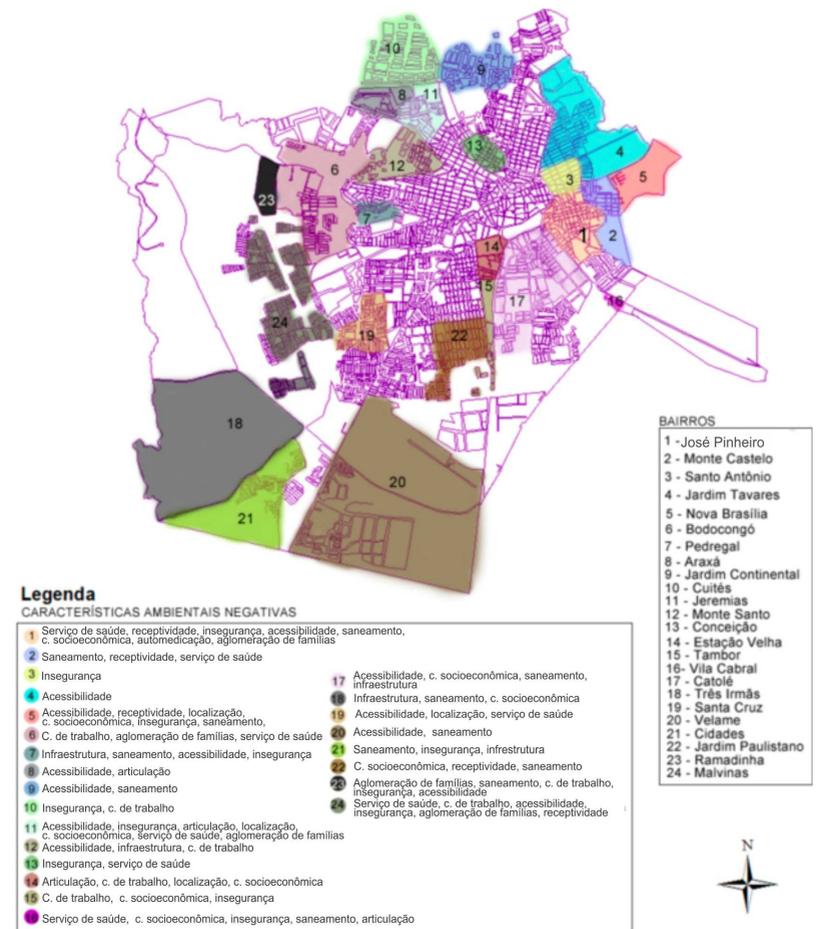
Palmeira, Cuités, Jardim Continental, Louzeiro, Tambor, Sandra Cavalcante, Vila Cabral, José Pinheiro e Velame. A problemática da infraestrutura concentra-se nos bairros Dinamérica, Mirante, Santa Terezinha, Santa Rosa, Malvinas, Serrotão e Três Irmãs (Figura 11).

FIGURA 8: ESPACIALIZAÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS POSITIVAS APONTADAS PELOS ENFERMEIROS DA ESF – CAMPINA GRANDE - PB



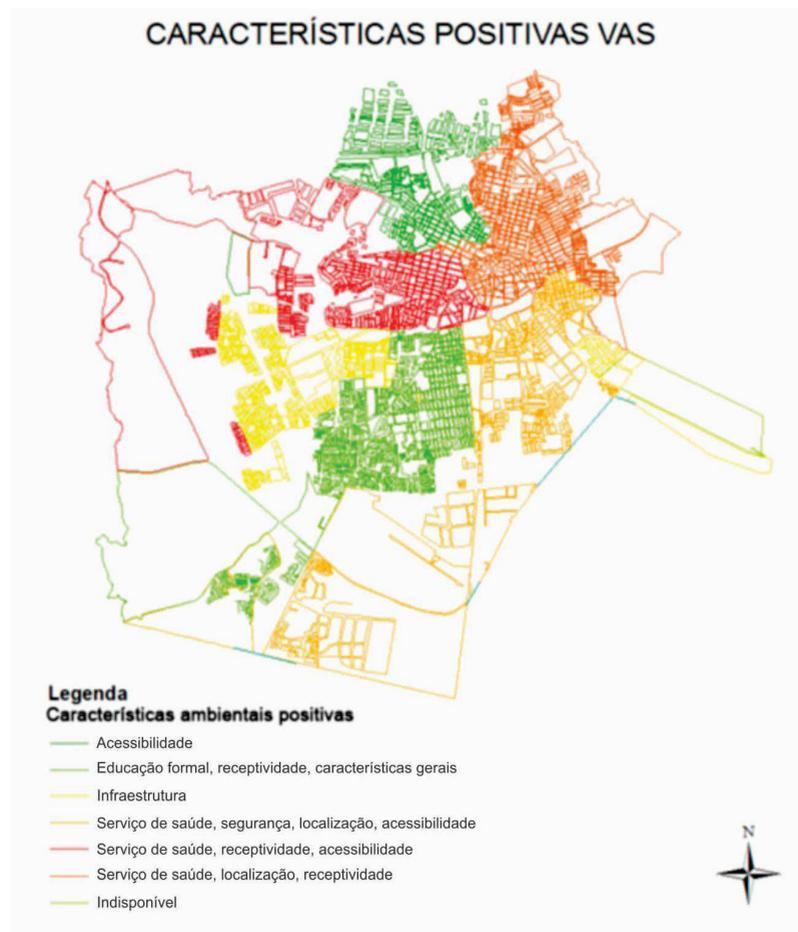
Fonte: NOGUEIRA (2011).

FIGURA 9: ESPACIALIZAÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS NEGATIVAS APONTADAS PELOS ENFERMEIROS DA ESF – CAMPINA GRANDE - PB



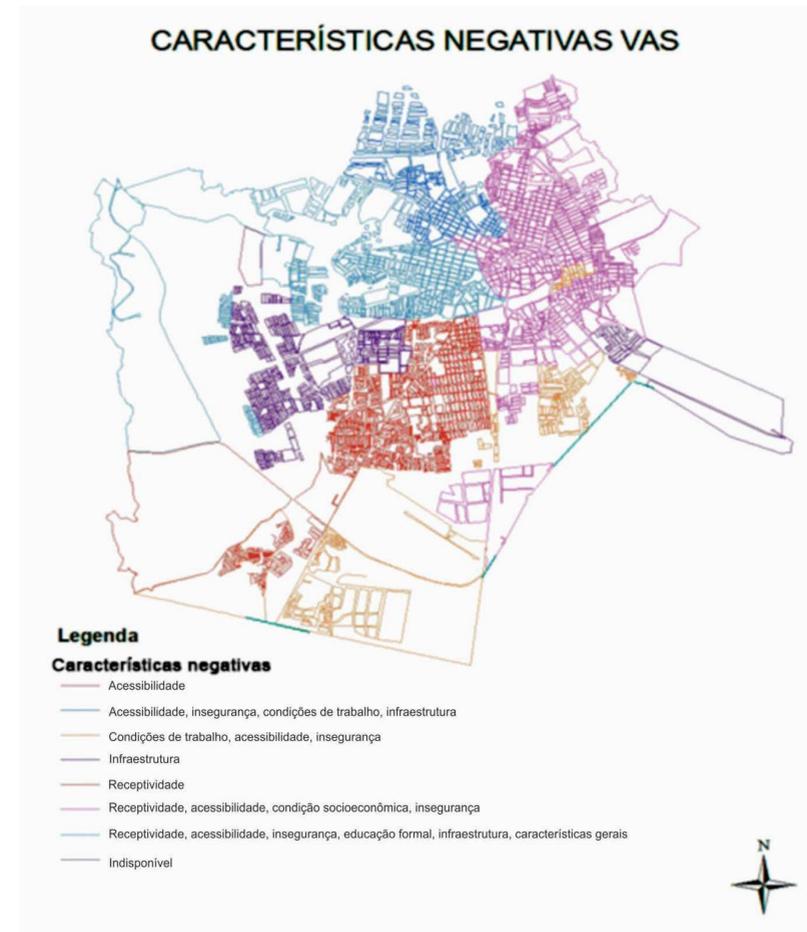
Fonte: NOGUEIRA (2011).

FIGURA 10: CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS POSITIVAS DO AMBIENTE DE TRABALHO DOS ACE EM CAMPINA GRANDE - PB



Fonte: NOGUEIRA (2011).

FIGURA 11: CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS NEGATIVAS DO AMBIENTE DE TRABALHO DOS ACE EM CAMPINA GRANDE - PB



Fonte: NOGUEIRA (2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um contexto de produção acadêmica acirrada, de acesso a uma multiplicidade de conteúdos e materiais pela rede mundial de computadores, ter a possibilidade de participar da realização de uma pesquisa científica é um elemento preponderante na formação profissional.

Destaca-se que a experiência aqui apresentada pode ser considerada como um dos poucos estudos relacionados à geografia da saúde e o uso de Sistema de Informações Geográficas na cidade de Campina Grande. Essa iniciativa é justificada pelo longo caminho que essa faceta da geografia tem a construir no estado da Paraíba e, em especial, em Campina Grande, salientando os esforços da professora Martha Priscila Bezerra Pereira em trazer e disponibilizar seu arcabouço teórico e conceitual adquirido em sua formação profissional e especialmente no doutorado na UNESP, sob orientação do Professor Dr. Raul Borges Guimarães.

Não menos importante, cabe lembrar o papel preponderante dos grupos de pesquisa: Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia para a Promoção da Saúde – Pró-Saúde Geo, coordenado pela Prof.^a Dra. Martha Priscila Bezerra Pereira; e o Grupo de Pesquisas Integradas em Desenvolvimento Socioterritorial – GIDS, liderado pelo Prof. Dr. Xisto Santana de Souza Júnior. Esses grupos foram e são fundamentais na produção de conhecimento geográfico e na formação de alunos para atuação profissional e acadêmica.

A pesquisa aqui relatada faz parte desse contexto de união entre grupos de pesquisa, de diálogos e produções em parceria que

somam aos estudos geográficos desenvolvidos na região Nordeste pioneirismo e aprofundamento metodológico nas questões inerentes ao espaço geográfico.

REFERÊNCIAS

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito chave da Geografia. *In*: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: conceitos e temas**. 11. ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2008.

COSTA, Maria da Conceição Nascimento; TEIXEIRA, Maria da Glória Lima Cruz. A concepção de espaço na investigação epidemiológica. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, 15 (2); 271-279, abr./jun. 1999.

FITZ, Paulo Roberto. **Geoprocessamento sem complicações**. São Paulo: Oficina de textos, 2008, p. 21-28.

FLEURY, Maria Tereza Leme; FLEURY, Afonso. Construindo o conceito de competência. **RAC**, 2001: 183-196. (edição especial). Disponível em: <http://www.anpad.org.br>. Acesso em: 20 jul. 2010.

FUNASA. **Sistema Nacional de Vigilância Ambiental em saúde**. Ministério da Saúde. Brasília. 2002. Disponível em: http://www.saude.sc.gov.br/SaudeTrabalhador/conferencia_estadual/textos_apoio/Vigilancia_ambiental%28CEST%29.pdf. Acesso em: 9 set. 2010.

HAESBAERT, Rogério. Definindo território para entender a desterritorialização. *In*: HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

LANG, Stefan; BLASCHKE, Thomas. **Análise da paisagem com SIG**. São Paulo: Oficina de textos, 2009.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Noções de cartografia básica**. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/manual_nocoos/indice.htm. Acesso em: 12 out. 2010.

PEREIRA, M. P. B. **Conhecimento geográfico do agente de saúde no município de Campina Grande – PB**. Plano de trabalho individual voluntário 2, projeto PIVIC – 2010-2011.

PEREIRA, Martha Priscila Bezerra; BARCELLOS, Christovam. O território no Programa Saúde da Família. **Hygeia**, 2 (2): 47-55, jun. 2006.

PEREIRA, Martha Priscila Bezerra. Competências e habilidades como estratégia para destacar o conhecimento geográfico dos agentes da ESF e PSA na cidade do Recife - PE. **Revista Formação**, n. 15, v. 2, p. 110-124.

PEREIRA, Martha Priscila Bezerra. **Conhecimento geográfico do agente de saúde: competências e práticas sociais de promoção e vigilância a saúde na cidade do Recife – PE**. 2008. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista Faculdade Ciências e Tecnologias. Presidente Prudente, 2008.

PEREIRA, Martha Priscila Bezerra; GUIMARÃES, Raul Borges. **Condições de trabalho do agente de saúde do PSF e do PSA a partir do discurso dos sujeitos**. Disponível em: <http://www4.fct.unesp.br/ceget/MarthaPriscilaBezerraPereira.pdf>. Acesso em: 10 set. 2010.

RIBEIRO, Eduardo. Geografias, técnicas e sua história: entrevista com Christovam Barcellos. **Hygeia**. 5 (9): 165-171. dez. 2009.

ROJAS, Luisa Iñiguez. Geografía y salud: temas y perspectivas en América Latina. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, 14(4):701-711, out./dez. 1998.

ROSA, W. A. G.; LABATE, R. C. Programa Saúde da Família: a construção de um novo modelo de assistência. **Revista Latino-**

-am Enfermagem (on-line) nov./dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v13n6/v13n6a16.pdf>. Acesso em: 10 set. 2010.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SUETERGARAY, Dirce Maria Antunes. Espaço geográfico uno e múltiplo. **Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias sociales** (on-line). jul. 2001. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn-93.htm>. Acesso em: 20 set. 2010.

TA, J. P. de *et al.* O conceito de motivação na teoria das relações humanas. **Maringa Management: Revista de Ciências Empresariais**, v. 2, n.1, p. 40-47, jan./jun. 2005. Disponível em: <http://www.maringamanagement.com.br/viewarticle.php?id=43&layout=abstract>. Acesso em: 12 set. 2010.

VAZ, Dirley dos Santos. Algumas considerações sobre a geografia médica e da saúde, novas perspectivas para a geografia brasileira. **Hygeia** 3 (6):77-87. jun. 2008.

A IMPORTÂNCIA DO GRUPO DE PESQUISA NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE SEUS INTEGRANTES: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A PARTICIPAÇÃO NO GRUPO DE PESQUISA GIDS

ALESSANDRO MICHELL DE ARAÚJO SILVA

PEDRO DE FARIAS LEITE E SILVA

INTRODUÇÃO

O presente texto tem por objetivo fazer um relato de experiência sobre a participação no Grupo de Pesquisas Integradas em Desenvolvimento Socioterritorial, mais conhecido como GIDS, e qual a importância dessa participação na formação profissional de seus integrantes.

Diante disso, dividimos o desenvolvimento em três partes, nas quais discorreremos sobre os momentos do grupo e no grupo. Na primeira parte, intitulada “Surgimento do GIDS”, faremos uma breve apresentação de como surgiu o grupo, de que forma este vem atuando no meio acadêmico e quais as suas principais conquistas desde seu surgimento.

Na segunda parte do texto, intitulada “A história de participação no GIDS”, faremos um relato da nossa história de participação no grupo, como o conhecemos e o que nos levou a ingressar nele, quais os trabalhos desenvolvidos junto a ele e qual sua importância na nossa graduação e formação acadêmica.

Na terceira parte, “Contribuição do grupo na formação profissional”, abordaremos a questão da importância que o grupo teve e quais as contribuições na formação profissional tanto dos seus membros egressos, quanto dos atuais. E então, teremos as considerações finais.

SURGIMENTO DO GIDS

O Grupo de Pesquisas Integradas em Desenvolvimento Socioterritorial, o GIDS, surgiu através de experiências obtidas durante o período de formação do seu líder, o Professor Doutor Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior, principalmente a partir de suas experiências com o PET, do qual foi membro durante sua graduação na Universidade Federal de Pernambuco, e com o GASPPER, do qual fez parte durante o seu doutorado na UNESP de Presidente Prudente. Mediante as boas experiências obtidas no PET e no GASPPER, o professor Xisto, após se tornar professor da UFCG, teve a ideia da criação de um grupo de pesquisas integradas que pudesse proporcionar aos estudantes do curso de Geografia e áreas afins uma formação ainda mais qualificada, que lhes garantisse experiências e oportunidades semelhantes às que ele tivera durante sua formação. Dessa forma, surgiu o GIDS. De acordo com o fundador do grupo:

O PET e o GASPPER fizeram parte da formação profissional do líder do GIDS, que buscou incorporar para esse grupo as principais características desenvolvidas em um ambiente PET com o rigor acadêmico valorizado no ambiente do GASPPER. Assim sendo, além de buscar meios para que os alunos desenvolvessem laços afetivos com o ambiente físico do GIDS, desenvolvendo importantes interações sociais no dia a dia, os pesquisadores do grupo buscam criar laços externos aos muros da universidade, desenvolvendo interações, como as confraternizações de final de ano e a comemoração que marca o reinício das atividades do grupo no começo de cada período. (SOUZA JÚNIOR, 2017, p. 138).

No ano de 2010, o projeto foi posto em prática e o GIDS teve sua formação, sendo este o primeiro grupo de pesquisa criado na Unidade Acadêmica de Geografia da UFCG. No início, a equipe contava com boa parte dos professores da unidade, porém, com o passar do tempo, alguns deles buscaram novos caminhos e deram formação a novos grupos.

Atualmente, o GIDS conta com quatro professores da Unidade Acadêmica de Geografia, tendo entre eles o líder do grupo, o Professor Dr. Xisto de Souza Júnior, que trabalha com a linha de pesquisa Produção do espaço urbano e turístico e desenvolvimento regional e socioespacial. Além dele, contamos com a participação da Professora Dra. Martha Priscila, que é líder do Grupo Pró-Saúde Geo, com a linha de pesquisa em Geografia da Saúde; com a Professora Dra. Aline Barboza, que trabalha com a linha de pesquisa em Geografia Agrária; e com a Professora Dra. Débora Coelho, com a linha de pesquisa em Geografia Ambiental e Biogeografia.

Além desses professores, o grupo conta ainda com a participação de pesquisadores de outras universidades nacionais e internacionais, como é o caso do Professor Oscar Gabriel Benitz Gonzales, que é professor de uma universidade do México.

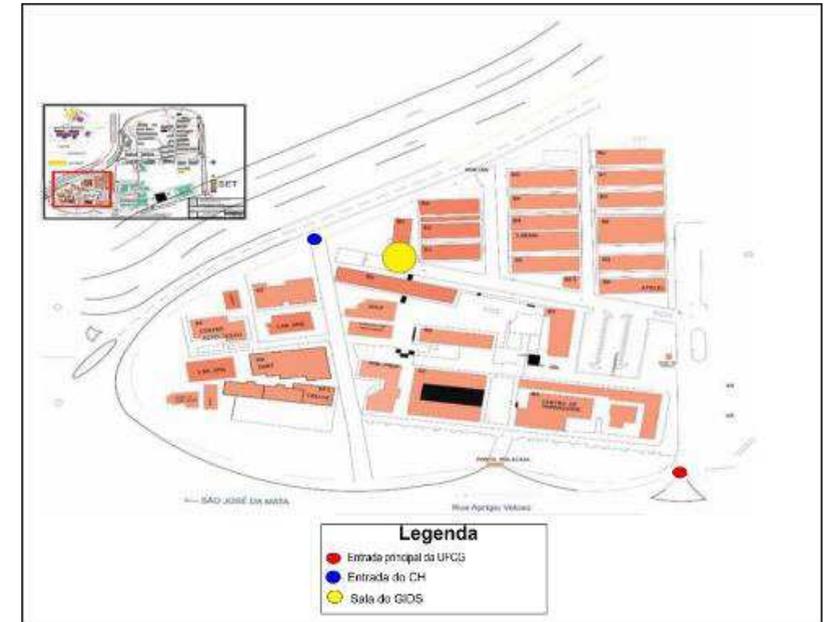
Portanto, pode-se perceber que o grupo merece destaque, a princípio, apenas pela quantidade de pesquisadores, pois eles conferem ao GIDS uma grande quantidade de experiências, tornando as pesquisas desenvolvidas pelos membros dotadas de alta qualidade.

Relativo às suas conquistas, desde sua criação, podemos destacar os prêmios conquistados por membros do grupo, como no caso da *gidiana*¹ Sâmara Santos, que no ano de 2011 ficou em terceiro lugar no prêmio Jovem Cientista, sendo a única estudante de um curso de Geografia no Brasil a conseguir esse feito.

Outra grande conquista do grupo, no ano de 2012, foi a aquisição de uma sala para o funcionamento do grupo, localizada no Bloco BH do Centro de Humanidades da UFCG – Câmpus Campina Grande (Figura 1). A sala conta com uma estrutura de três ambientes, sendo um de recepção e estudos, um de reuniões e outro de pesquisas, proporcionando aos docentes e discentes que a utilizam toda uma série de materiais e equipamentos que possibilitam o desenvolvimento de pesquisas e demais atividades acadêmicas. Além disso, o espaço possui um ambiente agradável para a realização de estudos e pesquisas dos estudantes vinculados ao grupo, e possibilita ainda um espaço de descanso, tendo em vista que muitos deles passam todo o dia na universidade (Fotos 1 e 2).

¹Nome utilizado por nós que compomos o grupo GIDS para apresentar ou indicar os membros de nosso grupo.

FIGURA 1: LOCALIZAÇÃO DA SALA DO GIDS



FOTOS 1 E 2: PRÉDIO DO BH E SALA DO GIDS



Foto 1: Nesta primeira foto, temos o prédio do BH, no qual está localizada a sala do GIDS, conseguida através de muitos esforços realizados pelos líderes dos grupos que a utilizam. Fonte: Autor desconhecido.

Foto 2: Já nesta, temos a parte onde fica a identificação dos Grupos GIDS e Pró-Saúde Geo, logo na entrada da sala. Fonte: SILVA (2018).

Além das conquistas já mencionadas, podemos destacar ainda o da aprovação de uma pesquisa, no ano de 2013, financiada pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), abordando a temática da produção do espaço a partir da atividade turística em nosso estado, a Paraíba.

Até pouco tempo atrás, as pesquisas vinham sendo desenvolvidas pelo grupo nas áreas de produção do espaço a partir da atividade do turismo, como no caso da iniciação científica e monografia do gidião Yury Lima (2015/2016) e participação de ativismos sociais em ambientes ZEIS (Zonas Especiais de Interesse Social) na cidade de Campina Grande – PB, com as pesquisas realizadas por Alessandro Silva (2017), Davidson Félix (2017) e Robéria Souto (2017). Atualmente, o GIDS está com ICs (iniciações científicas, como PIVIC e PIBIC) voltadas a estudos dos espaços públicos e insegurança em Campina Grande, desenvolvidos por Letícia Bonfim (2018), Maria Alves (2018) e Pedro de Farias (2018).

Além dos já citados, desenvolvemos ainda um projeto de extensão na E.E.E.F.M. Severino Cabral, localizada no bairro de Bodocongó, na cidade de Campina Grande – PB. Esse projeto consistia na produção de maquetes de relevo enquanto recurso pedagógico a ser utilizado em aulas de Geografia, por isso a confecção foi realizada em oficinas que aconteceram na escola acima mencionada. O tempo de duração do projeto foi de, aproximadamente, sete meses, iniciando no mês de maio até dezembro de 2018.

Por fim, para comemarmos todas as conquistas alcançadas durante o ano, realizamos duas confraternizações – uma no fim e outra no início do ano, momentos estes de alegria e compartilha-

mento de outros bons momentos ao lado dos integrantes do grupo. A realizada no fim do ano aconteceu em um local selecionado pelos membros do grupo, sendo geralmente em pizzarias (Foto 3). A do início do ano, por sua vez, ocorreu na residência dos líderes do GIDS e do Pró-Saúde Geo, o Professor Xisto e sua esposa, a Professora Martha Priscila, onde foi oferecido um dia de lazer e descontração (Foto 4).

FOTO 3: CONFRATERNIZAÇÃO DE FIM DE ANO - 2017



Foto 3: Nesta foto, retratamos um dos nossos momentos de descontração e confraternização, realizado todo fim de ano. Nossa confraternização sempre é realizada em conjunto com o Grupo Pró-Saúde Geo, ao qual temos grande ligação por compartilharmos do mesmo ambiente de estudos, a sala do GIDS, e de outros diversos momentos. Fonte: Souza Júnior (2017).

FOTO 4: CONFRATERNIZAÇÃO REALIZADA NO INÍCIO DO ANO DE 2016



Foto 4: Nosso outro momento de confraternização que ocorreu na residência dos líderes do Grupo GIDS e Pró-Saúde Geo, o Professor Xisto e a Professora Martha Priscila. Na foto, nós temos alguns membros egressos, egressos que continuam atuando e alguns discentes ainda em formação. Fonte: Lima (2016).

A HISTÓRIA DE PARTICIPAÇÃO NO GIDS

Nesta parte do texto, faremos um relato de como conhecemos o GIDS, o que nos levou a participar dele e qual a importância dessa participação na nossa formação acadêmica. Para isso, começaremos pelo relato de Alessandro, membro egresso que continua a participar do grupo.

A minha história junto ao grupo GIDS se deu por volta do fim de 2015. Tudo começou quando

optei por cursar a disciplina optativa de Geografia do Turismo, que é ministrada pelo professor Dr. Xisto de Souza Júnior, líder do grupo.

A escolha por cursar a disciplina de Geografia do turismo, dentre outras que também foram oferecidas na época, deu-se em meio ao surgimento da curiosidade em saber qual a relação entre o conhecimento geográfico e o turismo. Ao perceber a oferta da disciplina, não pensei duas vezes e me matriculei nela.

O passo seguinte se deu a partir das amizades que fiz durante a disciplina, entre elas a com Yury Lima. Certa vez, após a aula de Geografia do turismo, ele me convidou a participar, na aplicação de questionários, em uma IC a qual ele estava desenvolvendo. Os questionários tratavam de uma pesquisa sobre a implantação do sistema “jardineiras” na cidade de Campina Grande. Aceitei o convite e participei da aplicação dos questionários de sua pesquisa. Após isso, ele me apresentou o GIDS, porém, ainda sem ter ideias de que linha de pesquisa seguir em minha graduação, não me vinculei, de início, ao grupo. Porém, a semente foi plantada.

No mesmo período em que estava cursando a disciplina de Geografia do turismo, cursei a disciplina de Projeto de pesquisa, na qual era necessário o desenvolvimento de um projeto que fosse uma primeira ideia do que possivelmente seria trabalhado no Trabalho de Conclusão de Curso. Por estar bastante envolvido com a temática da Geografia do turismo, formulei um projeto que trabalharia a questão da produção do espaço a partir do desenvolvimento do turismo no distrito de Galante – PB, no qual sou residente.

Em consequência disso, busquei orientação junto ao professor Xisto, que me forneceu todo o apoio no desenvolvimento do projeto. Após isso,

decidi conhecer melhor o grupo e, logo de cara, identifiquei-me com a forma como o grupo trabalhava. Vinculei-me e até hoje estou participando das atividades do grupo.

A partir de minha vinculação ao grupo, as coisas mudaram totalmente. Aquele aluno, antes meio perdido dentre as tantas coisas existentes no curso de Geografia, encontrou-se e passou a ser mais produtivo, definindo quais os caminhos a serem percorridos e enfrentando desafios que antes ele nem cogitava.

A participação no grupo de pesquisa me proporcionou novos desafios que me fizeram crescer enquanto aluno, enquanto pessoa. Durante esses mais de 2 anos de participação, percebi que aprendi muito, desde não desistir ao me deparar com os obstáculos que surgiam em meu caminho, até que ajudar o próximo é bem melhor que atrapalhá-lo, levando-me a perceber que um grupo como o GIDS é bem mais que um grupo, é uma família em que todos se ajudam e crescem juntos.

Além disso, tive diversas oportunidades, participando de atividades de campo, podendo aprofundar na prática os conhecimentos teóricos construídos nas reuniões do grupo e nas disciplinas cursadas, participando da realização de eventos importantes para a nosso curso, como foi o caso da III Mostra Regional de Geografia da Saúde e II Jornada das Águas, realizada no ano de 2017, e do I CREPESG, realizado no mesmo ano, no mês de junho. Tive a oportunidade de conhecer grandes professores, como foi o caso do professor Eduardo Viana, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e do professor José Bozarchiello, professor da Universidade Federal do Ceará (UFC), além de outros tantos que estiveram presentes em nosso evento.

Das atividades de campo que tive a oportunidade de participar, algumas foram bem marcantes

e sempre serão lembradas. A primeira delas foi a atividade que realizamos para desenvolvimento da pesquisa relacionada à produção do espaço a partir da atividade turística, pesquisa esta já mencionada anteriormente, em que conhecemos parte do sertão paraibano buscando identificar como se dava o turismo naquela região. Tivemos a oportunidade de conhecer diversos pontos turísticos com grande potencial para a atividade turística, porém pouco estruturado ainda. No Sertão, conhecemos a pedra do Tendó e o Pico do Jabre, o qual é o ponto mais alto de nosso estado, ambos localizados na serra de Teixeira (Foto 5).

FOTO 5: VISTA DO PICO DO JABRE, PONTO MAIS ELEVADO DO ESTADO DA PARAÍBA



Foto 5: Vista do Pico do Jabre, ponto mais elevado do estado da Paraíba. Por se tratar de uma área de brejo de altitude, as características dessa área vão se diferenciar das demais encontradas no sertão, como, por exemplo, a vegetação, o clima, etc. Fonte: Silva (2016).

Chegando a Patos, conhecemos a Cruz da Menina, ponto onde o desenvolvimento do turismo religioso é bastante crescente e tem atraído diversas

pessoas. Em Sousa, conhecemos o famoso Parque dos Dinossauros, que contém diversos indícios de que os dinossauros habitaram aquela região, perceptíveis através das pegadas deixadas por eles há milhões de anos atrás no solo (Foto 6).

FOTO 6: PEGADAS DE DINOSSAUROS EXISTENTES NO PARQUE DOS DINOSSAUROS, LOCALIZADO NA CIDADE DE SOUSA – PB



Foto 6: Pegadas de dinossauros que existem no Parque dos Dinossauros, localizado na cidade de Sousa – PB. O parque é bastante visitado e lembrado, quando se trata de atrativo turístico, porém ainda não possui uma estrutura adequada à atividade turística, uma estrutura que favoreça ainda mais a visita de turistas. Fonte: Silva (2016).

Outro ponto também visitado e que tem se tornado turístico atualmente é o canal da transposição do Rio São Francisco, tanto no eixo que vai alimentar o sertão paraibano como o que abastecerá o reservatório Epitácio Pessoa, conhecido popularmente como Boqueirão.

Outra viagem que também foi marcante durante esse período de participação no grupo foi a que realizamos até o estado do Ceará. Lá, tivemos a oportunidade de conhecer um dos portos que têm ganhado destaque na região Nordeste, o porto do Pecém (Foto 7). Foi fascinante chegar próximo daqueles imensos navios e perceber como a questão do transporte de produtos através da rede de hidrovias tem papel importante na economia de um estado ou de um país.

FOTO 7: PORTO DO PECÉM



Foto 7: Navios atracados no Porto do Pecém à espera de carga ou descarga de produto. Fonte: Silva (2016).

Por fim, quero ressaltar que o GIDS foi fundamental durante a minha formação, tendo a plena certeza de que me tornei uma pessoa ainda mais qualificada naquilo que me propus ser: professor de Geografia.

Dando seguimento ao texto, traremos agora o relato de Pedro de Farias sobre sua participação no GIDS.

O GIDS foi, antes de qualquer coisa, um divisor de águas; foi aquilo que faltava na minha jornada de graduação em História. Já em um estágio relativamente avançado do curso, mais precisamente no fim do quinto período, dei-me conta de que não estava colocando em prática os saberes adquiridos ao longo de minha vida como estudante. Fazia provas, lia os textos, obtinha bons resultados. Nada, além disso. Para ir além, entendi que precisava de um pouco mais de práxis. Foi então que, através de um anúncio no site da UFCG, deparei-me com a oportunidade de começar uma iniciação científica (PIVIC). Em busca de exercer serviço acadêmico, fiz a seleção e fui aprovado, abraçando também a ideia de participar do grupo de pesquisas do professor Xisto, responsável pelo meu projeto. O que eu ainda não imaginava era o tamanho do impacto positivo que o grupo teria no meu modo de ser dentro da universidade.

Por mais que eu tente, não consigo definir com plena e total certeza qual foi o maior benefício que o grupo de estudos me trouxe, mas arrisco dizer que foi o *networking*, termo em inglês que significa “rede de contatos”. Dentro desse conceito de rede, existem diversos benefícios dos quais eu mesmo usufruo: informações sobre o ambiente acadêmico; amizade com pessoas de interesses semelhantes aos meus e dispostas a compartilhar experiências; reuniões semanais nas quais encontramos o professor, nas quais debatemos variados temas e várias dúvidas são eficientemente esclarecidas por ele. Entendo a jornada acadêmica como um caminho que pode ser tornar bastante tortuoso e retorcido. Às vezes, para um universitário de primeira viagem (meu caso), pode ser difícil saber onde se está pi-

sando e o que fazer. Com o GIDS, eu desenvolvi, em mim, a capacidade de seguir em frente sem desvios, tornando tudo ficou mais claro. Hoje em dia me sinto uma pessoa muito mais confiante.

Estar num grupo implica ser companheiro, prestar e receber assistência. Novas responsabilidades surgem e, com elas, bastante aprendizado. A própria sensação de “fazer parte de algo” configura-se como algo de bastante valor. Sem dúvidas, o senso de pertencimento desperta dentro de nós força e motivação para obtermos bons resultados. Por exemplo: mesmo na IC, que teoricamente desenvolvo junto apenas do meu orientador (Prof. Dr. Xisto Serafim de Santana Souza Júnior), existe um pedaço de cada participante de grupo – tanto os que ajudaram me acompanhando em estudos de campo, quanto os que apenas ouviram algo que eu tinha a dizer. Torna-se para mim necessário presentear com um bom resultado não só a mim, mas também a todos que me acompanharam. Dessa forma, o meu empenho e o dos demais só tendem a crescer e o grupo mantém viva a fagulha da dedicação.

Algumas vezes, nessa jornada, fui levado a fazer coisas que achava que não conseguiria, mas tinha que fazer, pois havia assumido o compromisso com os demais. No fim das contas, consegui. Superei um impasse, aprendi, melhorei. Novas oportunidades que levam a novas superações surgem a todo momento, diferente de quando eu não participava do GIDS. Como sou aluno do curso de História, existe um plano para que eu desenvolva um minicurso de História Oral para os meus colegas do grupo, que seria bastante proveitoso, porque muitos de nós temos a necessidade de realizar entrevistas, por exemplo. O GIDS nos ajuda a ficar em constante movimento, impedindo que fiquemos apáticos e inertes.

Além do *networking*, o grupo de estudos me trouxe outra coisa muito importante: a geografia. Sabemos que a história e a geografia são áreas de estudo que se relacionam muito intimamente. Heródoto (485-420 a.C), considerado por muitos o primeiro historiador, era também geógrafo. Seus relatos sobre os lugares por ele visitados eram repletos de informações geográficas, que complementavam as histórias de uma forma indispensável para o entendimento dos leitores. Além da geografia, também tive acesso a outras áreas de conhecimento, a exemplo do urbanismo e da arquitetura (áreas de total proveito ao historiador). O GIDS é multidisciplinar e atualmente acolhe uma aluna do curso de Arquitetura e Urbanismo.

Infelizmente, as pessoas estão cada vez mais fechadas em suas áreas e se esquecem do valioso aprendizado que vem ao promovermos diálogos interdisciplinares. Hoje, posso afirmar com segurança que não sou uma dessas pessoas. Além de que, algumas das experiências em grupo são proveitosas também para a vida fora do ambiente acadêmico, pois a partir de muitas delas me tornei mais humano, responsável e dedicado às coisas e pessoas que me rodeiam.

CONTRIBUIÇÕES DO GRUPO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Sabemos que o grupo de pesquisa é extremamente importante na formação de seus membros (refiro-me aqui aos discentes participantes) e que abre um leque de possibilidades de participação, dos discentes, dentro do curso. Mas qual seria a importância dele na formação profissional dos seus membros?

A participação no grupo vai ser de grande importância também na formação profissional de seus membros, não só na sua formação acadêmica. Podemos perceber que a interligação entre esses dois pontos vai existir de forma que as atividades a serem desenvolvidas também impactarão na sua formação profissional. Um exemplo disso são as pesquisas desenvolvidas e os projetos de extensão que são realizados pelo nosso grupo, muitos de ordem teórica, mas também prática.

Para a melhor qualificação dos membros do grupo, o líder, o professor Xisto de Souza Júnior, tem realizado diversos tipos de minicursos que têm por objetivo uma melhor formação acadêmica e profissional. Os minicursos ofertados são sobre metodologias de pesquisa, técnicas a serem utilizadas em pesquisas, de acordo com a proposta da pesquisa, atualização das normas estabelecidas no comitê de ética em pesquisas, entre outros vários.

A partir da realização de tais atividades, a nossa qualificação, tanto acadêmica quanto profissional, vai ser bem maior de forma que nós tornaremos, além de bons pesquisadores, bons professores. A participação em grupos de pesquisa é extremamente importante na formação dos discentes, pois as experiências e práticas estabelecidas, além dos conhecimentos adquiridos, serão levadas para o resto da vida e utilizadas no desenvolvimento das práticas profissionais. Segundo Souza Júnior (2017, p. 127):

A formação de grupos de pesquisas consiste em uma das principais estratégias adotadas historicamente pelos professores, especialmente os vinculados a universidades públicas federais e estaduais, com o objetivo de propor uma qualificação diferenciada ao corpo discente, ao mesmo tempo

em que proporciona a otimização de investigações científicas e técnicas. (SOUZA JÚNIOR, 2017, p. 127).

Percebemos assim que essa preocupação em proporcionar uma melhor qualificação aos discentes que fazem parte de grupos de pesquisa é uma das principais estratégias utilizadas por docentes das universidades públicas, tanto estaduais quanto federais. Através disso, a ampliação e criação de grupos de pesquisa têm aumentado nos últimos tempos, refletindo assim a importância que eles têm adquirido no processo de formação dos discentes que se vinculam aos grupos. Segundo Souza Júnior (2017), “esse crescimento tem acontecido, principalmente, pelo fato da ampliação das instituições de ensino superior e do processo de interiorização dessas instituições, expandindo assim o acesso ao conhecimento a uma diversidade de novas pessoas”.

Outro fator importante, no que diz respeito às contribuições do grupo na formação de seus membros, é que o grupo não é constituído apenas por estudantes do curso de Geografia, mas também de outros cursos, como de História e Arquitetura e Urbanismo. A importância do grupo na formação desses discentes vai ser ainda maior pelo fato de que, além de eles possuírem os respectivos conhecimentos em suas áreas, eles estão também sendo influenciados pela geografia, possibilitando outras perspectivas de análise que os auxiliem em suas pesquisas e estudos. Além disso, a contribuição deles para com o grupo vai ser ainda mais participativa, pois compartilham de seus conhecimentos com os demais integrantes do grupo, favorecendo a troca de experiências e momentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, percebe-se a importância da participação em grupos de pesquisa e da influência dele na formação profissional. Entendemos que o papel do grupo de pesquisa é proporcionar uma melhor qualificação aos discentes que dele participam, buscando fornecer todo o suporte necessário durante sua formação acadêmica e atuação profissional.

A participação em um grupo de pesquisas desenvolve nos alunos uma maior capacidade de produção acadêmica, pois sabemos que um dos grandes pontos da nossa formação é o da produção, o de pôr em prática os conhecimentos obtidos em sala, de levar a teoria para a prática e assim desenvolver pesquisas e estudos que colaborem para o desenvolvimento social, urbano, ambiental, entre outros. Porém, um fator que poderia facilitar ainda mais esse desenvolvimento é o da aproximação entre o Estado e a universidade, que tem acontecido de forma mínima, deixando-se várias pesquisas, que poderiam dar soluções a problemas existentes em nossa sociedade, arquivadas e sem nenhuma real utilidade.

Os grupos de pesquisa fornecem aos alunos diversas possibilidades dentro do ambiente acadêmico, como a participação em projetos de extensão, iniciações científicas com bolsas ou voluntárias, participação na realização de eventos, como monitores, e na construção de trabalhos que enriquecem a formação dos seus participantes.

Portanto, evidenciamos que os grupos de pesquisa seriam a base para a formação de bons pesquisadores e profissionais, não só da geografia, mas de todas as diversas áreas que possuem grupos.

Isso fica bem claro ao percebermos que, na maioria das vezes, os grandes pesquisadores e profissionais passaram por algum grupo de pesquisa durante o seu processo de formação.

Tanto o GIDS como os diversos grupos de pesquisa em Geografia que existem, não só na UFCG, mas em todas as universidades, têm sua fundamental importância na formação de diversos discentes e pesquisadores. E isso é valioso, pois sabemos que um profissional bem qualificado é a base para a melhoria, seja da educação, seja de qualquer outro setor de nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

SOUZA JÚNIOR, Xisto Serafim de Santana de. A atuação do GIDS e sua influência na organização socioespacial. *In*: MAGALHÃES, Sandra Célia Muniz; PEREIRA, Martha Priscila Bezerra. **Pesquisa e extensão em geografia da saúde**: entre a teoria e a prática. Montes Claros: Unimontes, 2017. 251p.

GRUPO DE PESQUISAS INTEGRADAS EM DESENVOLVIMENTO SOCIOTERRITORIAL. Disponível em: <https://www.gidsufcg.com.br/>. Acesso em: 12 maio 2017.

CAPÍTULO 9

INDICADORES DE SUSTENTABILIDADE PARA AVALIAÇÃO DE AGROECOSSISTEMAS NO BREJO PARAIBANO

LEDIAM RODRIGUES LOPES RAMOS REINALDO

JEAN OLIVEIRA CAMPOS

JUBERLÂNIO SILVA CAMPOS

INTRODUÇÃO

O Brasil é hoje um dos maiores produtores de alimentos do mundo, sendo a agricultura familiar responsável por boa parte dessa produção. De acordo com o Ministério do Desenvolvimento Agrário, na economia interna, a agricultura familiar representa mais de um terço do valor bruto da produção agropecuária gerada no país e, pelo menos, 10% do Produto Interno Bruto (PIB) agropecuário. Diferente da agricultura patronal, que utiliza trabalhadores fixos, ou temporários, em médias ou grandes propriedades, a agricultura familiar utiliza pequenos proprietários rurais e tem como mão de obra, essencialmente, o núcleo familiar. Reconhecer a agricultura

familiar como uma das responsáveis pela produção de alimentos no Brasil é reconhecer a importância de quem trabalha, vive e produz no campo. É importante ressaltar o papel fundamental que a agricultura familiar tem, pois a maior parte dos alimentos consumidos pela sociedade é oriunda de sua produção.

No Brasil, a maior parte dos alimentos consumidos diariamente tem origem na agricultura familiar: cerca de 70% do feijão e 87% da mandioca são provenientes desse setor da agricultura brasileira (SOUZA; DINIZ, 2010). Esse cenário é viabilizado pelas unidades de produção familiar em todo o território nacional, que fornecem a alimentação básica, matéria-prima para a indústria e absorve a maior parte da mão de obra no campo. A região Nordeste do país concentra o maior número de propriedades de base familiar, comparada com as demais regiões. Sua produção se apresenta diversificada quanto ao nível da tecnologia empregada na produção, à extensão das unidades e à diversidade de gêneros agrícolas cultivados. Destaca-se nessa situação o estado da Paraíba, com cerca de 88% de seus estabelecimentos rurais caracterizados como produção de base familiar (ALVES *et al.*, 2016).

No entanto, apenas uma pequena parcela dessas unidades utiliza métodos agroecológicos sustentáveis para produção de alimentos, ou adequado manejo dos recursos naturais nos agroecossistemas, que permitam o equilíbrio entre as dimensões social, econômica e ambiental. A transição para a produção agroecológica leva a sistemas de manejo que podem ser utilizados nos agroecossistemas, permitindo a rentabilidade da produção e o fornecimento de condições necessárias para a manutenção do sistema de produção. Do contrário, o manejo inadequado do ambiente pode provocar ou acentuar danos ambientais nas propriedades.

Diante disso, para avaliar a sustentabilidade nos agroecossistemas, tem-se lançado mão de um sistema de indicadores para a obtenção de um retrato do quadro social, econômico e ambiental visando mensurar a atividade agrícola nas unidades de produção. As informações obtidas funcionam como pré-requisito para o redesenho dos modelos de produção, em concordância com o desenvolvimento da agricultura sustentável (DEPONTI *et al.*, 2002). O comportamento de indicadores sociais, econômicos e ambientais nesses agroecossistemas revelam suas atuais condições de sustentabilidade, detectando seus pontos críticos, ponto de partida para a tomada de ações mitigadoras que visem elevar o grau de sustentabilidade do sistema. Um indicador sustentável deve ser entendido como a representação de um conjunto de dados, informações e conhecimentos com a finalidade de avaliar o progresso ou retrocesso em relação à sustentabilidade. Os indicadores devem mostrar-se relevantes à sociedade, pois têm um papel indispensável na avaliação de sistemas agrícolas.

Nesse aspecto, compreende-se por sustentabilidade dos agroecossistemas a manutenção da capacidade de sustentação do ecossistema em práticas cíclicas, que implicam a capacidade de absorção e recomposição do ecossistema em vista do uso antrópico, buscando a conservação dos recursos naturais de modo que possam atender às necessidades presentes sem comprometer a disponibilidade para as gerações futuras.

Dessa forma, o presente trabalho apresenta uma experiência de pesquisa que teve como objetivo utilizar indicadores sociais, econômicos e ambientais para avaliar a sustentabilidade em dois agroecossistemas de base familiar no Agreste paraibano.

A atividade agrícola surgiu entre dez e doze mil anos atrás e sempre esteve relacionada ao desenvolvimento da humanidade, gerando trabalho, renda, alimento e combustível, influenciando diretamente a distribuição da população humana no tempo e no espaço (CÂNDIDO *et al.*, 2016). Dessa forma, ao longo do tempo, as técnicas de manejo dos recursos naturais na prática agrícola vêm sendo aperfeiçoadas, modificando-se a todo momento, visando atender a crescente necessidade por alimentos (ALVES *et al.*, 2016). No entanto, esse aperfeiçoamento dos métodos de produção agrícola não pode ser entendido como sinônimo de equilíbrio ecológico ou mesmo de sustentabilidade agrícola. A exploração ambiental conduzida pela agricultura que se disseminou nas últimas décadas do século XX tem ocasionado um leque de impactos socioambientais e esgotamento dos recursos naturais, tais como erosão dos solos, contaminação das águas e migração das populações rurais para os centros urbanos. Além disso, o desequilíbrio ambiental é apontado como uma das principais características da agricultura, caracterizada pela redução da diversidade biológica, invasão e disseminação de pragas e doenças nas lavouras (CÂNDIDO *et al.*, 2016).

Essa relação do homem com a natureza, marcada por impactos ambientais, trouxe a necessidade de se pensar em modelos alternativos de agricultura, buscando aprimorar sistemas de manejo que almejem a preservação dos recursos ambientais para atender às necessidades energéticas das próximas gerações. Nesse sentido, surge a agricultura sustentável e intensificam-se os debates em torno do conceito de sustentabilidade ambiental (ALVES *et al.*, 2016). O conceito de sustentabilidade é amplo e abrange uma série de

dimensões resultantes da disparidade de opiniões sobre o tema nos espaços acadêmicos. Segundo Verona (2008), as dimensões contemplam um leque de definições que vão desde o atual modelo econômico de produção até apontamentos mais complexos, como a capacidade de promover o realinhamento de estruturais sociais, econômicas e ambientais.

Em decorrência da importância de uma prática agrícola aliada ao manejo sustentável dos ambientes agrários, têm ganhado espaço estudos que buscam avaliar a sustentabilidade em agroecossistemas. Devido à proximidade com os elementos naturais, esses ambientes estão no foco dos debates sobre a sustentabilidade na agricultura. Para Alves *et al.* (2016), a agricultura familiar contribui para a sustentabilidade, tendo em vista a maior preocupação dos produtores que estão diretamente envolvidos com o processo de produção e os usuários dos próprios produtos fabricados, buscando, assim, fazer uso de práticas sustentáveis para a conservação dos recursos naturais, a exemplo da rotatividade de culturas, para promover a conservação do solo.

Tendo em vista as exigências para a implantação de práticas sustentáveis na produção agrícola, tem destaque nesse cenário a agricultura do tipo familiar (ALVES *et al.*, 2016). Esse perfil de agricultura no Brasil produz a maior parte dos alimentos que são consumidos diariamente no país, englobando nesse processo cerca de 4,3 milhões de unidades de produção e uma mão de obra de 14 milhões de pessoas (IBGE, 2006).

Segundo Verona (2008), a agricultura familiar é de fundamental importância para o Brasil, tanto pelo número de estabelecimentos quanto pela sua contribuição na economia, oferecendo um paradigma diferenciado que apresenta como característica a quali-

dade na produção. É um perfil de agricultura aberto ao desenvolvimento de técnicas agroecológicas, que tem levado ao crescimento das áreas em atividade no país e com tendência à disseminação pelo mundo (VERONA, 2008). Além disso, a agricultura familiar é caracterizada por um contexto em que os membros da unidade familiar podem exercer diferentes funções conforme a lógica e dinâmica de reprodução social do agroecossistema: a renda obtida tanto pode atuar como complemento que reforça a exploração agrícola como pode servir de estratégia para a implantação de novas atividades produtivas na unidade familiar (ABRAMOVAY, 1992).

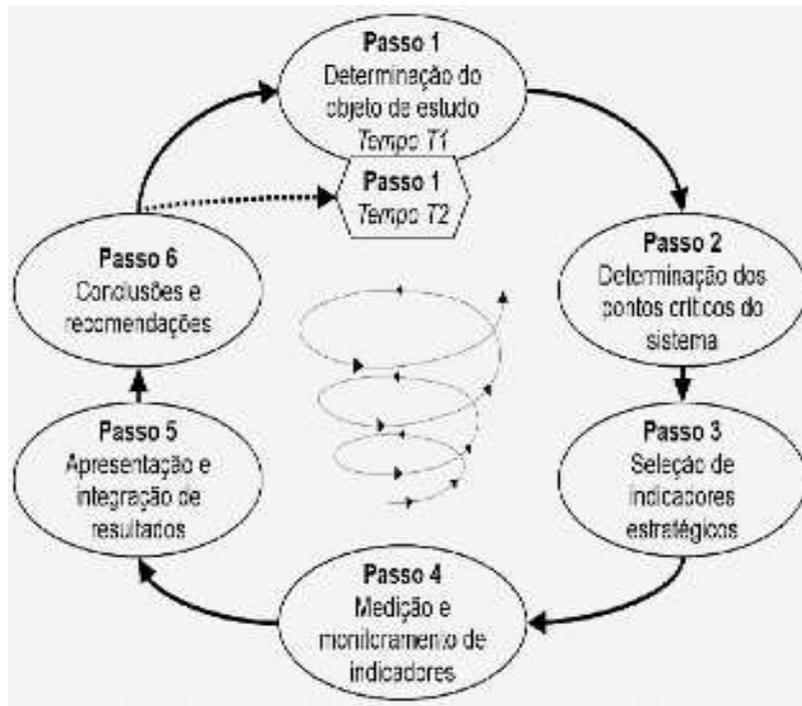
Diante do crescente número de estabelecimentos de agricultura familiar no Brasil e da expansão das discussões em torno da preservação ambiental, tornou-se fundamental analisar o perfil das práticas agrícolas adotadas nos agroecossistemas através de indicadores e parâmetros que retratam os quadros social, econômico e ambiental, visando mensurar a atividade agrícola nas unidades de produção, como pré-requisito para a tomada de decisões e o redesenho dos modelos de produção, em concordância com o desenvolvimento da agricultura sustentável (DEPONTI *et al.*, 2002). Dessa forma, busca-se compreender as dinâmicas social, econômica e ambiental existentes nesses espaços, e formular subsídios teórico-metodológicos para a implantação de modelos sustentáveis na produção de base familiar (CAMPOS; CARVALHO, 2017). Nessa perspectiva, uma abordagem com indicadores não apenas propicia a construção de propostas de agroecossistemas mais adequados, através da transposição dos dados em informações relevantes, mas também fornece informações para a construção de médias de controle e estratégias políticas e de planejamento para o desenvolvimento sustentável (VERONA, 2008).

Para Tayra e Ribeiro (2006), na tentativa de alcançar o desenvolvimento sustentável, os indicadores revelam-se de grande importância, pois eles devem, conjugando os parâmetros ambientais aos sociais e econômicos, retratar e auxiliar a busca de soluções e políticas para a sua possível consecução. Os fatores econômicos, sociais e ambientais que formam o tripé da sustentabilidade devem ser somados para que, assim, possam fornecer um quadro da situação abordada.

MATERIAL E MÉTODOS

Para o desenvolvimento da pesquisa, buscou-se referência nos estudos de Reinaldo *et al.* (2015), Alves *et al.* (2016), Campos e Carvalho (2017) e Carvalho e Campos (2017), cujas abordagens da sustentabilidade em agroecossistemas de base familiar no estado da Paraíba utilizam o método MESMIS. A avaliação feita pelo método ocorre de forma espiralada (Esquema 1), de forma que possa haver um processo de contínuas avaliações. Nesse sistema de avaliação, os indicadores desempenham função principal, levando à obtenção de dados para posterior mensuração da sustentabilidade, indicando também mudanças necessárias e percursos a serem seguidos para contribuir com o quadro sustentável nos agroecossistemas (GALLO *et al.*, 2015). É importante salientar que o método é flexível no que se refere à possibilidade de realizar adaptações metodológicas, incentivando modificações com base nas especificidades dos locais de estudo (VERONA, 2008).

ESQUEMA 1: CICLO DE AVALIAÇÃO DO MESMIS



Fonte: Adaptado de Masera *et al.* (1999).

O presente trabalho tem abordagem exploratória e descritiva, conduzida a partir de pesquisa teórica e estudos de campo. Para avaliar a sustentabilidade do agroecossistema em estudo, utilizou-se o método MESMIS (*Marco de Evolución de Sistemas de Manejo de Sustentabilidad*). Esse modelo foi proposto no México, em 1999, por Masera, Astier e López-Ridaura. O método avalia o agroecossistema a partir das três dimensões principais – social, econômica e ambiental, e é amplamente utilizado pelo mundo, principalmente quando são avaliados casos de agricultura familiar

ou campesina, com destaque para as práticas de base ecológica; bem como procura compreender de forma integral quais os fatores limitantes e as possibilidades de desenvolvimento nos agroecossistemas (VERONA, 2008).

O método apresenta uma avaliação ampla que contempla a dinâmica dos quadros social, econômico e ambiental na área de estudo. Nesse caso, o conceito de sustentabilidade em agroecossistemas é admitido a partir da relação de cinco atributos básicos: produtividade, resiliência, confiabilidade/estabilidade, adaptabilidade, equidade e autogestão. Desse modo, a avaliação é válida apenas para situações definidas em determinado espaço geográfico, sistema de manejo, contexto econômico, político e social; além disso, o processo de avaliação é, em si, uma atividade participativa e de trabalho multidisciplinar (VERONA, 2008).

Conforme os procedimentos estabelecidos pelo método, os passos ocorreram da seguinte forma:

Definição do ambiente de estudo: Foi realizada a caracterização a partir das observações *in loco* e da aplicação de questionários, possibilitando o reconhecimento da área de estudo, suas características e especificidades. A pesquisa foi conduzida em dois agroecossistemas de base familiar na comunidade Gameleira, localizados na zona rural do município de Massaranduba – PB (o primeiro apresenta a latitude 7°08'54.2" S e longitude 35°41'57.2" W; e o segundo, 7°09'43.1" S e 35°41'53.6" W), ambos situados na porção sul do município e a leste do centro urbano. O relevo da área é bastante movimentado, moderadamente dissecado, apresentando altitudes entre 300 e 700 metros, com solos pobres e rasos, salvo

nas áreas de fundo de vales estreitos e profundos, e apresenta vegetação composta por floresta caducifólia, cerrado e caatinga (CPRM, 2005). O clima é caracteristicamente muito quente, com estação chuvosa no inverno. A comunidade onde se situam os agroecossistemas em estudo é rica em unidades de agricultura familiar, onde se desenvolvem diversos cultivos, além da criação de animais. Desde sua fundação, o município ainda preserva seu caráter agrário, tendo na agricultura o setor mais importante da economia. Os grupos familiares desenvolvem os cultivos de milho, fava, feijão, batata, jerimum e olericultura orgânica. A produção tem como destino o autoconsumo e a feira agroecológica do município.

Identificação dos pontos críticos dos agroecossistemas:

Nesta etapa, foram analisados os pontos críticos em relação aos elementos presentes nas dimensões econômica, social e ambiental, com o intuito de diagnosticar os pontos fracos e fortes relacionados à sustentabilidade. Após as visitas *in loco*, uma minuciosa análise dos questionários aplicados permitiu identificar uma série de limitações e potencialidades nas unidades, que serviram como pré-requisitos para a seleção dos indicadores na etapa seguinte.

Seleção de indicadores estratégicos: Nesta etapa, foram selecionados os indicadores para avaliar a sustentabilidade na comunidade Gameleira, em Massaranduba. Os indicadores tomaram como norte os atributos propostos pelo MESMIS: produtividade, adaptabilidade, estabilidade, resiliência, confiabilidade, equidade e autogestão. No total, foram selecionados 19 indicadores, partindo dos estudos desenvolvidos por Gallo *et al.* (2014) em Glória

de Dourados (MS), onde foi avaliada a sustentabilidade de uma unidade de produção agrícola, tendo como base três parâmetros propostos pelo método. Parte dos indicadores utilizados nesta pesquisa foi construída com base nas especificidades do ambiente de estudo no Agreste paraibano, de forma que se buscou captar as particularidades da área estudada. Para tanto, buscou-se referência nos estudos de Reinaldo *et al.* (2015), Alves *et al.* (2016), Campos e Carvalho (2017) e Carvalho e Campos (2017), com abordagem da sustentabilidade em agroecossistemas de base familiar no estado da Paraíba. O método permite e incentiva adaptações específicas para cada estudo realizado, reconhecendo as particularidades e buscando aproximar-se ao máximo da realidade para avaliar a sustentabilidade (VERONA, 2008).

Geração e monitoramento dos indicadores: Esta etapa apresenta o desempenho quantitativo do nível de sustentabilidade de cada indicador nas dimensões social, econômica e ambiental (ALVES *et al.*, 2016). Foi realizada com a utilização de questionários e informações obtidas em abordagens qualitativas *in loco*, seguindo o modelo de avaliação proposto por Verona (2008) e utilizado por Gallo *et al.* (2014), no qual a soma dos parâmetros verificados em cada indicador refere-se ao grau de sustentabilidade da área em estudo. Para tanto, atribuem-se valores de 1 (um) a 3 (três) para cada indicador avaliado. Dessa forma, os indicadores pontuados em 1 (um) apresentam uma condição não desejável, os pontuados em 2 (dois) representam uma condição regular, e os avaliados em 3 (três) correspondem a uma condição desejável para a sustentabilidade. Os indicadores e os parâmetros são apresentados no Quadro 1. O somatório dos parâmetros alcançados a partir do

valor de cada indicador está em relação direta com o grau de sustentabilidade, apresentando em quais aspectos o agroecossistema pode estar impactado e fornecendo dados para a construção de medidas de controle para sanar os pontos fracos encontrados e, dessa forma, melhorar a qualidade de vida no ambiente. Como referência, foram tomados por base os valores citados por Gallo *et al.* (2014), como adaptação à realidade pesquisada. Optou-se por utilizar 19 indicadores, metade dos que foram utilizados pelo autor em Glória de Dourados – MS. Nesse contexto, pontuações iguais ou menores a 31 demonstram que o ambiente está com elevado grau de impacto, apresentando grande número de pontos fracos. Pontuações entre 32 e 43 indicam a presença de algumas alterações, isto é, pontos fracos em seu quadro de manejo; já pontuações maiores ou iguais a 44 indicam um agroecossistema sustentável. O somatório dos parâmetros selecionados em cada indicador do Quadro 1 é apresentado nos resultados do trabalho.

Apresentação e integração dos resultados: Como é incentivado pelo método, foram utilizadas tabelas para facilitar a leitura dos dados, sua divulgação e reprodução. Após analisadas e apresentadas as dimensões dos agroecossistemas, foram destacadas as potencialidades e limitações encontradas em cada uma.

Conclusão e recomendações: Na última etapa, é apresentada uma síntese da avaliação e são propostas alternativas para sanar os pontos fracos verificados e elevar o nível de sustentabilidade nos agroecossistemas avaliados.

QUADRO 1: INDICADORES UTILIZADOS PARA AVALIAR A SUSTENTABILIDADE NOS AGROECOSSISTEMAS DA COMUNIDADE GAMELEIRA NO MUNICÍPIO DE MASSARANDUBA – PB

DIMENSÕES	Nº	INDICADORES	PARÂMETROS		
			1	2	3
Econômica	01	Renda econômica	Salário mínimo	De 2 a 3 salários	Acima de 3 salários
	02	Produção agrícola	Pouca	Razoável	Acima da média
	03	Implementos agrícolas	Modo intensivo	Manual	Quando necessário
	04	Comercialização da produção	Com intermediário	Intermediário+ venda direta	Venda direta (feiras, local de produção, etc.)
Ambiental	05	Uso de recursos naturais	Não faz	Faz, sem manejo	Faz, com manejo
	06	Água para consumo humano	Não tratada	Filtrada	Tratada
	07	Água para agricultura	Não tratada	Filtrada	Tratada
	08	Esgoto	Ambiente	Fossa	Tratada
	09	Reciclagem do lixo	Não faz	Faz parcialmente	Faz 100%
	10	Cobertura do solo	Solo exposto	Com cultivos	Cobertura em todo o ano
	11	Adução	50% orgânico	< 90> 50% orgânico	>90% orgânico
	12	Áreas degradadas	Várias	Poucas	Não há
	13	Desmatamento	Já realizou	Parcialmente	Nunca houve
	14	Queimadas	Já realizou	Parcialmente	Nunca houve
Social	15	Análise e correção do solo	Não faz	Faz esporadicamente	Sempre que necessário
	16	Atuação de cooperativas	Não tem	Existe parcialmente	Existe integralmente
	17	Mão de obra terceirizada	Para todas as atividades	Apenas algumas	Não há
	18	Ajuda de programas sociais	Não tem	Recebe pouco	Recebe significativamente
	19	Escolaridade	Não alfabetizados	alfabetizados	Alfabetizados com segundo grau completo

Fonte: Adaptado de Gallo *et al.* (2014).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

AGROECOSSISTEMA I

A unidade de produção familiar é pertencente a uma família composta por um casal, com idades acima de 35 anos, e dois

filhos, com idades entre 5 e 6 anos. Em relação à escolarização, os estudos do casal limitam-se ao 6º ano do ensino fundamental, ou seja, já são alfabetizados. Quanto aos filhos, estão em idade escolar e regularmente matriculados no ensino pré-escolar na zona rural do município. Residem na propriedade há 15 anos, dedicando-se exclusivamente à atividade agrícola, de onde provêm os alimentos destinados ao comércio (Quadro 2) e à subsistência do grupo familiar. O terreno possui 2 hectares de extensão e todo o espaço é dedicado à prática agrícola, na qual é empregada a mão de obra familiar.

QUADRO 2: CULTIVOS AGRÍCOLAS DESENVOLVIDOS NO AGROECOSSISTEMA

GÊNEROS CULTIVADOS		PRODUÇÃO ESTIMADA POR COLHEITA		
ESPÉCIE	NOME POPULAR	QUANTIDADE PLANTADA	QUANTIDADE LUCRADA	VALOR ESTIMADO
<i>Phaseolus vulgaris</i>	Feijão	3 Kg	160 Kg	R\$ 650,00
<i>Zea mays</i>	Milho	4 Kg	300 Kg	R\$ 300,00
<i>Discorea trifida</i>	Inhame	10 kg	100 Kg	R\$ 700,00
<i>Manihot esculenta</i>	Mandioca	40 galhos	200 Kg	R\$ 500,00
<i>Coriandrum sativum</i>	Coentro	0,5 Kg	16 kg	R\$ 100,00
<i>Solanum lycopersicum</i>	Tomate	300 G	40 Kg	R\$ 130,00

Fonte: Elaboração própria (2018).

São desenvolvidos os cultivos de feijão, fava, batata, jerimum, milho e macaxeira (Foto 1) em sistema de consórcio. O cultivo em sistema consorciado, amplamente disseminado nos estabelecimentos de base familiar, permite o maior aproveitamento da área de plantio e, a partir das técnicas utilizadas, propicia o aumento da produção agrícola, representando maiores possibilidades de lucro ao produtor, uma vez que não dedica todo o trabalho na

monocultura, especialmente em situações de estresse hídrico. Além disso, a prática permite melhor conservação dos atributos químicos, físicos e biológicos do solo, reduzindo os custos de produção e evitando a proliferação de pragas e ervas daninhas nas lavouras. Parte dos produtos é destinada ao consumo direto do grupo e outra parte é comercializada na feira agroecológica do município de Massaranduba, gerando renda para a manutenção da unidade de produção. Somando a renda obtida com o comércio, a família recebe ajuda financeira do programa Bolsa Família, totalizando uma renda mensal de 1,5 salário-mínimo.

FOTO 1: PLANTIO CONSORCIADO DE MILHO E MACAXEIRA NO AGROECOSSISTEMA



Fonte: Pesquisa de campo (2018).

Segundo o grupo familiar, no ano de 2017, a produção no agroecossistema foi acima da média, o que gerou uma renda extra. No entanto, a renda de 1,5 salário-mínimo é um fator que limita a

aquisição de equipamentos, adubos e sementes para elevar a produtividade do sistema. As despesas do agroecossistema estão associadas à aquisição de adubos orgânicos e mudas, ao pagamento de sindicato e ao aluguel de máquinas e equipamentos de preparo do solo.

O aspecto ambiental do agroecossistema constitui um dos mais importantes campos de indicadores necessários para análise da sustentabilidade em razão de estar diretamente relacionado ao manejo dos recursos naturais e seus usos para atingir diferentes finalidades na produção do sistema agrícola. Nesse contexto, faz-se necessária uma análise minuciosa do quadro de manejo.

Como agroecossistema integrante da feira agroecológica, o grupo familiar respeita regras de adubação definidas pelo sindicato de agricultores do município, dessa forma inexistem adubações por agrotóxicos, o que reflete diretamente na qualidade do ambiente. Regularmente o solo é revolvido por tratores e equipamentos de aeração para iniciar os plantios, no entanto, não são observados sinais de erosão acentuada no solo da propriedade. Outra prática utilizada é a realização de queimadas entre períodos de plantio e colheita, interferindo diretamente na qualidade ambiental. A dimensão ambiental apresentou o maior número de indicadores em nível crítico no agroecossistema estudado, recebendo um maior número de propostas mitigadoras em relação às demais dimensões avaliadas. O aspecto ambiental também é destacado nos trabalhos de Araújo (2015) e Alves *et al.* (2016) por concentrar a maior parte dos pontos críticos do sistema de produção; por outro lado, em condições semelhantes, Carvalho e Campos (2017) observam o menor número de pontos críticos para essa dimensão em agroecossistema no Agreste da Paraíba, onde foi dada ênfase aos pontos encontrados na dimensão social.

SOMATÓRIO

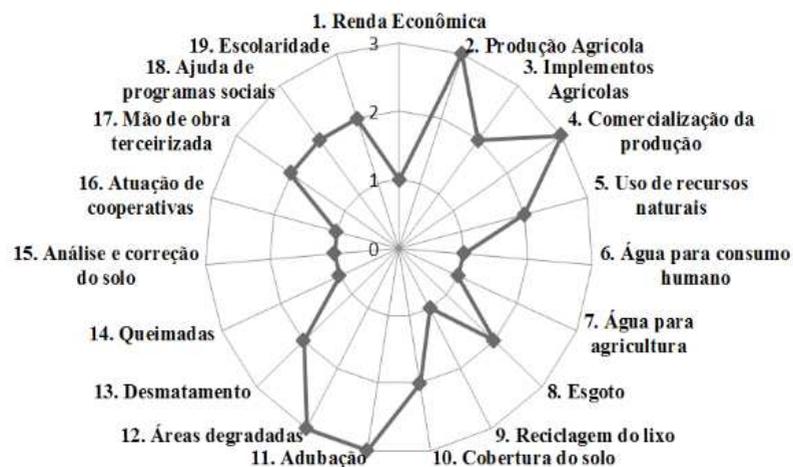
O resultado obtido com a soma dos parâmetros de cada indicador foi igual a 33 pontos, indicando que o agroecossistema em estudo encontra-se com alguns indicadores em situação ideal. Em contrapartida, também indica a presença de alterações, necessitando da execução de medidas mitigadoras para o controle dos pontos fracos, indispensáveis para que se tenha uma sustentabilidade adequada. Valores semelhantes foram encontrados por Araújo (2015) e Carvalho e Campos (2017) para o mesmo número de indicadores em agroecossistemas no estado da Paraíba, com pontuações que variaram entre 32 e 33 pontos. O somatório mais próximo das condições ideais foi observado por Campos e Carvalho (2017) em pesquisa conduzida no Agreste paraibano, na qual se observou o valor de 40 pontos, apresentando o maior grau de sustentabilidade. Da mesma forma, buscou-se a elaboração de medidas de mitigação sobre os pontos fracos encontrados, tendo em vista ser através da correção dos pontos críticos que se obtém o controle dos problemas sociais, econômicos e ambientais, além de um gerenciamento mais efetivo do sistema de produção, possibilitando visualizar novas perspectivas e melhorias na qualidade ambiental do agroecossistema.

IDENTIFICAÇÃO DOS PONTOS FRACOS E RECOMENDAÇÕES

Os pontos críticos encontrados na unidade estudada foram os seguintes: renda econômica, água para o consumo humano, água para a agricultura, reciclagem do lixo, queimadas, análise e

correção do solo e atuação de cooperativas (Quadro 1 e Gráfico 1). Com a identificação dos pontos fracos em cada indicador, observou-se uma maior fragilidade da dimensão ambiental, na qual se encontra o maior número de indicadores não desejáveis, correspondente ao valor 1 (um).

GRÁFICO 1: REPRESENTAÇÃO DOS VALORES ENCONTRADOS EM CADA INDICADOR NO AGROECOSSISTEMA



Fonte: Elaboração própria (2018).

A renda econômica é um dos fatores de maior importância para a manutenção dos agroecossistemas rurais. Na área estudada, encontra-se como um dos pontos fracos que necessita ser analisado para posterior controle e fortalecimento. Tendo a dimensão econômica a predominância de aspectos regulares e ideais de sustentabilidade, foi proposta a diminuição dos gastos com adubos orgânicos adquiridos na zona urbana do município, de forma que a própria palha dos cultivos possa ser mantida no solo, permitindo a

ciclagem dos nutrientes. Além disso, os restos orgânicos das plantas têm eficiência na adubação do solo, permitindo a manutenção da produtividade.

Na propriedade estudada, a água destinada ao consumo humano e utilizada na irrigação não passa por nenhum processo de tratamento, portanto, sua qualidade não é conhecida, uma vez que provém de barreiros e cisternas, abastecidos com água proveniente dos eventos de precipitação. Dessa forma, foi proposto isolar os reservatórios de qualquer fonte de contaminação possível, como esgotos, fossas e dejetos de animais. Concomitante a essa medida, é necessária a prática da cloração regular da água destinada ao consumo humano e animal, que pode ser feita com o apoio de agentes comunitários de saúde.

A ausência de uma prática de reciclagem do lixo constitui outro ponto negativo no agroecossistema avaliado. Devido à ausência de um serviço de coleta de lixo na zona rural, recomenda-se ao produtor transportar regularmente os resíduos sólidos de menor porte para pontos de coleta na zona urbana, para que sejam devidamente atendidos pela coleta seletiva do município. Em se tratando dos sólidos de maior porte, propõe-se a sua utilização no próprio agroecossistema, como em quintais orgânicos, entre outros.

A prática regular de queimadas, a ausência de análise e correção do solo e a falta de cooperativas que atendam ao grupo familiar constituem também outra série de aspectos que afetam a sustentabilidade e a produtividade da unidade. É verificado, nos trabalhos de Gallo *et al.*, (2014), Oliveira (2015), Alves *et al.* (2016), Carvalho e Campos (2017) e Campos e Carvalho (2017), que a ausência de cooperativas de apoio agrícola que atendam o grupo familiar está diretamente relacionada à não correção do solo e à

prática de queimadas no agroecossistema, influenciando negativamente os demais indicadores. As propostas de controle aplicadas em comum relacionam-se à diminuição das queimadas e à busca de apoio em sindicatos de agricultores dos municípios em questão. Nesse aspecto, a presença ou não de cooperativas de agricultores por si só já indica os valores que serão encontrados para indicadores específicos do manejo do solo. Diante dessa realidade, foi proposta a erradicação da prática de queimadas. Como as queimadas são utilizadas para eliminar a palha proveniente dos cultivos agrícolas, recomenda-se que esta permaneça na área, atenuando os processos erosivos e permitindo a conservação da fertilidade do solo.

AGROECOSSISTEMA 2

A segunda unidade de produção familiar é composta por um casal, com idades acima de 60 anos, e quatro filhos, com idade entre 22 e 29 anos. Em relação à escolarização, o casal é alfabetizado e os filhos estão concluindo o ensino médio. Residem na propriedade há mais de 37 anos, dedicando toda a força de trabalho para a atividade agrícola, de onde provêm os alimentos destinados ao comércio e à subsistência familiar. O terreno mede 2 hectares, no entanto, apenas 1,2 hectare é destinado ao cultivo agrícola (Quadro 3). Devido ao tempo de permanência na área, o grupo se especializou na olericultura orgânica e hoje fornece produtos para a feira agroecológica. Toda a produção recebe certificação de produção orgânica expedida pelo sindicato de agricultores que administra a feira agroecológica, que ocorre semanalmente no município.

Devido à demanda por alimentos saudáveis, cultivados em sistemas de produção com o viés da sustentabilidade, o cultivo de

olerícolas tem ganhado espaço, sobretudo nos estabelecimentos de produção familiar. Tais culturas possuem ciclos biológicos curtos, o que permite vários cultivos durante o ano, gerando boa rentabilidade em pequenas áreas quando posto em comparação com os sistemas consorciados de grandes culturas, como milho e feijão, como ocorre no Agroecossistema 01, por exemplo. A maior parte da renda familiar vem da comercialização da produção, o grupo também recebe ajuda do programa federal Garantia Safra, que disponibiliza recursos em anos de escassez hídrica e quando há perda da lavoura cultivada.

QUADRO 3: CULTIVOS AGRÍCOLAS DESENVOLVIDOS NO AGROECOSSISTEMA

GÊNEROS CULTIVADOS		PRODUÇÃO ESTIMADA POR COLHEITA		
ESPÉCIE	NOME POPULAR	QUANTIDADE PLANTADA	QUANTIDADE LUCRADA	VALOR ESTIMADO
<i>Phaseolus vulgaris</i>	Feijão	3 Kg	160 Kg	R\$ 650,00
<i>Zea mays</i>	Milho	4 Kg	300 Kg	R\$ 300,00
<i>Discorea trifida</i>	Inhame	10 kg	100 Kg	R\$ 700,00
<i>Manihot esculenta</i>	Mandioca	40 galhos	200 Kg	R\$ 500,00
<i>Coriandrum sativum</i>	Coentro	0,5 Kg	16 kg	R\$ 100,00
<i>Solanum lycopersicum</i>	Tomate	300 G	40 Kg	R\$ 130,00
<i>Brassica oleracea</i>	Couve	250 G	30 Kg	R\$ 220,00
<i>Allium cepa</i>	Cebola	300 g	28 Kg	R\$ 120,00
<i>Sinacia oleracea</i>	Espinafre			
<i>Solanum melongena</i>	Berinjela	150 G	30 Kg	R\$ 100,00
<i>Capsicum annuum group</i>	Pimentão	150 g	13 Kg	R\$ 50,00
<i>Abelmoschus esculentus</i>	Quiabo	100 G	17 Kg	R\$ 40,00
<i>Solanum aethiopicum</i>	Jiló	500 G	30 G	R\$ 140,00
<i>Cucumis sativus</i>	Pepino	200 G	33 Kg	R\$ 120,00
<i>Daucus oleracea</i>	Cenoura	100 G	12 Kg	R\$ 45,00

Fonte: Elaboração própria (2018).

Em termos de quantidade, o grupo considera que a produção, em 2017, ficou dentro da média. As chuvas acima da média na região influenciaram a produtividade, permitindo o maior número de cultivos. A renda mensal é em torno de 2,5 salários mínimos, o que permite ao produtor adquirir equipamentos que auxiliem no plantio e na manutenção das lavouras (Foto 2). As despesas estão associadas à aquisição de adubos orgânicos, ao aluguel de máquinas de preparo do solo e à manutenção do sistema de irrigação de hortaliças.

FOTO 2: CULTIVO DE HORTALIÇAS EM SISTEMA DE IRRIGAÇÃO NO AGROECOSSISTEMA



Fonte: Pesquisa de campo (2018).

A dimensão ambiental apresenta valores adequados para a maior parte dos indicadores pontuados, encontrando-se em boa situação de manejo. Não foram verificados sinais de erosão no solo, poluição, degradação ou queimadas na área da propriedade.

Como o agroecossistema é integrante da feira agroecológica, o grupo familiar respeita regras de adubação definidas pelo sindicato de agricultores do município. Dessa forma, inexistem adubos por agrotóxicos ou práticas de degradação, o que reflete diretamente na qualidade ambiental, área de controle prioritária no manejo de agroecossistemas (ARAÚJO, 2015). Valores adequados na dimensão ambiental foram verificados por Campos e Carvalho (2017) para o mesmo número de indicadores no agreste da Paraíba.

SOMATÓRIO

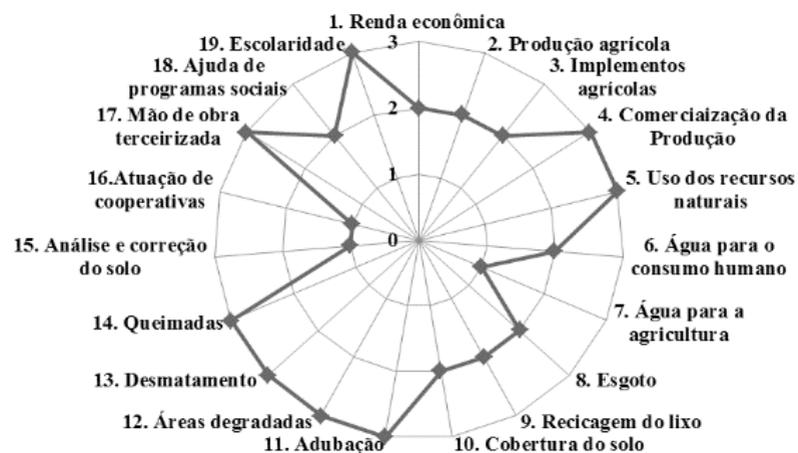
O resultado obtido com os parâmetros de cada indicador foi igual a 43 pontos, indicando que o agroecossistema em estudo encontra-se muito próximo das condições ideais, apresentando apenas 3 pontos críticos. O resultado obtido é inédito para o mesmo número de indicadores no estado da Paraíba, superando os valores encontrados por Reinaldo *et al.* (2015), Araújo (2015) e Carvalho e Campos (2017). O valor mais próximo foi verificado por Campos e Carvalho (2017), somando 40 pontos, ficando abaixo do somatório encontrado no presente trabalho.

IDENTIFICAÇÃO DOS PONTOS FRACOS E RECOMENDAÇÕES

Foram verificados apenas três pontos críticos para o agroecossistema: ausência de água tratada para a agricultura; ausência de cooperativas de apoio; e ausência de correção do solo regularmente (Gráfico 2). Mesmo marcados como pontos fracos do sistema de

manejo, os indicadores verificados podem ser corrigidos com aplicação de medidas de controle pelo próprio produtor.

GRÁFICO 2: REPRESENTAÇÃO DOS VALORES ENCONTRADOS EM CADA INDICADOR NO AGROECOSSISTEMA



Fonte: Elaboração própria (2018).

Para correção do ponto crítico apresentado pelo indicador da qualidade da água para a agricultura, foi recomendada a busca de apoio do sindicato dos agricultores, no intuito de verificar a qualidade físico-química e aplicar medidas mitigadoras, como a cloração ou a instalação de equipamentos de tratamento da água no próprio espaço, a depender das necessidades verificadas. A água que não recebe o tratamento é a mesma destinada para irrigação das lavouras de hortaliças, que é comercializada com certificação de qualidade orgânica.

Os demais pontos encontrados correspondem à ausência de cooperativas de apoio agrícola e à ausência de análise do solo. A questão da ajuda fornecida por cooperativas é de fundamental importância no meio rural, tendo em vista que fornecem orientações para o manejo do sistema agrícola. Reinaldo *et al.* (2015) observaram que a ausência dessas organizações está relacionada com as práticas de degradação intensas nos agroecossistemas. O mesmo é apontado por Araújo (2015) em análise realizada no Brejo paraibano. Foi recomendado ao produtor buscar assistência técnica no sindicato para orientações no manejo da produção, incluindo assistência para analisar as reais condições apresentadas pelo solo, tendo em vista que o espaço já é explorado pelo grupo familiar por mais de 35 anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O diagnóstico das dimensões social, econômica e ambiental dos ambientes onde ocorreu a pesquisa demonstra a importância das unidades de produção familiar para o município e a região estudada. A realização do diagnóstico possibilitou uma visão ampliada das propriedades e do perfil familiar encontrado no município, que apresenta um relativo nível de conscientização sobre o manejo sustentável da produção. O Agroecossistema 1 apresenta sistema de consórcio entre os cultivos, e foram encontrados sete indicadores que apresentaram grau insustentável, isto é, com condições impróprias para a sua manutenção. Os melhores resultados foram verificados no Agroecossistema 2, especializado no cultivo de hortaliças, onde foram encontrados apenas três pontos críticos

no sistema de manejo e que apresenta como diferencial o sistema convencional de irrigação por aspersão.

Em relação à avaliação do índice de sustentabilidade das unidades de produção familiar, estas apresentam uma situação regular em virtude de a maioria dos indicadores apresentarem valores favoráveis. No entanto, em longo prazo, verificou-se que a produtividade do Agroecossistema 1 é insustentável, em vista dos indicadores que apresentaram condições indesejadas. Nesse contexto, foram propostas recomendações para correção dos pontos fracos verificados, e as medidas tiveram como norte de elaboração as condições socioeconômicas do grupo familiar e do lugar, no intuito de elevar a produtividade no agroecossistema. O Agroecossistema 2 apresentou boas condições de sustentabilidade, com base nos valores observados em cada indicador.

Nesse contexto, destaca-se a funcionalidade do MES-MIS como mecanismo de gestão em agroecossistemas, podendo ser utilizado pelo próprio produtor como ferramenta de controle da sustentabilidade no manejo da produção. A avaliação de forma sistemática se mostra fundamental para a operacionalização do que compreendemos por sustentabilidade, qualificando e diagnosticando a situação do agroecossistema, apontando possíveis soluções de melhorias e preservação ambiental.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo: Anpocs, Unicamp, Hucitec, 1992.

ALVES, A. P.; CÂNDIDO, G. A.; CAROLINO, J. A. Sustentabilidade em agroecossistemas familiares: uma aplicação do MES-MIS junto a produtores de hortifrutigranjeiros na microrregião de Sapé-PB. *In*: CÂNDIDO, G. A.; LIRA, W. S. (Orgs.). **Indicadores de sustentabilidade para agroecossistemas: aplicações em diversos tipos de cultivo e práticas agrícolas no estado da Paraíba**. Campina Grande: EDUEPB, 2016. 394 p. 161-204.

ARAÚJO, L. L. T. de. **Avaliação socioeconômica e do solo sob área de banana em agroecossistema de base familiar no Sítio Mercês, Pilões - PB**. 2015. 30f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2015.

ARRUDA, L. V. de; NETO, B. M. **Geografia e território - planejamento urbano, rural e ambiental**. 3. ed. João Pessoa: Ideia, 2015.

CAMPOS, J. O.; CARVALHO, F. T. Indicadores sociais, econômicos e ambientais para avaliar a sustentabilidade na agricultura familiar da comunidade Logradouro, em Esperança - PB. *In*: II CONGRESSO INTERNACIONAL DA DIVERSIDADE DO SEMIÁRIDO. **Anais...** Campina Grande - PB, 2017.

CÂNDIDO, C. C.; SANTOS, A. M. dos; ALVES, A. F.; CÂNDIDO, G. A.; CAROLINO, J. A. Análise da sustentabilidade na produção familiar: caso dos produtores de hortifrutigranjeiros da associação Ecovárzea - PB. *In*: CÂNDIDO, G. A.; LIRA, W. S. (Orgs.). **Indicadores de sustentabilidade para agroecossistemas: aplicações em diversos tipos de cultivo e práticas agrícolas no estado da Paraíba**. Campina Grande: EDUEPB, 2016. 394p. p. 205-238.

CARVALHO, F. T.; CAMPOS, J. O. Indicadores socioambientais e cultivos agrícolas para o desenvolvimento da agricultura familiar na comunidade Pedra Pintada em Esperança - PB. *In*: II CONGRESSO INTERNACIONAL DA DIVERSIDADE DO SEMIÁRIDO. **Anais...** Campina Grande - PB, 2017.

CPRM - Serviço Geológico do Brasil. **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea**. Diagnóstico do município de Massaranduba, estado da Paraíba. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005.

DEPONTI, C.; ECKERT, C.; AZAMBUJA, J. L. B. de. Estratégia para construção de indicadores para avaliação da sustentabilidade e monitoramento de sistemas. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, v. 3, n. 4, p. 44-52, 2002.

GALLO, A. de S.; GUIMARÃES, N. de F.; AGOSTINHO, P. R.; CARVALHO, E. M. de. Avaliação da sustentabilidade de uma unidade de produção familiar pelo método MESMIS. **Caderno de Agroecologia**, v. 9, 2014.

GALLO, A. de S.; GUIMARÃES, N. de F.; SANTOS, C. C.; MORINIGO, K. P. G.; BENTOS, A. B.; CARVALHO, E. M. Avaliação da sustentabilidade de uma unidade de produção familiar pelo método MESMIS. **Cadernos de Agroecologia**, v. 9, n. 4, 2015.

GONÇALVES, W. L.; LIRA, W. S.; SOUSA, C. M. Análise da sustentabilidade da agricultura familiar na produção de tangerina no município de Matinhas, Paraíba. *In*: CÂNDIDO, G. A.; LIRA, W. S. (Orgs.). **Indicadores de sustentabilidade para agroecossistemas**: aplicações em diversos tipos de cultivo e práticas agrícolas no estado da Paraíba. Campina Grande: EDUEPB, 2016. 394p. p. 99-159.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário Brasileiro**. 2006.

MASERA, O. R.; ASTIER, M.; LÓPEZ, S. **Sustentabilidad y manejo de recursos Naturales**: El Marco de Evaluación MESMIS. México: Mundiprensa, GIRA, UNAM, 1999.

MOREIRA, E. TARGINO, I. **Capítulos da geografia agrária da Paraíba**. João Pessoa. Ed. Universitária/UFPB, 1997.

REINALDO, L. R. L. R.; OLIVEIRA, D. de A.; LIMA, G. A. C.; ARAÚJO, L. L. T. de. Avaliação de sustentabilidade em agroecossistema de base familiar no Brejo paraibano. *In*: ARRUDA, L. V. de.; NETO, B. M. (Orgs.). **Geografia e território**: planejamento urbano, rural e ambiental. v. III. João Pessoa: Ideia, 2015. 386p. p. 87-101.

RODRIGUES, S. R. de S. **Avaliação da sustentabilidade em agroecossistemas de base familiar na comunidade de Malhada Grande no município de Queimadas - PB**. 27f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) - Universidade Estadual da Paraíba. Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2014.

SANTOS, R. F. dos. **O sítio Chupadouro como receptor dos resíduos sólidos da cidade de Massaranduba-PB**: uma análise socioambiental. 56f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, 2011.

SOUZA, R. B. de; TARGINO, I. Perfil da produção familiar rural na Paraíba. *In*: XIX ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA. **Anais...** São Paulo. 2009, p.1-29.

TAYRA, F.; RIBEIRO, H. Modelos de indicadores de sustentabilidade: síntese e avaliação crítica das principais experiências. *Saúde soc.* [on-line]. 2006, v. 15, n. 1, p. 84-95.

VERONA, L. A. F. **Avaliação de sustentabilidade em agroecossistemas de base familiar e em transição agroecológica na região sul do Rio Grande do Sul**. 192p. Tese (Doutorado em Agronomia) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas – RS. 2008.

**O GRUPO DE PESQUISA
GEPEECH/UERN/CAMEAM
E SEUS RELATÓRIOS**

FRANCISCO RINGO STAR PINTO
MARIA LOSÂNGELA MARTINS DE SOUSA
FÁBIO RODRIGO FERNANDES ARAÚJO

INTRODUÇÃO

O Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço, Ensino e Ciências Humanas –GEPEECH foi criado em 2013 com o propósito de articular, em torno do espaço como objeto de análise interdisciplinar, pesquisas, estudos empíricos e epistemológicos, a partir de sua natureza de observação discursiva, centrados na teoria do agir comunicativo, no mundo da vida e no mundo do sistema, na produção simbólica e material do espaço, com desdobramentos nos estudos de território, lugar, identidade, natureza, ambiente, cultura e ensino de Geografia, sempre em consonância com os conceitos e temas dos autores Milton Santos e Jürgen Habermas.

Para tanto, a nossa base de pesquisa conta atualmente com dezessete integrantes entre professores e alunos de graduação e pós-graduação e está vinculado ao curso de Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Câmpus Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM). Entre as diversas temáticas trabalhadas nos seis anos de existência, estão a violência, o medo, a produção material e simbólica regional, como as feiras e as festas populares, o espaço público, o ensino de Geografia, além de aspectos voltados ao meio ambiente. Todas essas temáticas têm como recorte de estudo a região do Alto Oeste do estado do Rio Grande do Norte, haja vista que é uma região de abrangência da UERN.

Nesse contexto, buscamos analisar a trajetória do GEPEECH a partir do desenvolvimento das pesquisas científicas vinculadas ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da UERN entre 2013 a 2018.

Como aporte metodológico, iniciamos o levantamento e posteriormente discutimos o conteúdo de quatorze relatórios PIBIC, os quais foram finalizados no período já citado. Com isso, perscrutamos a quantidade de bolsistas e voluntários, sua produção acadêmica e participação em eventos. Além disso, fizemos uma leitura interpretativa sobre a importância de suas pesquisas, partindo das seguintes etapas consecutivas de cada projeto: atividades planejadas – projeção da pesquisa através da discussão do referencial teórico, transitividade no espaço de estudo, coleta de dados escritos, numéricos e imagéticos, e posterior escrita de seus resultados; atividades desenvolvidas – leitura crítica do pensamento de Milton Santos e Jürgen Habermas, pesquisa de campo nos locais de análise,

tanto em datas subsequentes, quanto descontínuas, revelação do universo pesquisado em fotografias, desenhos e mapas, publicação de textos sobre os projetos, por meio de periódicos, como em livros e anais de evento. Para tanto, dividimos este artigo, em duas macrossessões: a primeira abordou estatisticamente a produção intelectual do grupo; enquanto a segunda analisou os projetos de pesquisa, sua estrutura e desenvolvimento.

O NÚMERO DE PROJETOS E EVENTOS COM PARTICIPAÇÃO DO GEPEECH

Considerando o período de 2013 a 2018, o GEPEECH desenvolveu quatorze projetos de iniciação científica, sendo que, destes, sete foram contemplados com bolsa do CNPq, um com bolsa da UERN e seis foram voluntários. O desempenho acadêmico foi analisado considerando três aspectos: 1. Participação em eventos; 2. Produção científica; 3. Coordenação e/ou participação em outras atividades acadêmicas, como minicursos, oficinas, palestras, grupo de estudos, etc.

Quanto aos eventos científicos, os pesquisadores do GEPEECH participaram de 32 eventos, sendo eles locais, estaduais, nacionais e internacionais (**Gráfico 1**), tendo como base de sua concepção temas interdisciplinares ao ensino e espaço nas ciências humanas. Sendo desta maneira, é um grupo de estudos e pesquisas que considera suas participações em eventos, tanto a partir de sua qualificação epistemológica, como também das metodologias dos temas, GTs e conferências.

FIGURA 1: PARTICIPAÇÃO DO GEPEECH EM EVENTOS CIENTÍFICOS



Fonte: Acervo do GEPEECH.

Entre os eventos locais, podemos citar os que foram organizados pelo curso de Geografia da UERN/CAMEAM, como a I Roda de Conversa da Geografia, a VII Jornada Geográfica da UERN/CAMEAM, o evento comemorativo dos 10 anos da Geografia do CAMEAM e o I Seminário de Geografia do Semiárido. Além desses eventos, podemos citar ainda o II Simpósio Interdisciplinar da Pós-graduação em Ciências Sociais e Humanas.

Quanto aos eventos estaduais, podemos citar o Encontro de Geografia do Estado do Rio Grande do Norte, a Semana Universitária, o Salão PIBIC, a Semana de Ciência e Tecnologia da UERN, entre outros.

Entre os eventos nacionais de que o GEPEECH participou, podemos citar o II Simpósio Nacional de Textos e Ensino e o II Congresso Nacional de Educação. Os eventos internacionais

em que o GEPEECH marcou presença nesse período foram o I Simpósio Internacional de Ensino e Culturas Afro-Brasileiras e Lusitanas (SINAFRO), realizado na cidade de Pau dos Ferros, em que o grupo teve três participantes; e o XIX Encontro da Rede de Estudos Ambientais de Países de Língua Portuguesa (REALP), realizado em Fortaleza, Ceará.

No que se refere à produção científica, verificou-se que o GEPEECH produziu doze artigos científicos, sendo que a maioria foi publicada em revistas especializadas; e onze resumos expandidos, os quais foram publicados nos diversos eventos acima mencionados. Quanto à participação em outras atividades acadêmicas, verificou-se que o GEPEECH contabilizou 14 participações, entre elas, colaboração ou participação em minicursos, oficinas, comissão organizadora de eventos e participação em grupo de estudos.

AS TEMÁTICAS TRABALHADAS PELO GEPEECH

A pesquisa é algo de extrema relevância no que tange à formação profissional e intelectual. Deve ser vista a partir da gama de possibilidades que contemplem uma formação continuada e acadêmica no âmbito da motivação e autonomia do graduando, do pós-graduando e do futuro profissional. Portanto, deve-se buscar contemplar uma diversidade de temáticas de modo que venha complementar as inquietações da sociedade vigente. O GEPEECH, atento a essa realidade, busca atender aos anseios dessa sociedade.

Para isso, produzimos uma síntese acerca de cada uma das temáticas dos projetos analisados, os quais foram mediados pela interface interdisciplinar de teorias, temas e metodologias da

ciência geográfica para com a pedagogia, a filosofia, a economia e os estudos ambientais no período de 2013 a 2018.

AS GEOGRAFIAS DA VIOLÊNCIA E DO MEDO NO ALTO OESTE POTIGUAR/RN 2012/2013 – 2013/2014

O projeto de pesquisa intitulado *As geografias da violência do medo* iniciou-se no ano de 2008 e teve, entre 2012 e 2013, como atividades planejadas a elaboração do banco de dados sobre a violência no Alto Oeste Potiguar (que é a continuação dos anos anteriores do projeto de pesquisa), a análise das ações da Polícia Militar da região, o aprofundamento da leitura do referencial teórico acerca dos temas estudados, a elaboração e tabulação de gráficos e o mapeamento das ocorrências criminais pesquisadas e analisadas. Dentro do desenvolvimento das atividades, houve o aprofundamento da leitura e a produção de artigos, bem como o aprofundamento de novas leituras a fim de dar legitimidade ao projeto, cujo enfoque desenvolvimentista levou à produção de um artigo, que foi o relatório final de Pinto (2012/2013/2014), apresentado por ele no Salão PIBIC, que ocorre a cada final de projeto.

A relevância do projeto no tocante ao relatório do PIBIC 2012-2013 teve significação ao ser publicado um artigo intitulado *Medo e meio-técnico-científico-informacional no Alto Oeste Potiguar/RN*, com autoria de Pinto e Carneiro (2013), na *Revista do Laboratório de Estudos da Violência UNESP/São Paulo*. Este foi o primeiro trabalho do Grupo de Estudos sobre Espaço, Ensino e Ciências Humanas/GEPEECH a ser publicado num periódico nacional.

Embora o projeto de pesquisa sobre violência e medo não tenha tido produção de artigo com destaque e apresentação para

eventos nacionais e internacionais da referente temática, o desenvolvimento desse estudo teve grande relevância e contribuição na consolidação da base de pesquisa, ao serem produzidos trabalhos que foram apresentados em eventos estaduais – como no caso do Encontro Estadual de Geografia, ocorrido em 2014 na cidade de Caicó – e a publicação em periódico nacional. Cabe ainda destacar que o projeto teve grande pertinência em seus resultados no ano de 2013 para 2014, quando foi publicado o capítulo “A violência no Rio Grande do Norte 2010-2014: uma análise da espacialização dos homicídios e dos ‘transicídios’” no livro *Geografia do Rio Grande do Norte*, sob a autoria de Carneiro (2013).

Com o término do projeto, teve como resultado o Trabalho de Conclusão de Curso – TCC *A produção da psicofera e da tecnosfera da insegurança na cidade de Pau dos Ferros-RN*, de autoria de Pinto e Carneiro (2015), quando o trabalho foi publicado na revista *Geotemas* do curso de Geografia UERN/CAMEAM.

Dessa forma, enfatizamos que o projeto foi construído a partir das áreas temáticas da Geografia, as quais são denominadas de geografia da violência e do medo; e ensino de geografia.

Logo, demonstram-se as qualidades dos projetos de pesquisa e suas produções, que a cada ano enaltecem a legitimidade do grupo de pesquisa GEPEECH, como no caso do trabalho sobre espaço e mundo da vida, destacado no âmbito do grupo de pesquisa.

ESPAÇO, MUNDO DA VIDA E SISTEMA NO ALTO OESTE POTIGUAR-RN: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO MATERIAL E SIMBÓLICA REGIONAL A PARTIR DAS INTERAÇÕES ENTRE CULTURA, MERCADO E ESTADO 2012/2013

O projeto de iniciação científica intitulado *Espaço, mundo da vida e sistema no Alto Oeste Potiguar-RN: uma análise da produ-*

ção material e simbólica regional a partir das interações entre cultura, mercado e Estado teve grande importância na consolidação e no crescimento da base de pesquisa, no que se refere a produção científica e publicação. Dentro das atividades planejadas na pesquisa, o referencial teórico estava ligado à teoria da ação comunicativa, ao fordismo, à acumulação flexível, à cultura, à economia e ao Estado.

Essa discussão tratava do ponto de vista teórico e empírico da relação entre o mundo da vida simbólico, cultural/regional, o mercado e o Estado, tendo como matriz de convergências o capitalismo. Além da discussão teórica do projeto, houve o levantamento dos aspectos do mundo vivido dos municípios estudados – contidos nas feiras livres, praças e outras manifestações culturais (imateriais); a realização do reconhecimento dos municípios objetos de estudos com o registro dos aspectos dos seus mundos vividos; a elaboração de entrevistas com moradores; a elaboração de artigos científicos para eventos ou revistas indexadas na Qualis A ou B; a participação em eventos; e a elaboração do relatório parcial e final do projeto de pesquisa por Fernandes (2012/2013).

Dentro das atividades desenvolvidas no plano de trabalho da pesquisa, teve consistência a leitura do referencial teórico no que diz respeito aos conceitos-chaves do projeto, a realização do reconhecimento dos municípios pesquisados, contidos com os seguintes registros: fotografias durante a visita nas cidades de Major Sales, Marcelino Vieira, São Miguel, Luís Gomes e Pau dos Ferros/RN – que foram as cidades/áreas de estudo onde, a partir das imagens coletadas pela pesquisadora do projeto, teve destaque para os aspectos do mundo da vida, tais como a dança de caboclos, a oficina de artesanato, as quadrilhas juninas, as festas religiosas com destaque ao padroeiro local, a feira livre, entre outros aspectos culturais estudados.

Percebeu-se que tal projeto fortaleceu de forma consistente o significado do que é um grupo de pesquisa, tanto em identidade emocional quanto profissional, ao corroborar o universo particular do pesquisador com seu objeto de investigação, por meio da inserção deste em ambientes familiares ao cotidiano potiguar e que, a saber, tanto são as festividades de dança, quanto a feira livre e os rituais religiosos.

ESPAÇO PÚBLICO E ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA A PARTIR DA FEIRA LIVRE DE PAU DOS FERROS 2013/2014

O projeto de pesquisa referido no título foi composto por dois alunos(as) voluntários(as), graduandos(as) do curso de Geografia. Buscava-se fazer uma análise de como o ensino de Geografia estudava o cotidiano dos feirantes de Pau dos Ferros. Dentro das atividades planejadas, houve a leitura do referencial teórico, a apresentação do plano de trabalho nas escolas públicas de Pau dos Ferros, a realização de entrevistas junto aos feirantes locais, assim como o registro de fotografias dos aspectos do mundo vivido da feira livre, destacando o agir comunicativo, o agir instrumental – ligados à cooperação e à competitividade.

Podemos ainda mencionar a realização de entrevistas, a tabulação dos dados e a sua representação em gráficos, a elaboração de material didático e a produção de artigo científico acerca do ensino e do cotidiano/feira nas aulas de Geografia da educação básica. Além dessas atividades, verificou-se também a apresentação e publicação de artigos em eventos, elaboração e entrega do relatório parcial e, por fim, a construção do relatório final por Araújo (2013/2014), Oliveira (2013/2014) e a sua apresentação no Salão PIBIC/UERN.

Dentro das atividades desenvolvidas, houve a realização da leitura do referencial teórico do projeto pelos integrantes da pesquisa, bem como a tabulação das informações colhidas na feira, transformadas em gráficos no Microsoft Excel 2010 e em tabelas com as falas transcritas dos entrevistados na feira livre. Os(As) membros(as) da pesquisa também construíram um resumo expandido baseado nos dados colhidos e nos materiais estudados com enfoque no cotidiano/feira das aulas de Geografia na educação básica, em que foram mostradas as palavras-chaves da Geografia que foram enfatizadas na feira livre. Assim, por meio da produção do material, o aluno teria acesso didático e pedagógico aos conceitos da disciplina e da própria feira – com a realização da vivência prática da aula de campo na práxis do ensino, na formação e na aprendizagem dos(as) educandos(as). A maturidade intelectual da pesquisa dos(as) integrantes resultou na publicação de um resumo expandido no I Encontro Estadual sobre Espaço, Ensino e Ciências Humanas – EECHEB, em 2013, na cidade de Pau dos Ferros.

Além disso, percebe-se que esse projeto, como os anteriores, trouxe uma consistência científica ao crescimento do grupo de pesquisa, ao possibilitar que seus membros se interligassem às geografias cultural e educativa do referido espaço público, com noções de uma significativa aprendizagem escolar do espaço geográfico e suas naturezas, tanto pragmáticas quanto epistemológicas.

HOMICÍDIOS E TRÁFICO DE DROGAS: DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL NO ALTO OESTE POTIGUAR-RN 2014/2015

O projeto de pesquisa do ano 2014/2015, tal como os projetos de pesquisa dos anos anteriores em relação à violência, vem

com uma temática bastante abrangente no contexto das tipologias criminais estudadas, que são os homicídios e o tráfico de drogas, em que o primeiro caminha na perspectiva de estudo da violência e medo presentes no contexto regional. No que diz respeito ao seu objetivo, destacava-se a coleta de informações sobre o tráfico de drogas na região, o levantamento de dados sobre crimes de comercialização de drogas e o conhecimento da organização territorial do tráfico de drogas no contexto regional. O projeto desenvolvido com alunas da graduação em Geografia tinha as seguintes atividades planejadas: a leitura do referencial teórico, bem como a discussão dos textos para habilidade de leitura e produção científica sobre a temática do projeto, a elaboração do relatório parcial e final do projeto de pesquisa por Silva (2014/2015) e Silva (2014/2015) e, por fim, a produção de artigos científicos para publicação em eventos e periódicos.

As atividades desenvolvidas durante o projeto foram a leitura do referencial teórico, contendo a reunião da discussão e a troca de conhecimento; e a coleta de informações sobre o tráfico de drogas existente na região. Por meio de tais informações, foram realizadas entrevistas com os chefes de companhias das polícias civil e militar da região e da cidade de Pau dos Ferros. O resultado positivo da presente pesquisa foi a apresentação de um trabalho no XXI Encontro Estadual de Geografia, realizado em Caicó/RN e a participação em outros eventos, como: Os 10 anos do Curso de Geografia – com apresentação de trabalho – e o II Simpósio Interdisciplinar de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas realizado na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN, que teve também a apresentação de um trabalho sobre o projeto de pesquisa.

Esse foi um trabalho com temática pertinente que possibilitou, a partir dos(as) graduando(as) envolvidos, um fortalecimento na produção científica do grupo de pesquisa, principalmente com as condutas pertinentes a ele, que são ética e rigor metodológico, tanto na elaboração como na comunicação e elaboração de seus resultados.

Outro fato a se destacar foi a constante interação que seus membros fizeram da filosofia dos autores de referência da pesquisa, com a descrição, interpretação e tabulação dos conhecimentos espaciais propostos nas entrevistas, leituras e imagens recolhidas.

PRODUÇÃO MATERIAL E REPRODUÇÃO SIMBÓLICA DO ESPAÇO 2015/2017

O projeto de pesquisa intitulado *Reprodução material e reprodução simbólica do espaço* – com ênfase na produção material do espaço em Pau dos Ferros/RN – focou a Feira Intermunicipal de Negócios e Cultura do Alto Oeste Potiguar (FINECAP), realizada em Pau dos Ferros, no mês de setembro; e a Dança dos Caboclos na cidade de Major Sales/RN, e vigorou de 2015 a 2017, com a participação de duas alunas de graduação em Geografia, que ao final do curso, elaborou um relatório final por Assis (2015/2016/2017) e Conceição (2015/2016/2017) sobre as fases desenvolvidas e planejadas da pesquisa.

As atividades planejadas do projeto de pesquisa estavam ordenadas nas seguintes etapas: leitura do referencial teórico sobre a teoria da Ação Comunicativa, Acumulação Flexível, Identidade Territorial, Cultura, Economia e Estado; registros de objetos ma-

teriais no espaço, ligados a FINECAP; questionamentos fechados sobre a FINECAP durante a realização do evento; observação estruturada, participante, em equipe durante a realização da FINECAP, bem como o tratamento e interpretação empírica das informações coletadas. Ainda dentro do planejamento das atividades do projeto, a elaboração de artigos científicos a partir dos resultados parciais a serem publicados em eventos, a elaboração do relatório parcial e final da pesquisa e, por fim, a construção de um artigo científico para periódico WEBQUALIS B, como fruto da produção científica e dos resultados do projeto.

Acerca das atividades desenvolvidas no projeto, houve a continuação e o aprofundamento da leitura do referencial teórico, que trata dos conceitos-chave e da temática do projeto. No intenso período da pesquisa, houve a coleta de dados a partir de fotografias e entrevistas, bem como a elaboração de gráficos que continham informações de cunho simbólico e cultural que estava representado no cerne da pesquisa.

No que diz respeito à produtividade científica dos(as) graduandos(as) envolvidos, percebeu-se baixa produtividade e pouco fortalecimento do projeto de pesquisa ao ser comparado com projetos anteriores desse grupo, que envolveu outros alunos(as) de graduação na iniciação científica.

O que se planejou nas atividades não se concretizou totalmente no desenvolvimento delas, quando se trata de produção e publicação. O desempenho acadêmico citado no projeto de pesquisa pelos(as) alunos(as) envolvidos(as) não atendeu a temática central do trabalho. As pesquisas empíricas não foram aproveitadas para publicação em periódico e eventos estaduais, como previa o planejamento do projeto em ação nos anos destacados. Apenas

no último ano do projeto de pesquisa é que um artigo intitulado *Identidade Territorial e os Caboclos em Major Sales/RN* (ASSIS; CONCEIÇÃO; CARNEIRO, 2016) foi apresentado e publicado no XII Encontro Estadual de Geografia – EGEORN, na cidade de Pau dos Ferros/RN.

Ao avaliar as atividades planejadas do presente projeto, consiste uma preocupação e autoavaliação acerca da produção científica do grupo de pesquisa.

PRODUÇÃO MATERIAL DO ESPAÇO E MERCADO NO ALTO OESTE POTIGUAR/RN

O presente projeto de pesquisa teve sua realização entre 2017 e 2018, com os alunos de graduação em Geografia. No que se refere ao planejamento das atividades da pesquisa e à investigação, foram realizadas leituras bibliográficas de teóricos que abordavam a temática do projeto, nas quais se destacavam os pensamentos de Jürgen Habermas (1990) e Milton Santos (2004); bem como a elaboração de fichamentos transcritivos ao longo da literatura estudada.

Ainda no planejamento, estava previsto o levantamento de dados a respeito da interação do mercado nas atividades econômicas e culturais dos municípios no Alto Oeste Potiguar – RN, a qual utilizaria diversas fontes governamentais e aplicação de questionários, bem como a interpretação dos dados pesquisados na construção/reconstrução material e simbólica dos municípios pesquisados, discutindo, a partir das análises obtidas, as ações políticas de fomento às atividades culturais; a realização de conversas informais sobre o andamento da pesquisa; além do planejamento/elaboração de tra-

balhos acadêmicos a serem submetidos a eventos regionais. E, por fim, a elaboração do relatório parcial e final do projeto de pesquisa.

Na etapa das atividades desenvolvidas, percebeu-se a continuação da leitura a partir das discussões teóricas dos autores citados ao longo dos textos e relatórios, produzidos pelos(as) membros(as) do projeto de pesquisa. Houve também a produção de mapas sobre o mundo simbólico, cultural e sistêmico dos municípios do Alto Oeste Potiguar pesquisados. No desenvolvimento e discussão do projeto, os(as) pesquisadores(as) retratam o papel do mundo da vida e a reprodução simbólica dos lugares pesquisados em contraposição ao mercado e à competitividade, ambos contextualizados ao mundo do sistema.

O projeto teve como aspecto positivo a produção de um artigo científico intitulado *As festividades religiosas e suas interações com o mercado e o Estado* (BESSA; CARNEIRO; JUNIOR; SILVA, 2018), bem como a elaboração do relatório parcial e final do projeto por Bessa (2017/2018), Junior (2017/2018) e Silva (2017/ 2018) para o salão PIBIC/UERN 2017/2018.

DEGRADAÇÃO AMBIENTAL E DESERTIFICAÇÃO NO ALTO CURSO DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO APODI/MOSSORÓ – RIO GRANDE DO NORTE

O supracitado projeto de pesquisa planejou diversas atividades, entre elas podemos citar o levantamento bibliográfico e de dados da área de estudo, o levantamento geocartográfico e de imagens de satélites e suas devidas interpretações, os trabalhos de campo, a construção da cartografia temática, a caracterização das principais variáveis ambientais (condições geológicas, geomorfo-

lógicas, hidroclimáticas, fitopedológicas) e tipologias de uso e ocupação para delimitar os sistemas ambientais do alto curso da bacia. Além dessas atividades, planejou-se a identificação da capacidade de suporte dos recursos naturais e dos impactos de uso e ocupação.

De acordo com o relatório final, verificou-se que a maioria das atividades foi desenvolvida. Assim, o levantamento de dados da área de estudo, o levantamento geocartográfico e a interpretação das imagens de satélites foram atividades concluídas. Os trabalhos de campo foram realizados com muitas dificuldades, haja vista a dificuldade de liberação de transporte da universidade. Como resultados principais da pesquisa, pode-se considerar a publicação de capítulo de livro e apresentação de trabalhos em diversos eventos científicos.

Logo, esses momentos da pesquisa foram condicionados a algumas práticas de reflexão teórica, como também metodológica e empírica em formato relatorial de Oliveira (2017/2018), discente do curso de Geografia da UERN/CAMEAM.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa representa, para professores, alunos de graduação e pós-graduação, algo salutar, que é a maturidade intelectual e profissional. É uma rica experiência proporcionada pela produção científica, sobretudo no que diz respeito ao empenho daqueles que integram um grupo de pesquisa – como no caso dos professores e alunos envolvidos. Nesse sentido, o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço, Ensino e Ciências Humanas – GEPEECH vem se destacando na UERN/CAMEAM pela sua articulação científica

e acadêmica, fruto da produção enriquecedora teórica/empírica desenvolvida por pesquisadores discentes e docentes do curso de Geografia, possibilitando a autonomia e a evolução intelectual a partir da complementaridade investigativa exercida nos esforços teóricos dos integrantes.

A partir dos trabalhos analisados e discutidos, viu-se que o Grupo de Pesquisa GEPEECH vivenciou em seus seis anos de fundação uma grande gama de trabalhos apresentados e publicados em eventos, desde aqueles com caráter regional aos que têm referência internacional. Tal participação dos alunos e professores em eventos ligados ao grupo de pesquisa, à geografia e ao ensino, bem como a publicação dos trabalhos apresentados reforçam mais ainda a proposta de um grupo fortalecido, composto por profissionais comprometidos com a pesquisa e com o amadurecimento acadêmico, o que reflete de forma direta e indireta na vida profissional do graduando e pós-graduando, enquanto professor e pesquisador, ao mesmo tempo em que sua formação é um processo contínuo, na medida em que ele cada vez mais se renova a partir do processo do conhecimento e do saber.

Por fim, o grupo de pesquisa GEPEECH tem demonstrado, ao longo dos anos, o verdadeiro papel comprometedor da produção científica e da pesquisa que se espera de um grupo de pesquisa autônomo e atuante no mergulho do método e da renovação do pensamento científico e dos conceitos – que são categorias/chave da geografia, das ciências humanas e do ensino.

Desse modo, espera-se que o presente seja uma motivação e lição para o futuro, com amadurecimento de novas ideias e propostas para o fortalecimento do grupo de pesquisa GEPEECH, pensando em novos trabalhos produzidos por nossos alunos, em que a

reflexão do planejamento e o desenvolvimento dos projetos possam traçar caminhos pertinentes no crescimento e na formação dos sujeitos envolvidos – enquanto futuros profissionais e professores.

Em outras palavras, o referido grupo segue em um constante caminhar de sujeitos, conhecimentos e comunicações entre universos, disciplinas e vidas, em que os percursos históricos dos referidos projetos serviram para projetar uma geografia baseada na interação linguística, pedagógica e afetiva, entre ambientes, intersubjetividades e cotidianos do universo acadêmico e intrapessoal, que é uma base de estudos e pesquisas sobre espaços e tempos do ensino, espaço, cultura e mundo da vida e do sistema.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. M.; OLIVEIRA, M. N. S. **Espaço público e ensino de Geografia: uma proposta metodológica a partir da feira livre de Pau dos Ferros.** Pau dos Ferros, RN: CAMEAM-UERN, 2013/2014. 4p. Relatório científico.

ASSIS, M. P. **Produção e reprodução material e simbólica do espaço.** Pau dos Ferros, RN: CAMEAM-UERN, 2015/2016/2017. Pau dos Ferros: CAMEAM-UERN. 5p. Relatório científico.

_____; CONCEIÇÃO, T. C. F.; CARNEIRO, R. N. Identidade territorial e os caboclos de Major Sales - RN. In: ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA DO RIO GRANDE DO NORTE - EGEORN: desafios da gestão dos recursos hídricos no estado do Rio Grande do Norte, 22, 2016, Pau dos Ferros. **Anais [...]**. Natal: CCHLA, 2016. p. 75-83.

BESSA, M. E. **Espaço, mundo da vida e mundo do sistema no Alto Oeste Potiguar-RN.** Pau dos Ferros, RN: CAMEAM-UERN, 2017/2018. 5p. Relatório científico.

_____; CARNEIRO, R. N.; JÚNIOR, A. B.; SILVA, C. K. F. As festividades religiosas e suas interações com o mercado e o estado. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ENSINO E CULTURAS AFRO-BRASILEIRAS E LUSITANAS, 1, 2018, Pau dos Ferros. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize Eventos e Editora, 2018. p. 1-200.

CONCEIÇÃO, T. C. F. **Produção e reprodução material e simbólica do espaço.** Pau dos Ferros, RN: CAMEAM-UERN, 2015/2016/2017. Pau dos Ferros: CAMEAM-UERN. 6p/5p. Relatório científico.

CARNEIRO, Rosalvo Nobre. Violência no Rio Grande do Norte no período 2000-2010: uma análise da espacialização dos homicídios e dos “transicídios”. In: ALBANO, G. P.; FERREIRA, L. S.; ALVES, A. M. (Org.). **Capítulos de Geografia do Rio Grande do Norte.** 1. ed. Natal: Fundação José Augusto, 2013, v. 1, p. 61-90.

HABERMAS, Jürgen. **Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

JÚNIOR, A. B. **Espaço, mundo da vida e mundo do sistema no Alto Oeste Potiguar.** Pau dos Ferros, RN: CAMEAM-UERN, 2017/2018. 7p. Relatório científico.

NASCIMENTO, J. F. **Espaço, mundo da vida e sistema no Alto Oeste Potiguar: uma análise da produção material e simbólica regional a partir das interações entre cultura, mercado e estado.** Pau dos Ferros, RN: CAMEAM-UERN, 2012/2013. 9p. Relatório científico.

OLIVEIRA, S. M. **Degradação ambiental e desertificação no alto curso da bacia hidrográfica do rio Apodi/Mossoró – Rio**

Grande do Norte. Pau dos Ferros, RN: CAMEAM-UERN, 2017/2018. 4p. Relatório científico.

PINTO, F. R. **As geografias da violência e do medo no Alto Oeste Potiguar.** Pau dos Ferros, RN: CAMEAM-UERN, 2012/2013. 5p. Relatório científico.

_____. **Violência, medo e ensino de Geografia:** uma proposta metodológica a partir da realidade de Pau dos Ferros-RN. Pau dos Ferros, RN: CAMEAM-UERN, 2013/2014. 5p. Relatório científico.

_____; CARNEIRO, R. N. Medo e meio técnico-científico-informacional no Alto Oeste Potiguar – RN. **Revista Levs**, Marília, n. 11, p. 47-59, 2013.

_____; CARNEIRO, R. N. A produção da psicosfera e da tecnosfera da insegurança em Pau dos Ferros/RN. **Geotemas**, Pau do Ferros, v. 5, p. 81-93, 2015.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 2004.

SILVA, M. E. M. **Homicídios e tráfico de drogas:** distribuição espacial no Alto Oeste Potiguar. Pau dos Ferros, RN: CAMEAM-UERN, 2014/2015. 6p. Relatório científico.

SILVA, T. F. **Homicídios e tráfico de drogas:** distribuição espacial no Alto Oeste Potiguar. Pau dos Ferros, RN: CAMEAM-UERN, 2014/2015. 5p. Relatório científico.

SILVA, C. K. F. **Espaço, mundo da vida e mundo do sistema no Alto Oeste Potiguar.** Pau dos Ferros, RN: CAMEAM-UERN, 2017/2018. 7p. Relatório científico.

PARTE 3

ENTREVISTAS: A IMPORTÂNCIA DOS GRUPOS DE PESQUISA NA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE GEOGRAFIA

CAPÍTULO 11

DIALOGANDO COM O PROFESSOR JOSÉ BORZACCHIELLO DA SILVA: O PAPEL DOS GRUPOS DE PESQUISA NA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE GEOGRAFIA

ELIVELTON DE LIMA ALVES
XISTO SERAFIM DE SANTANA DE SOUZA JÚNIOR
YURI ARAÚJO DE LIMA

INTRODUÇÃO

A presente entrevista ocorreu durante o I Congresso Regional de Encontro de Grupos de Pesquisa em Geografia (CREPESG), realizado entre os dias 19 e 22 de junho de 2017 na sala do Grupo de Pesquisas Integradas em Desenvolvimento Socioterritorial (GIDS) e do Grupo de Pesquisas em Geografia para Promoção da Saúde (PRO-SAÚDE GEO).

A entrevista foi realizada no dia 21 de junho de 2017 pelo membro do grupo Yuri Araújo de Lima, estudante do curso de Geografia, tendo como entrevistado o Prof. Dr. José Bozarchielo da Silva, docente da Universidade Federal do Ceará (UFC).

A entrevista teve como tema principal os desafios dos grupos de pesquisas no século XXI, a partir da qual foram analisadas questões relacionadas à infraestrutura de funcionamento dos grupos com ênfase na definição do perfil organizacional do grupo, nas dificuldades burocráticas e no papel dos líderes na promoção da identidade dos grupos. Neste pequeno bate-papo, o professor Borzacchiello analisa ainda a interação do grupo de pesquisa com outras ciências, as estratégias e os objetivos na atuação do grupo de pesquisa no trabalho em rede, assim como aspectos sobre a memória descritiva do aluno.

Levando em consideração esses aspectos, a entrevista instiga a realização de reflexões acerca do papel a ser desempenhado pelos grupos de pesquisa na formação do profissional de Geografia, observado um vasto conhecimento. Dessa forma, fica claro o fundamental papel dos grupos de pesquisa na formação dos alunos em sua trajetória acadêmica.

ENTREVISTA:

Yuri Lima (YL): Boa tarde a todos! Estamos aqui com o professor José Bozarcchiello da Silva, que é professor emérito da Universidade Federal do Ceará (UFC) e veio nos prestigiar no I Congresso Regional de Encontros de Grupos de Pesquisa em Geografia (CREPESG). Então, a partir deste momento, nós faremos esta entrevista para saber alguns pontos de vista do professor Bozarcchiello acerca dos grupos de pesquisa e também do desenvolvimento da geografia nas universidades, estimulando os estudantes a pesquisarem e estarem sempre buscando os conhecimentos geográficos. Então, professor, desde já é um prazer estar aqui com o Senhor.

José Bozarchiello (JB): O prazer é meu, obrigado.

YL: Gostaríamos de iniciar este diálogo abordando o tema grupo de pesquisas e laboratório. O senhor já falou um pouco sobre isso no congresso, porém gostaríamos o senhor falasse um pouco mais. O que fazer para superar os desafios burocráticos da universidade?

JB: Bem, antes de mais nada, eu quero agradecer a oportunidade de estar aqui, falando neste programa dessa atividade do laboratório e do grupo de estudos, e dizer que a universidade, ela tem uma tradição de ser uma instituição burocratizada. Tem que prestar conta de todos os recursos que entram. Há um controle necessário, mas às vezes exagerado e isso, às vezes, impede e dificulta a organização, a inovação de vontade que alguns professores têm de um grupo de alunos de avançar, agora não chega a impedir, mas gera entraves. A universidade, seguindo uma política nacional principalmente isentada pelas agências de fomento, vem criando os grupos de pesquisa. São muitos grupos de pesquisas no Brasil e a Federal de Campina Grande vem seguindo essa rota também, vem engrossando essa fileira, criando seus grupos. E nós temos hoje na Geografia esse grupo liderado pelo professor Xisto Souza Júnior, que vem fazendo um trabalho fecundo, motivando, incentivando seus alunos, criando pesquisas, fazendo com que a realidade de Campina Grande e seu entorno seja mais conhecida e, a partir deste conhecimento, haja o estabelecimento de relações com outros contextos, com outras realidades. Mas o grupo de pesquisa, ele independe do laboratório, agora o laboratório só existe com o grupo de pesquisa, então vejam: o laboratório soma, ele sempre soma. Então, quando eu tenho um grupo de pesquisa, nada impede que

um professor se organize em torno de um tema e, a partir daí, faça uma seleção bibliográfica e comece a divulgar diante dos alunos em sala de aula, até atrair um grupo afeito àquelas questões, e esse grupo vai começar a pesquisar. Então, vamos ter um grupo de pesquisa. No começo, é um grupo de estudos, que vai se disciplinar e se organizar em torno das leituras e das interpretação de alguns textos, até que vai se sentir motivado para poder formular, identificar problemas na região, no entorno da universidade e começar, então, a criar linhas de pesquisas, Criar pesquisas, inicialmente pouco ambiciosas, porque no início o grupo tem poucos recursos. Porém, o fato de não serem ambiciosas não significa que elas não sejam pesquisas sérias e com níveis de comprometimento por aqueles que elaboram e os espaços, territórios e lugares que estão sendo pesquisados. Então, nesse sentido, é fundamental o grupo de pesquisa. Agora, o laboratório cria mais condições de pesquisas, pois é equipado, pressupõe equipamento, pressupõe mais condições para pesquisa e também tem mais condições de solicitar para entrar em uma agência de fomento, para pedir apoio à pesquisa. Então, nesse sentido, o laboratório é muito bem-vindo para essa associação do grupo de pesquisa. É o laboratório, como eu coloquei... o grupo existe sem o laboratório, agora o laboratório pressupõe grupo, ou grupos, de pesquisa. Nesse sentido, o professor, especialmente o líder, exerce um papel fundamental. É ele que vai permitir que as coisas ocorram e o grupo se torne uma organização coletiva com caráter crítico. Ele é o germe desse processo. Ele vai disseminar a partir de suas habilidades, de suas qualidades e conhecimentos. A partir de sua vontade de produzir e de transmitir conhecimento e de formar produtores e divulgadores do conhecimento.

YL: Pegando essa ponte que o senhor acabou de tocar a respeito da relação entre o grupo e a liderança, até que momento existem limites desse trabalho coletivo?

JB: Antes de nós discutirmos essa questão, nós temos de falar na perspectiva escalar do grupo de pesquisa, evidenciando questionamentos como: qual é o porte desse grupo? Como ele se movimenta? Como ele circula? Ele está no âmbito só da disciplina, do professor naquele semestre, naquele período letivo ou já é uma qualificação profissional? Ele já está preocupado em fazer um trabalho suplementar à sala de aula ou, às vezes, complementar à sala de aula? Então, essa perspectiva escalar do porte do grupo é essencial para debatermos essa questão, pois o grupo pode ser reconhecido na universidade, limitando-se a sua instituição, ou pode ter um reconhecimento na região em que ele está inserido e ter um reconhecimento nacional. Esse perfil vai ser definido pelo líder. Todo grupo emerge de um trabalho isolado do trabalho de alguém que se predispõe a ensinar e a formar a partir de reuniões coletivas com grupos de estudo, que ao longo do tempo vai se configurando para o desenvolvimento coletivo de pesquisas como atividade espontânea do líder. Nenhum professor ganha por liderar um grupo de estudo. Não ganha em termos objetivos, mas ganha em termos subjetivos: reconhecimento, alegria e prazer de estar sendo rodeado de pessoas motivadas a trabalhar. Pessoas empenhadas em produzir o novo. Então, esse é o grande prêmio do professor. Esse é o salário que não se conta. É o salário que dá sentido à vida do outro. Magistério é a vida dos líderes de pesquisa. Com o seu amadurecimento, o grupo tende a querer atuar em parceria com outros grupos em forma de rede. A rede de pesquisa é fundamental,

pois ela facilita o acesso aos recursos. O grupo de pesquisa não é um clube, não é um grupo religioso, não é esportismo. O grupo de pesquisa é uma reprodução dos problemas da sociedade na qual está inserido, à qual está ligado. Então, nós vamos encontrar nas instituições vários grupos de pesquisa que agem como porta-vozes da própria instituição. A instituição tem que ter um saber instituído sobre questão ambiental. Então o reitor é solicitado para ter um ponto de vista sobre o problema ambiental do seu estado, ou da área de jurisdição da sua instituição. Ele vai recorrer, vai ver se identifica um grupo de pesquisa que tenha elaborado um discurso competente capaz de subsidiar a universidade para aquele assunto. Então esse é o momento em que o grupo de pesquisa adquire seu clímax, quando ele consegue ser porta-voz para os diferentes problemas atinentes à sociedade. Seja da área de saúde, seja para dar uma resposta para uma virose, para um problema que esteja afetando a sociedade em termos de doenças infectocontagiosas. Então, tem grupo de pesquisa na área de saúde capaz de responder? Então, temos conflitos territoriais, de delimitação entre municípios, ou distritos, em grupos de pesquisa de Geografia habilitados a discutir a questão de limite de divisa? Então, vejam... o grupo de pesquisa tem muito a fazer, tem muito a dar, e é impressionante a capacidade de reconhecimento que ele adquire quando ele chega à fase de maturidade.

YL: Dando continuidade, o senhor falando sobre essa possibilidade que o grupo de pesquisa tem ao estudar em si e depois expandir todo o conhecimento produzido para a sociedade e internamente a universidade. Então, a gente também pode pensar no sentido de que a estrutura do grupo pode ser interdisciplinar? Como superar a vaidade entre as disciplinas?

JB: Eu acho que essa vaidade tem de ser discutida. A geografia é uma parte da ciência que vai tentar explicar os aspectos geográficos pertinentes às relações sociedade-natureza, mas a história também é outra parte da ciência. Enquanto a geografia trabalha sob a perspectiva da espacialidade, a história trabalha com o tempo, com a temporalidade. Nós não podemos desenvolver o que Milton Santos chama de espírito narcísico de achar que tudo é só a geografia e temos que admitir que os outros têm algo a nos dar. Então o que é esta ideia de família, a ideia de grupo, o grupo é um grupo e várias pessoas. Então nós temos uma ciência, com vários campos de conhecimento para formar ciência. Estamos nos referindo, neste caso, a algo que perpassa a interdisciplinaridade, a multidisciplinaridade, a transdisciplinaridade. Nós temos necessidades de conhecer o saber com outros saberes, construir a interdisciplinaridade, sem perder a nossa característica principal, sem perder a nossa fisionomia, sem perder o nosso perfil. Eu sou geógrafo, eu preciso da sociologia, eu preciso da economia, eu preciso da geologia, eu preciso da biologia. Na biologia, quando vou falar da vida sobre a Terra, estou falando da associação de vegetais. Estou falando da fauna, da flora, eu estou falando da biologia, mas eu vou falar da biologia sob a perspectiva da geografia, falo da biogeografia. Então veja que não deixa de ser inter e, às vezes, transdisciplinar, mas que adquire o caráter disciplinar quando passa a ser lido e dito pela geografia.

YL: O senhor tem falado muito sobre a importância de o geógrafo se apropriar efetivamente do conceito de espaço, o qual é difícil devido a sua complexidade. Na sua avaliação, mais do que um conceito, a definição de espaço se torna mais desafiadora devido a sua fragilidade enquanto método? Estaria o desafio no desenvolvimento do trabalho a partir da formação das redes?

JB: O método, nessa discussão sobre o espaço, sobre a primazia que o espaço adquire na explicação da geografia, do fato geográfico, do saber geográfico, passa pela ideia da epistemologia, da necessidade de nós conhecermos a nossa ciência em si, desde a sua origem, e como ela chegou a ser o que ela é. Então, nessa construção, nós vamos ver a importância que o espaço adquire. Então, o espaço é fundamental. Ele garante a unidade. Ele não é o espaço físico. Ele não é chão, pois vai além do chão, porque ele decorre das relações sociais de produção. Então, o que é essa superfície e quais os fatores que alteram essa superfície? Então, nessa simultaneidade do que seja a vida, a permanência da vida na crosta da Terra... mas o que é a vida do seu estado natural, o que é a dinâmica da natureza, o que é a dinâmica da sociedade?

Quando nós falamos da dinâmica da sociedade, imediatamente surge um fator: trabalho. Toda a transformação da natureza está no fator trabalho, ou seja, há um desgaste de energia por parte do corpo para produzir o espaço, e essa energia gasta para produzir objetos, para produzir instrumentos, instrumentos que possibilitem alterar a fisionomia do espaço, nós estamos falando em fator trabalho. Surgem daí reflexões sobre como esse trabalho vai ser feito; se é um trabalho dentro da estrutura familiar, se é dentro de uma estrutura tribal, se é um trabalho no campo a partir do assalariamento do agricultor, do trabalhador rural, aí nós vamos discutir a dimensão do trabalho, mas nós estamos produzindo espaço. Quando um ator está fazendo uma peça no teatro, ele está trabalhando, está atuando, mas ele está atendendo a uma demanda da sociedade do entretenimento. Então veja o fator trabalho, ele entra para satisfação de uma necessidade primeira, que é transformar a natureza para da terra extrair os itens necessários

a satisfações básicas: a manutenção da vida, ou seja, o alimento, o abrigo, o vestuário, mas, em uma sociedade mais sofisticada, uma obra de arte, uma peça teatral. Então é trabalho de uma outra forma, já em outro momento da história da sociedade, já em outro contexto, embora a sociedade primitiva já demonstrasse a afeição à arte, na sua lógica de comunicação, através da pintura rupestre. Então, veja que o espaço está presente em todos os momentos, daí porque ele é o conceito básico da geografia com que se subsiste, apesar do advento de outros conceitos, como o conceito ratzeriano de território, o qual é citado por vários autores, mas a permanência do espaço, ela é indiscutível.

Já com relação à formação da rede, ela tem que ter um certo equilíbrio. Então, eu não posso me associar a ser parte membro de uma rede, mas o que é a rede? A rede, ela se articula através de linhas, em uma trama de linhas e ela vai ter os nós. Então, os nós da rede serão os diferentes grupos de pesquisa. Então, como esse grupo de pesquisa vai se articular é fundamental para a definição do seu perfil. O ideal é que se articule com grupos iguais. Então ser “incluído” a ele por um grupo sem perder a autonomia é uma preocupação relevante na definição da atuação do grupo. Aí é uma questão do papel da liderança, dos membros que garantem sua sustentação ao grupo. Eu não vejo nenhum perigo nisso, ou seja, na capacidade de trabalho de cada grupo organizado na rede. É claro que, para subsistir, os membros da rede terão que estabelecer objetivos que sejam comuns, pesquisas que tenham o mínimo de semelhança sobre a perspectiva da formulação da teoria e da aplicação da metodologia, para que eles possam alcançar resultados idênticos que venham a garantir a unidade e a permanência da rede. A realidade é que vai mostrar.

Primeiro que o grupo de pesquisa não vai ficar reduzido a fazer só o trabalho da rede, ele vai continuar com o líder passando trabalho para os seus membros, sejam eles alunos da graduação, pós-graduação, técnicos ou pessoas de outras instituições, que venham integrar o grupo. O grupo de pesquisas pode e deve participar das redes, mas necessita garantir a sua identidade. Pode participar de uma pesquisa que vai ser unificadora da rede e, ao mesmo tempo, continuar desenvolvendo pesquisas de interesse particular do grupo. É claro se o professor exercer uma liderança... o responsável, o líder tiver um trabalho que perpassa grande número de bolsistas (graduandos, mestrandos, doutorandos) que queiram trabalhar em torno do tema, mas tem um tema que vai fazer a ligação, um ou dois, três temas. Observe o exemplo dos condomínios fechados no trabalho de pesquisa desenvolvido pelos pesquisadores da RECIME [Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias]. Os pesquisadores poderão chegar a resultados porque isso não impede que a rede alcance o mesmo resultado. Se a RECIME já tivesse pressuposto algo, ela não precisaria da pesquisa. A pesquisa é que vai mostrar se há semelhanças ou diferenças. Se há semelhanças, por que ocorrem? Porque no caso, o que é o modelo do condomínio fechado, o que ele tem de parecido, é um loteamento murado, é condomínio fechado, ele tem um controle de entrada, a dimensão dos lotes, as áreas públicas no interior do condomínio, a área de preservação, a área de circulação, a questão dos equipamentos de lazer do interior. Então, todos possuem as mesmas características? Por que no Brasil, hoje, nós temos praticamente uma grife, muito importante. Então, quando essa grife está presente, nós vamos ter semelhanças, mas cada cidade tem a sua singularidade. Em uma cidade da rede, o condomínio pode estar localizado apartado da malha urbana; mas na outra, ele pode estar dentro da malha. Em

uma cidade, o condomínio pode estar já em uma área que tem uma certa homogeneidade social e econômica; mas na outra, ele pode estar em uma área totalmente diferente em que o condomínio vai marcar a diferença e vai acentuar o caráter de autosegregação. Então, essa que é a riqueza do trabalho em equipe e dos grupos que integram as redes.

YL: Falando um pouco sobre a formação profissional, qual a importância de o estudante criar seu memorial descritivo, ou seja, preocupar-se em estruturar sua identidade profissional de pesquisador?

JB: Tem formação e “formação”. Eu creio que todo bom aluno na graduação, ele tende a ter um bom portfólio ou memorial descritivo, conforme você denomina e assim mostrar o seu desempenho de construir seu histórico enquanto pesquisador, o que difere do histórico escolar. O seu histórico escolar revela a vida acadêmica sobre o aspecto puramente institucional (disciplinas cursadas, estágios, etc.). Mas o memorial vai mostrar algo a mais: o que o aluno fez fora da academia, a exemplo de participação de eventos, trabalhos construídos, reuniões científicas, etc. Este portfólio vai variar muito de acordo com o desempenho do aluno. Isso vai variar de acordo com o contexto em que esse aluno estiver inserido. O certo é que, ao participar de um grupo ou laboratório, o aluno cria mais condições para criar um histórico profissional e não apenas escolar.

YL: Qual a importância das experiências interdisciplinares na formação do profissional de Geografia?

JB: Isso pode ser lido de duas formas. A primeira sob a perspectiva do conhecimento: a construção horizontal do conhecimento e a construção vertical desse conhecimento. Agora voltando

ao histórico do aluno, é claro que vai estar lá se ele foi monitor de disciplina, se ele foi bolsista de iniciação científica, se ele foi bolsista de PIBIC. Então, qual foi a atuação dele e, é claro que aí vai constar apenas a atividade, agora o conteúdo dessa atividade, como ele desenvolveu o conteúdo... Então, essa dispersão por outras áreas do conhecimento pode estar ligada à opção que ele fez na iniciação científica ou no PIBIC. Agora a dispersão, eu não vou dizer que ela pode ser bem ou mal vista. Agora, para você entrar em um contexto de dispersão, você já tem de ter um conhecimento suficiente para garantir o seu embasamento. Há casos de alunos que começam a assistir a aulas em bares com professores, que geralmente um professor fica – ou uma professora – ficou conhecido porque dão aulas magníficas e atraem um grande número de alunos, o professor vai assistir e também fica encantado com aquele tipo de aula e começa a contestar a aula que ele tem no seu departamento. Então, ele fica seduzido por uma área que não é dele e acaba abandonando a área dele. Isso não é errado. Ele pode até concluir que deve mudar de curso e que não é aquela área que o seduz... é a área que ele quer realmente prosseguir. Então, nessa busca, é muito cedo para o aluno da graduação ter de definir um campo de conhecimento, a sua vida profissional. O ideal é que ele esteja mais fortalecido na área específica do conhecimento. No nosso caso, a geografia... e daí selecionar o que vai fazer. Porque também há vários casos de alunos que parecem preocupados em produzir currículo. Aí ele fez o curso tal, assistiu à disciplina, aparentemente coisas simples, mas extremamente importante naquele momento da história de vida dele, que ele está só na graduação. Porém, ele pode também ficar um pouco abalado pela dispersão. Ele tem de estar atento. O ideal é que ele tenha sempre uma discussão na coordenação do

curso e, principalmente, com os líderes dos grupos de pesquisa da sua área específica.

YL: Para se adequar às demandas atuais da sociedade e da ciência, o grupo de pesquisa tem de desenvolver pesquisas mais aplicadas?

JB: Não obrigatoriamente. O grupo de pesquisa pode ser puramente especulativo e não ter uma natureza objetiva. Agora ele nunca faz mal, porque nós estamos trabalhando um grupo de pesquisa na universidade. O nosso sujeito preferencial é o aluno e, através dele, nós vamos atingir a sociedade e, é claro, seguir todos os preceitos da ética, da moral, dos bons costumes, nós vamos chegar lá. Mas não obrigatoriamente... pode ser um deleite, estudar *pra* mim sempre é um deleite, estudar não precisa ter um resultado objetivo para me dar uma resposta diante de um determinado problema. Da mesma forma que você lê um romance, que você assiste a um filme, você vai selecionar um filme que conduza a uma reflexão, um romance que induza a uma reflexão. Mas o grupo de pesquisa, na maioria das vezes, ele está preocupado em dar respostas às grandes questões da sociedade.

YL: Poderíamos dizer que o principal foco do grupo de pesquisa é o estímulo à construção da ciência. O estímulo ao querer estudar, ao buscar o estudar. E podemos dizer que, no final, por buscar primordialmente isto: se tem o retorno dos resultados que podem impactar na sociedade. Qual o seu posicionamento acerca desta assertiva?

JB: Eu conheci vários casos de alunos que descobriram sua identidade com o curso a partir do grupo de pesquisa. Até então, ele “perambulava” pelo curso fazendo uma disciplina aqui e ali e,

então, ele vai se descobrir no grupo de pesquisa. Então, o grupo de pesquisa vai além de uma questão objetiva. Ele entra em uma questão pessoal porque é um espaço agregado. É um espaço de troca solidária. Além de trocas científicas, é um espaço de trocas solidárias também. Então, é muito comum que o grupo de pesquisa seja cimentado por uma amizade ou procedimentos hierarquizados em relação à liderança ou àqueles que estejam mais adiantados ou há mais tempo. Mas, ao mesmo tempo, existe uma relação de irmandade e igualdade, respeitando uma hierarquia que existe, mas que não é tão percebida e exercida como forma de poder. Ela é naturalmente aceita pelos membros do grupo.

YL: Para finalizar, eu gostaria que o senhor deixasse considerações finais sobre a importância do grupo de pesquisa e por que sempre está vinculado e no sentido de fortalecer nossa ciência, no sentido de nos estimular a buscar esse conhecimento que é tanto produzido e propagado dentro da universidade.

JB: Eu não tenho tanto a falar. Eu acho que o que eu senti nesta estada aqui e o que estou sentindo aqui em Campina Grande... Este congresso de grupos de pesquisa me permitiu, antes de mais nada, o reencontro com vários ex-alunos meus que hoje exercem função de destaque na produção do conhecimento em geografia. Não apenas aqui na Paraíba. Não apenas aqui em Campina Grande. Isso mostra que o grupo de pesquisa é importante. Alunos que são hoje colegas, que começaram comigo em grupos de pesquisa de forma bem incipiente, sendo mais a vontade de distribuir ou discutir do que ter um motivo para estar juntos ou ter condições objetivas para a produção do conhecimento. A respeito desse aspecto, eu considero que iniciativas como esta são fundamentais, além de vocês que se encontram em um estágio bem avançado. Encontrei

alunos bem motivados, profissionais como você, Yuri, já formado e altamente motivado, ligado ainda ao grupo de pesquisa. Ou como Alessandro, aqui o tempo todo trabalhando. Aquele grupo todo motivado para fazer. Então, não deixou ser só o trabalho do professor é o trabalho do grupo. Grupo de pesquisa é isso, grupo de pesquisa não é só produzir texto. Não é só fazer fixamente um livro ou um texto. Grupo de pesquisa é também organizar um evento. É arregasar as mangas. Servir um copo d'água. Pegar um cafezinho. Arrumar uma sala. Deixar o ambiente de trabalho limpo. Grupo de pesquisa prevalece a equipe. Então, eu sou extremamente comunitário nesse aspecto. Acredito na equipe, acredito no grupo e no trabalho em grupo. E trabalho em grupo de pesquisa é o meu lugar. É o lugar onde me sinto bem, onde eu me realizo. É meu espaço de conforto. Muito obrigado, viu!

YL: Prof. Dr. José Borzacchiello da Silva é professor Emérito e Titular da Universidade Federal do Ceará. Possui doutorado em Geografia Humana pela Universidade do Estado de São Paulo (USP) e pós-doutoramento em Geografia Humana pela Université de Paris IV - Sorbonne. É Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFC e docente do Departamento de Geografia da PUC-RIO. Atuou como coordenador da área de Geografia da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) entre os anos de 2008 e 2010; como presidente da Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB) entre os anos de 1986 e 1988, bem como da Associação Nacional de Pós-Graduação em Geografia (ANPEGE) entre os anos de 2003 e 2005. É membro do comitê científico das revistas *Terra Livre*, *Aurora Geography Journal* (Portugal), *Norba Revista de Geografia* (Espanha), *Cidades*, *Confins*, *Mercator*, *Geographares*, *Espaço Aberto*, *Geo UERJ*. Atua como arti-

culista do jornal *O Povo*. Desenvolve pesquisas na área de geografia urbana, especialmente no enfoque dos Movimentos Sociais. Entre as edições de publicação, destaca-se o livro *French-Brazilian Geography - The Influence of French Geography in Brazil*, pela Springer Briefs in Latin American Studies. Professor José da Silva, agradecemos as suas considerações sobre o tema desafios dos grupos de pesquisas na formação e atuação do profissional de Geografia. Foi um honra ter conversado com o senhor! Esta experiência serve de motivação para as atividades não apenas do GIDS, mas de todos os grupos de pesquisas na área de geografia, pois nos instiga a buscar o nosso aperfeiçoamento enquanto pesquisadores ao nos proporcionar orientações para o amadurecimento intelectual. Esperamos por outras oportunidades. Atenciosamente, Grupo GIDS.

A INFLUÊNCIA DOS GRUPOS DE PESQUISAS NA QUALIFICAÇÃO DO PROFISSIONAL DE GEOGRAFIA: DA REFLEXÃO DOS DESAFIOS AOS RELATOS DE EXPERIÊNCIA

AUTORES

ALESSANDRO MICHELL E ARAÚJO SILVA

MICHELLI 5UFCEG@GMAIL.COM

Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, Câmpus Sede. Tem experiência na área de geografia, com ênfase na Geografia Urbana, atuando principalmente nos seguintes temas: espaço geográfico, segregação urbana e Zoneamento Especial de Interesse Social - ZEIS. É membro egresso do Grupo de Pesquisas Integradas em Desenvolvimento Socioterritorial – GIDS.

BELARMINO MARIANO NETO

BELOGEO@GMAIL.COM

Licenciado em Geografia (1992); especialista (1993) em Geografia e Território; mestre (1998) em Desenvolvimento e Meio Ambiente e doutor em Sociologia (2006) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), na área de sociologia ambiental. Coordenador do Grupo

Olhares Geográficos - Grupo de Pesquisa em Geografia Cultural e da Percepção - UEPB/PRPGP/CH/CNPq. Com linhas de pesquisa em: a) Abordagens teórico-metodológicas e práticas para o ensino de Geografia Cultural e Fenomenologia, b) Geografia Cultural e da Percepção, c) Geografia das Religiões, d) Geografia, território e paisagens; e e) Territórios, identidades e representações. Criador e vice-líder do Terra - Grupo de Pesquisa em Geografia Urbana, Rural e Ambiental. Professor Associado do Departamento de Geografia, Câmpus III, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

ELIVELTON DE LIMA ALVES

VELTONDELIMA@HOTMAIL.COM

Graduado no curso de licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG – 2018), atuou na área de geografia do turismo, geografia urbana, desenvolvimento local, regional e econômico. Atualmente é integrante do Programa Universal, financiado pelo CNPq, intitulado: Uma contribuição geográfica para consolidação do turismo como alternativa de desenvolvimento da região geográfica de Campina Grande. Membro e pesquisador do Grupo de Pesquisas Integradas em Desenvolvimento Socioterritorial – GIDS.

FÁBIO RODRIGO FERNANDES ARAÚJO

FHERODOTO@GMAIL.COM

Possui graduação em Geografia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2009-2013). Mestrado em Ciências Sociais e Humanas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

- UERN (2014-2016). Pesquisador sênior do grupo de pesquisa GEPEECH - Espaço, ensino nas Ciências Humanas (2014-atual). Tem como interesses de pesquisa: Geografia Cultural, identidade cultural e territorial, Cultura visual, em específico o cinema e suas geografias fílmicas, espaço, lugar e paisagem fílmica, o pensamento de Michel Maffesoli, Milton Santos, Jurgen Habermas, Gilles Deleuze, Felix Guattari, Yi-fu Tuan, Anne Buttimer, fenomenologia geográfica, epistemologia do pensamento geográfico, geografia urbana, cultural, regional e organização do espaço, filosofia das ciências humanas, do ensino de Geografia, e interdisciplinaridade no ensino de ciências humanas e sociais, como também metodologia do trabalho científico.

FRANCISCO RINGO STAR PINTO

GEOGRAFO.PESQUISA@GMAIL.COM

Formou-se em Geografia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN no ano de 2015. Atuou durante quatro anos da graduação em um projeto de pesquisa de iniciação científica PIBIC/CNPq com *As geografias da violência e do medo*, voltado à violência e ao medo na região do Alto Oeste Potiguar/RN. Concluiu o mestrado no Programa de Pós- Graduação em Ensino de Ciências Sociais e Humanas, com ênfase em Ensino de Geografia, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN no ano de 2017. Pesquisador sênior do Grupo de Pesquisa e Estudos sobre Espaço, Ensino e Ciências Humanas - GEPEECH, colaborou na orientação de alunos do curso de Geografia com atuação em pesquisas de iniciação científica de projetos PIBIC/UERN/CNPq. Tem experiência na produção de minicursos e oficinas no Ensino

Básico (ensino fundamental e médio), principalmente com as tecnologias educacionais na área de geografia. Atualmente é professor do curso de Geografia na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - vinculado ao Departamento de Geografia do Câmpus de Assu/RN, onde leciona as seguintes disciplinas: Orientação e Estágio Supervisionado em Ensino de Geografia I, II, III e IV, Geografia da População, Geografia do Rio Grande do Norte e Metodologia do Trabalho Científico.

JANIO SANTOS

JANIOSANTOS@YAHOO.COM.BR

Pós-doutor em Planejamento Urbano, pela Universidade do Porto, em Portugal (2015); doutor em Geografia, pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Câmpus de Presidente Prudente (2008), área de concentração em produção do espaço geográfico; mestre em Geografia, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador (2004); licenciado (1998) e bacharel (1999) em Geografia pela UFBA. Atualmente, é Professor-Titular da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial (Mestrado Profissional) - PLANTERR (UEFS) e colaborador no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Câmpus de Vitória da Conquista. É líder do grupo de pesquisa Urbanização e Produção de Cidades na Bahia; membro da Rede de Pesquisas sobre Cidades Médias e Pequenas da Bahia (Rede CMP) e da Red Universitaria de Estudios Socioterritoriales e Inclusión Social con Enfoque en Áreas Rurales y Pequeñas Localidades. Tem experiência na área de geografia, com

ênfase em Geografia Urbana e Planejamento urbano, e atua, principalmente, com recorte para o estado da Bahia, nas discussões sobre produção e reestruturação do espaço urbano, planejamento em pequenas e médias cidades. Desde 2005, desenvolve projetos de pesquisa e extensão vinculados aos estudos sobre a Bahia, financiados pela UESB, UEFS, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Ministério da Educação (MEC).

JEAN OLIVEIRA CAMPOS

JEANNOLLIVEIRA@GMAIL.COM

Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB (2019). Ex-bolsista PIBIC UEPB/CNPq cota 2017-2018. Tem experiência na área de geografia e educação, atuando nos seguintes temas: Educação de Jovens e Adultos, educação do campo, ensino do solo, ecologia da paisagem e indicadores de sustentabilidade em agroecossistemas.

JUBERLÂNIO SILVA CAMPOS

JUBERLANIOCAMPO@GMAIL.COM

Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB (2019). Ex-bolsista PIBIC UEPB/CNPq cota 2017-2018. Tem experiência na área de geografia, com ênfase em Geografia Agrária, atuando nos seguintes temas: indicadores socioeconômicos e ambientais, agricultura familiar, agricultura orgânica e feiras agroecológicas.

KLEITON WAGNER ALVES DA SILVA NOGUEIRA

KLEITON_WAGNER@HOTMAIL.COM

Bacharel em Administração pela Universidade Estadual da Paraíba (2017), licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Campina Grande (2013). É aluno regular do mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande na linha de pesquisa: Desenvolvimento, Ruralidades e Políticas Públicas. Integrante do Grupo de Pesquisa em Geografia para Promoção da Saúde (Pró-Saúde Geo). Apresenta experiência em pesquisas relacionadas às seguintes temáticas: geografia da saúde; administração política da saúde, territorialidade e políticas públicas de saúde; atenção básica à saúde e financiamento do Sistema Único de Saúde brasileiro.

LEDIAM RODRIGUES LOPES RAMOS REINALDO

LEDIAM@GMAIL.COM

Graduada em Engenharia Agrônômica pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB (1988) e licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB (1997). Mestre em Solos e Nutrição de Plantas pela Universidade Federal de Viçosa – UFV, na área de fertilidade do solo (1991) e doutora em Recursos Naturais pela Universidade Federal de Campina Grande (2003), na área de manejo e conservação do solo. Atualmente é componente do corpo docente do curso de licenciatura plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, Câmpus de Campina Grande. Tem experiência em Ciência do Solo, atuando nos seguintes temas: estudos integrados do meio ambiente, poluição do solo, qualidade ambiental, gestão ambiental e indicadores de sustentabilidade em agroecossistemas. Sócia da Sociedade Brasileira de Ciência do Solo.

LUCIENE VIEIRA DE ARRUDA

LUCIVARRUDA@GMAIL.COM

É graduada em Geografia (Universidade Federal do Ceará, 1987), licenciada em Filosofia (Universidade Estadual do Ceará, 1987), bacharel em Geografia (Universidade Federal do Ceará, 1990), mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente (Universidade Federal do Ceará, 2001), doutora em Agronomia (Universidade Federal da Paraíba, 2008) na área de concentração em solos e nutrição de plantas. No momento, está cursando pós-doutorado em Geografia na UFPB. É líder do Terra - Grupo de Pesquisa Urbana, Rural e Ambiental, cadastrado no CNPq. Atualmente é professora DR-ASSOCIADA-DE da Universidade Estadual da Paraíba, Câmpus III, Guarabira/PB, lotada no Departamento de Geografia. Tem experiência na área de Geociências, Ciências Ambientais e Filosofia, com ênfase em Organização do Espaço Brasileiro, Estudos Regionais, Levantamento de Solos, Elaboração de projetos de pesquisa, Metodologia da pesquisa e Estágio Supervisionado em Filosofia e Pedagogia. Atua principalmente nos seguintes temas: degradação e impactos ambientais, educação ambiental, preservação dos recursos naturais, processos erosivos e conservacionismo, levantamento e classificação de solos, educação escolar em Filosofia e Pedagogia.

MARIA LOSÂNGELA MARTINS DE SOUSA

LOSANGELAUFC@GMAIL.COM

Possui doutorado em Geografia pela Universidade Federal do Ceará (2016), mestrado em Geografia pela Universidade Federal do Ceará (2012) e graduação em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará (2009). Atualmente é professora Adjunta do departamento

de Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Planejamento e Dinâmicas Territoriais no Semiárido (PLANDITES) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Docente pesquisadora do Grupo de Pesquisa e Estudos sobre Espaço, Ensino e Ciências Humanas - GEPEECH. Realizou intercâmbio Internacional Brasil/Cabo Verde, na modalidade Doutorado Sanduíche em 2014/2015 na Universidade de Cabo Verde (UniCV) e tem experiência na área da geografia física, com ênfase na Dinâmica Ambiental e territorial, a partir dos seguintes temas: relação sociedade natureza, degradação ambiental, desertificação, bacia hidrográfica, recursos naturais, análise ambiental e ensino de Geografia.

MARTHA PRISCILA BEZERRA PEREIRA (ORGANIZADORA)

MPBCILA@YAHOO.COM.BR

Docente do curso de Geografia da UFCG - câmpus Campina Grande. Bacharel em Geografia pela UFPB, mestre em Geografia pela UFPE e doutora em Geografia pela UNESP - câmpus Presidente Prudente. Tem experiência na área de análise de paisagens que interferem no processo saúde-doença humana, avaliação de políticas públicas com ênfase nos níveis de competências e habilidades desenvolvidas por trabalhadores da ESF e VAS e Metodologia da Pesquisa. Líder do grupo de pesquisa Pró-Saúde Geo, integrante como pesquisadora do GIDS-UFCG e do Observatório de Geografia da Saúde (UNESP-PP). Atualmente desenvolve pesquisas na área do turismo voltado à saúde e sobre políticas públicas voltadas à erradicação de morbidades relacionadas ao *Aedes Aegypti*.

PEDRO DE FARIAS LEITE E SILVA

PEDRODEFARIASLEITE@GMAIL.COM

Graduando do curso de História da UFCG. Ingressou no GIDS em 2017, quando desenvolveu a pesquisa de iniciação científica *Territórios do medo: uma análise sobre a sensação de insegurança nos espaços públicos de Campina Grande*, sob orientação do Prof. Dr. Xisto Serafim Santana de Souza Júnior. A partir de 2018, tornou-se bolsista PIBIC, desenvolvendo a pesquisa *Feira Central: um remanescente cultural da identidade campinense em risco*, sob orientação do mesmo professor.

YURY ARAÚJO DE LIMA

YURY.LIMAO@GMAIL.COM

Graduado em licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG - 2017), pesquisador do Grupo de Pesquisas Integradas em Desenvolvimento Socioterritorial - GIDS. Desenvolve pesquisas na produção dos espaços urbanos, produção do espaço turístico e ensino de Geografia. Entusiasta das tecnologias móveis, vestíveis e científicas, estudou um período de Engenharia da Computação pelo Instituto Federal da Paraíba (IFPB), para aprimorar seus conhecimentos na criação de softwares e hardwares destinados à produção dos conhecimentos geográficos. Atualmente, com formação pela Google Education, atua como professor dos colégios campinenses 11 de outubro e Instituto Santo Antônio, ministrando aulas de Geografia Geral e Geopolítica para alunos do ensino fundamental ii e ensino médio.

XISTO SERAFIM DE SANTANA DE SOUZA JÚNIOR (ORGANIZADOR)

XTOJUNIO@YAHOO.COM.BR

É geógrafo e mestre em Geografia pela UFPE. Doutor em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia/UNESP/Câmpus de Presidente Prudente (SP) e professor do curso de Geografia - licenciatura plena em Geografia da Unidade Acadêmica de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande (UAG/UFCG). Desenvolve pesquisas sobre produção dos espaços urbanos, análise regional, estudos sobre violência urbana e produção do espaço turístico. Tem experiência no desenvolvimento de pesquisas qualitativas. É líder do Grupo de Pesquisas Integradas em Desenvolvimento Socioterritorial - GIDS (<http://www.GIDSufcg.com.br>).

Formato 15x21 cm
Tipologia Adobe Garamond Pro
Nº de Pág. 324

Editora da Universidade Federal de Campina Grande- EDUFCG

